

**INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO  
DE  
PIRACICABA**

**Prudente de Moraes**

**Recordando Thales**

**Piracicabanos Ilustres**

**Educação Sud Mennucci**

**Penitenciária**

**Iluminação elétrica**

**O Médico**

**Nossa região**

**Não gostaria de contar**

**História musical**

**A Moreninha de Mahle**

**Comitês PCJ**

**Setor Sucreenergético**

**O rio Piracicaba**

**Relatório de atividades**

[www.ihgp.org.br](http://www.ihgp.org.br)



Instituto  
Histórico e Geográfico  
de Piracicaba



PIRACICABA  
Prefeitura do Município



Ação Cultural

ISSN 0103-9482

R E V I S T A  
**INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO  
DE  
PIRACICABA**

---

UMA PUBLICAÇÃO



**I H G P**  
Instituto Histórico e  
Geográfico de Piracicaba

Cumprindo a Lei Municipal nº 2.160,  
de 18 de Dezembro de 1974.

APOIO



**Prefeitura do  
Município de  
Piracicaba**



**Ação Cultural**

**Copyright © 2014 IHGP**  
Todos os direitos reservados ao IHGP

### **Ficha Catalográfica**

---

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA

Piracicaba, Ano 1, N. 1, 1991

Ano XXIII, N. 21, 2014

ISSN: 0103-9482

1. PIRACICABA - HISTÓRIA E GEOGRAFIA - PERIÓDICOS.  
I. INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA

CDU – 9 (816.12PI)

---

### **I H G P**

Instituto Histórico e  
Geográfico de Piracicaba

CNPJ: 50.853.878/0001-48

Rua do Rosário 781

Centro | Piracicaba SP

Tel.: 19 3434-8811

E-mail: [ihgp@ihgp.org.br](mailto:ihgp@ihgp.org.br)

Site: [www.ihgp.org.br](http://www.ihgp.org.br)

R E V I S T A  
**INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO  
DE  
PIRACICABA**  
Número 21 • 2014



**I H G P**  
Instituto Histórico e  
Geográfico de Piracicaba

## **Comissão de Publicação Editorial**

Almir de Souza Maia  
Edson Rontani Júnior  
João Umberto Nassif  
Laura Alves Martirani  
Vitor Pires Vencovsky

### **Diretoria Executiva IHGP 2014/2016**

**Presidente:** Vítor Pires Vencovsky  
**Vice-Presidente:** Toshio Iczuca  
**1º Secretário:** Valdiza Maria Capranico  
**2º Secretário:** Pedro Caldari  
**1º Tesoureiro:** José Carlos Esquierro  
**2º Tesoureiro:** Moacir Nazareno Monteiro  
**Orador:** Gustavo Jacques Dias Alvim  
**Diretor Acervo:** Renata Gava

#### **Suplentes:**

1º Almir de Souza Maia  
2º Luiz Antonio Balamint  
3º Alexandre Sarkis Neder

#### **Conselho Fiscal:**

1º Antonio Messias Galdino  
2º Claudinei Pollesel  
3º Legardeth Consolmagno

#### **Suplentes Conselho Fiscal:**

1º Noedi Monteiro  
2º Antonio Carlos Neder  
3º Geraldo Claret de Mello Ayres

**Secretária:** Laura Aparecida Garcia

---

**Projeto gráfico e capa:** Genival Cardoso

**Produção editorial:** Audáxia Agência Gráfica  
audaxia1@gmail.com

**Fotos:** Acervo IHGP, exceto onde indicado.

### ***Distribuição gratuita***

*Todos os esforços foram feitos para creditar devidamente os eventuais detentores de direitos sobre as imagens utilizadas nessa edição da Revista IHGP. Eventuais omissões não são intencionais e serão corrigidas em uma próxima edição, bastando que seus proprietários contatem o IHGP.*



## Imagem da edição

### Revolução de 1932

**Odila Diehl**, ex-combatente, tornou-se conhecida e respeitada por sua determinação e coragem, por esconder a Bandeira da Revolução Paulista, o único exemplar que não foi queimado pelos soldados do Exército Federal, sob suas vestes. A Bandeira está sob a guarda do Museu Histórico e Pedagógico "Prudente de Moraes."

Autoria desconhecida.  
Acervo IHGP

# SUMÁRIO

## Trilhos da Paulista

Década de 50, vista dos trilhos da Paulista, entre as Avenidas Dr. Paulo de Moraes e Cornélio Pires. Sob o viaduto, hoje passa a Av. 31 de Março.

Acervo IHGP

## EDITORIAL

### 9 Pluralidade de ideais e pontos de vista

*Vitor Pires Vencovsky* (PRESIDENTE IHGP)

## 1

## PERSONALIDADES

### 11 Prudente de Moraes

*Nélio Ferraz de Arruda*

### 31 Árvore genealógica de Prudente José de Moraes Barros

*Haldumont Nobre Ferraz*

### 37 Recordando Thales

*Moacir Nazareno Monteiro*

### 53 Piracicabanos Ilustres

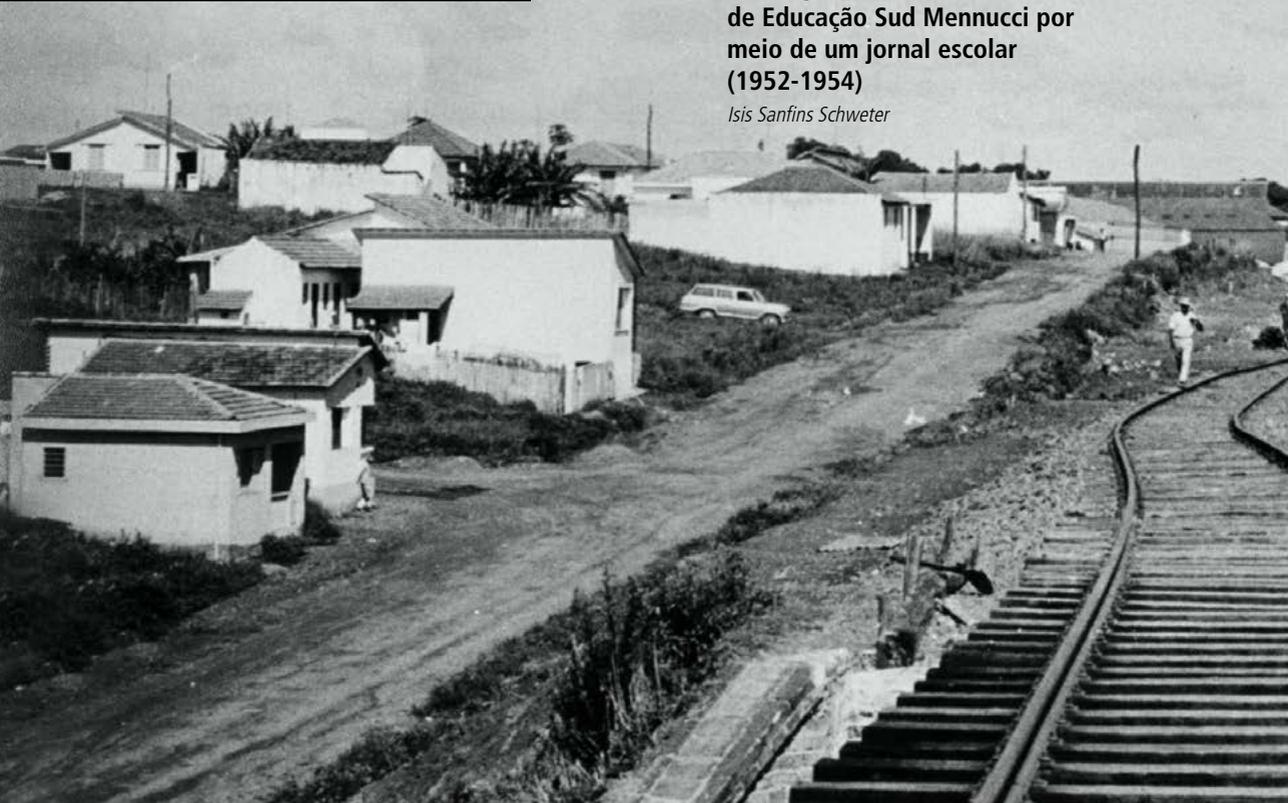
*Valdiza Maria Capranico*

## 2

## HISTÓRIA E MEMÓRIA

### 59 A atuação dos alunos do Instituto de Educação Sud Mennucci por meio de um jornal escolar (1952-1954)

*Isis Sanfins Schweter*



- 69** A nova penitenciária de Piracicaba e a expansão do modelo punitivo do Estado

*João Luís Franchi*

- 77** História da iluminação elétrica de Piracicaba

*Toshio Iczuca*

- 83** O Médico. Conciliações Psicológicas e Profissionais

*Olívio Nazareno Alleoni*

- 101** Histórias de nossa Região

*Antonio Carlos Angolini*

- 111** História que eu não gostaria de contar

*Cecílio Elias Netto*

### 3

#### ARTE E CULTURA

- 153** Uma história musical de Piracicaba

*Sheila Christine Freire de Matos Hussar*

- 163** O camafeu e a esmeralda: um ensaio sobre a ópera *A Moreninha* de Mahle

*Marcelo Batuíra Losso Pedroso*

### 4

#### MEIO AMBIENTE

- 171** Os Comitês PCJ e a segurança hídrica nas Bacias PCJ

*Luiz Roberto Moretti*

### 5

#### ECONOMIA E GEOGRAFIA

- 177** Uma Geografia Histórica de Piracicaba. O Setor Sucroenergético e a formação da Cidade

*Bruno Rezende Spadotto*

- 203** O rio e a economia de Piracicaba. Das origens da cidade até a década de 1930.

*Francisco Constantino Crocomo*

*Lais Martignago*

*Thais de Souza Soares*

### 6

#### IHGP

- 247** Relatório de atividades do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba

- 283** Normas para publicação de artigos na Revista IHGP



Rua Boa Morte  
vista do cruzamento com a  
esquina da XV de Novembro



## EDITORIAL

## Pluralidade de ideias e pontos de vista

**Vitor Pires Vencovsky**

Presidente do IHGP (GESTÃO 2012-2014)

O Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba está apresentando mais um número de sua revista anual contendo artigos e textos referentes a memória e história da cidade e região. A publicação cumpre sua função de ser o meio de registro e divulgação das histórias que caracterizam e explicam a vida dos piracicabanos.

A Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba é uma grande oportunidade para que pesquisadores e interessados na história e memória de Piracicaba e região possam publicar suas pesquisas. Os resultados apresentados mostram que, para entender os caminhos e conquistas de uma sociedade, é necessário e fundamental trabalhar com a pluralidade de ideias e pontos de vista. Entender a sociedade, que a todo momento surpreende pela sua diversidade e complexidade, só é possível quando entendemos a importância do trabalho multidisciplinar e multiescalar.

Os autores dos artigos, mais uma vez, estão abordando assuntos diversos, possibilitando entender Piracicaba por vários ângulos. A cidade, reconhecida nacional e internacionalmente em diversas áreas de interesse, é o resultado das realizações de muitos cidadãos comprometidos que precisam ser resgatadas e apresentadas.

O trabalho do IHGP não pode parar, pois periodicamente perdemos histórias levadas ao túmulo pelos nossos amigos e parentes que nos

deixam todos os dias. A história vivida dos piracicabanos é riquíssima, mas precisa ser resgatada e amplamente divulgada.

Prestes a completar 250 anos de fundação, Piracicaba ainda carece de publicações que tratem de personalidades, acontecimentos, empresas, instituições e eventos culturais e esportivos. Até essa data comemorativa importante, precisamos unir os esforços para que as histórias de Piracicaba não se percam. Vamos trabalhar em prol de nossas histórias.

Boa leitura a todos!

## 1

## PERSONALIDADES

**Prudente de Moraes**

**NÉLIO FERRAZ DE ARRUDA** (1915-2004)

Piracicabano, bacharel em Direito pelo Instituto Paulista de Ensino Superior, advogado, professor, prefeito de Piracicaba em 1968 e 1969, presidente do IHGP entre 1979 e 1981.

**Biografia de  
Prudente José de Moraes Barros**

Em outubro de 1991, a Academia Piracicabana de Letras (APL) lançava a “Biografia de Prudente de Moraes”, escrita por vários piracicabanos – e que – também fizeram parte do IHGP. Neste novo lançamento, com o apoio da APL, novamente publicamos a biografia na íntegra conforme os autores a escreveram – e, também, como justa homenagem àqueles que não mais estão entre nós: Nélio Ferraz de Arruda, Haldumont Nobre Ferraz (ex-presidentes do IHGP) e – aos que com entusiasmo e garra continuam nas trilhas da cultura: Guilherme Vitti e Mariza Elisete Libardi de Souza.

Essa publicação também é uma homenagem aqueles que receberam a medalha de Mérito Prudente de Moraes, instituída pela Lei 2122, de 1º de julho de 1974.

A pequenina e alegre Itu, engastada nos campos verdes de Pirapitingui, era, naquela quase metade do século XIX, um aglomerado de casas simples entre ruelas estreitas. Destacavam-se, entretanto, algumas capelas e a igreja matriz de Nossa Senhora da Candelária, construída em 1780 pelo padre João Leite Ferraz e o já velho sobrado que pertenceu a Pedro Gonçalves. Ao seu redor alguns sítios de criação, e, mais além, as grandes fazendas.

Foi nesse cenário de verdadeiro presépio que, a 4 de outubro de 1841, nascia para figurar na nossa história, Prudente José. Seu pai, José Marcelino de Barros era um dos cidadãos influentes da vila pela sua vida honrada e digna, especialmente voltada à família, à sua fazenda e ao desenvolvimento de Itu. Descendente de velho tronco português, desposara Catarina Maria de Moraes, de alta linhagem paulista. Desse casamento vieram os filhos: Frederico José, Joaquim José, Manoel, Cândida e Prudente José.

Dedicado à colocação em São Paulo, Santos, Sorocaba e outros lugares, dos muares criados em sua propriedade, em Itu, José Marcelino encontra, a morte no bairro dos Moinhos, nas cercanias da capital da Província, nas mãos de um escravo rebelde. Cortava-se um galho, mas não se destruía a árvore. E fora quiçá, dos mais tenro ramo, alimentado pelo exemplo nobre de uma família dedicada e altruísta pelo exemplo que o Brasil todo se curvava um dia para glorificar um cidadão que tanto o enaltecera.

Órfão do pai aos dois anos de idade, Prudente José só tivera em sua bondosa mãe uma extraordinária orientadora. Frequentou, inicialmente, o Colégio Ituano e, aos 13 anos ingressou Prudente na escola do famoso mestre Manoel Estanislau Delgado. A seguir, mostra-se interessado em estudar na capital da Província. Nessa ocasião, sua genitora já estava casada com o Sr. Caetano José Gomes Carneiro, viúvo de Florisbela Gomes Carneiro. Contrariando, embora, a vontade do padrasto, Prudente, incentivado pela mãe, segue para São Paulo, matriculando-se no Colégio de João Carlos Fonseca. Nessa época Piracicaba que iria fazer parte de sua vida havia sido elevada a cidade, com o nome de Constituição.

Com dezoito ingressa Prudente na Academia de Direito, fazendo, paralelamente, um curso de filosofia, ciências que muito atraía. Participou ativamente da vida acadêmica ao lado de colegas que se dis-

tinguiram nas atividades políticas do país, como Campos Sales, Teófilo Otoni, Rangel Pestana, Francisco Quirino dos Santos, Paulo Eiró, Bernardino de Campos, etc.

Adquirindo sua família uma propriedade agrícola em Constituição, Prudente José aproveitava as suas férias para melhor conhecer esta terra que passara a admirar. Ao receber seu diploma de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, com a idade de vinte e três anos, abre sua primeira banca de advogado, na Rua Boa Morte, saindo-se airoso na sua profissão, levando-o a trabalhar, não poucas vezes, noites a dentro. Além disso, ainda conseguia tempo para atender políticos e participar de atividades benemerentes. Moço ainda tem destacada atuação na Câmara de Vereadores. Devemos ao seu trabalho a volta do antigo nome de Piracicaba a Constituição. Como Presidente da Câmara, por conseguinte, administrador da cidade, dá exemplo de operosidade. Obtém do Presidente da Província de São Paulo verbas especiais para estradas e faz grande reforma na Cadeia Pública que já sentia a força destruidora do tempo. Era dinâmico, inteligente, culto e vivo. Certa feita, reclamando melhor entrega da correspondência nesta cidade, recebeu do diretor dos Correios um ofício dizendo que Piracicaba não tinha renda suficiente para esse benefício. Incontinenti respondeu que “O Correio não deve ser considerado como fonte de renda, mas sim como serviço público pouco dispendioso e de incalculável importância para povos que dele gozam”.

Contrário de qualquer ato que ferisse moral ou materialmente a pessoa humana, numa resposta a circular em que o Presidente da Província solicitava informações sobre a existência ou não de algum pelourinho, disse: “Neste município só existiu um pelourinho colocado no centro da cidade, próximo ao lugar em que está situada a cadeia pública; que atualmente, graças “a civilização, não existem desse único, nem os menores vestígios, e sua memória tem-se apagado quase totalmente na lembrança do povo”. Fora, indiscutivelmente, um liberal de fato.

Na linha mansão do Sr. Antônio José da Silva Gordo e de Da. Ana Brandina de Barros Silva, em sua chácara, em Santos, recebia Prudente, como sua esposa, no dia 28 de maio de 1866, Benvinda da Silva Gordo,

dileta filha dos ilustres anfitriões. Fora um dia de festa para os familiares e convidados dos dignos nubentes. Mais alguns dias se passam e volta Prudente aos seus afazeres em Piracicaba. Com a conclusão, em 1870, da sua aprazível residência, à Rua Santo Antônio, esquina a Treze de Maio, para ela se transfere, abrindo suas portas aos amigos e correligionários.

Eleito deputado pelo terceiro distrito, ao lado de Antônio Francisco de Araújo Cintra, Jorge de Miranda e do piracicabano Antônio Carlos de Arruda Botelho, o Dr. Prudente de Moraes muito se distinguiu ao acolhimento das pretensões interioranas, granjeando, com isso, invejável popularidade. Desiludido, porém, de consertar erros cometidos contra o povo, contra a honra e o pudor das famílias, pelos homens maus aos serviços do governo imperial, sente ferver-lhe nas veias o ardor republicano. Deixa a Assembleia Paulista e torna à terra adotiva.

A guerra contra o Paraguai chega ao fim. Os bravos, os heróis que dela tornam, sentido a desatenção do meio oficial, aderem ao novo movimento. Surgem novos arautos. Acontece em Itu a fundação do Partido Republicano Paulista. Prudente a ele se filia, deixando o Partido Liberal. E é por ele que volta à Assembleia paulista. Não esconde a ideia de substituir a Monarquia pela República, movimento esse que aumenta com a adesão de muitos importantes militares. Na época afirmava: “Continuamos a trabalhar com persistência e acredito que não estará longe o dia em que festejaremos a proclamação da República, como no memento, festejamos a abolição – Assim como agora só há abolicionistas porque estão desaparecendo os monarquistas, daqui por diante todos serão bons republicanos. Não há razão para desânimo. Como a abolição, a República será proclamada por entre flores e aplausos populares”. Isto acontecera a 18 de maio de 1888.

O movimento republicano ganha novos estímulos com a anunciada prisão de altas figuras do exército. O Marechal Deodoro afirma: “A República virá com sangue se não formos ao seu encontro, sem deramá-lo”. E foi o exército ao seu encontro. Poucos dias antes da sua proclamação, Prudente recebera, em Piracicaba, telegrama solicitando sua ida urgente para São Paulo. Não esperava que, no dia seguinte à pro-

clamação, isto é, a 16 de novembro de 1889, iria fazer parte juntamente com Souza Mursa e Rangel Pestana, do Governo Provisório do Estado e, que a 3 de dezembro do mesmo ano seria designado para Governador de São Paulo. A 15 de novembro, em Piracicaba, o povo aglomerou-se na Rua Santo Antônio dando vivas à República e a Prudente de Moraes, ocasião em que o seu filho, de 18 anos, de uma das janelas do casarão disse: “Cidadãos! De hoje em diante, sois livres como os pássaros no ar!”. À noite, grande massa popular se reuniu frente ao Clube Republicano e uma banda de música tocava a Marselhesa. Inflamados oradores se fizeram ouvir. A seguir uma passeata tomou a noite dos piracicabanos. Um triunvirato assumiu as rédeas do município: Manoel Moraes Barros, Luiz Vicente de Souza Queiroz e Paulo Pinto de Almeida. A Câmara é dissolvida e o Conselho da Intendência Municipal a substituiu.

Ao deixar o governo, para ser Senador da República, recebe Prudente, em Palácio, elementos da oposição que vão reconhecer, de viva voz, a justiça e a honestidade de uma administração sensata e criteriosa que garantiu a todo Estado de São Paulo ordem, tranquilidade e progresso. De Senador, foi-lhe fácil subir mais um degrau, chegando ao posto máximo, de Presidente da República. Nesta função, sua maior tarefa foi, indiscutivelmente, a de pacificar os ânimos exaltados pelos ódios deixados pelo governo que o antecederam, concedendo, de início, anistia geral a todos que se envolveram em movimentos rebeldes anteriores. Acontecimento que marcou seu governo foi a famosa revolta de sertanejos no interior da Bahia, chefiados pela figura lendária de Antônio Conselheiro, e que se haviam entricheirado na “favela” de Canudos, resistindo incrivelmente às forças legalistas. Esse movimento propiciou a Euclides da Cunha escrever uma das mais notáveis páginas da nossa literatura: “Os Sertões”.

Prudente de Moraes, além de pacificar todo o país, conseguiu realizar uma administração notável, pontificando nela a solução da famosa questão de limites entre o nosso país e a Argentina. Também reincorporou ao Brasil, a ilha da Trindade, ocupada indevidamente pelos ingleses.

Pouco antes da moléstia que o deprimia se manifestou mais ousada, Prudente torna ao Rio de Janeiro a fim de assistir ao casamento de

seu filho. Em São Paulo recebe estrondosa manifestação de apreço. No Rio de Janeiro a cidade parou para festejá-lo com flores e confetes. Era o reconhecimento do povo que o aplaudia e chorava em delírio comunicativo, pelo bem que lhe fizera. Regressando a Piracicaba vai à Fazenda Pau D'Alho a procura de melhores ares para amenizar-lhe o mal. Sofre resignadamente. Vai a Cambuquira, por recomendação médica. O mal progride. Torna a Piracicaba, terra que adotou como filho, onde aguarda, sem lamento, o momento final que surgiu à uma hora e cinco minutos do dia 3 de dezembro de 1902. Apesar da grossa chuva a triste notícia envolve a cidade. As lágrimas do céu se misturam com as do povo que não arreda os pés da frente de sua casa, até o momento de levar o corpo do primeiro Presidente Civil da República à sua última morada.

Piracicaba jamais se esqueceu desse grande vulto da nossa história e ofereceu-lhe, reconhecida, a título de “Cidadão Piracicabano”, cujo diploma se encontra em uma das salas do museu que tem o seu nome.

Que este 4 de outubro não assinale apenas o dia do nascimento de Prudente de Moraes, mas, acentue também no espírito daqueles que tentam seguir-lhe as pegadas, o exemplo de honradez, civismo, compreensão, justiça, trabalho, humildades e intransigência na defesa do direito do povo e da nossa terra.

Piracicaba, 4 de outubro de 1991.

## **O vereador que se tornou presidente**

*PROF. GUILHERME VITTI*

Foi rápida a ascensão de Prudente de Moraes entre os políticos da cidade da Constituição, em razão principalmente de sua competência advocatória.

Em 1864, ainda solteiro, já aparece como mesário da Mesa da Assembleia Paroquial, não constando, porém, seu nome, como candidato à qualquer cargo público.

Na escolha dos candidatos para deputados à Assembleia Legis-

lativa da Província em 1855, recebeu votos na cidade e nas cidades vizinhas, não conseguindo indicação.

Eleito vereador com a maior votação em 1865, foi por isso escolhido como Presidente da Câmara. A ata da primeira posse como vereador está assim redigida:

“Posse e juramento dado à nova Câmara Municipal desta cidade que tem de funcionar no quadriênio de 1865 a 1869. Ano do nascimento de nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e sessenta e cinco aos sete de janeiro do dito ano, nesta cidade da Constituição e sala da Câmara Municipal, onde se achava a mesma reunida, debaixo da Presidência do Cidadão José Bento de Matos, e sendo aí presentes os vereadores eleitos para o quadriênio de 1865 a 1869, aos mesmos foi-lhes deferido o juramento dos santos evangelhos, pondo suas mãos direitas sobre um livro do mesmo, e lhes foi encarregado que, de boa e são consciência servirem ditos cargos para os quais tinham sido eleitos, desempenhando as obrigações de vereador da Câmara Municipal desta cidade, de promover quanto em si estiverem os meios de sustentar a felicidade pública, o que assim prometeram cumprir, de que, para constar, lavrei o presente Termo em que assinou-se a Câmara, os juramentados, comigo Francisco Ferraz de Carvalho, Secretário o escrevi”. Seguem as assinaturas dos 13 vereadores.

Reelegeu para o cargo em 1877 e em 1887.

Houve recurso de um ex-vereador contra a eleição de Prudente de Moraes alegando-se o pouco tempo em que ele residia na cidade, ficou provado, porém que a família de Prudente morava na cidade e a sua ausência prolongada da cidade foi devida aos estudos que fazia em São Paulo.

Seus trabalhos na vereança tem sempre como base principal o respeito às leis, aliás decorrência da profissão de advogado.

Existem pareceres originais de sua autoria, guardados em caixas do arquivo da Câmara Municipal, os quais, a lei da competência, mostram que era pessoa econômica, pois, às vezes, esses pareceres ou projetos de leis eram escritos em simples tiras de papel.

Transcrevem-se alguns trabalhos de sua autoria como amostra de sua capacidade no desempenho de seu cargo.

Escrita numa diminuta tira de papel lê-se a indicação:

“Indico que a Câmara mande abrir sarjetas calçadas na Rua Quitanda (atual XV de Novembro), no quarteirão entre as ruas do Alferes José Caetano e do Rosário. Sessão de 7 de janeiro de 1888.

Prudente de Moraes”. Foi aprovada.

Outra indicação:

“Indico que a Câmara autorize o seu Vice-Presidente a contrair um empréstimo, nos termos da Lei nº 54, de 21 de março de 1885, da quantia de Rs. 2:000\$000. O produto dessa importância será aplicado em obras públicas municipais e no serviço de apedregulamento das ruas da cidade, de preferência. S. Sessões. 1888”.

Em longo parecer sobre um pedido de estabelecimento de linha de bondes por tração a vapor ou animal, entre esta cidade e Rio Claro, Prudente de Moraes prova a ilegalidade da interferência do Governo do Estado em assunto que é de competência exclusiva do Município. É que a autorização fora dada pela província.

Em maio de 1887, Prudente de Moraes apresentou em parceria com o Dr. Paulo Pinto, ambos projeto de lei para regulamentar o funcionamento do mercado desta cidade. Continha o mesmo 32 artigos. Trabalho perfeito, completo, que poderia ser aproveitado em nossos dias. Veja-se como o artigo 1º define a finalidade do Mercado. Está longe o uso do atual:

“A praça do mercado é destinado a servir de centro único à compra e venda de gêneros alimentícios destinados ao consumo desta cidade, quer sejam procedentes deste município, quer de outros”.

O artigo 2º prevê a mudança de horário de verão e invernos atuais.

Estabelece o artigo 4º que os quartos do mercado são reservados exclusivamente para os gêneros alimentícios. Interessante também o artigo 31. Determina que o administrador do mercado afixe em lugar conveniente a tabela de preços. Até parecer o atual sistema de congelamento de preços.

Na primeira seção ordinária da Câmara do dia 8 de janeiro 1865, aparece o espírito público de que estava imbuído o Presidente da Câmara, Prudente de Moraes. Expôs aos vereadores que era necessária a demissão do fiscal de Santa Bárbara, por sua incompetência e por ele, ao mesmo tempo, negociante, agricultor e não morar naquele bairro. Cometeu, além disso, o absurdo de exigir dos moradores da localidade, que construíssem muros em seus terrenos, além de branqueá-los, no prazo de um mês. Na mesma sessão determinou ao secretário que extraísse, cópias das Posturas para serem entregues aos empregados da Câmara, destinadas ao conhecimento de seus deveres, exigindo a sua observância. Mandou ainda que fosse feita compra de livros para melhor registro da Câmara. Na seção seguinte, aceitou ele mesmo a incumbência de elaborar um novo Código de Posturas.

Na ata do dia 10, a Câmara analisou um ofício apresentado a ela pelo Delegado de Polícia e pelo Vigário, pedindo providências sobre foliões que, com Bandeira do Espírito Santo, tiravam esmolas. A Câmara respondeu que seriam tomadas medidas a respeito.

Apresentara um vereador projeto de lei para criar-se um imposto destinado às obras para a reforma da matriz. Pedindo licença à Câmara, antes mesmo de ela se manifestar sobre o assunto, expendeu considerações várias sobre a proposta, concluindo que o povo não aprecia aumentos de novos impostos e que a solução mais prática e louvável, era a de recorrer-se à contribuição espontânea dos cidadãos. O autor do projeto sustentou a sua proposta, contudo, foi aprovado o parecer de Prudente de Moraes que solicitou o adiantamento e melhor estudo da matéria.

Por ser irmão do Presidente da Câmara, o Dr. Manoel de Moraes Barros, advogado que era da Câmara, pediu exoneração do cargo, alegando não precisar a Edilidade de seus préstimos, por ser o Dr. Prudente um homem letrado.

Naqueles tempos as reuniões camarárias eram feitas no início de cada quadrimestre, seguindo-se reuniões diárias, até o esgotamento das matérias em pauta.

A primeira ata da seção extraordinária é do dia 1º de abril de 1865. Declarou o Senhor Presidente que a reunião tinha por assunto principal, discutir o projeto do Código de Posturas, do qual fora encarregado de elaborar. Foi o mesmo aprovado por unanimidade e imediatamente encaminhado à Assembleia Provincial para o necessário exame de legalidade, exigência da legislação de então. Os vereadores agradeceram ao Presidente a sua valiosa contribuição ao Município pela elaboração do Código de Posturas.

A partir de 5 de abril de 1866, o nome de Prudente de Moraes não aparece nas atas. Motivo doença. Qual fosse, não é dado saber. A prova de seu afastamento por doença, nos trabalhos da Câmara, consta da ata de 4 de julho do mesmo ano, assim lavrado: “O Sr. Presidente disse que, tendo sido muito longos os sofrimentos do Sr. Dr. Presidente, então Presidente ao mesmo tempo advogado da mesma, por isso que consulta ao Srs. Vereadores se deve-se, ou não, tratar outro. A Câmara entendeu que, como a enfermidade do Sr. Dr. Presidente não era considerada grave, não valia a pena, por tão pouco tempo tratar outro advogado.

Sua assinatura nas atas só reaparece no dia 6 de janeiro de 1867. Nela há uma observação do mesmo a um relatório dado por uma comissão a respeito dos melhoramentos mais necessários para a cidade.

“Disse o Dr. Presidente que a falta desses melhoramentos era devida a escassez de trabalhadores visto como que não querem se sujeitar ao jornal que esta Câmara costuma pagar, por isso que, se houver alteração no jornal aos trabalhadores, podem então haver concorrência. O Sr. Presidente insistiu, demonstrando que se devia elevar o jornal a 1500 e mais se for necessário, a fim de, com prontidão, acudir-se a essas necessidades”. A Câmara aprovou a explanação do Presidente.

Sessão extraordinária de 4 de janeiro de 1868:

“O Sr. Dr. Presidente declarou que o motivo principal de convocar a presente sessão é o juramento que tem de prestar perante a Câmara, o súbdito italiano, Padre José Serafim de Rigillo, de ser de hoje em diante,

Cidadão Brasileiro conforme se vê na Carta Imperial de Naturalização, passada em 9 de outubro de 1867, observando mais o Sr. Dr. Presidente que o referido Padre acaba de requisitar desta Câmara qualquer quantia para os reparos da igreja onde é Vigário. A Câmara mandou que fosse entregue ao mesmo Vigário a quantia de 200\$000 réis”.

Após a prestação do juramento, diz a ata... “seguiu-se imediatamente o Hino Nacional executado por uma banda de música que, para esse fim, achava-se postado contígua à sala”.

Após discursos do Presidente e do povo brasileiro,... “este foi acompanhado pela Câmara, música e mais cidadãos, até onde se achava hospedado, sendo nessa ocasião oferecido a cada um copo de refresco”.

Narra a ata de 20 de janeiro de 1868, que o Dr. Prudente de Moraes não compareceu à Câmara por ter ido à capital tomar posse como Deputado à Assembleia Provincial.

É interessante observar que, apesar de ter tomado posse do cargo do Deputado, ele continuou na Presidência da Câmara Municipal de Piracicaba. Seria, então permitida a acumulação de funções públicas estaduais e municipais?

Na sessão ordinária de 9 de julho de 1868, o Dr. Prudente reapareceu e apresentou a Indicação seguinte: “Indico que a Câmara represente ao Rvmo. Sr. Vigário Capitular, pedindo a nomeação do coadjutor, Padre Francisco Galvão Paes de Barros, para Vigário, desta Paróquia, no caso de ser concedida a demissão pedida pelo atual Vigário. Sala das sessões, em 9 de julho de 1868. Prudente de Moraes. Aprovada”.

A resposta afirmativa veio no dia 22 de julho.

Em setembro de 1868 houve eleição para os novos vereadores. No dia 22 do mesmo mês há uma Indicação de Prudente assim redigida:

“Indico que a Câmara represente ao Governo sobre as prisões e violência que tiveram lugar por ocasião da eleição municipal, que tornaram impossível a liberdade de votos; 2º - sobre a diferença de 30 votos que se encontrou na eleição da freguesia de São Pedro, entre o número de votos apurados e a das cé-

dulas recebidas para vereadores, o que vicia aquela eleição e influi no resultado geral”.

Em outubro de 1868 a Câmara concedeu a quantia de 500\$000 réis para os concertos da Matriz da cidade, ajuda concedida por intercessão de Prudente de Moraes. Também a Matriz de Santa Bárbara recebeu a importância de 100\$000 réis para reparos, por indicação de Prudente de Moraes.

Como despedida da vereança exercida na Câmara, o Dr. Prudente de Moraes mandou inserir na Ata do dia, um voto de reconhecimento aos seus empregados pela dedicação e lealdade com que desempenharam os seus empregos e, em sinal de lembrança ao prebo ex-procurador, o finado Joaquim Leite de Cerqueira.

### **Um telegrama histórico**

“Ordem do Governo Provisório

Presidente da Câmara Municipal Piracicaba

Foi hoje empossado o Governo provisório do Estado de São Paulo, composto dos Srs. Prudente de Moraes, Rangel Pestana e Coronel Mursa. Já entraram em palácio e estão dirigindo o expediente. Faça público, perfeita ordem e paz.

Agência Cidade – 16-11-89”

### **Outro telegrama de valor**

“Palácio do Governo do Estado de São Paulo, 14 de dezembro de 1889.

Comunico-vos, para vosso conhecimento e devidos efeitos que, nesta data, tomei posse e assumi o exercício do cargo de Governador deste Estado, para o qual fui nomeado pelo Governo Federal, por Decreto de 3 do corrente mês.

Saúde e Fraternidade

Prudente José de Moraes Barros

Aos cidadãos Presidente e Vereadores da Câmara Municipal de Piracicaba”.

Inteirada. João Nepomuceno

Transcreve-se a representação que consta da ata de 13 de outubro de 1890, feita pela Câmara Municipal:

“Generalíssimo

É para solicitar mais um ato vosso em prol da grande República Sul Americana, cujos destinos tão sabiamente haveis dirigido, que o Conselho de Intendência Municipal de Piracicaba se eleva até vós, com raríssimas exceções.

Generalíssimo, a cada um dos cidadãos que, desde 15 de novembro do ano findo, hão concentrado – seus esforços ao exercício dos altos cargos que lhes confiastes, acaba de ser designada pelo povo uma cadeira ao primeiro Congresso Nacional. E o povo galardoando assim os depositários da vossa confiança, em quantos lugares se não privou de guias, a cuja direção se entregava, nesse período de organização da Pátria?!

É o que esta Intendência se afigura operar-se com relação a este Estado. De fato, Generalíssimo, para ele, tem sido uma garantia de ordem, de paz e de prosperidade a reta administração do Governador que nomeastes – O Cidadão Dr. Prudente de Moraes Barros, entretanto, colocando-o como um de seus representantes no Senado, perdeu São Paulo, em face do que se preceitua o § 6º das Disposições Transitórias da Constituição decretada, o contingente necessário e preciso da experiência e atividade desse denodado patriota. Assim, pensando, esta Intendência vem muito respeitosamente pedir-vos determineis que se modifique o que dispõe o aludido §, de modo que os cidadãos que, de acordo com ele foram eleitos a 15 de setembro, possa, até que se organizem os Estados e, só até então – acumular os cargos que estão exercendo.

Saúde e Fraternidade

Ao Ínclito Generalíssimo Manoel Deodoro da Fonseca, Chefe do Governo Provisório”.

O vereador Joaquim André de Sampaio apresentou indicação para que se oficiasse ao Exmo. Sr. Dr. Prudente de Moraes, Presidente da República, felicitando-o pelo seu aniversário natalício, fazendo-o ciente, que, nessa mesma data foi colocado seu retrato na sala das sessões da mesma, 4 de outubro de 1897. O preço do retrato foi de 100000 réis.

Consta na ata de 17 de novembro de 1898, que a Câmara nomeou uma comissão para tratar dos festejos e recepção do Dr. Prudente de Moraes. Para recepcioná-lo em São Paulo foram encarregados o Dr. Torquato Leitão e Paulo de Moraes e para os festejos e recepção nesta mesma cidade, o Intendente Municipal Joaquim Sampaio, Teodolindo Mendes de Arruda, Tito Ribeiro, Carlos Zanotta, Dr. Bernardino de Queiroz, Joaquim Pinto de Almeida, Pedro Alexandrino de Almeida, Joaquim Eugênio do Amaral Pinto, Dr. João Domingues de Sampaio, Francisco de Oliveira Ferraz e Antonio Teixeira Mendes.

No dia 3 de novembro de 1903, falecia nesta cidade o Dr. Prudente José de Moraes Barros.

Na ata de 13 do mesmo mês acha-se registrado um cartão do Sr. Tenente Coronel Septímio Augusto Werner, enviando pêsames aos munícipes piracicabanos pelo infausto passamento do Dr. Prudente de Moraes.

Sendo a sessão do dia 13 a primeira da Câmara após a morte de Dr. Prudente foi proposto que se consignasse em ata um voto de sincero e profundo pesar pela morte do honrado e prestante cidadão. Uma comissão foi designada para dar os seus pêsames à família.

Na mesma ocasião a Câmara autorizou o Intendente a conceder gratuitamente à família de Dr. Prudente a área que será demarcada pelo Intendente, de acordo com a família.

Houve comissão para organizar solenes homenagens à memória do ilustre morto no 30º dia de seu passamento. Na oportunidade os vereadores apresentaram ao digno Presidente da Câmara, Dr. Paulo de Moraes Barros, pêsames pela perda irreparável de seu pai.

De várias cidades do país vieram ofícios prestando pêsames.

Em janeiro de 1921, o projeto de lei nº 5, autorizava a prefeitura a comprar o prédio residencial do Dr. Prudente pela quantia de 50:000\$000.

Ofício de 21 de fevereiro de 1903

“Dr. Secretário do Estado dos Negócios da Fazenda  
A Intendência Municipal desta cidade, tendo recebido comunicação da Secretaria do Interior, de que já foi requisitado dessa digníssima secretaria o pagamento da quantia de nove contos, oitocentos e noventa mil réis, importância despendida com os funerais pela morte de Dr. Prudente de Moraes, e não tendo havido, até esta data, autorização para ser feito esse pagamento, peço-vos deis as necessárias providências no sentido de ser a Coletoria desta cidade, autorizada a realizar o aludido pagamento.  
Saúde e Fraternidade  
O Intendente Municipal  
Manoel Ferraz de Camargo”

Ofício de 30 de março de 1903

“Dr. Bento Bueno  
Digníssimo Secretário do Interior  
Tendo a Intendência Municipal desta cidade recebido comunicação dessa Secretaria de que, em data de 6 de janeiro do corrente ano, haveis requisitado da Secretaria da Fazenda o pagamento das despesas feitas com os funerais do Dr. Prudente de Moraes aguardou a respectiva ordem à Coletoria até 21 de fevereiro próximo passado; como não houvesse decisão alguma da parte daquela Secretaria oficiou diretamente ao Dr. Secretário da Fazenda, e não tendo sido essa data resolvido o assunto, venho novamente pedir-vos providências sobre esse pagamento que importa em 9:890\$000 réis.  
Saúde e Fraternidade  
O Intendente Municipal  
Manoel Ferraz de Camargo”

Ofício de 1º de maio de 1903

Cidadão, Tristão Mariano da Costa

Tendo o Governo do Estado autorizado o pagamento das despesas feitas com os funerais Dr. Prudente de Moraes, incluiu nessa ordem de pagamento a quantia de seiscentos mil réis para ser-vos entregue

como remuneração pelo serviço prestado pela orquestra, cuja quantia acha-se vossa disposição no cofre municipal.

Saúde e Fraternidade

O Intendente Municipal, Manoel Ferraz de Camargo.

Ofício de 7 de maio de 1903

“Cidadão, Dr. Secretario do Interior

Tendo sido remetidos a essa secretaria os documentos relativos ao pagamento de contas feitas pelos funerais do Dr. Prudente de Moraes, despesas autorizadas pelo Governo do Estado, e faltando apenas recibo do pagamento de 600\$000 a orquestra, junto a este documento que só agora foi passado.

Saúde e Fraternidade

## O pacificador da pátria

*MARISA ELISETE LIBARDI SOUZA*

Não há possibilidade de acrescentar-se algo mais à bibliografia deste político que tanto fez pelo nosso povo. Tudo o que for escrito serão apenas recordações, cópias dos velhos livros que registraram fielmente o caráter deste grande homem que viveu em nossa cidade, adotando-a como sua e aqui foi sepultado.

Em referências históricas a seu respeito, encontramos registros de momentos de glórias, trabalhos, honrarias, mas também de situações humilhantes que, com muita dignidade, soube superar.

Dois desses momentos gostaria de recordar, com o intuito de mostrar aos jovens que a vingança e o orgulho são sentimentos que um vencedor desconhece.

No dia 15 de novembro de 1890, ao instalar-se a primeira Assembleia Constituinte Republicana criada por decreto de 21 de dezembro de 1889, ela totalizava 286 representantes: 250 deputados e 36 senadores.

Muitos nomes foram lembrados, porém o de Prudente de Moraes foi acolhido com entusiasmo tendo sido eleito por 143 votos.

Metódico e pontual, o Dr. Prudente de Moraes classificou todas as emendas estudando-as uma por uma. Organizou um “dossiê” dos trabalhos, artigo por artigo, com comentários do próprio punho. Essa Constituição foi promulgada em 24 de fevereiro de 1891. No dia seguinte o Congresso elegeu o Presidente da República. O nome do Marechal Deodoro o mais cotado, constituía uma justa homenagem ao proclamador da República, mesmo assim Prudente de Moraes Barros alcançou 97 votos contra os 129 do Marechal. Esses 97 votos custaram-lhe caro, pois foi vítima de uma série de acusações levianas e misteriosas do Barão de Lucena grande amigo do Marechal Deodoro. Ele próprio e mais alguns episódios tumultuariam o governo do Marechal que acabou renunciando nove meses depois, passando o governo às mãos do Vice-Presidente.

Em 25 de setembro, a Convenção do Partido Republicano Nacional indicou por unanimidade o nome de Prudente de Moraes Barros como candidato à Presidência, tendo como vice o baiano Manoel Vitorino. Em 1º de março as urnas confirmavam o Dr. Prudente José de Moraes Barros com 299.883 votos e Manoel Vitoriano com 266.000. Prudente de Moraes demonstrou que é trabalhando honestamente que se conquista o carinho e respeito do povo.

Seus inimigos contudo, prepararam uma série de situações humilhantes e deprimentes para o líder que sonhava com o bem-estar do povo brasileiro.

Os detratores, que com cegueira e fanatismo, lutavam por uma ditadura militar chamavam o Presidente de “biriba”, e “caipira de Piracicaba”. Estes julgavam que o caipira nem chegariam ao Rio de Janeiro, e se chegasse não tomaria posse.

Nada no entanto intimidava este homem, um varão ilustre, que ignorava os boatos. Toma o trem noturno em São Paulo e desembarca no Rio de Janeiro na Central, nas vésperas da posse. Embora os jornais tivessem anunciado com pormenores a sua chegada, nenhum representante do governo esperava. Apenas alguns amigos e poucos curiosos e nada mais. Como um cidadão comum aluga um carro e dirige ao hotel dos estrangeiros, onde hospedou-se. Só no dia seguinte é que o

governo se manifestou enviando o Capitão Tenente, Sadok de Sá para apresentar-lhe cumprimentos do Marechal Floriano.

Impecável em sua sobrecasaca e chapéu alto, Prudente sempre em carro alugado, dirigiu-se para o Senado para apresentar o compromisso protocolar era o dia 15 de novembro. Dalí rumou o Palácio do Itamarati, sede do governo, onde deveria realizar a posse. Lá chegando, encontra o Palácio com portas escancaradas, sem nenhuma sentinela, com gente do povo entrando e saindo a vontade. Caixões e jornais velhos, garrafas vazias, pontas de cigarros era só o que se podia ver. Não encontrou nenhum servente para lhe tomar a cartola.

Com um sorriso de amargura, resignado esboça um gesto “o que vamos fazer?”. Foi quando surgiu no salão o Dr. Cassiano do Nascimento, ministro da Justiça do atual Governo que se findava em rápidas palavras, sem a menor solenidade transferiu em nome do Marechal Floriano Peixoto o governo da República ao seu 1º Presidente Civil. Só então, evacuando o recinto, Dr. Prudente pode reunir o seu ministério e lavrar os decretos de nomeações.

Seu primeiro ato foi dirigir um manifesto à Nação em que apresentava uma súmula de seu governo. Duas tarefas consideradas importantes foram: a volta dos militares às funções e a pacificação do Rio Grande do Sul.

Com tanto brilhantismo e repetidas vitórias em sua administração, Prudente de Moraes não conseguiu no entanto esfriar o ódio dos florianistas, que viam no “caipira de Piracicaba”, uma vida quase franciscana e simples demais que constatava com as festas realizadas pela sociedade local. Até mesmo o seu Vice, Manoel Vitorino quando assumiu o governo durante um período que o Presidente ausentou-se para recuperar-se de uma operação, cometeu um ato de extrema extravagância para a situação de precariedade da época. Comprou o Palácio do Catete e o inaugurou com uma festa cuja polpa desgostou profundamente o Presidente.

Entre todas as atitudes tomadas por esse homem que via seu cargo como um sacerdócio, um fato que abriu-lhe as portas da glória, mas ficou ao mesmo tempo registrado como um dos mais revoltantes episó-

dio da República. Sobreviria um crime hediondo... Foi no dia 5 de novembro, no Arsenal da Marinha, quando alguns militares regressavam da Bahia, num ambiente de insubordinação e entre “vivas” ao Marechal Floriano Peixoto e Manoel Vitorino. O presidente apesar de tudo reassume o cargo, mas tem que enfrentar logo em seguida o gravíssimo problema da “Guerra dos Canudos” imortalizada pelo gênio de Euclides das Cunha em “Os Sertões”.

Após várias tentativas fracassadas para debelar o movimento, inclusive chefiado por Moreira César, notável cabo de guerra, trucidado com 1300 homens, enviou o presidente uma nova expedição, esta sob o comando do general Oscar de Andrada Guimarães na qual figuravam elementos da gloriosa força pública. Essa expedição conseguiu enfim desbaratar a jagunçada e, no dia seguinte, arrasar o arraial de Canudos. Antônio Conselheiro morreu. Estava tudo acabado! Era mais uma dura vitória do governo sério do Dr. Prudente de Moraes. O despeito e o desejo de eliminá-lo do poder incomodavam porém seu inimigos. A melhor saída seria matá-lo...

No dia 5 de novembro, um mês após a vitória em Canudos, quando visitava o arsenal da Marinha, foi atacado por um cabo do 10º Batalhão, Marcelinho Bispo de Mello que tentou matá-lo com uma garrucha, felizmente ela negou fogo, foi quando o Ministro da Guerra, leal amigo do presidente, o Marechal Bitencourt, pretendendo dominar o agressor, recebeu duas punhaladas e perdeu a vida em poucos minutos.

No dia seguinte, num ato de pura coragem, Prudente de Moraes acompanha à pé o enterro do leal amigo. Na saída do cemitério foi recebido com uma estrondosa manifestação de apreço. José do Patrocínio pronunciou então um discurso e o chamou de “Santo Varão da República”.

Realizado o inquérito policial, os acusados, mandantes do crime foram absorvidos por falta de provas, já que o assassino se suicidara (?) na cadeia. O inquérito responsabilizou como mandante o jornalista Deoclesiano Mártir e seus cúmplices: Manoel Vitorino Pereira, General Francisco Glicério, Irineu Machado, Barbosa Lima, Alcindo Guanabara e outros nomes menos conhecidos.

O crime serviu-lhe no entanto, para abrir-lhe o caminho da glória, Nunca, ao deixar o governo um Presidente da República recebeu tantas homenagens como as tributadas a Prudente de Moraes, iniciadas no Rio de Janeiro e prosseguindo até sua querida Piracicaba, para onde retornou e onde viveu até o dia 3 de dezembro de 1902, data de sua morte.

Deixou o governo do País com as marcas de sua incorruptibilidade e firmeza, próprio dos grandes estadistas e, com a tranquilidade do dever cumprido, entrou para a história como o “Pacificador da Pátria”.

## PERSONALIDADES

## Árvore Genealógica de Prudente José de Moraes Barros

**HALDUMONT NOBRE FERRAZ**

(1927-2008)

Piracicabano, professor, genealogista, foi membro da Academia Piracicabana de Letras, Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, Academia Paulista de História, vereador de Piracicaba e presidente do IHGP.

A Genealogia investiga o passado, identifica o presente e resguarda o futuro. É um ramo não só formoso para os que com ele se empolga, Como de elevado valor no campo histórico. Entretanto, como toda a matéria tratada com aridez, ela se torna massante para aqueles que não a estimam com calor.

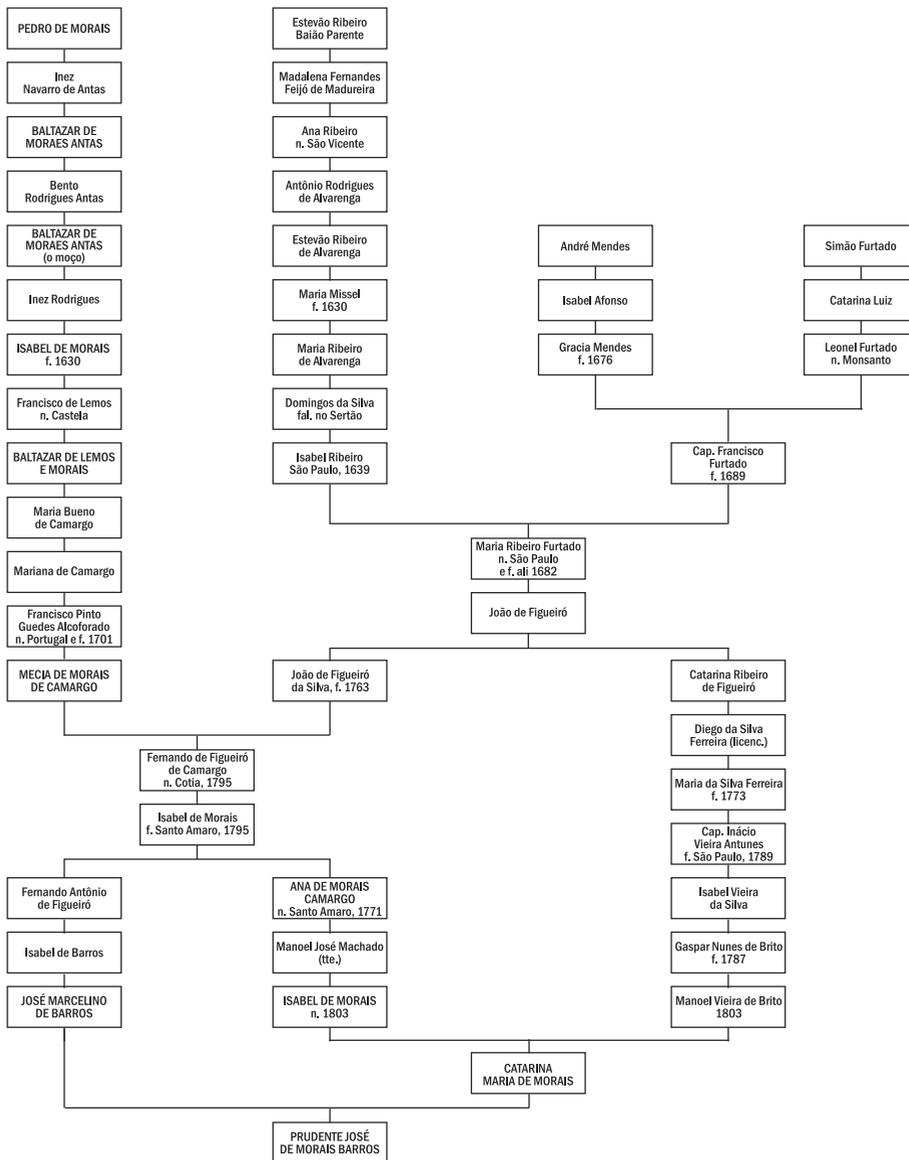
É necessário ter pela Genealogia uma forte atração, que empolgue o estudioso e o desenrolar histórico, sedimentado a experiência humana paulatinamente acumulada através de séculos e fixando a amplitude cada vez maior dos conhecimentos adquiridos pelo homem, transmite-nos a herança tecnológica, científica, artística, moral e literária da humanidade.

É pela história que transmitiremos às gerações futuras as nossas realizações, como das sombras dos séculos que ficaram atrás, quando os nossos antepassados revestidos de ferro e de fé, travaram as maiores batalha de civilização, nos legaram grandes exemplos de atitudes que se perderam com o tempo e, hoje temos a nossa história, que é largamente difundida em nossas escolas por sábios mestres. E é na ciência Genealógica que vamos encontrar os subsídios para desenvolvê-la. Foi nela que se resguardou os inventários e testamentos, os registros de terra, os livros de anotações de batismo e de casamentos das igrejas. Foi a Genealogia que impediu a destruição total desses documentos e que os copiou, os imprimiu e os distribuiu às bibliotecas para fácil consulta, foi ela que com os documentos preservados até hoje, pode escrever a história de formação de nossa Pátria, a origem do nosso povo e através da miscigenação teremos, talvez, a formação de uma nova raça que é a nossa e daqui para frente é que vamos estudá-la, analisá-la, pois, o nosso passado já conhecemos, só falta conhecermos o nosso futuro.

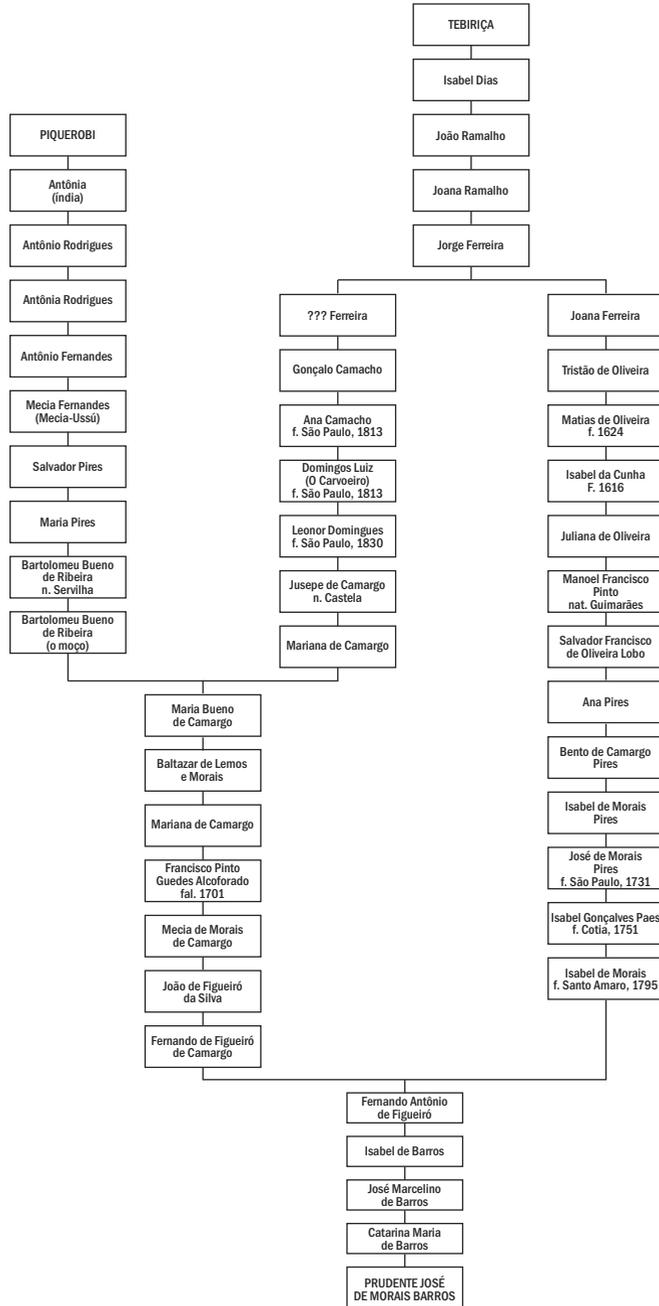
A Genealogia é a classificação e coordenação de grupos familiares que formam etnia!

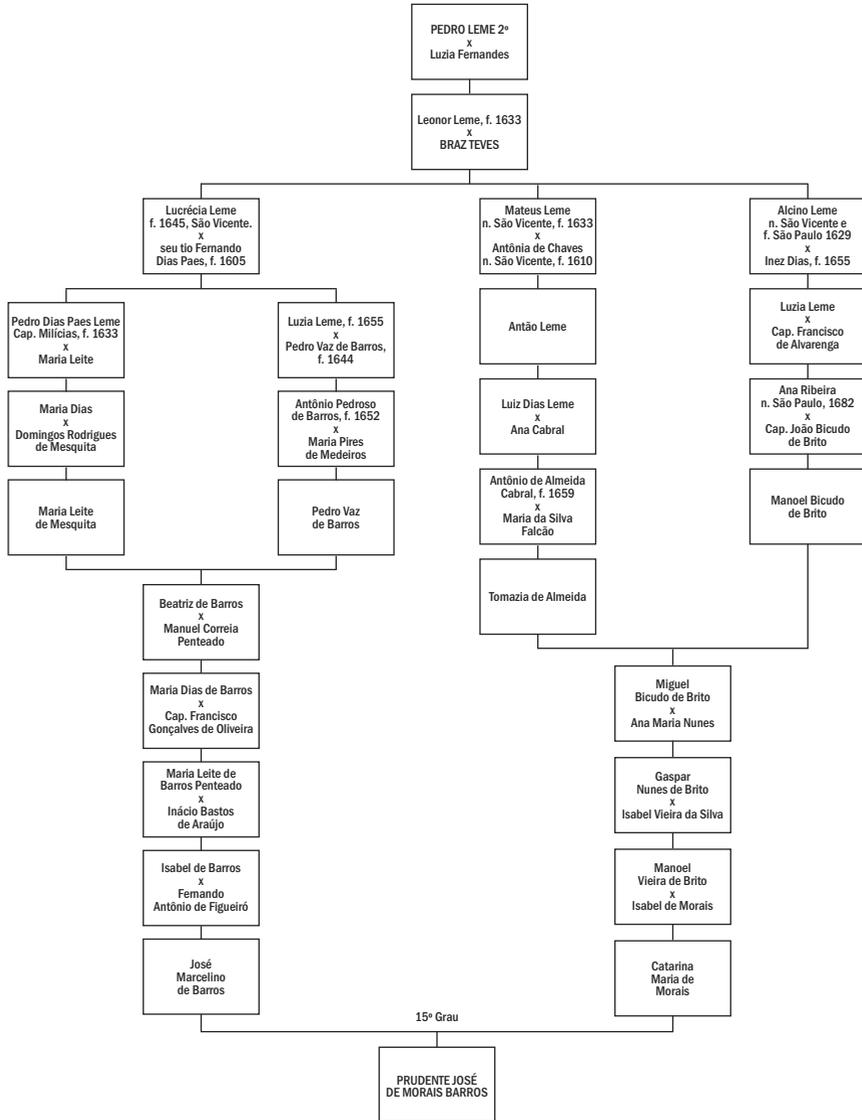
O nosso homenageado, proveio de troncos de boa gente cujos os ascendentes eram homens bons e de probidade.

Como mostra a árvore Genealógica impressa nas páginas seguintes.



Árvore Genealógica de Prudente José de Moraes Barros





Árvore Genealógica de Prudente José de Moraes Barros



Thales Castanho de Andrade

## PERSONALIDADES

## Recordando Thales

**MOACIR NAZARENO MONTEIRO**

Riopedrense, professor, formado em pedagogia e história, vereador de Piracicaba entre 1977 e 1982. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba.

### Resumo

O texto seguinte é resultado de uma pesquisa realizada pelo professor Moacir Nazareno Monteiro, um dos fundadores da Sociedade Amigos de Thales Castanho de Andrade. Em diversos jornais, e com pessoas contemporâneas do escritor, organizadas por ele. O professor Moacir Nazareno Monteiro, filho de agricultores, cresceu numa região próxima as matas do Município de Rio das Pedras, que seu pai já preservava, conforme livros que havia lido de Thales Castanho de Andrade.

**Palavras-chave:** Thales de Andrade; Piracicaba; Educação.

Thales Castanho de Andrade nasceu em Piracicaba dia 15 de Novembro de 1890 no bairro Alto, Largo da Estação à rua Direita próxima de onde se encontra a escola estadual Dr. Alfredo Cardoso. Seus pais foram José Miguel de Andrade, natural de São Pedro e Sra. Castorina Castanho de Andrade natural do Município de Capivari.

Desde pequeno se prendeu as experiências da vida na cidade e no campo. Com os rurícolas conheceu os segredos da agricultura e, com grandes mestres o talento enciclopédico.

Casou se em 1912 com Maria Garcia de Toledo sua colega e contemporânea.

Foi um grande mestre. Contou-nos o professor Armando Maziero que ele e seus colegas, no Instituto de Educação Sud Mennucci, às vezes, deixavam de assistir as aulas de um determinado professor, mas as do mestre Thales jamais eram enforcadas, eram sim, sagradas. Se estivessem fora da classe, retomavam correndo.

Ligados ao ramo de fabricação de bebidas Thales conseguiu fórmulas de alguns produtos, dentre eles, a famosa cotubaína.

Exerceu também outras funções. Cumpre-me destacar sua vitoriosa carreira como educador, chegando a Secretário de Educação no Estado de São Paulo.

Foi pioneiro na Literatura Infantil sendo também, um dos primeiros a escrever sobre ecologia, no Brasil. E, certamente por isso, nos últimos tempo, alguns estudiosos estão formulando teses sobre o nosso escritor. Para tal buscam no Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, todas as informações possíveis, ali preservadas.

Thales defendeu nossa flora e fauna, com muita sabedoria, quando, quase ninguém se preocupava com a preservação ambiental. Na sua obra *A Filha da Floresta*, abaixo do título encontra-se a seguinte frase contra a devastação das matas. Em 1918, ser contra a derrubadas de matas, era, no mínimo, enxergar bem longe...

A bem sucedida carreira de Thales não foi sempre um mar de rosas. E ninguém, melhor, que o próprio Thales para passar alguns detalhes de sua caminhada.

## “Recordando e agradecendo”

“Conversa puxa conversa. Escrever puxa escrever: Escrevi o livro “Saudade” e o tempo corria sem eu conseguisse vê-lo editado. Era 1918. Então resolvi escrever um conto que desse em livrinho e eu pudesse editá-lo. Alimentei a esperança de que ele talvez favorecesse edição de “Saudade” e fosse o primeiro de uma série sob o título “Encanto e verdade.”

Escrito, com o nome de “A Filha da Floresta”, li-o, em sessão especial, a jornalista, escritores e educadores, a 23 de março de 1919, recebendo aplausos dos ouvintes em notícias dos diários “A Tarde”, “Gazeta de Piracicaba”, “Jornal de Piracicaba” e da revista “A cigarra”.

Resolvi então editá-lo e, mês e pouco depois, ilustrado pelo saudoso Alípio Dutra veio a lume, em edição de cinco mil exemplares.

Piracicaba - escritores, educadores, artistas, autoridades, crianças acolheu o pequenino conto, consagradoramente. Foi tema para inspirada valsa do mestre Benedito Dutra.

Em consonância com o meu torrão natal, igual acolhimento alcançou na capital paulista e outras cidades.

Em São Paulo, visitei o genial e imortal Monteiro Lobato. Queria conhecê-lo, pessoalmente, e agradecer-lhe, de viva voz, a autorização que me dera de inserir em “Saudades”, o conto de sua autoria “Pedro Pichorra”, publicado sob o pseudônimo de Hélio Bruma, em “O Estado de São Paulo”, edição vespertina.

Queria oferecer-lhe um exemplar de “A Filha da Floresta” e informá-lo do “encasulamento” de “Saudade”.

Fui recebido de braços abertos. Opinou ser o trabalhinho “literatura genuinamente brasileira”.

-Mas, perguntou-me, como conseguirá vender exemplares?

-Ih, Dr. Lobato! Essa é coisa que nem sei...

-Pois saiba que lhe compro e pago, já, todos os exemplares disponíveis.

A “Revista do Brasil” os distribuirá.

Assim foi dito. Assim foi feito.”

15/11/1890 – 02/09/1977

## Sua História

No dia 15 de setembro de 1890, nascia no antigo Bairro Alto, no Largo da Estação, à Rua Direita, distrito de Piracicaba, no Estado de São Paulo, Thales Castanho de Andrade, filho de José Miguel de Andrade, natural de São Pedro e Castorina Castanho de Andrade, natural de Capivari. Os avós paternos eram Antonio Pinto de Andrade, natural de Itaquiri, distrito de Rio Claro e Luiz Maria Andrade, natural de São Pedro, sitiantes das matas da serra e chacareiros em São Pedro. Seu avô, usando bambus com pontas de carvão, ensinou a esposa a ler, a escrever e a contar. Os avós maternos de Thales foram Augusto Cesar de Arruda Castanho e Theodora Martins Bonilha, ambos naturais de Capivari. Seu avô foi professor, orador festejado e beletrista. Bateu-se como abolicionista e fervoroso propagandista da República. Foi membro e presidente do Conselho de Instrução Pública do Estado de São Paulo.

Thales foi balizado pelo padre Francisco Galvão Pais de Barros, na Igreja Matriz de Santo Antonio e teve como padrinhos os avós maternos.

Desde menino se fez prender às experiências da vida na cidade e no campo. E como soube aproveitar! Com os rurícolas conheceu os segredos da agricultura e, com os grandes mestres, o talento enciclopédico! Sorria ao lembrar do pretérito e infundia otimismo à luta futura. Contava com graça, satisfação e certa candidez, as inocentes traquinadas nos ribeirões Guamium e Piracicamirim, ainda não poluídos, nadando como a natureza quis. Mocinho, após seus trabalhos na indústria paterna, quando o tempo permitia, recebia do grande mestre Bartolo, da “Gazeta de Piracicaba”, lições sobre a “arte tipográfica”.

Ligado ao ramo de fabricação de bebidas, inventou a Soda-Carbônica, o Elixir de Genciana, a Abacatina, o Licor de Papaína e a notável Cotubaina, ainda hoje procurada. A propósito dessa fase da vida, certa feita, o professor Thales que, ao tentar tirar Carta de Cocheiro, a fim de levar os produtos Andrade à zona rural e cidades vizinhas, um imprevisto lhe aconteceu. Por solicitação do inspetor municipal, já havia feito

várias manobras com o veículo puxado por duas parelhas de animais, quando notou a presença de muita gente, no Largo de São Benedito, assistindo ao seu exame, especialmente mocinhas. Como era um moço encabulado, baixou a cabeça e saiu à rédea solta com os cavalos pela Rua do Rosário. Não fora dessa vez que a Carta lhe viera às mãos.

Em 1912, na Igreja Matriz de Santo Antônio, com celebração do Padre Francisco Manoel Rosa, Thales casou-se com Maria Garcia de Toledo, que era sua colega e conterrânea.

Desse casamento nasceram dois filhos: Elyseu e Ennio. Anos depois, Thales adota uma menina, ainda bebê, de nome Sônia Cássia Camargo, que iria criar como se fosse sua própria filha e passa a adorá-la mais que tudo em sua vida.

Thales principiou sua vida de mestre-escola em Banharão, na zona rural de Jaú. Da escola rural passou a Porto Ferreira. Posteriormente, tomou à terra natal para lecionar no Curso Primário da Escola Normal Oficial, ou melhor identificando, no Grupo Escolar Modelo. Algum tempo depois, após professorar História da América, História Geral, Direito Usual, Pedagogia e Prática do Ensino, acabou sendo o Diretor da Escola Normal.

Nomeado pelo Dr. Washington Luiz Pereira de Souza, então Governador do Estado, para fazer o recenseamento da região de Piracicaba, adestrou de tal maneira os seus colaboradores que, em menos de quatro horas completou o levantamento da cidade, que já era populosa e, em vinte dias entregava na Capital, o recenseamento total do município. Por essa razão presteza e perfeição de trabalhos, fora convidado a ocupar alto cargo na administração do Estado. O seu amor à terra em que nasceu e a sua humildade, impediram-no de aceitar. Como reconhecimento, o Governo o nomeou catedrático de História do Brasil e História da Civilização, na Escola Normal Oficial de Piracicaba.

Não era do seu desejo, mas, não fugiu dos chamamentos políticos. Foi eleito vereador e seu primeiro projeto causou riso entre seus pares. Ante tal manifestação, retirou a propositura. Thales propunha a criação de um parque infantil. Seria o primeiro do Brasil.

O ano de 1924 fora incomum, politicamente. O Dr. Washington Luiz, ainda responsável pela direção do Estado, participa de importante reunião em Itu(SP). De Piracicaba seguem-lhe as pegadas outros políticos. Thales estava entre eles. Lançam candidatura da Dr. Carlos de Campos ao governo Paulista. Fogo no estopim. O sossego do professor desaparece. Já não mais recordava dos bons tempos da antiga Piracicaba, do famoso Parque do Velho Sachs - o ponto de encontro dos jovens da época, na rua Luiz de Queiroz; das retretas das bandinhas sob as esguias palmeiras do aprazível recanto da Caixa d'Água: do popular Canal Vermelho; das cervejinhas do Sr. Wagner, tão saborosas e autênticas, a dois mil e trezentos réis a dúzia de "treze" garrafas; nem mesmo da sua deliciosa Gengibirra, ou da Gasosa, de cujo interior se retirava uma bolinha de vidro disputada pelos meninos no jogo de gude! Suas atividades não lhe permitiam recordar.

Nada da saudade. Na política se fizera vereador e teria de seguir pela nova vereda. Aprestava-se à indicação de novos e interessantes projetos como vereador, quando, numa fumarenta e frígida manhã de 5 de julho de 1924, estourou a revolução comandada pelo General Isidoro Dias Lopes. O Prefeito local, Dr. Fernando Febeliano da Costa, um dos mais clarividentes chefes de executivo de Piracicaba, é deposto. Com ele saem seus auxiliares, Dr. Sebastião Nogueira de Lima e Contador Deodato Castanho de Andrade, este, irmão de Thales. Na cidade, os revoltosos tentam conquistar, para suas hostes, os irmãos Andrade. O professor pede prazo para decidir e o temível Tenente Barbedo, embora contrariado, concede. Seria uma adesão de bom proveito à revolução. O truculento militar não contava com a astúcia do mestre Thales. À noitinha os irmãos Andrade, caminhando pelo leito da Estrada de Ferro Sorocabana, adentram a mata do morro do Pupim, ganhando, a seguir, a estrada de Piracicaba a Tietê e Laranjal. Com os pés magoados e tomados pelo cansaço, pernoitam num pasto do bairro Mato Alto. De manhãzinha, são acolhidos na Fazenda D. Pedro II, onde se escondem. Desse local, pelo telefone, usando a senha "Compra de Feijão", contataram com as forças legalistas de Tatuí, Itapetininga, Sorocaba e Palmital.

Passam-se os dias e, com a saída dos elementos revoltosos de Piracicaba, Thales e o irmão Deodato voltam à cidade. Eis, porém, que explode como uma bomba terrível notícia de que o Tenente Barbedo iria adentrar a Vila Rezende, com grande número de soldados, apoderando-se do município. Os piracicabanos armam barricadas na ponte nova. E nessa trincheira improvisada o mestre passou a noite.

No dia seguinte, o destemido. O militar fora morto em combate com as forças legalistas. E Carlos de Campos passa a governar São Paulo. Washington Luiz segue à

Presidência da República. Um mês antes de encerrar seu mandato, acontece a Revolução de 1930. Rasga-se a Carta Magna. A 3 de novembro uma junta Governista assume o poder. Depois, Getúlio Vargas, derrotado nas eleições, é investido nas funções de chefe.

Discricionariamente, exerce as atividades de executiva e legislativo. Com o tempo, a impaciência toma conta do povo brasileiro que pede uma Constituição. O próprio interventor de São Paulo, Dr. Pedro de Toledo, não aguenta e conclama o povo às armas.

É a Revolução Constitucionalista de 1932. Piracicaba participa de corpo e alma. Totalmente. Thales se destaca como membro da MMDC local e segue com o batalhão dos Professores para a luta. No dia 2 de outubro, esgotado o último cartucho, os bravos legionários depõem as armas. E a ditadura continua. Com a entrada do Brasil na 2ª Grande Guerra, ela amaina um pouco. Thales volta ao seu posto e continua com as suas pregações cívicas e ecológicas. Agasalha-se em outra fronteira e entra para a nova luta.

Forma com alunos e ex-alunos outros batalhões. É a Guerra Alfabeticizadora. As armas: uma avançada Cartilha de sua criação. Não quer ver, em Piracicaba, nenhum analfabeto. Thales antecedia em muitos anos o Mobral. Foi um movimento positivo, próprio de um verdadeiro humanista.

A “Maior Criança Grande do Brasil” como carinhosamente era chamado, fora um bairrista sentimental. Vimo-lo às lágrimas quando em São Paulo, ouvia-a gravação feita por Cobrinha e Mariano, da can-

ção do Professor Newton de Mello, que lhe oferecemos: Piracicaba. O inesquecível mestre, o grande jornalista e comunicador, o divulgador por excelência da nossa cultura e dos nossos costumes, ocupou, com acerto, competência e honestidade, cargos de relevância na vida pública, merecendo especial destaque os de Secretário de Estado dos Negócios da Educação de São Paulo.

A Organização das Nações Unidas vem pedindo atenção maior ao pequeno carente e à alfabetização. Essa solicitação vem valorizar ainda mais o trabalho realizado por esse insigne piracicabano, na pregação, levando às crianças o especial apego à natureza. Com Thales Castanho de Andrade, Piracicaba antecedeu em mais de sete décadas a preservação do solo, da água, do ar, das árvores e dos animais úteis ao homem, com lições sadias e convincentes, de muito “Encanto e Verdade”. Motivos temos enaltecer o trabalho, a dedicação e o exemplo do nobilíssimo mestre, como registro da nossa admiração e agradecimento àquele que primeiro se manifestou de maneira real e integerrima na defesa de nosso meio ambiente.

Thales foi o precursor da literatura infantil no Brasil. Em 1917, quando estava no Bairro de Banharão, escreveu o livro “Saudade” que em linguagem simples, clara, acessível à mente infantil, narra a história de uma família do campo, que se mudando para a cidade, sofre as naturais dificuldades de adaptação ao meio, retomando ao campo, recebe apoio e estímulo de todos os vizinhos e consegue se firmar novamente.

O livro foi concluído, entretanto, Thales não encontrou campo para editá-lo.

Em 1918, Thales resolveu escrever um conto que desse um livrinho e pudesse ser editado. Thales alimentava a esperança de que esse novo livrinho favorecesse a edição de “Saudade”.

Escrito com nome “A Filha da Floresta”, Thales o leu em sessão especial a jornalistas, escritores e educadores em 23 de março de 1919, recebendo a aplauso dos ouvintes e dos jornais “A Tarde”, “A Gazeta de Piracicaba” e da revista “A Cigarra”, que noticiaram o fato.

O próprio Thales resolveu editar o livrinho e mês e pouco depois do acontecimento, ilustrado pelo saudoso Alípio Dutra, veio a lume, em edição de cinco mil exemplares.

O livro bem recebido. Todos, principalmente em Piracicaba, aplaudiram aquele pequena volume. Até o maestro Benedito Dutra Teixeira se sentiu inspirado pela obra e compôs uma valsa.

Foi a pioneiro a alertar nossas autoridades sobre o perigo da devastação das matas, solicitando o incontinente reflorestamento. No dia em que o livro veio a lume, formou-se enorme fila no jardim central da praça da matriz de Santo Antônio, com pessoas interessadas na sua aquisição, deixando o mestre perplexo. Até nas igrejas o livro foi comentado. Se os dendrófobos de hoje, isto é, os inimigos das árvores houvessem lido esse livro, possivelmente o nosso território não estaria sofrendo tanto com a destruição das matas.

“Saudade”, em 1919, foi um sucesso nos 3º e 4º anos, das escolas de primeiro ciclo, do País. “Saudade” ensina à infância brasileira as mais generosas, belas e cívicas lições de amor à vida rural, de respeito pelos homens do campo e de orgulho pela nacionalidade, disse, no Senado Federal, o Dr. Auro de Moura. Quem leu esse livro, deve ter vivido nele algum dos seus personagens.

Animado com o êxito dos livros, Thales resolveu escrever outros. Para seu contentamento, após celebrar contrato a 6 de novembro de 1919, com a Companhia Melhoramentos, em bela edição, com magníficos desenhos do notável Francisco Richter, foi publicada “A Filha da Floresta”, que deu origem a série “Encanto e Verdade” totalizando vinte e quatro volumes, a qual obteve enorme sucesso e inúmeras edições. Todas as crianças da época tinham alguns ou todos esses livrinhos.

Na sua Coleção Infantil “Encanto e Verdade”, Thales se identifica como notável comunicador, transmitindo com graça e carinho, além de muita brasilidade, o amor à Natureza. É um trabalho maravilhoso, insuperável. Verde-amarelo em tudo. Até Monteiro Lobato, autor de indiscutíveis méritos e que nutria por Thales enorme simpatia, reconhecia-lhe publicamente o valor. Na série “Encanto e Verdade”, o professor piraci-

cabano prepara a criança para o amanhã, levando-a a praticar o bem, a amar o próximo e à Pátria. Em “El Rei Dom Sapo”, defende os animais úteis à lavoura. Diz, especialmente, dos anuros que tantos benefícios oferecem às plantas, exterminando os insetos nocivos. Os “Cinturões Verdes”, há dezenas de anos reclamados por esse clarividente ecólogo, aos governadores, prefeitos e vereadores, insistiu na criação de hortas domésticas, com ponderáveis razões. O seu livro “Bela a Verdureira”, envolve muito bem o assunto. O incentivo à policultura aparece em “Árvores Milagrosas” e à agricultura em geral, encontramos em “O Pequeno Mágico”, recomendado às pessoas compreendidas na faixa dos 8 anos aos 88 anos. A proteção ao menor, as riquezas do Brasil, o nosso sertão, os índios e as atividades do Marechal Rondon, enfeixam-se nas páginas do “Totó Mau. No seu “Fim do Mundo”, diz do flagelo, da destruição da fauna e da flora, pelo homem. E mais livros sobre a preservação da natureza como “Caminho do Céu”, “O Capitão Feliz”, “Fonte Milagrosa”, “Bruxa Branca”, “O Sono do Monstro”, a “Rainha dos Reis”, o “Castelo Maldito”, “O Gigante das Ondas”, a “Cadeira Encantada”, a “Estrela Mágica”, que precisam ser recolocados à disposição das crianças, e deviam estar em todas as bibliotecas das nossas escolas primárias.

Em 1922, o Brasil comemorava o 1º Centenário da Independência. O professor Thales, querendo assinalar essa memorável data onde lecionava, a Escola Normal de Piracicaba, teve a lembrança de propor à classe a composição de alguns contos desenvolvendo ideias colhidas em lições de história pátria. Assim foi feito e os alunos escreveram. Dos trabalhos apresentados, alguns foram escolhidos.

Os trabalhos foram reunidos para a edição de um livro “Histórias e História – contos”. Em 1929 foi editado, com um bonito desenho na capa de autoria do desenhista Francisco Richter. Era uma edição comemorando o 1º Centenário da Independência do Brasil – 7 de setembro de 1922 – e em homenagem à II Conferência Nacional da Educação – 7 de setembro de 1929. A apresentação fora feita por Thales Castanho de Andrade e prefácio de M. Ritter. Cada conto era precedido do retrato do aluno que o escrevera.

Tinha também alguns desenhos. Os contos do livro são: “A Sedução do Tietê”, por Mercedes Dias Aguiar; “Chicotadas”, por Jaçanã Altair Pereira; “Pindorama”, por Antonio Oswaldo Ferraz e Bento Lordello; “Evocação”, por Virgínia Del Nero; “Deslumbramento”, por M. Ritter e “Ibirapitinga”, por Orlando Pereira Sodero.

É um livro muito bem feito, bem impresso e em ótimo papel. Constitui hoje em dia uma raridade e seu valor é incalculável. Quem o possui, e que são poucos, não se desfazem dele por nada deste mundo.

Em 1928, sai o livro “Espelho”, um bom livro e que dava origem à série Thales de Andrade, que muito mais tarde teve os seguintes volumes: “Espelho”, “Ler Brincando”, “Trabalhadores”, “Em Casa”, “Na Oficina”, “Trabalho”, “Alegria”, “Em Toda Parte”, “Numa Profissão” e “Trabalhando”.

Thales Castanho de Andrade colaborou, também, em jornais e revistas, tais como: “Folha Ferreirense”, “Jornal de Piracicaba”, “Gazeta de Piracicaba”, “Vida Moderna”, “A Cigarra”, “Revista da Educação” e outros. Em 1933 sai o 1º volume de “Vida na Roça”.

Certa vez, Dona Bertha Moraes Weiszflog e seu marido, um dos proprietários da “Cia. Melhoramentos”, de São Paulo, juntamente com o professor Thales, iam de automóvel de São Paulo a Piracicaba. O casal seguia para a Fazenda “Araquá”, em São Pedro e o Professor ficaria em Piracicaba, onde residia. O casal perguntou se ele não tinha mais algum livro em mente para escrever. Ele disse que sim. Chamava-se “Flor de Ipê”.

Vinte e cinco anos mais tarde a editora resolveu fazer nova edição da série “Encanto e Verdade”. Agora os livros teriam novo formato, maior e cada volume teria novos desenhos de um grande desenhista, entre Oswaldo Storni, Dino Ipólito, Pedro Riu outros. A coleção saiu. Foram editados os 24 volumes da série e mais o de nº 25, aquela história intitulada “Flor de Ipê”. Isto foi em agosto de 1956. O livro tem impressa na 1ª página, a seguinte dedicatória: “Conto dedicado e oferecido à excelsa patrícia D. Bertha Moraes Weiszflog em quem se encarnam, realmente, a inteligência e a bondade da mulher”

O autor cedeu os direitos, em favor do Lar dos Velhinhos, de Piracicaba.

Assim, depois de tantos anos e muitas edições, a série “Encanto e Verdade” passou a ter 25 em vez de 24 volumes.

Thales foi quem fundou o Clube Infantil de Horticultura que ensejou à Sociedade de Alberto Torres, a Instituição Nacional dos Clubes Agrícolas Escolares. Ele promoveu a “Festa do Milho”, precursora das festas da uva e do pêssego, que andam por aí. Promoveu a “Guerra Alfabetizadora”, um dos movimentos pioneiros da Educação de Adultos do Ministério da Educação e Cultura.

Promoveu lançamento da “História e História”, volume que muito contribuiu para a difusão da História Pátria. Dirigiu o recenseamento escolar no município de Piracicaba, realizando o urbano em 2 horas e 45 minutos. Foi ainda, o criador do 5º ano primário.

Na revista “Chácaras e Quintais” de 15 de novembro de 1933, há 3 cartas. Uma do professor Elyseo Castanho de Andrade, a segunda de Thales de Andrade e última do Conde Amadeu de Barbellini. Elas falam sobre os Clubes Agrícolas. O professor estava ajudando seu pai Thales de Andrade a editar um jornalzinho de nome “O Colibri”, órgão dedicado aos Clubes Agrícolas Escolares pois, o mesmo difundia suas ideias.

Na revista “Agricultura e Pecuária”, de abril de 1947, tem um artigo que mostra a ideia vitoriosa do professor Thales.

A revista “Diretrizes” dedica um número inteiro ao professor Thales, em 30 de outubro de 1941. Em 1946 sai o 2º volume de “Vida na Roça”.

Em 1956, sai o livro “Itaí, o menino das selvas”, romance juvenil. Depois a Cia. Editora Nacional publica uma série são: “Itaí, na taba de Coqueiral”, “Itaí, no monte encantado”, “Itaí, na Cidade Maravilhosa”, “Itaí, entre os cariocas”, “Itaí, no Palácio do Catete”, “Itaí, em Brasília”, “Itaí, entre irmãos”.

Por insistência dos seus leitores, resolveu escrever outro livro, que seria a continuação de “Saudade”. O livro foi escrito e recebeu o nome de “Campo e Cidade” e a edição saiu em 1964.

Escreve também: “Cartilha Santa Luzia”, que tem a coautoria de sua esposa Maria G. de Andrade. As ilustrações são de J. G. Villin, F.S. Morais, Carlos e Osmar Gasseti e Orlando Mattos Rasmussem; “Ensinando a Constituição”, que mostra uma porção de motivos cívicos, que todos nós devemos saber: “Cafezal assim, sim” e “O irmão café”. O primeiro pela cultura racional dos cafezais, com onze mil exemplares editados e o segundo, pela policultura e poliprodução, esgotou mais de 30 mil exemplares em pouco tempo. Esses dois livros eram diferentes dos demais, pois, não eram simplesmente livros escritos, com algumas ilustrações, mas dois magníficos volumes de “Histórias em Quadrinhos”. O grande professor e escritor entrara, também, nesse campo da literatura e o fez magnificamente, como tudo fez em sua vida.

Thales recordava sempre do pedido feito por Walt Disney, para que ele escrevesse um conto, assim pensando resolveu escrever algo. Depois de algum tempo o conto foi escrito. O próprio autor leu, em solenidade pública na Biblioteca Municipal de São Paulo e ficou de enviar o original à família de Disney, para que fizessem o que bem entendessem. Esse conto chamava-se “Walt Disney, o predileto da menina dos olhos”.

Conta a história do encantamento da menina dos olhos, lembrando o que passou na Humanidade, o fogo, a luz, o acendedor, o espelho, o retrato, a imprensa, o cinema e desenho animando, no qual Walt Disney foi o maior.

Por iniciativa de seus filhos, foi impresso o livro “Escrevendo”, que é uma homenagem ao professor Thales, coligada por seus próprios filhos, com dados do arquivo pessoal do grande escritor.

Sua afilhada Therezinha desenhou e um carpinteiro executou uns bonitos móveis, onde nas portas e gavetas tem em alto relevo penas, tinteiros, mata-borrão e até uma página do livro “Saudade”. Foi uma bela homenagem e o móvel é de valor incalculável. Os móveis ficaram para a jovem Cássia, como uma preciosa herança e uma lembrança do professor Thales, que a queria tanto.

Em setembro de 1962, o professor Thales recebe a Cruz do Mérito Educação Cívica, conferida pelo Ministério da Educação e Cultura.

Foi uma justa homenagem ao mestre que dedicou toda sua vida ao ensino e à recreação de milhares de brasileiros, através de várias gerações. Ele já havia recebido inúmeras condecorações e elogios das mais altas personalidades brasileiras e algumas do exterior.

Durante sua vida de dedicação ao ensino e aos livros, Thales de Andrade recebeu entre outras honrarias, medalhas, cartões de prata, diplomas de honra e menções, onde destacamos: “Brigadeiro Couto de Magalhães”, “Rui Barbosa”, “Clemente Ferreira”, “Euclides da Cunha”, “Almeida Rondon”, “Dr. Vital Brasil”, “Grande Oficina Mário Dedini”, além de ter sua obra prima “Saudade” traduzida para o Latim, pelo professor e historiador Guilherme Vitti.

Na casa onde ele escreveu seu livro “Saudade”, em Porto Ferreira, foi colocada uma placa de bronze, com os seguintes dizeres: “Nesta casa, em 1918, foi escrito “Saudade”, pelo professor Thales Castanho de Andrade. Homenagem dos leitores desse livro.

Em 19 de fevereiro de 1951 ele recebeu um diploma de “Honra ao Mérito”, da “Standart Oil Company of Brasil” - organização Esso do Brasil, entregue na TV Tupi de São Paulo.

Em 15 de setembro de 1949 recebeu um diploma em homenagem ao trigésimo aniversário de “Saudade”, lembrança dos colegas e amigos.

Recebe ainda diploma da revista “Chácaras e Quintais”, na “Semana dos Insetos”, juntamente com medalha de ouro, em 1931.

Por causa de sua simplicidade e de seus livros infantis, de sua bondade e modo simples em que vivia, sem se importar em aparecer, o professor, escritor e poeta de renome João Chiarini, disse: “Thales de Andrade é a maior criança grande do Brasil”.

Essas condecorações e outra mais, que ele recebeu em vida, atestam o grande valor dessa figura humana, desse emérito professor, desse genial escritor.

Em Piracicaba numa praça pública, foi erigido um busto do professor Thales, que é um orgulho da cidade e um dos principais monumentos do local.

Em homenagem ao professor Thales e sua obra fora compostas as

seguintes músicas: “Saudade” - valsa de Adhemar F. Castelar de Barros; “A Filha da Floresta” - valsa lenta de Benedicto Dutra Teixeira; “Cantiga Serrana” - cena sertaneja em ritmo de tango - canção de Benedicto Costa e Erotides de Campos (Autor da célebre valsa “Ave Maria”); “Rumo ao Campo” - Marcha de Elias de Mello Ayres e Fabiano R. Lousano; “Coração” - canção de Guilherme de Almeida e Arico Júnior.

Na rede de biblioteca Infanto-Juvenil, da Prefeitura de São Paulo, existe uma biblioteca denominada - Thales C. de Andrade, situada na Estrada do Sabão s/nº, Cruz das Almas, edificada em sua homenagem.

Em 2 de outubro de 1977, domingo, falece Thales de Andrade, em São Paulo, onde vivia no bairro de Moema com 87 anos bem vividos e cheios de glórias, às 12:15 horas. Seu corpo foi transportado para Piracicaba, deixando a capital às 24:00 e chegando àquela cidade por volta das 03:00 horas, sendo velado na Câmara Municipal às 9:30 horas, depois de receber a bênção, que foi ministrada pelo Padre Otto Dana, o corpo deixou a Câmara Municipal, seguindo para o cemitério da Saudade, onde foi sepultado em jazigo, que há dez anos a Prefeitura Municipal de Piracicaba lhe doara. Pouco antes de sair o féretro, o presidente do Legislativo, Brás Rosilho, fez uso da palavra, fazendo referências ao grande escritor piracicabano. No cemitério, Thales recebeu novas homenagens falando na oportunidade o afilhado do escritor, Laurindo Cardoso Pero. Em nome de seus amigos falou o Dr. Nélio Ferraz de Arruda e em nome do Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes, a Professora Helena Rovai Beneton.

Ao falecer, Thales deixou inédito o livro “Diário de Cássia”, que conta o dia a dia de sua querida filha adotiva e ainda inacabado “Saudades sempre vivas”, que é de memórias contando coisas de sua própria vida e de seus amigos.

“Thales Castanho de Andrade é imortal e nunca deve deixar de ser lembrado por sua geração, pela geração de hoje e por todas as gerações futuras”. (Newton Nebel dos Santos)

“O mestre, o gênio, o profeta, o evangelista do ruralismo, o maior ecólogo brasileiro, o amigo de alma pura e simples, viveu e morreu ser-

vindo o próximo, considerando a Natureza um presente do Criador ao Homem. E, assim como ele foi da terra, franciscanamente subiu às alturas, deixando conosco um grande vazio a que também chamaremos: Saudade! (Dr. Nélio Ferraz de Arruda).

### **Referências bibliográficas:**

SANTOS, NEWTON NEBEL. **Thales Castanho de Andrade.**

ARRUDA, NÉLIO FERRAZ. **Thales – Profeta ou Gênio.**

## PERSONALIDADES

## Piracicabanos Ilustres

**VALDIZA MARIA CAPRANICO**

Bióloga, escritora, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP) e Academia Piracicabana de Letras (APL).

Uma das mais honrosas atribuições do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba é, sem dúvida, a preservação do patrimônio histórico de nossa cidade. E, nesse aspecto, ela é uma cidade muito rica. Conhecida internacionalmente, há muitas décadas, pelo brilhante desempenho na área da Educação, é exemplo, ainda hoje, para o nosso país. Aqui nasceram, cresceram educadores famosos, escritores, cientistas, médicos, artistas, músicos, religiosos, heróis e pessoas de bem, que infelizmente, foram esquecidos nos dias de hoje. E como obrigação moral o IHGP tem o dever de resgatar essas memórias.

Há muitos para serem lembrados. Mas, a única forma que se vê, hoje, é dar seu nome a uma rua, avenida, praça, escola ou espaço cultural – Claro que isso é muito bom. Mas, também é muito pouco pela dedicação, trabalho e exemplo que nos deixaram.

Cometeríamos um grande erro se fossemos citar nomes, mas, para se ter alguns exemplos, apenas, perguntaríamos aos leitores; – vocês sabem quem foi Thales Castanho de Andrade, Arquimedes Dutra? também não podemos deixar de lembrar cidadãos de outras terras, que para aqui vieram e a transformaram em, seu berço de coração. Dessa forma, nossa cidade é muito mais do que um berço de piracicabanos ilustres, mas também um doce abrigo a cidadãos de outras plagas, longínquas ou não. E aqui, citaremos, alguns, como exemplo: Prudente de Moraes – 1º Presidente Civil da Republica; Luiz de Queiroz, cujo amor a esta cidade, transformou-a num dos maiores centro educacionais e científicos do país e do mundo; Mario Dedini, cujo trabalho elevou o nome de nossa terra também a muitos recantos do mundo.

Aqui, fazemos uma observação importantíssima: nossa terra cresceu se desenvolveu, tornou-se conhecida mundialmente também com a vinda de imigrantes europeus, asiáticos, libaneses, judeus, árabes, africanos. Foram eles que, ao se fixarem aqui, formaram suas famílias e – seus descendentes, como prova de amor, gratidão, marcaram, para sempre, seus nomes em nossa história.

Muitos, com trabalho de amor, paciência, sem intenção alguma de obter sucesso ou fortuna.

E, por isso mesmo, não podem ser esquecidos. Quantos deles deixaram para nós, exemplos de dedicação, trabalho sério, pesquisas, e que, poucas pessoas conhecem. Se todos eles fossem citados, apenas ficaríamos admirados com a quantidade de trabalhos magníficos que nos deixaram e, ainda nos deixam hoje, nas áreas de pesquisa científica, dentro da ESALQ, da FOP do CENA; nas áreas de engenharia e educação, na FUMEP e UNIMEP; e aqui, novamente, voltamos ao ensino básico e fundamental de nossa terra: quantos professores, anônimos deixaram e ainda hoje dão exemplos de amor e dedicação as nossas crianças e adolescentes. Não podemos deixar de citar também pessoas de nossa comunidade, também anônimas, que, simplesmente fizeram e fazem trabalhos nas áreas sociais, de benemerência e caridade.

Enfim, acreditamos, que se todos eles forem lembrados, a exem-

plo de Samuel Pfromm Neto, outro ilustre piracicabano que recentemente nos deixou e nos presenteou com uma bela obra “Dicionário de Piracicabanos” – com certeza, não teríamos mais um volume como o saudoso e querido amigo queria escrever, mas, sem dúvida, uma coleção enorme dos mesmos.

Essa é a nossa querida terra.

Se no passado ela era um berço de personalidades nessas áreas todas, hoje abre também seus braços à área industrial.

Os espaços outrora ocupados pelas lavouras de cana, principalmente, hoje são divididos com grandes indústrias, condomínios de alto padrão.

E, com isso, Piracicaba continua crescendo em desenvolvimento cultural, científico e industrial.

O importante é não nos esquecermos desses cidadãos que, na humildade de seus trabalhos diários, contribuíram e contribuem para que nossa cidade continue crescendo e produzindo bons frutos.

E, como sempre, é à Educação que cabe o maior esforço. É necessário, que, ao menos nos prédios escolares onde há o nome de um piracicabano ilustre, esse resgate seja feito: lembrar, o trabalho feito por aquele que ali tem seu nome.

Não nos esquecemos nunca que, uma cidade sem memória é uma cidade sem história.

Então, não é justo nem para nossa terra e, nem para as gerações futuras que isso ocorra.

Portanto, lembramo-nos de que muito em breve, nossa terra completará 250 anos e que é chegado o momento de presenteá-la com grandes feitos, e o maior deles, sem dúvida, é o resgate de suas memórias.

Apesar de todos os avanços tecnológicos, que nos permitem hoje, comunicação instantânea com qualquer local, de nosso planeta – é nos registros históricos que se marca, indelevelmente a importância de um cidadão, de uma cidade, de um país.

Todos nós sabemos ou pelo menos já ouvimos dizer que um país se faz com homens e livros.

Piracicaba tem, por exemplos históricos, a vocação para ser grande, e rica em valores morais, culturais, científicos.

Cabe-nos, portanto, não apenas preservar nossa história na memória e nos registros, mas também passá-la às gerações futuras, com muito respeito, orgulho e gratidão.

Entre tantos, em nossos arquivos, temos alguns deles:



Thales Castanho de Andrade  
(1890 – 1977)



Zayra Bottene



Arquimedes Dutras  
(1908 – 1983)



Dr. Alfredo José Cardoso  
(1876 – 1910)



Erotides de Campo  
(1896 – 1945)

Valdiza Maria Capranico

## 2

HISTÓRIA e MEMÓRIA

## A atuação dos alunos do Instituto de Educação SudMennucci por meio de um jornal escolar (1952-1954)

**ISIS SANFINS SCHWETER**

Professora de História e mestre em Educação pela PUC-SP (2015)

### Resumo

Este artigo foi extraído da minha dissertação de mestrado que tratou da organização de um grupo de alunos do Instituto de Educação SudMennucci em torno da elaboração e edição de um jornal escolar, entre os anos de 1952 e 1954. Para isso, foram analisados onze exemplares deste jornal denominado “O SudMennucci” e foram realizadas entrevistas com ex-alunos da instituição para entender como foi o processo de feitura dos exemplares. Este artigo tem por finalidade então, mostrar, por meio dos textos que foram publicados nos jornais, aspectos da vida escolar da época, bem como a visão da escola e da cidade que os alunos apresentavam, contribuindo para o entendimento da cultura escolar dessa instituição para a cidade de Piracicaba.

**Palavras-chave:** jornal escolar; prática discente; cultura escolar.

A inquietação para que a pesquisa com os jornais escolares fosse realizada surgiu pelo amplo significado que esta instituição teve e tem até os dias atuais para a cidade de Piracicaba. Escola fundada no final do século XIX, tem os aspectos e grandiosidade arquitetônica da época que, de acordo com o ideário republicano de educação, tinha a função na época de formar professores para o ensino primário. Por este fato, a antiga Escola Normal, depois Instituto de Educação SudMennucci, é lembrada pelos habitantes da cidade de Piracicaba como espaço de excelência de educação, de onde entravam e saíam os melhores alunos, a elite pensante da cidade. Este discurso se encontra presente nos jornais locais da cidade em edições comemorativas de aniversário da escola e no discurso dos alunos que escreviam no jornal escolar<sup>1</sup>.

Um exemplo desta valorização da escola na memória coletiva da cidade se encontra em determinada edição do Jornal de Piracicaba, datada de 27 de março de 1953, onde aparece uma publicação referente à instituição:

Brilham os alunos do Colégio Estadual SudMennucci: O Colégio Estadual, que funciona junto à Escola Normal “SudMennucci” é uma instituição que honra sobremaneira o ensino de nossa terra. O Curso Ginasial e o Curso Científico da “SudMennucci” todos os anos, diplomam turmas pequenas, é verdade, mas turmas brilhantes, constituídas de alunos realmente preparados para continuar seus estudos. São turmas que se destacam pela qualidade e não pela quantidade. (JORNAL DE PIRACICABA, 1953)

Foi justamente no período em que esta nota foi publicada no *Jornal de Piracicaba* que um grupo de alunos da instituição se organizou para produzir um jornal discente intitulado *O SudMennucci*, que publicou textos elaborados por eles e que associavam a vida escolar a temáticas va-

---

<sup>1</sup> A historiadora Marly Therezinha Germano Perecin também é umas das responsáveis pela construção desta memória coletiva de excelência da instituição. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP), foi aluna do Instituto na época em que os jornais foram produzidos na década de 1950. Publicou vários textos dedicados à história da cidade e, em particular, à história do Instituto de Educação SudMennucci. Contribuiu neste trabalho com uma entrevista contando os aspectos formativos da instituição na época.

riadas como o currículo escolar, o valor e o papel do professor à época, o cotidiano da escola, o lugar da mulher na sociedade, reivindicações por melhorias nas condições na escola e da cidade, entre outras. Por meio dos textos que foram publicados no jornal escolar entre 1952 e 1954, foi possível analisar aspectos da cultura escolar<sup>2</sup> da época nesta instituição.

Em relação ao currículo, no exemplar de número três, datado de maio de 1953, o aluno Sebastião de Almeida Mendonça escreve a coluna “Quero escrever”, na qual desabafa contra as imposições das normas de estilo na língua portuguesa. Para o aluno, o “estilo” acabava por tirar a espontaneidade da escrita:

Quero escrever simples e gostoso. Quero ouvir os outros lerem o que escrevo. Porém as normas de estilo, as normas de tudo, as normas de sentimento também, não me permitem fazê-lo. Logo não posso escrever. Se eu fizer isso, os outros me criticam. (Jornal *O SudMennucci*, 1953)

O trecho mostra uma crítica do aluno à maneira que as normas de escrita do Português eram ensinadas no Instituto de Educação SudMennucci. Analisar os impressos produzidos por alunos das instituições escolares acaba por dar voz a esses sujeitos ainda pouco ouvidos nas pesquisas que trabalham com a temática. Segundo Amaral: “[...] É o ator estudante que se manifesta, que registra, que inscreve a sua manifestação através dos impressos, que passam a ser novas fontes e/ou objetos a darem visibilidade à produção estudantil” (AMARAL, 2002, p. 120).

No exemplar de número seis, aparece um texto da aluna Thereza Watanabe em homenagem ao dia do professor. Aqui, a perspectiva moral referente ao professor ideal se alia a um discurso que estava na

---

<sup>2</sup> Pesquisadores pertencentes ao campo da História da Educação – do qual faço parte – têm renovado suas pesquisas, desde a década de 1980, voltando-se para aspectos da cultura escolar das instituições escolares pesquisadas. De acordo com Carvalho (1998, pp. 31-32), dentro deste processo mencionado, as pesquisas passaram a se preocupar com outros aspectos do universo da escola que ainda não haviam sido investigados nas pesquisas anteriores, como as práticas escolares de professores e alunos e o cotidiano da instituição. É nesta nova configuração do campo que ocorre a valorização de outros tipos de documentos nas pesquisas, como é o caso dos jornais escolares produzidos por alunos e analisados neste artigo.

concepção do papel do professor como iluminador das consciências:

O professor é como uma graça divina, vinda das alturas a iluminar, com a luz do saber, as trevas da ignorância. O valor de um mestre é tão intenso, que, com palavras, seria impossível descrever.

Levado apenas pela ambição de ensinar o bem à humanidade, devemos honrar-lhe o nome, render-lhe as mais cultas homenagens, o que, aliás, seria bem pouco se quiséssemos, dessa forma, demonstrar-lhes nossa gratidão. Gratidão por ter-nos livrado das grades, do sofrimento atroz dessa prisão, que é a ignorância. (Jornal *O SudMennucci*, 1954)

A ideia da figura do professor iluminando, “com a luz do saber, as trevas da ignorância”, é própria da concepção nacionalista de educação de fins do século XIX e início do XX. Aqui e em outras partes do impresso, como também em jornais locais da época, verifica-se a tônica deste discurso quando os sujeitos se referem ao Instituto de Educação e aos professores que lá ministravam suas aulas. Pode-se conceber a permanência desse discurso na década de 1950, com as particularidades daquele contexto.

Uma seção interessante contida no jornal escolar que mostrava o cotidiano da instituição era a de humorismos ou humorística, na qual os alunos editavam palavras-cruzadas, charada, curiosidades, ditados populares, trocadilhos e paródias. Constando do exemplar número cinco, a Galeria dos Ditados (Jornal *O SudMennucci*):

“Um homem prevenido vale por um estudante, em véspera de exame.”

“A borracha vai tanto à carteira vizinha, que um dia lá fica.”

Em todos os exemplares do jornal existia, no mesmo espaço destinado aos humorismos, a seção denominada *Cartas Serenas*, onde um aluno escrevia para os leitores. Segue um trecho desta seção, que se encontra no exemplar de número quatro, endereçado a Dona Moça:

Dona Moça prezadíssima:

A você garota do século dois xis da era atômica e época da humilhação à lua, dos dias de café solú-

vel e problemas insolúveis, que se equilibra, coitadinha, sobre um par de saltinhos 7/2; que procura infiltrar-se em tudo o que toca a atividade máscula, tornando-se mais livre, mais moderna, enfim, mais desfeminada e consumada paraíba; que fuma, bebe, joga Pif-Pad e futebol, luta jui-jitsu, Miss, mademoiselle, etc, etc., e que, entretanto, não acerta o tempero de uma salada, labuta no preparo de umas batatas fritas, e quando o irmãozinho de colo chora não sabe dar-lhe a mamadeira, pô-lo no berço ou enfiá-lo embaixo da cama; a você garota do pós-guerra e pré-guerra, peço vênia para meia dúzia de palavrinhas, para desabafo do coração e alívio da consciência. São rogos, mui sinceros, na realidade.

O aluno Zezinho Franco continua sua carta, discorrendo sobre o lugar da mulher na sociedade da época. Para ele, as moças estavam se desviando de suas funções, de mãe e esposa para seguir “a moda” do uso do luxo e do “abuso de certas liberdades” próprias do universo masculino, como fumar, beber e praticar esportes. Numa perspectiva de caráter moral em relação ao papel da mulher, acompanhada de uma expressão característica de um discurso nacionalista, o aluno termina fazendo uma pergunta à Dona Moça, que se respondida de maneira correta por ela, estaria ajudando no “progresso da Nação”:

Uma última perguntinha: ao invés de estar aí perdendo tempo com “Grande Hotel”, “Cinderela”, “Idílio” e sei que mais idiotices, porque não se instrui em como educar um filho, em como cuidar de um lar, preparando para formar-se perfeita mamãe-coisa rara, muito rara, hoje em dia?

Neste ponto, verifica-se que a mulher - tanto na sociedade piracicabana quanto na visão dos alunos à época - mesmo tendo condições de estudar, continuava a ocupar o papel de mãe no cotidiano do Instituto e na cidade de Piracicaba, apesar das mudanças de paradigmas que estavam em curso ao longo da década de 1950 em relação ao papel da mulher na sociedade.

Uma peculiaridade do caráter dos textos contidos neste jornal escolar se encontra nas inúmeras reivindicações que eram feitas pelos alu-

nos por melhorias na estrutura física da instituição entre os anos de 1952 e 1954. Esta característica é verificada no segundo exemplar, onde aparece um discurso do orador do Grêmio da escola, Gustavo Jacques Dias Alvim<sup>3</sup>, destacando aspectos referentes ao desenvolvimento da escola:

Sem embargos, iniciamos este período de aulas mais alegres que nos anos passados, pois nós, alunos atuais deste educandário, temos a satisfação de ver quasi prontas mais quatro salas de aula, o que vem suprir necessidades que se faziam urgentes, e ao mesmo tempo concretizar um velho sonho dos alunos.

Aí, nosso júbilo torna-se ainda maior, porque com o aparecimento destas salas, surgirá também, simultaneamente, o ambicioso e esperado laboratório de química.

Por meio do discurso do aluno, é exibida a referência a pedidos de construção de salas de aula e de um laboratório. Aqui o aluno e o corpo editorial do jornal aparecem como porta-vozes das melhorias que eram anunciadas pelos administradores da instituição, mostrando uma atuação política escolar dos mesmos dentro do educandário.

Outro texto que mostra esta atuação está presente no primeiro exemplar, datado de novembro de 1952, na coluna denominada *Inovações*, na primeira página do jornal, em que aparece a preocupação de Sebastião de Almeida Mendonça, tesoureiro do jornal, com o pedido, que já havia sido feito para a construção de novas salas de aula no espaço da Escola Normal. O trecho indicado acima, do aluno Gustavo Jacques Dias Alvim, mostra que essa reivindicação feita, foi de certa forma, atendida:

#### Inovações

Há algum tempo foi planejada e pedida a construção de oito salas para nossa Escola. Foram-nos, porém, concedidas quatro, as quais, estando divididas em

---

<sup>3</sup> Gustavo Jacques Dias Alvim é ex-aluno da Escola Normal, depois Instituto de Educação SudMennucci estudou na instituição na época em que os jornais foram produzidos. Também fazia parte do grupo que se organizou para produzir o jornal escolar *O SudMennucci*. Hoje é reitor da UNIMEP (Universidade Metodista de Piracicaba) e membro do IHGP (Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba). Contribuiu para a pesquisa que foi feita cedendo uma entrevista e contando suas lembranças sobre a época de estudante.

grupos de duas (um grupo em cada lado do prédio principal) destinar-se-ão a ser salas-ambientes.

Quanto às matérias a que servirão, só pudemos apurar dados referentes à cadeira de Química.

O ideal da Diretoria da Escola seria dar a cada matéria um compartimento especial à guisa das salas de Geografia e Desenho, por exemplo; lugar onde os professores teriam todos os meios adequados ao seu trabalho.

Uma das causas que moveram a construção das salas referidas, é o fato de a nossa Escola, tornar-se em breve, Instituto de Educação, conforme os planos já traçados.

Como vemos, nossa Escola progride.

Nesta coluna, o aluno Sebastião de Almeida Mendonça dá ao leitor algumas informações sobre a reivindicação que foi feita para a construção de novas salas de aula. Não se sabe aqui quem efetivamente pediu a construção das salas pois, logo abaixo, o aluno cita que a construção das salas foi um ideal da Diretoria da escola. Salienta ainda que uma das causas da construção das salas seria o fato de que a Escola se tornaria, em breve, Instituto de Educação<sup>4</sup>.

No exemplar de número nove aparece novamente uma reivindicação por melhorias no espaço do Instituto. Com o artigo intitulado *Nossa Quadra*, o grupo de alunos expõe que, desde 1948, as direções do Grêmio da Escola Normal vinham falando em atijolar e cimentar a quadra de esportes, mas não o faziam. Segundo o artigo, os iniciadores do movimento para a melhoria da quadra de esportes, os diretores esportivos, não conseguiram levar a termo o ideal. Neste sentido, a situação de precariedade da quadra Antônio Martins Belmudes de Toledo é expressa em texto publicado no jornal. Por fim, os editores do jornal lançam um apelo pela melhoria da quadra de esportes:

Lançamos um apelo à nova direção do grêmio, para

---

<sup>4</sup> Em novembro de 1952, a instituição ainda era uma Escola Normal, denominada SudMennucci. Somente em abril de 1953, a escola passa a ser Instituto de Educação, incorporando em sua grade novos cursos de especialização e cursos voltados para administradores escolares. Esse assunto será retomado logo adiante neste artigo, já que a transformação da escola em Instituto é veiculada em outro exemplar do impresso.

que faça um campanha pró-melhoramento da nossa praça de esportes, pois ela atualmente é a mais velha da cidade, porém a mais “avacalhada”. E o que os estudantes do nosso Instituto colaborem e se possível for também os senhores dignos professores e diretores, pois a quadra também faz parte do nosso Estabelecimento. Só assim, teremos o sonho dos estudantes do Instituto realizado e, ao mesmo tempo, terá a ex-Escola Normal uma quadra apresentável, realmente!

Outra notícia que mostra esta perspectiva, por fim, foi publicada na primeira página do quarto exemplar. A matéria toma quase toda a extensão da página e tem o título “Instituto de Educação SudMennucci”. Os alunos saúdam a satisfação da “Piracicaba culta” pelo fato de a Escola Normal ter se tornado Instituto de Educação em 7 de agosto de 1953. Logo após as saudações, as relações deste grupo de alunos com os professores e políticos locais aparecem no jornal:

Os alunos do nosso Estabelecimento, como toda Piracicaba culta, devem, a estas horas, estarem exultantes de satisfação, com o fato de a Escola Normal “SudMennucci” ter se transformado em Instituto de Educação “SudMennucci”.

Essa melhoria devemos-la à idéia do Prof. Argino da Silva Leite que, pela imprensa, ensejou a oportunidade da medida que, na Assembléia, fez o deputado Valentim Amaral tornar-se concreta.

Enfim, as reivindicações por melhorias internas do espaço do Instituto aparecem em várias partes dos onze exemplares analisados. Estes alunos aparecem como porta-vozes destas reivindicações e quando as mudanças são conseguidas, publicam no jornal as melhorias conquistadas. Os alunos também publicavam no jornal escolar – como foi visto neste artigo – textos que mostram a perspectiva do currículo escolar da época, envolvendo aspectos do cotidiano escolar dos alunos; as normas de conduta moral em relação ao papel da mulher na sociedade e as inúmeras reivindicações e denúncias sobre os problemas da instituição.

Esta perspectiva mostra, então, uma atuação escolar e política

deste grupo de alunos que se articulou para produzir um jornal no Instituto de Educação entre os anos de 1952 e 1954. Os textos publicados no impresso mostram os alunos atuando, tendo voz dentro da instituição escolar, num período da história da educação em que a disciplina nas instituições públicas do estado de São Paulo costumava ser rígida, dando pouco espaço para manifestações dos alunos.

# O Sud Mennucci

<b>REDAÇÃO:</b> Rua D. Pedro II n.º 1291	<i>Órgão estudantil da Escola Normal "Sud Mennucci"</i> Diretor Fundador: LUÍZ DE ALMEIDA MENDONÇA	<b>EXEMPLAR</b> CR. \$ 2,00
Ano I	Piracicaba, novembro de 1952	Número 1

## Inovações

S. A. M.

Há algum tempo foi planejada e pedida, a construção de oito salas para nossa Escola. Foram-nos, porém, concedidas quatro, as quais, estando divididas em grupos de duas (um grupo em cada lado do prédio principal), destinaram-se a ser salas-ambientes.

Quanto às matérias a que servirão, só pudemos apurar dados referentes à cadeira de Química.

O ideal da Diretoria da Escola seria dar a cada matéria um compartimento especial, à guisa das salas de Geografia e Desenho, por exemplo; lugar onde os professores teriam todos os meios adequados ao seu trabalho.

Uma das muitas causas que moveram a construção das salas referidas, é o fato de a nossa Escola, tornar-se, em breve, Instituto de Educação, conforme os planos já traçados.

Como vemos, nossa Escola progride.

## Surge o "Sud Mennucci"

De há muito planejávamos um órgão assim, que, qual incentivo do saber e ao aluno de nossa Escola, pudesse estar a seu lado; amigo humorista e sempre pronto a servir.

Encontrarão os colegas, neste periódico modesto, sempre um espaço a eles dedicado, no qual poderão publicar seus trabalhos, quando bem classificados em aula, a critério do professor da matéria que o mesmo se referir.

Dispõe-se a pugnar pelo Educandário a que pertencemos e esperamos de seu corpo docente e discente, todo apoio que, temos certeza, dignar-se-ão de nos prestar, como pessoas compreensivas e altruístas que são.

Não pediremos desculpas por nossas falhas porque, se as houver, não será por falta de vontade em tentar fazê-las ausentes.

Esperamos seja "O Sud Mennucci" acolhido com consideração, pois tentaremos, por seu intermédio, firmar as relações de amizade entre a juventude normalista, dando combate à indiferença, ao separatismo e isolacionismo que separamos às vezes, não sem tristeza, na massa estudantil. Pugnaremos pela união dos nossos num só coração para que, futuro a dentro, possa Piracicaba mostrar sempre o brilho de sua vontade e de seu saber, continuando a doar, para o Brasil, homens que, satisfazendo um Diógenes, não necessitariam da luz de sua lanterna para mostrar no rosto a retidão de seu caráter e a hombridade de suas ações.

O "Sud Mennucci", que leva uma designação de relevo, fará por erguer o nome tomado ao grande educador, não deixando jamais que a lama das retaliações pessoais mesmo que em capas humorísticas, venha manchá-lo em sua popularidade e prestígio.

Como trabalho estudantil que é tenderá este, a transfor-

## Nossos pássaros

IRAPURU — (Leucoptila, música) — Emília Sneathage assim dá nome este irapurum, um dos mais frequentados, sua igr... Parte superior parda, ... e amarelado, todos do p... ebs pintados de branco, ... parda escura, listrada de enegrecido; garganta e peito vermelho vivo; abdome pardo acinzentado, lavado de vermelho nos flancos e nas coxas, coberteiras do cauda inferiores listradas de amarelado. Tamanho: 12,3 cm.

Nada se sabe a respeito da vida deste passerinho, e sem dos demais do gênero Leucoptila, cinco ao todo, exclusivos da Amazônia, aos quais cabe igualmente o nome de "irapurum" e "música". O nome de "irapurum" ou "irapurum" não identifica tal ou qual espécie.

Os moradores das matas do Cachoira do Breu, segundo A. J. Sampaio, afirmaram ser ali muito frequente tal pássaro, e que quem o caça guarda-o seco, pois o bichinho serve a toda espécie de mandingas, e daí decorre o nome de "mandingueiro", como tambem

## Fontes documentais e referências bibliográficas

JORNAL DE PIRACICABA. Brilham os alunos do Colégio Estadual SudMennucci. 27 mar. 1953.

JORNAL O "SUD MENNUCCI". Órgão Estudantil da Escola Normal "SudMennucci". Nov. 1952.

JORNAL O "SUD MENNUCCI". Órgão Estudantil da Escola Normal "SudMennucci". abr. 1953.

JORNAL O "SUD MENNUCCI". Órgão Estudantil do Instituto de Educação "SudMennucci". mai./jun. 1953.

JORNAL O "SUD MENNUCCI". Órgão Estudantil do Instituto de Educação "SudMennucci". ago. 1953.

JORNAL O "SUD MENNUCCI". Órgão Estudantil do Instituto de Educação "SudMennucci". out./nov. 1953.

JORNAL O "SUD MENNUCCI". Órgão Estudantil do Instituto de Educação "SudMennucci". out. 1954.

AMARAL, Giane Lange do. **Os impressos estudantis em investigações da cultura escolar nas pesquisas histórico-educacionais.** In: *História da educação*. ASPHE/FAE/UFPel, Pelotas, n. 11. abr. 2002, pp. 117-130.

CARVALHO, M. M. C. **Por uma história cultural dos saberes pedagógicos.** In: SOUZA, C. P., CATANI, D. (orgs.) *Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente*. São Paulo: Escrituras, 1998, pp. 31-39.

## HISTÓRIA e MEMÓRIA

# A nova penitenciária de Piracicaba e a expansão do modelo punitivo do Estado

**JOÃO LUÍS FRANCHI**

O autor é piracicabano, reside em Rio Claro, Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista em Rio Claro/SP e tem Especialização em Geografia Urbana na área de geografia prisional.

## Resumo

O fenômeno da distribuição das prisões no espaço geográfico e suas implicações é objeto de estudo da ciência geográfica. Atualmente, nota-se em muitos países uma expansão na construção de novas unidades prisionais e no número de encarcerados. Piracicaba conta atualmente com duas unidades prisionais: o Centro de Detenção Provisória e o Centro de Ressocialização Feminino, que fazem parte da ampla rede de unidades administradas pela Secretaria da Administração Penitenciária. Uma terceira unidade prisional está em fase final de construção e previsão de inauguração em 2015/2016, a Penitenciária Masculina de Piracicaba. Nota-se a partir dos anos 90, um intenso processo de expansão e interiorização das prisões no Estado de São Paulo, repercutindo no espaço geográfico de dezenas de municípios que abrigam as unidades. Segundo dados do CNJ, o Brasil possui a terceira maior população carcerária do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos da América e da China. Dados

de 2014 mostram 147.937 pessoas em regime de prisão alternativa e 563.526 pessoas em regime de privação de liberdade, em regimes fechado e semiaberto, além de 367.000 mandados de prisão a serem cumpridos.

**Palavras-chave:** Penitenciária; rede geográfica prisional: espaços de inclusão e de exclusão.

## Vigiar e punir

Desde os primórdios, a aplicação de penas e castigos àqueles que, de alguma forma, feriram a estrutura legal, social, moral ou religiosa, tem provocado polêmica, seja pela ineficiência no trato com os culpados, seja pelos excessos e erros que se sucederam através da história. No Brasil, nesses pouco mais de cinco séculos de história, o que vemos claramente é que a prisão se tomou sinônimo de exclusão, destinada à grande maioria dos brasileiros que são atingidos pela lei, ao contrário de uma pequena minoria que paira acima dos códigos.

Segundo WACQUANT (2001), com o advento do processo de globalização, intensificou-se um processo de transformação do Estado de “Estado social” a “Estado policial”, onde as maiores vítimas desse processo é exatamente a maioria da população mundial alijada das maravilhas da economia de mercado. O Estado deixaria a sua função essencial que é a de regular as diferenças sociais existentes, especialmente em países periféricos, e passa a atuar dentro de um modelo punitivo e opressor, intensificando o aparato repressivo. Esse aumento do número de encarcerados é um fenômeno mundial - somente nos Estados Unidos, há 2,3 milhões de apenados. Particularmente no Estado de São Paulo - unidade mais desenvolvida da federação, nota-se um aumento fantástico no número de unidades prisionais e dos encarcerados.

No século XVIII, BECCARIA (2000) dizia que a aplicação das

penas não deve traduzir vingança coletiva, mas, antes, ter em mira a justiça, e particularmente, a prevenção do crime, e a recuperação do criminoso.

Um dos grandes críticos desse sistema punitivo-repressor é FOUCAULT (1977), em sua obra “Vigiar e punir”, escancara os malefícios desse sistema de prisão em massa, altamente caro e notadamente ineficiente.

Em 1920, era inaugurada na capital paulista, a Penitenciária do Estado – hoje transformada em penitenciária feminina. Antes dela, só existiam cadeias públicas espalhadas pela cidades. Através do tempo, várias unidades foram sendo inauguradas, criando o que hoje denominamos informalmente de sistema penitenciário, administrado por uma secretaria de Estado denominada Secretaria da Administração Penitenciária. Nas décadas de 20 a 50 eram poucas as unidades, destacando-se a construção de um presídio na Ilha Anchieta, no litoral norte paulista, palco do maior incidente prisional desse período.

Com a construção do complexo penitenciário do Carandiru, a partir da década de 50, temos um processo centralizado de administração penitenciária, com poucas unidades espalhadas pelo interior. Esse modelo entrou em decadência a partir daquele que é considerado o maior incidente prisional da história do País, onde 111 presos perderam a vida, numa rebelião ocorrida num dos pavilhões da Casa de Detenção, no início da década de 90. Em meados da década de 90, já dentro do intenso processo globalizante em vigor, mudaram-se os rumos da política penitenciária, com o início de um processo de interiorização prisional e a construção de inúmeras unidades espalhadas pelo interior, formando uma autêntica rede geográfica prisional. Esse processo acelerou-se com a desativação de grande parte do Complexo do Carandiru, ocorrido em 2002, e com a construção de Centros de Detenção Provisória, que foram criados visando a desativação de carceragens de distritos policiais, particularmente os localizados na Região Metropolitana de São Paulo.

Se em 1998, existiam 43 unidades prisionais distribuídas pelo território paulista, hoje temos 162 unidades instaladas em mais de 80 municípios, particularmente, de pequeno porte, onde se encontram mais de 204.946 presos em regimes fechado e semi-aberto (SAP, 2015), ou seja, 37% da população carcerária do País.

Mas, sob o ponto de vista geográfico, esse processo de interiorização prisional mudou a paisagem de muitos municípios, particularmente, os de pequeno porte e de economia frágil, bem como, as cidades médias como Piracicaba, Sorocaba, Hortolândia, Bauru, Taubaté. Esse fenômeno é mais visível no oeste paulista, onde muitas cidades buscam a administração estadual para que a mesma instale uma unidade prisional em seu território. A estagnação econômica de muitos desses municípios provoca um fenômeno ambíguo - a construção de uma unidade prisional, a princípio, seria refutada por essas coletividades, contudo, a geração de empregos e a criação de uma rede de fornecimento de alimentos e outros gêneros, faz com que as unidades prisionais sejam bem-vindas. O Estado se apercebeu disso, e colocou em prática a instalação de uma autêntica rede geográfica prisional distante das grandes cidades (FRANCHI, 2008).

No caso das cidades médias, a instalação de unidades prisionais seria uma espécie de “recompensa”, haja vista, serem pólos regionais de importância econômica, recebendo constantemente a atenção e recursos do Estado em maior número.

Esse fenômeno é Intensificado atualmente, pois, as áreas destinadas às unidades prisionais em regiões metropolitanas e em municípios de grande e médio porte tem provocado conflitos de interesse dentro da própria dinâmica de urbanização e ocupação do solo dessas regiões. Na realidade, os espaços urbanos e rurais são cada vez mais disputados e caros, e a presença de unidades prisionais, muitas vezes, vai contra o interesse econômico e especulativo.

Portanto, notamos que há uma disputa entre os chamados espaços de Inclusão, nobres, caros, destinados às exigências do mercado, e os espaços de exclusão, ociosos, destinados a ficar cada vez mais longe, em áreas de pouca importância econômica. .

A rede geográfica prisional paulista tende a ocupar espaços onde o conflito entre o interesse econômico e o aparato repressivo não entrem em conflito, caracterizando uma forma nova de exclusão dentro do contexto excludente que são as prisões, em qualquer parte do mundo.

## **A Penitenciária Masculina de Piracicaba**

Criada oficialmente pelo Decreto Estadual 60.980, de 12 de dezembro de 2014, está sendo erguida às margens da Rodovia SP-147, com previsão de inauguração em 2015/2016, após certo atraso, a nova unidade está inserida numa área na zona rural no Bairro Água Santa, com 105 mil metros quadrados de área total, 11 mil metros quadrados de área construída e com capacidade de 768 sentenciados distribuídos em 64 celas.

Ao contrário do Centro de Detenção Provisória, que abriga presos provisórios e recapturados, a nova unidade abrigará presos com situação processual definida, e contará com galpões para trabalho, salas de aula, cozinha industrial, estação de tratamento de esgoto e sala para vídeo-conferências.

A nova unidade prisional de Piracicaba faz parte da Coordenadoria de Unidades Prisionais da Região Central do Estado, e, em tese, as vagas serão ocupadas por sentenciados de Piracicaba e região, visto que hoje, muitos desses sentenciados estão distribuídos por várias unidades mais distantes como Hortolândia, Campinas, Itirapina e Itapetininga, entre outras.

Se, dentro de um contexto mais abrangente, pode-se criticar o aprisionamento em massa como forma de inibir a violência reinante em nosso País, por outro lado, no caso de Piracicaba, a unidade visa aglutinar na região centenas de presos condenados e que estão cumprindo pena, muitas vezes, em locais distantes, repercutindo em gastos para o Estado e para seus familiares, que se locomovem para visita-los.

**FIGURA 01** – Entrada da parte administrativa da Penitenciária Masculina de Piracicaba



Imagem do autor em 19/03/2015

## Conclusão

A função social de uma prisão na busca de uma “utopia da ressocialização” tem um preço a pagar. A sociedade, muitas vezes, orientada por uma mídia parcial e preconceituosa, eleva muros invisíveis que se juntam ao concreto das muralhas reais, deixando o espaço prisional na mais absoluta penúria (FRANCHI, 2008)

Queríamos presenciar o Estado e a União inaugurando novos campi universitários, novos hospitais, novos espaços de cultura e saber, mas, infelizmente, o que vemos, são muralhas sendo elevadas.

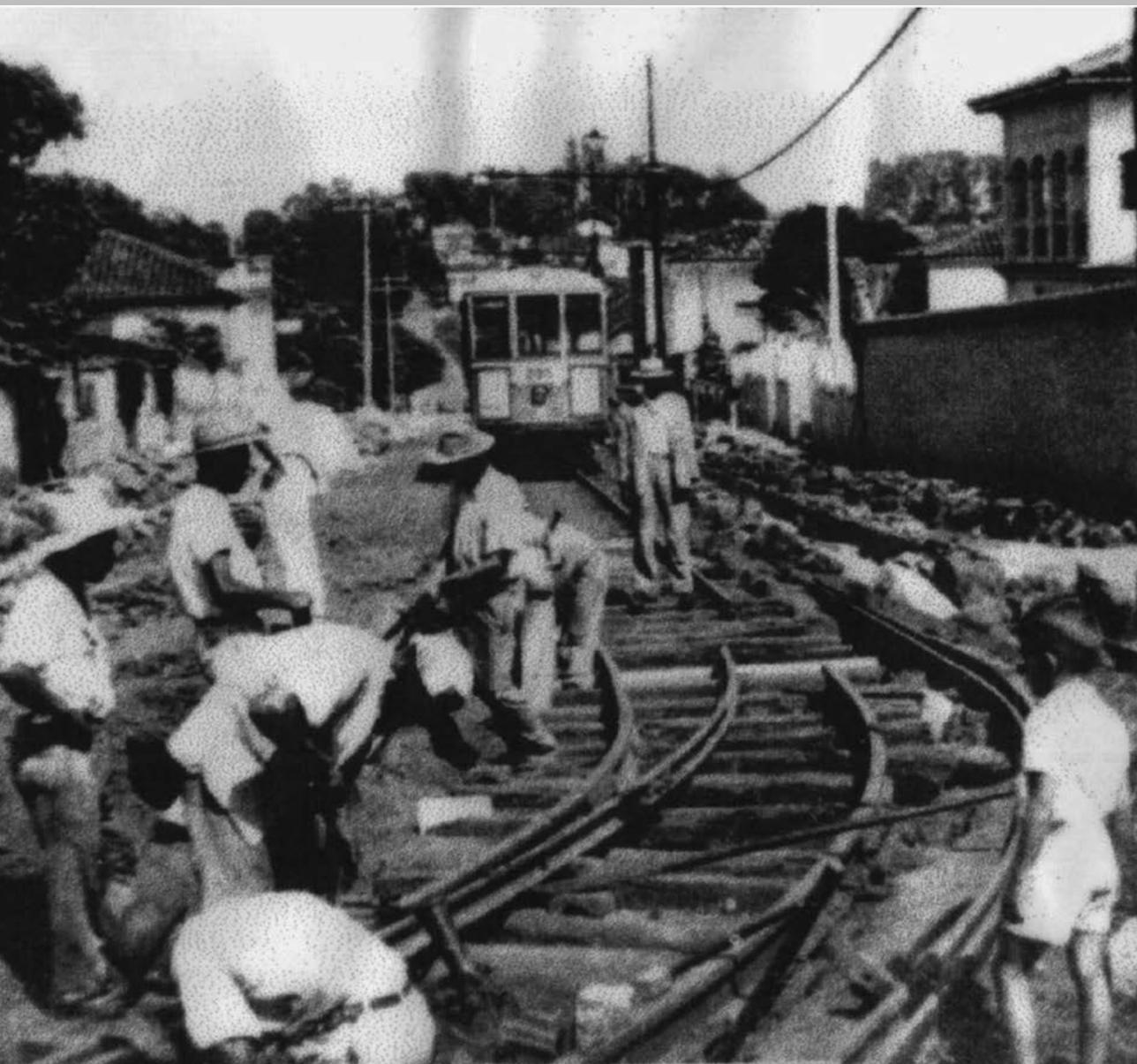
Se a violência reina em grande parte do País, não seria melhor atacá-la com educação de qualidade, com oportunidades aos jovens, principalmente – mas isso custa muito e os governantes e parte da sociedade não está disposta a pagar tal preço, preferindo a construção de novas prisões, repercutindo também tal política na recente discussão sobre a redução da maioria penal.

O preço de uma prisão também é alto, mas o problema existe e é a sociedade quem paga, porém, a contrapartida não pode ser apenas com preconceito.

Os impactos, sejam eles positivos ou negativos estão aí para serem analisados e questionados pela comunidade na busca de uma melhor qualidade de vida a todos, sejam eles moradores intramuros ou extramuros.

## Bibliografia

- BECCARIA, Cesare. **Dos delitos e das penas**. Martin Claret, São Paulo, SP, 2000;
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Editora Vozes, Rio de Janeiro, RJ, 1977.
- FRANCHI, João Luis. **Geografia prisional: a interiorização do sistema penitenciário no Estado de São Paulo**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba - IHGP, Vol. XII, Piracicaba/SP, 2005.
- FRANCHI, João Luis. **O Espaço prisional: repercussões em Itirapina/SP**. Especialização, UNESP Rio Claro, 2008.
- INTERNET. [www.sap.sp.gov.br](http://www.sap.sp.gov.br) – Página da Secretaria da Administração Penitenciária.
- INTERNET. [www.cnj.jus.br](http://www.cnj.jus.br) – Página do Conselho Nacional de Justiça.
- WACQUANT, Loïc. **As prisões da miséria**. Zahar Editores, Rio de Janeiro, RJ, 2001.



Construção dos trilhos do bonde, 1906.

## HISTÓRIA e MEMÓRIA

# História da iluminação elétrica de Piracicaba

**TOSHIO ICIZUCA**

Engenheiro, escritor, membro efetivo do IHGP.

## Resumo

Pequena história sobre uma das conquistas mais importantes de Piracicaba, na época em que poucas cidades do País podiam se orgulhar de mostrar ruas iluminadas com lâmpadas elétricas.

**Palavras-chave:** Luz elétrica; Luiz de Queiroz; Intendência do Município; Burocracia.

Certamente, poucas pessoas sabem que o saudoso e eminente cidadão honorário de Piracicaba, Luiz Vicente de Souza Queiroz, além de fundador da famosa Escola de Agronomia que leva o seu nome, foi o primeiro concessionário de iluminação pública à eletricidade da nossa cidade.

Até o fim Século XIX, a iluminação pública de Piracicaba, como na maioria das cidades brasileiras, era feita com uma luminária em cujo interior havia chama produzida com queima de óleo de baleia, ou de outro animal. As chamas eram acesas uma a uma ao anoitecer por um acendedor, e apagadas de manhã por um apagador.

A história da iluminação elétrica de Piracicaba tem seu começo em 27 de janeiro de 1890. Nessa época, podia se contar nos dedos de uma mão as cidades do país com essa melhoria. A primeira cidade a ter iluminação pública por meio de energia elétrica foi Campos de Goitacazes, no Estado de Rio de Janeiro, em 1883. A nossa vizinha cidade de Rio Claro foi a segunda, e a primeira no Estado de São Paulo.

Naquela data, a Comissão de Obras Públicas do município de Piracicaba acolheu a proposta apresentada pelo industrial Luiz de Queiroz, e decidiu pela abertura de concorrência pública para o melhoramento de iluminação pública da cidade, dando prazo de trinta dias para a apresentação da proposta pelos interessados.

Expirado o prazo estipulado, para a decepção da Comissão, não se apresentou nenhum interessado. Entretanto, ela não desistiu e manteve firme a ideia de levar o projeto adiante. No dia 4 de março do mesmo ano, o Conselho de Intendência do Município (nessa época não existia o cargo de Prefeito) reunido em sessão, solicitou à Comissão de Obras Públicas que analisasse o requerimento apresentado preliminarmente por Luiz de Queiroz. Como havia esse pedido, ele não participara da concorrência com uma proposta oficial.

Ao obter a resposta favorável da Comissão de Obras Públicas, o Conselho de Intendência reuniu-se no dia primeiro de maio seguinte e deliberou encarar seriamente a proposta de Luiz de Queiroz. Como havia consenso de que o industrial deveria ser contratado, o Conselho

nomeou os doutores Paulo Pinto e Moraes Barros, como encarregados de preparar as bases do contrato com o proponente.

O projeto do contrato ficou pronto em 25 de maio, e no dia 22 de julho de 1890, finalmente a Intendência do Município e o industrial Luiz Vicente de Souza Queiroz assinaram o contrato de Iluminação Pública da cidade. Esse contrato previa a instalação de 225 lâmpadas de 32 velas, distribuídas em diversos logradouros públicos, além das ligações domiciliares. Evidentemente, o contrato previa também a instalação da usina de geração elétrica e linhas de distribuição.

Muito contente com a assinatura do contrato, o dinâmico industrial começou a trabalhar decididamente no projeto de iluminar a cidade com lâmpadas elétricas. Percorria a Prefeitura e repartições estaduais para obter documentos necessários para a viabilização do empreendimento. Paralelamente às providências para instalação da usina geradora de eletricidade, demonstrando um espírito empreendedor aguçado, Luiz de Queiroz conseguiu através do Decreto assinado pelo então governador do Estado, Prudente de Moraes, a concessão para construir e explorar por 50 anos, a linha de bonde à tração animal, ou a vapor. A linha em questão partiria de Piracicaba à cidade de Limeira. O ímpeto empreendedor do industrial continuou, e em 28 de setembro de 1891 ele arrematava a fazenda São João da Montanha, situada próximo a zona urbana da cidade, com o firme propósito de erguer naquele local uma escola de agronomia.

Ao perceber que sozinho não conseguiria administrar inúmeros projetos, Luiz de Queiroz nomeou em 2 de março de 1891, o senhor Arthur D. Sterry, como seu procurador junto à Intendência do Município para tratar de assuntos relacionados à concessão de iluminação pública. A partir daquela data, as questões referentes à construção da usina geradora de eletricidade deram um grande avanço.

Em 31 de março do mesmo ano, à pedido da Concessionária, o Conselho da Intendência do Município analisava o requerimento de concessão de um terreno que a Prefeitura possuía às margens do salto do rio Piracicaba, onde pretendia construir a usina central de produção

de eletricidade. Obtida a concessão em 28 de julho, Arthur D. Sterry requeria à Intendência Municipal a demarcação exata da área, situada à margem esquerda do rio, entre a fábrica de tecidos Santa Francisca e a Empresa Hidráulica, fornecedora de água à cidade, de propriedade de Frick & Zanota.

Com a definição do local da instalação da usina, e as obras civis do prédio em andamento, os maquinários necessários à montagem do gerador foram encomendados. O fornecedor escolhido foi uma empresa americana denominada Thompson Houstom. O valor da encomenda de cinquenta milhões de dólares foi considerado astronômico na época, mas não para o empreendedor.

Os entraves burocráticos para liberação dos produtos importados já eram motivo de queixas dos empresários desde aquela época. Luiz de Queiroz também sofria com o atraso na chegada dos seus equipamentos, normalmente retido nas docas de Santos. Em função deste problema, em 30 de outubro de 1892, ele entrou com o pedido de prorrogação por mais nove meses do prazo de entrega das obras junto à Câmara Municipal. O requerimento foi aceito e o empreendedor se tranquilizou.

Com a liberação dos materiais retidos no porto, a equipe de montagem da usina trabalhou ininterruptamente para cumprir o novo prazo de entrega. Finalmente, para felicidade de Luiz de Queiroz, em 2 de agosto de 1893, as instalações foram concluídas para início dos testes.

Os primeiros logradouros públicos a serem testados com lâmpadas elétricas foram o Largo da Matriz, as Ruas Prudente de Moraes, São José, Alferes José Caetano, Direita (atual XV de Novembro) e do Comércio (atual Governador Pedro de Toledo).

A inauguração festiva foi marcada para 6 de setembro de 1893. Para a alegria dos moradores e autoridades presentes, entre os quais o grande empreendedor Luiz Vicente de Souza Queiroz, na data marcada, ao anoitecer, a iluminação pública à luz elétrica de Piracicaba foi inaugurada. Embora apenas 120 das 225 lâmpadas previstas no contrato estivessem acesas, o povo festejou com enorme alegria.

No dia seguinte, 7 de setembro, Dia da Independência do Brasil, houve uma grande manifestação popular para comemorar as duas datas, prolongando-se até o início da noite, agora mais iluminada com a mais recente novidade tornando a festa mais alegre e aconchegante.

Graças à iniciativa do saudoso cidadão honorário, Piracicaba se orgulha de ser a quinta cidade do Estado de São Paulo a receber iluminação pública à eletricidade.

### Referências bibliográficas

- GUERRINI, LEANDRO. **História de Piracicaba em Quadrinhos**. IHGP: Piracicaba, 1970.
- ICIZUCA, TOSHIO. **Jornal de Piracicaba**. Ago. 1990. Artigo.



Hospital Santa Casa de Misericórdia, antes do ajardinamento.

HISTÓRIA e MEMÓRIA

# O Médico Conciliações Psicológicas e Profissionais

**OLÍVIO NAZARENO ALLEONI**

Médico, escritor e membro do IHGP.

## Justificativa

Quando sugeriram para desenvolver este tema, extremamente complexo, fiquei um tanto temeroso, meditando como coadunar o entendimento das condutas intrínsecas do profissional da área de saúde e as miríades das contínuas transformações existentes na área técnica, de valores morais intrínsecos, culturais, sociais, psicológicos em um documento que não fosse por demais extenso nem cansativo de ser lido, e assim transformá-lo em algo mais acessível ao leitor. Também seria de importância que estas considerações não ultrapassassem códigos de ética, bem como não ferissem a sensibilidade de quem quer que fosse.

O tema em si constitui-se verdadeiramente uma tese, o que po-

deria resultar inclusive numa monografia. Gostaríamos de discutir os dilemas existenciais que atravessa o médico nos seus diversos períodos existenciais (profissionais), como ele os enfrenta, e as consequências que ele se expõe em razão de sua consciência, atos e limitações, bem como das experiências adquiridas e do meio que está submetido. Mas sabemos da impossibilidade, frente à complexidade e extensão do assunto, sendo que iremos apenas pincelar estes aspectos dentro de uma exposição mais simplista, associando a experiência adquirida nestes quase cinquenta anos de vivência com outros médicos e doentes.

Dentro da opção do desenvolvimento do tópico acima, elegemos os formados próximos à década de 1970. Estas gerações vieram a sofrer uma maior influência de tendências liberais, frutos de colocações de “rebeldia” contra os padrões sociais vigentes na época, com uma série de movimentos sociais (hippie, Guerra do Vietnan, etc).

## Intróito

“Eu, Sinuhe, filho de Senmut e de sua mulher Kipa, escrevo isto. Não o escrevo para a glória dos deuses da terra de Kan porque estou cansado de deuses, nem para a glória dos faraós, porque estou cansado de seus feitos. Também pouco escrevo por medo ou por qualquer esperança, no futuro, escrevo para mim apenas. O que eu vi, conheci e perdi durante toda minha vida, foi coisa demasiada para que me domine um vão temor, e quanto a algum desejo de imortalidade, estou tão exausto disto quanto dos deuses e dos reis. É apenas por minha causa que escrevo, por tal motivo e essência diferindo eu de todos os escritores passados e vindouros.”

\* \* \*

“Sim, pois eu, Sinuhe, sou um ser humano. Vivi em todos aqueles que viveram antes de mim, e viverei nos que vierem depois de mim. Viverei nas lágrimas e nos risos humanos, no medo e na mágoa humana, na bondade e na torpeza humana, na justiça e no erro, na fraqueza

e na força. Não desejo oferendas na minha sepultura e nem na imortalidade para o meu nome. Isto foi escrito por Sinuhe, o egípcio que viveu sozinho todos os dias da vida”.

Quando optei por iniciar esta exposição com as palavras de Mika Waltari, do primeiro e último parágrafo do “O Egípcio”, muitos poderão pensar no desatino entre o título deste escrito e as linhas acima.

O mesmo seria dito se me referisse a Sidarta, de Hesse. Após toda sua vereda, termina seus dias sentado à beira do caudal, vendo as águas fluírem... ou imaginar Kim (de Rudyard Kipling) e seu carma na Índia colonial britânica, ou ainda o de Dr. Jivago (de Boris Pasternack) na Rússia no começo do século XX.

Mas existe um motivo. Para aqueles que conhecem as obras citadas, poderão se requintar com as finesses do juízo, para os que desconhecem os detalhes, poderão engendrar o que é ser possuidor do que se possa imaginar, bens materiais, poder, realização de qualquer cobiça tangível, e ser constrangido terminar seus dias no exílio (físico e/ou psicológico), aferrolhado até a morte, fora do âmago de suas metas e/ou do berço natal, tanto involuntariamente ou como opção existencial induzida, lutando pelos seus valores e realidades íntimas ou procrastinando-as totalmente frente ao desenrolar-se das situações. Não devemos ignorar que estas realidades não são estáticas, mas vão sendo moldadas no âmago de cada um conforme as experiências, vivências e situações do dia a dia. Também poderíamos dar asas à imaginação e esvoaçar com os pensamentos em como estes elementos humanos constituem-se em joguetes dentro do destino a que estão algemados.

Se estes fatos transferirmos para a crua rotina existencial dos tempos modernos, poderíamos ir a relembrar entre muitos outros, dos exemplos de Pasteur, Sommelweis, Thomas Edward Lawrence (Os Setes Pilares da Sabedoria), de Mahatma Gandhi, Mandella...

Vemos que os fatos estão dentro de um paralelo, e observamos uma similaridade entre as obras mencionadas e o cotidiano. Chega um momento que somos colocados em dúvida se realmente todos estes romances são somente fruto da imaginação fértil de seus autores, ou se

obnubiladamente fazem referência a fatos reais, que foram devidamente romanceados.

Independentemente de querer colocar em discussão os tópicos pré-determinismo ou o livre arbítrio existencial do homem, temos a sensação que cada elemento em sua existência segue por uma vereda muito justa, e dentro das raias do quase inevitável parece que inflexivelmente não consegue escapar à roda da vida.

Com isto queremos deixar transparecer de um lado a inexorabilidade das ocorrências associada a uma total efemeridade das coisas, atos, ações, poder, ou qualquer outro fato. É uma verdadeira dualidade. Aparentemente tudo seria circunstancial, assim como a própria existência? Realmente nada melhor do que o tempo para dar a devido entendimento aos fatos, e ao seu findar, acaba por eclipsa-los definitivamente e para sempre sob sua manta, fazendo ocaso a tudo que eventualmente tenha acontecido na roda da vida. A real verdade de toda e qualquer ventura, seja ela fruto de um pré-determinismo ou livre arbítrio, é que ela sempre finda, e em seus últimos sôfregos, acaba por encerrar sua existência na nulidade e no abismo do esquecimento. Rememora-se uma velha frase: “O tudo é nada, e o nada absorve a si mesmo...”

Neste mundo de anequins, cada um representa seu papel, e tal como no teatro, chega o momento que as luzes se apagam e a cortina cai. Tudo é essencialmente uma questão de tempo. Mas enquanto ocorre a função, cada “bobo da corte” trata de o melhor possível de representar seu papel. Isto me traz à mente uma frase que diz “que a impetuosidade é uma característica da juventude, e que à maturidade associa-se a prudência e perseverança.”

O ímpeto que domina a mente jovem, com seu intuitivo complexo de super-homem (que em alguns raros pode até simular onisciência e onipotência) ganha formas quase dantescas quando observado pelo prisma da cautela e persistência. Chega inclusive a rememorar em uma visão mais simplista o “homem-além: Übermensch” de Friedrich Nietzsche, onde suas “virtudes” se assim pudéssemos dizer, são o orgulho, a alegria, a saúde, o amor sexual, a desconfiança e inimizade, a ve-

neração ímpar, a vontade inabalável, a vontade de poder, a capacidade de domínio quase permanente e a inatingibilidade.

Se quase todos, em maior ou menor grau, vivenciam esta perene fase existencial durante os primórdios de sua existência adulta, poucos a saborearão em quase sua plenitude, e raros a manterão por tempo maior, bem como raríssimos permanecerão com elas como uma contínua verdade insofismável. A liberdade sem limites é algo assustador e extremamente temerário, com consequências imprevisíveis. Apesar de carregada de temeridades, por beirar o limite entre a sanidade e a loucura com consequências inopinadas, o prolongamentos não insanos destas características serão privilégios de poucos prodigiosos, e é para esses poucos que se mantém equilibrados neste fio da navalha, é que a vida é feita para o sucesso inavaliável e incontestável.

Estas características são a forja dos raros e ululantes líderes sob os mais diversos prismas sociais. A permanência de algumas destas capacidades retro estereotipadas fará delas pessoas altamente diferenciadas em relação ao meio, geralmente aptas à alta ascendência sobre a população.

Estas pessoas tornam-se verdadeiros deuses, mitos vivos que beiram a imortalidade. Assim ocorreu com uma série de pessoas com tendências humanísticas, com senhores da paz e da guerra, com músicos, pintores, filósofos e outras áreas sociais (independente de suas falácias ou verdades).

O médico, com sua condição de responder continuamente pelo bem estar e vida de outro similar, está a um passo deste nível. Endeusado enquanto permanece como respondendo pela saúde de seu próximo, é deificado pelos seus sucessos, e permanece sendo tratado com verdadeira reverência e excessiva admiração durante o exercício profissional, e algumas vezes extrapola esta fase, sendo lembrado pelas suas características humanitárias. É sua função tratar o doente, amenizar seu sofrimento e por último consolar ao paciente e a família. Mas também pode ser considerado como a imagem do próprio demônio quando quebra seus objetivos e regras, e coloca outros valores como prioritários às metas da saúde.

## O Princípio dos Sonhos

Quando começam os sonhos, e as ambições existenciais? Sem dúvidas, muito é uma interação entre as eventuais tendências inatas da criança, somadas à ingerência do meio ambiente, com maior frequência, da família, em especial os pais.

Uma máxima cita que “há três modos de se atingir o principado, por via vaginal (quando a pessoa é descendente da realeza), por via peniana (quando ocorre o casamento entre um plebeu e uma pessoa da realeza)”. São todos métodos com humores burgueses de se crescer na vida. Há outro método, mais voltado aos proletários. “É o modo escrotal (quando a adulações ou recompensas induzem as benemerências).” Exceto o primeiro, eles são de resultados às vezes duvidosos, mas esporadicamente coroados de sucesso.

São eles que iniciam o acalantar das ambições, em maior ou menor grau. Realmente, os filhos são sonhos vívidos das ambições e metas (nem sempre realizadas) dos pais, almejando uma ascensão econômica e social que não conseguiram atingir. Com menor incidência, é uma continuidade da atividade familiar, que se comporta como herança cultural. Ainda que raramente, pode ser uma manifestação inercial da ambição da própria pessoa, que tem nesta atividade a realização de seus objetivos, ou como um passo em atingir suas ambições.

O futuro médico já em seus primórdios da infância começa a manifestar uma curiosidade para os processos biológicos. Este “desejo de saber” vai se exacerbando com o crescimento, e por fim, geralmente durante a fase de adolescência já é bastante marcante, e quase já define a provável atividade profissional da pessoa.

Definida a meta e convicto de seu futuro, vai nosso jovem a procura de um lugar para transformar seus sonhos em realidades.

## A Casa da Morte

Conseguindo um lugar ao sol, depois de dificuldades infindas,

trocando muito de sua adolescência por um rígido sistema de estudo, consegue finalmente ser acolhido dentro de um estabelecimento de ensino superior voltado ao ensino médico.

A sensação de saber que foi admitido é inebriante e única. Já o coloca dentro de uma elite, por ter conseguido a colocação entre muitos.

Mas esta sensação não irá durar muito, talvez por algumas semanas. Terá que aprender uma outra lição muito mais importante na vida, a humildade, a fazer reverência e respeito à própria vida e morte. E da pior forma possível, porque logo ao início de suas atividades, é levado ao laboratório de anatomia, onde cadáveres inteiros ou suas peças serão utilizados para que possa estudar e dominar o corpo humano em suas minúcias.

A sensação de quem teve nenhum ou pouco contato com a morte, colocada vis a vis com o corpo amarelo bronzeado, ressecado, que jaz deitado sobre a fria pedra de mármore, o odor de formol, provocando ardência nos olhos, coriza, sufocando, e queimando as pontas dos dedos, a face da morte, às vezes serena, às vezes transfigurada pela dor, o corpo geralmente magro, caquético, quiçá corroído pelo sofrimento dos anos de penúria e doença, o provável descaso familiar e abandono que aquela pessoa que teve seus sonhos e desejos, e a que foi submetida para acabar no tanque de formol e mesa de anatomia, nos faz mais do que nunca instintivamente conscientes da transitoriedade da vida, da desconfiança com nossos entes mais próximos, do alheamento existente entre a vida e a morte, da total incerteza do que o futuro reserva a todos nós, e como, de algo que nem era sequer cogitado pela imaginação, como agora a morte, antes quase totalmente ignorada, cresce e toma forma perante nossos olhos, fazendo com que aquela sensação do “super-homem” se torne tão quebradiça e volátil, tão sem significado. Mas como a fênix que renasce das cinzas, esta sensação de “super-homem” ainda retornará no futuro de uma forma mais acentuada, mais inquebrantável, para não dizer, até megalomaniaca.

Tomamos então a consciência de que realmente somos mortais como todos os outros, senão ainda mais, por estarmos a partir deste momento, a viver continuamente com a morte aferrolhada a nós, como a eterna

esposa que jamais nos abandonará e sairá de nosso lado. Somos então, ainda na flor de nossa juventude, vilmente violentados em nossas fantasias, vemos algumas nossas ilusões desmoronarem, sendo conscientizados e imersos na fria e crua realidade existencial. É o começo de nosso massacre psicológico existencial. É o último alento de nossos sonhos quase pueris que se esvaem, gota a gota. Então começamos a nos tornar adultos...

## A Casa da Vida

Após dois anos de sofrimentos que começam a moldar indelevelmente nossa personalidade, a ausência de tempo próprio, de dias e noites imersos em novos conhecimentos que se avolumam com o passar dos dias, é chegado o momento da recompensa: começamos a ter acesso à casa da vida. É quando, nos afastando dos insanos laboratórios, iniciamos o contato médico com humanos.

Inicialmente, somos levados à colher informações de modo adequado (anamnese). Já se vão passados mais de quarenta anos, e esta é uma frase que ouvi de um paciente, que até hoje guardo com todo o carinho: "... dor é sinal de vida...". Marcante porque partiu de um idoso em estado terminal, em pleno fim de semana. Mais doloroso ainda, pois quando voltei na semana seguinte a procura-lo e falar com ele, soube que havia falecido. E de todas as conversas tidas, estas suas palavras ainda permanecem ribombando em minha mente...

Esta vivência obriga-nos a ter consciência de um fato extremamente importante: o tempo é inexorável. Não há momento que possa ser recuperado. As coisas que tem que ser feitas, devem ser feitas de imediato. Não existe o "...daqui a pouco eu faço...". O momento é agora, ou nunca mais...

O exame físico do paciente é fundamental. Ainda, na década de 70, estávamos no tempo que o que tínhamos de instrumentos eram o estetoscópio para ouvir, nossas mãos para tocar e sentir, os olhos para observar, os exames de laboratório e o R.X. para confirmarem nossas idéias. Os modernos meios diagnósticos hoje presentes eram inexistentes.

A história e o exame físico eram nossas armas. Conhecíamos o corpo humano normal. Agora era o momento de estudarmos as doenças, e vivermos junto aos doentes e assimilar em nossas mentes as manifestações das doenças.

Aos poucos, nossas primeiras e singelas observações de pacientes dia a dia se tornavam mais complexas. Novas perspectivas iam se abrindo momento a momento. Nossa convivência com os pacientes era fundamental para sedimentar o conhecimento teórico que havíamos tido, e desenvolver o raciocínio clínico, que dia a dia se aprimorava.

Paralelamente com estes fatores, a habilidade e a técnica também eram desenvolvidas nos campos cirúrgicos, o que, de uma forma ou outra, nos impelia a opção de atividade profissional. Nuca esqueço-me da orientação de um grande cirurgião que muito me ensinou, Dr. Avediz Nahas: "... você precisa aprender a ver com a ponta dos dedos..."

Nesta fase de preparação se passaram mais três longos anos. É a fase de desenvolvimento da autoconfiança. Paulatinamente, de simples "colhedores" de histórias, nos eram transferidas as responsabilidades do exame físico, da prescrição e terapêutica. Éramos cada vez menos tutelados, mas ainda sob uma observação rigorosa para rigorosa terapêutica correta e sucesso dos resultados almejados.

Depois de longos seis anos de atividades, fazíamos nosso juramento hipocrático e recebíamos nosso certificado de conclusão de curso. Agora éramos médicos. Mas, se assim éramos reconhecidos como tais, ainda nos faltava a habilidade e destreza total de assumir todas as responsabilidades inerentes à carreira abraçada. Havia a necessidade de mais uma fase ainda...

## **A lapidação do poder**

Viria agora uma das mais importantes fases do desenvolvimento profissional, a de amadurecimento dentro de uma ou duas das disciplinas almejadas do recém-formado, a fase de estágio e residência. Tem ela

a definição da especialização a seguir. Agora é chegada a hora de ser realmente capaz do que almeja, aprimorando seus conhecimentos.

Cada vez mais vai assumindo definitivamente a responsabilidade sobre o paciente. Agora é ele quem examina, pede exames, prescreve. Claro que ainda tem seus atos e ações discutidos, e só é corrigido caso cometa erros crassos. Os doentes sob sua responsabilidade tem todos seus procedimentos discutidos com seus colegas (e sob supervisão), que tem de fazer uma análise crítica como o paciente está sendo tratado e evoluindo. Já executa pequenas cirurgias ambulatoriais, primeiro sob supervisão e depois sozinho. Cirurgias maiores são cuidadosamente seguidas. Qualquer conduta eventualmente temerária é prontamente corrigida.

Nesta fase irá passar pelo menos dois anos, quando deverá estar plenamente apto a desligar-se do hospital escola, e atuar sozinho.

Este progressivo assumir de responsabilidades, onde cada dia que se passa, recai sobre ele o responder por seus atos, com todos os sucessos e reveses, irá formando a auto confiança e a responsabilidade do profissional em suas condutas.

Ter sob seu encargo outros recém formados, orientá-los como foi orientado, irá formando-o em profissional apto a assumir suas atividades cotidianas perante o doente, sua família e a sociedade.

## **O exercício do poder**

Finalmente o jovem profissional é desligado do hospital onde atuou por dois anos ou mais. Tem o seu cordão umbilical seccionado. Deverá escolher um local onde irá atuar. É a fase onde sai à procura de trabalho, geralmente iniciando suas atividades como plantonista em outro hospital. Paralelamente a isto, entra em contato com outras entidades, procurando ser admitido no corpo clínico de outra entidade assistencial.

A sua formação anterior, apesar de lhe haver fornecido subsí-

dios para enfrentar a grande maioria das patologias, ainda irá lhe gerar dúvidas em algumas condutas. Mas, se antes havia o preceptor que lhe estendia a mão, agora, vê-se ele dentro de mais um processo, onde é observado em suas condutas médicas pelos outros profissionais. Antes de delegar a um profissional novas responsabilidades eventuais sobre algum paciente, temos de ter a consciência que podemos fazer isto com certeza absoluta, e nada duvidoso será executado por ele. Geralmente a admissão a um nosocômio era feito por um profissional já habilitado desta unidade, e que atuaria como um “padrinho”, observando-o e o orientando dentro das rotinas, para evitar quaisquer tipo de atritos, com quem quer que fosse.

Era uma fase difícil, pois todo o tato era pouco. Há a necessidade de boa dose de humildade, para não ferir as sensibilidades de outros profissionais, e ao mesmo tempo demonstrar certeza e firmeza de suas condutas. A dedicação e o desdobramento em relação ao paciente também é outro ponto marcante. Somente assim conseguirá ser integrado à comunidade e reconhecido como um deles.

Aceito ao meio que atua, pequenos atritos ainda poderão se desenvolver. A experiência mostra muitas vezes que a evolução de uma doença é inexorável, podendo ser protelada mesmo em seus estádios terminais, mas nunca evitado.

Este problema não é muito bem assimilado durante sua formação. Agora é a fase em que qualquer fracasso é crucial. Começa ele a atuar com todas suas forças, seu otimismo e energia na batalha contra o destino final de qualquer ser vivo. E esta luta pode tornar-se uma verdadeira obstinação. É o retorno da fase do “super-homem”.

A vivência constante desta essência filosófica poderá torná-lo um profissional em que só concorde com condutas extremas em casos quase que finais. Mesmo enfrentando riscos, algo faz com que ele venha a optar por condutas radicais quando o risco de morte seja muito grande.

Estas condutas discutíveis e/ou tendenciosas poderão leva-lo a procedimentos dúbios onde a persistência e obstinação em determinado objetivo pode chegar a causar uma verdadeira “cegueira” à lógica, e

faze-lo optar por condutas que possam ser consideradas temerárias à integridade do doente.

Se dentro destes procedimentos são obtidos sucessos, isto poderá induzir ao desenvolvimento de um certo “absolutismo” de condutas, onde a luta contra a doença se torna superior ao conforto e até mesmo à maior segurança do paciente.

Neste momento temos o médico “absolutista”, onde apenas seus atos profissionais são “reais, verdadeiros, irrefutáveis e incontestáveis”, e a opinião de colegas, psicologicamente relegadas a um segundo plano.

Paralelamente a isto, temos que o continuo assumir pelas plenas responsabilidades profissionais associados com os sucessivos sucessos, acabam por retro alimentar o processo, gerando estado de total, plena e indiscutível segurança e suficiência nas condutas, gerando um processo quase similar de megalomania.

Este estado pode ser passageiro ou perdurar por anos e anos. Intimamente nunca aceitaremos a derrota e perderemos a esperança que acabaremos por vencer o mal, que se hoje ainda não temos um meio digno de enfrentar algum problema, o amanhã irá sorrir para nós, oferecendo outras opções. E, dentro deste raciocínio de conto de fadas, nossas expectativas continuarão a fluir...

## **A Maturidade e o Ocaso**

Mas, em determinado momento, o sonho termina abruptamente. É como um balde de água fria lançado violentamente sobre nós. Nossas esperanças simplesmente se desmoronam, nossos sonhos esvaem-se totalmente.

Chega o momento que estamos cansados de sermos vencidos pela doença, de viver com o sofrimento alheio. Estamos enfadados da dor de outrem, do pensamento mágico que somos invencíveis, de manter uma farsa de estarmos sempre dando uma esperança que intuitivamente sabemos transitória, de acalentarmos uma ilusão no paciente e seus

familiares. Sem dúvida, sabemos que a evolução de uma doença é inexorável, e mais ou menos tempo, os fatos escaparão de nosso controle, e finalmente a começamos a reconhecer que muitas vezes não passamos de meros intermediários, de = meros “sapateiros remendões” entre nosso ambicionado fim e a evolução inexorável da doença.

Há um momento em nossa existência em que indagamos a nós mesmos de até onde nossos atos são válidos, o nosso contínuo lutar e nosso eterno ser derrotado pelo implacável desenrolar e fim inevitável da moléstia.

Há um momento em que somos obrigados a avaliar se, dentro das condutas intermediárias que tomamos durante um tratamento, se todas estas passagens foram válidas, se os custos envolvidos e o sofrimento que fizemos os pacientes e seus familiares passarem foram realmente válidos para postergar um fim inevitável.

Há um momento onde deveremos então considerar que onde é mais importante destinarmos verbas, se para um paciente gravíssimo, quase sempre fadado ir ao óbito, ou de outro lado, utilizar estas verbas para alimentação e saneamento básico voltado à infância, o que provavelmente evitaria no futuro uma série de doenças, doentes e óbitos? Não que os primeiros não mereçam o tratamento... Ainda bem que não cabe a nós, profissionais de saúde, termos de fazer esta opção. Nosso compromisso é com o paciente que assumimos a responsabilidade.

Quando falamos em tratar um paciente, omitimos às vezes que o tratamento proposto é paliativo, e que dificilmente evitaremos o inexorável. Somos então aplaudidos por um sucesso transitório, e dentro de uma escala de valores, não estamos oferecendo ao doente nada mais do que ilusão, e ilusoriamente vangloriamos nosso dúbio sucesso.

Ainda me fere o sentimento de impotência, revolta e outros, de dois casos mais marcantes em minha vida. O primeiro refere-se a um jovem paciente com trombose arterial de todo o intestino delgado que foi submetido à enterectomia (ressecção total de intestino delgado). Depois de uma luta que se prolongou durante mais de um ano, conseguimos dar alta hospitalar a este doente, mas com a condição que deveria tomar

um copo de suplemento dietético cada duas horas (era sua condição básica de sobrevivência). Conseguimos inclusive fazer com que este suplemento fosse fornecido gratuitamente à ele.

Passados alguns meses, retornou ele ao hospital totalmente desidratado, caquético, justificando que “não mais desejava viver, pois se constituía em um peso exagerado (tanto monetário como social) para sua família. Que a sua morte propiciaria alguns benefícios, como sua esposa poderia ter mais liberdade em conseguir um emprego e sustentar muito mais adequadamente a ela e seu filho, visto que ele não conseguia exercer nenhuma atividade e a aposentadoria que recebia era insuficiente, que ela poderia ter uma vida mais normal, inclusive casando-se novamente. Que não haveria mais necessidade de ele ficar mendigando alimentação, que não mais suportava tomar estes suplementos, etc”. E realmente, por vontade própria, evoluiu para o óbito.

Outro caso foi um jovem que teve trombose arterial na perna, mas conseguimos manter a extremidade. O grande problema que é que como consequência tinha incapacidade para andar além de umas dezenas de metros. Todo o sucesso deste caso foi frustrado quando veio até nós e solicitou amputação da extremidade. A justificativa é que do modo que estava era impossível trabalhar, e portanto sobreviver adequadamente. Alegava que com a amputação, poderia utilizar uma prótese mecânica e levar vida normal. Negamo-nos a executar o procedimento, mas um outro profissional concretizou seu desejo.

Estes dois casos nos levam a questionar se a conduta profissional tomada foi realmente a mais adequada. Pelo menos o era quando foi executada, mas todo o trabalho desenvolvido foi crucialmente destruído pelo desejo e outras metas dos pacientes.

Temos estes dois casos como o exemplo vívido do desejo do paciente sobrepujando a indicação e o sucesso da atividade médica.

Agiram conforme seu desejo maior, e não cabe a mim recriminá-los por suas opções, somente a frustração de vermos nossos sucessos tão vilmente tolhidos.

Com isto mais uma vez vemos nossa colocação inicial endossa-

da, pois apesar de todos os esforços feitos para se evitar uma situação final, quando a conseguimos, o destino friamente riu de nós, e acabou por completar sua meta inquestionável...

## Conclusão

Hoje estamos usufruindo do devido respeito e repouso que merecemos depois de quase cinquenta anos vivendo com doenças, doentes e a noiva da morte. Atingimos muitas satisfações, e tivemos algumas decepções. Julgamos as metas propostas dentro da juventude como plenamente realizadas. A vivência em companhia da vida e morte nos faz crescermos. Ajuda-nos a entender o começo, meio e fim das coisas. Ajuda a aceitar o sucesso e a derrota, a alegria e a tristeza. Nos ensina a “andar” com o paciente terminal, tratá-lo, consolá-lo e prepará-lo para a morte. Obriga-nos a ter respeito e desprendimento pelos outros. Obriga-nos a sérios dilemas de consciência. Gera e cria novos valores morais e impulsiona a sociedade como um todo, inclusive a eventualmente alterar suas normas e leis. Inclusive, nos obriga algumas vezes a considerar em nosso âmago a malévola e inaceitável sensação de Dr. Jekyll e Dr. Hyde.

Apesar do grande esforço despendido no sentido de não interferimos na vida particular de nossos pacientes, isto acaba ocorrendo, seja pela intimidade da vivência, seja pela habitual solicitação de conselhos. Além da especialidade exercida, somos muitas vezes solicitados a opinar sobre situações e como equacionar as soluções.

Tenho plena realização de minha vida dentro dos parâmetros do Juramento de Hipócrates, que sempre respeitei. Respaldei-me nas minhas decisões, sempre nos valores da honra e do respeito a mim mesmo e ao meu próximo. Nunca exerci o mercantilismo, e sempre o combati com veemência. Fiz sempre o que poderia fazer de melhor ao paciente. O que fiz, fiz pela verdade e pelo melhor de cada um e pelo todo. Algumas vezes não fui bem entendido em minhas metas e objetivos. Tive meus grandes sonhos e grandes decepções.

Aprendi que quanto mais pessoas temos ao lado, maior nossa possibilidade de sermos vilmente traídos. Conheci muitas pessoas vestidas com pele de cordeiro. Aprendi que os galanteios feitos, geralmente nada mais são senão que “cantos das sereias”, e dos Judas que se aproximam de nós. E muitas vezes se vendem por muito menos de 30 moedas...

Mas apesar disto, tive ótimos e verdadeiros amigos que permanecem guardados com todo o carinho em meu coração e minha mente. Amigos são para sempre...

Muitas vezes aprendi que a solidão é melhor que o risco de sermos traídos. O retraimento é menos cooperativista e tem sabor muito menos amargo. Permite-nos manter sempre com a cabeça erguida. Nos mantem a altivez e a honra...

Agora que percorri meu caminho, tenho o direito de sentar-me à beira do rio, na sombra de frondosa árvore, e ver as águas passarem ouvindo suas canções...

## Apêndice

### Juramento de Hipócrates

“Eu juro, por Apolo médico, por Esculápio, Hígia e Panacea, e tomo por testemunhas todos os deuses e todas as deusas, cumprir, segundo meu poder e minha razão, a promessa que se segue:

Estimar, tanto quanto a meus pais, aquele que me ensinou esta arte; fazer vida comum e, se necessário for, com ele partilhar meus bens; ter seus filhos por meus próprios irmãos; ensinar-lhes esta arte, se eles tiverem necessidade de aprendê-la, sem remuneração e nem compromisso escrito; fazer participar dos preceitos, das lições e de todo o resto do ensino, meus filhos, os de meu mestre e os discípulos inscritos segundo os regulamentos da profissão, porém, só a estes.

Aplicarei os regimes para o bem do doente segundo o meu poder e entendimento, nunca para causar dano ou mal a alguém.

A ninguém darei por comprazer, nem remédio mortal nem um conselho que induza a perda. Do mesmo modo não darei a nenhuma mulher uma substância abortiva.

Conservarei imaculada minha vida e minha arte.

Não praticarei a talha, mesmo sobre um calculoso confirmado; deixarei essa operação aos práticos que disso cuidam.

Em toda casa, aí entrarei para o bem dos doentes, mantendo-me longe de todo o dano voluntário e de toda a sedução, sobretudo dos prazeres do amor, com as mulheres ou com os homens livres ou escravizados.

Àquilo que no exercício ou fora do exercício da profissão e no convívio da sociedade, que eu tiver visto ou ouvido, que não seja preciso divulgar, eu conservarei inteiramente secreto.

Se eu cumprir este juramento com fidelidade, que me seja dado gozar felizmente da vida e da minha profissão, honrado para sempre entre os homens; se eu dele me afastar ou infringir, o contrário aconteça.”

### **Código de Hamurabi (Babilônia antiga: 1750 A.C.)**

215º - Se um médico trata alguém de uma grave ferida com a lanceta de bronze e o cura ou se ele abre a alguém uma incisão com a lanceta de bronze e o olho é salvo, deverá receber dez siclos.

216º - Se é um liberto, ele receberá cinco siclos.

217º - Se é o escravo de alguém, o seu proprietário deverá dar ao médico dois siclos. (A diferença social também era compensada com uma lei que tornava os serviços prestados aos pobres mais baratos.)

218º - Se um médico trata alguém de uma grave ferida com a lanceta de bronze e o mata ou lhe abre uma incisão com a lanceta de bronze e o olho fica perdido, se lhe deverão cortar as mãos. (Erro médico que levasse a deficiência de uma pessoa, o médico poderia ser punido com a amputação das mãos, impossibilitando-o de exercer o ofício.)

219º - Se o médico trata o escravo de um liberto de uma ferida grave com a lanceta de bronze e o mata, deverá dar escravo por escravo.

220º - Se ele abriu a sua incisão com a lanceta de bronze o olho fica perdido, deverá pagar metade de seu preço.

221º - Se um médico restabelece o osso quebrado de alguém ou as partes moles doentes, o doente deverá dar ao médico cinco siclos.

222º - Se é um liberto, deverá dar três siclos.

223º - Se é um escravo, o dono deverá dar ao médico dois siclos.

224º - Se o médico dos bois e dos burros trata um boi ou um burro de uma grave ferida e o animal se restabelece, o proprietário deverá dar ao médico, em pagamento, um sexto de siclo.

225º - Se ele trata um boi ou burro de uma grave ferida e o mata, deverá dar um quarto de seu preço ao proprietário.

226º - Se o tosquiador, sem ciência do senhor de um escravo, lhe imprime a marca de escravo inalienável, dever-se-á cortar as mãos desse tosquiador.

\* \* \*

Unidade de peso no antigo Oriente. Antiga moeda dos hebreus, de prata, cujo peso equivalia a seis gramas

O shekel,<sup>1</sup> também grafado sheqel ou shequel (em hebraico: שקל; plural: shekels, sheqels, sheqalim, em hebraico: שקלים), ou siclo<sup>1</sup> em português, refere-se a uma das mais antigas unidades de peso, utilizada posteriormente como nome da moeda corrente do povo israelita. A primeira utilização é da Mesopotâmia, cerca de 3000 a.C. Inicialmente, ela pode ter se referido a um peso de cevada (a primeira sílaba “she” era o acadiano para cevada). Este shekel possuía cerca de 180 grãos (11,4 gramas).

## HISTÓRIA e MEMÓRIA

## Histórias de nossa Região

**ANTONIO CARLOS ANGOLINI**

Limeirense de nascimento, morador do Distrito de Tupi - Piracicaba desde 1949, Antonio Carlos não deixa nenhuma dúvida: Piracicaba e Santa Bárbara, são as cidades que o adotaram como filho.

Profundo conhecedor de nossa história, Angolini resgatou a história dos bairros Caiubi e Tupi, tendo promovido constantes exposições e matérias nos jornais sobre o assunto. Foi também, o instituidor do "Dia D", evento que objetivava incentivar a solidariedade e o amor aos menos favorecidos. Foi e é grande colaborador da imprensa local, um "sempre" escoteiro e ecologista atuante.

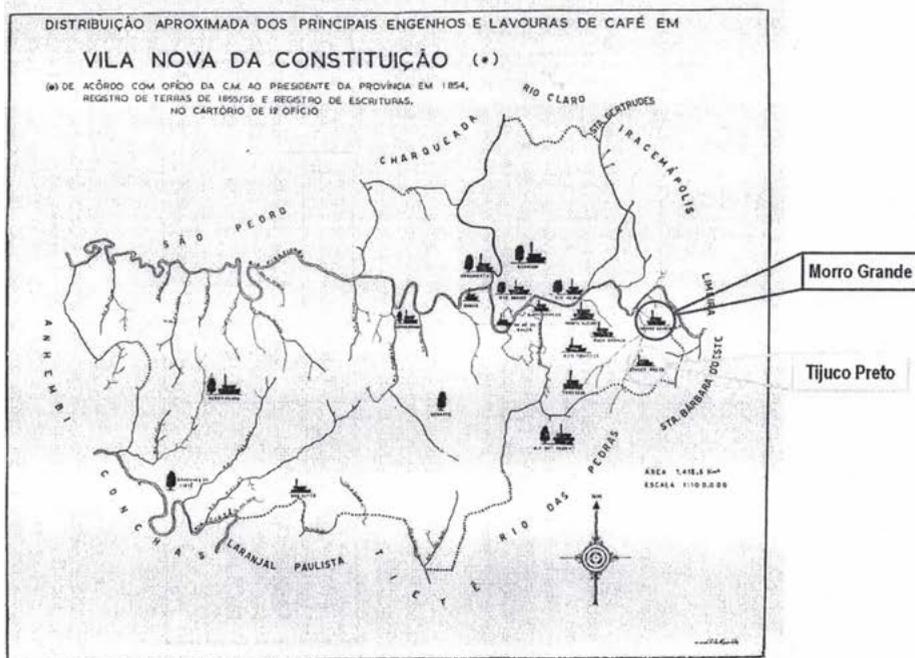
Consultando o livro "Aspectos da Evolução da Propriedade Rural em Piracicaba - no Tempo do Império", descobri um dado muito importante, de nosso Distrito. Tupi foi criado por ocasião da inauguração do Ramal Ferroviário, em 29 de junho de 1922, quando foi aberta a nossa estação.

O mapa dos registros de terra de 1855 – 1856 e registro de escrituras no cartório de 1º Ofício, tão antigo já menciona a Fazenda Morro Grande e o bairro Tijuco Preto. Já era de meu conhecimento que essas localidades eram mais antigas, porém nem tanto quanto este mapa registra.

Uma das antigas estradas, vindas de Piracicaba, passava pelo Tijuco Preto, já afirmava o saudoso Orlando Arruda, em uma entrevista com ele gravada, e, assim, vamos resgatando a nossa história.

No presente, temos obrigação para com as futuras gerações, de salvar e manter esses dados, como referência de QUEM CONSTRUIU ESTE TEMPO...

**FIGURA 01** – Vila Nova da Constituição, atual Piracicaba



## Tupi

Com aniversário, a ser comemorado no dia 29 de julho, mais um ano de fundação de nosso querido bairro de Tupi, destaco o trabalho de José Basso, esse italiano que conseguiu a construção de nossa Estação Ferroviária, o que permitiu o início de nosso loteamento pela Câmara Municipal de Piracicaba. Destaco ainda, o imigrante francês. Augusto Marengo, o primeiro morador e José Gonçalves Barroso, imigrante português, o segundo a transferir residência para cá. Foi esse que construiu a primeira casa e armazém, de taipa de mão (barro batido), casa ainda em uso, no início da Rua 13 de maio. Marengo construiu o seu armazém e residência, de táboas.

Volto a destacar, a primeira fase de nosso crescimento com a aprovação do Bairro Peória, em meados dos anos de 1970. Naquele ano, no Distrito de Tupi, as famílias Bacchin e Granzotti planejavam lançar o Loteamento “Parque das Indústrias”, contíguo ao bairro, e assim foi feito...

Tendo em vista o início das atividades da Caterpillar, que tem sua sede em Peória, EUA e, tendo em vista o interesse de alguns funcionários transferidos de São Paulo para a nova fábrica, em morar no local, o novo bairro acabou recebendo o nome de Parque Peória. Essa foi a primeira homenagem que a empresa recebeu na região. Nesta matéria, contamos um pouco da história de nosso “Peória”, mostrando uma vista aérea da “cidade-mãe” e algumas fotos retratando o início de nosso Peória.

A Caterpillar, empresa americana, iniciou suas atividades em São Paulo no ano de 1954 com um armazém para comercialização, fabricação e estocagem de peças e componentes. Em nossa região, no Distrito Industrial de Piracicaba a fábrica foi inaugurada em 1975.

**FIGURA 02** – Na foto, em primeiro plano, a vista aérea da cidade de Peória, nos Estados Unidos



**FIGURA 03** – Início do loteamento do Parque das Indústrias, cujo nome muda para Parque Peória, em homenagem à chegada da Caterpillar. (Acervo A. C. Angolini)



**FIGURA 04** – Início da construção do Parque Peória – Final dos anos 1970. (Acervo A. C. Angolini)



**FIGURA 05** – As primeiras casas do Parque Peória, na década de 1980. (Acervo A. C. Angolini)



**FIGURA 06** – Vista aérea da cidade de Peoria-EUA, sede da Caterpillar. (Acervo A. C. Angolini)



## Histórico de nossa ferrovia

O tronco ferroviário foi construído, da Capital para o interior, passando pelas terras divisórias entre Campinas e Santa Bárbara, seguindo para Rio Claro. A primeira estação, com o nome de “Estação de Santa Bárbara”, foi inaugurada, em “27 de agosto de 1875, por D. Pedro II e teve como ponto alto à chegada da locomotiva Baronesa e dos carros de primeira classe que conduziam o imperador, o Conde D’Eu, o Presidente da Província, Secretários de Estados e a diretoria da Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais”.

Por economia e pelo traçado, a grande malha ferroviária foi construída a 8 km do centro de Santa Bárbara (ainda não era d’Oeste) e propiciou, em seu entorno, o surgimento de uma nova vila que se tornou conhecida como Vila dos Americanos, dado ao grande número de imigrantes americanos que para cá vieram, após a Guerra da Secessão, e dela serviam-se para o embarque da

produção agrícola. A partir de 1900, a nova vila passou a ser conhecida como Vila Americana.

Piracicaba, distante uns 30 km dessa estação e tendo políticos influentes, passou a lutar para que a nova ferrovia de bitola larga, chegasse até a cidade. Muitas foram as discussões em torno desse assunto, até que o Governo do Estado autorizou a construção do ramal, em reunião realizada em 30 de abril de 1902. Nesse dia foi assinado o contrato feito por escritura pública, na capital, entre a Câmara Municipal de Piracicaba e a Companhia Paulista de Estrada de Ferro, para a construção de um ramal férreo entre Nova Odessa (outrora POMBAL) e Piracicaba. Ao serem informados da grande conquista, os Piracicabanos promoveram uma grande festa que, durou todo o dia 1º de Maio daquele ano.

A espera foi longa mas, em 1916, era inaugurada a estação de Recanto, em Nova Odessa, local do entroncamento de nossa linha e, no ano seguinte, Santa Bárbara ganhava a sua segunda estação, agora mais próxima ao centro, conforme noticiou o jornal “O Correio Paulistano de 3 de julho de 1917”.

“No dia 14 de julho de 1917, a cidade de Santa Bárbara estava em festas. Nesse dia, entraria na gare da Estação da Cia. Paulista, o primeiro trem conduzindo passageiros, inaugurando o ramal para Santa Bárbara. Na madrugada daquele dia, a “Lyra Republicana” acordou o povo barbarensense em festiva alvorada. Às 9h24min, surgiu o primeiro trem, o M-11, trazendo autoridades. O Trem vinha todo enfeitado, com vistosas bandeiras, flores e na frente da máquina, uma imponente bandeira nacional. Logo abaixo, um grande cartaz que dizia: Salve Cia. Paulista - Salve 14 de julho de 1917 - Salve Santa Bárbara.”

A construção do trecho entre Santa Bárbara e Piracicaba só ficou pronto em 1922 e em 29 de julho desse ano, era aberto ao tráfego o nosso ramal.

Nesse dia foram inauguradas as estações de Caiubi e a central neste município, Tupi e Taquaral. A Câmara Municipal de Piracicaba, comprou um terreno de 13 alqueires, providenciou o arruamento de nove quarteirões e iniciou a venda dos lotes. Marcelino Boaretto arrematou o terreno restante, equivalente a 13 alqueires, surgindo assim o “Distrito de Tupi”, já o Caiubi não passou de seus dois quarteirões iniciais.

Ao completar meu relato, não posso deixar de mencionar o grande empenho do italiano José Basso, na ocasião, administrador da Fazenda Morro Grande, em conseguir junto a Cia. Paulista de Estrada de Ferro, a construção da estação de Tupi e de Antonio Angolini, o mesmo empenho, quanto à construção da estação de Caiubi. José Basso também foi o responsável em conseguir a doação das terras para a formação da Estação Experimental de Algodão de Piracicaba, hoje, o conhecido Horto Florestal de Tupi.

No Tupi, o primeiro morador foi o imigrante francês, Augusto Marengo, e o segundo foi José Gonçalves Barroso, imigrante português, conhecido como Barrozito que transferiu residência do Bairro Quebra-Dente, ambos montaram um pequeno armazém. Já no Caiubi, foi Fioravante Luiz Angolini a construir a primeira casa e montar o primeiro comércio.

### **Estrada Vila Americana-Piracicaba**

Na próxima semana, vão ser atacados, nas proximidades da Escola Agrícola, os serviços da construção da estrada de rodagem que ligará a nossa cidade à de Vila Americana, numa extensão total de 37.800 metros.

A turma que vai iniciar a construção desse trecho deverá, dentro de dois meses, encontrar-se com a turma que ora trabalha em Tupi, até onde esta concluída a estrada.

Já é, pois, tempo de uma providência por parte dos poderes competentes, para que seja apressada a concorrência para a construção das pontes, pontilhões e passagem sobre o leito da Paulista.

Naturalmente, os estudos já foram feitos e não seria razoável que a magnífica estrada, depois de concluída, ficasse ali ao abandono por atraso das construções a que acima aludimos.

Não é necessário frisar aqui a importância e o valor que advirão para a nossa cidade e localidades servidas por essa estrada, pois, é lógico, dali em diante, as viagens para Campinas, São Paulo, Santos, Rio de Janeiro, e outras cidades importantes, terão o trajeto encurtado, além da utilização de uma estrada, conservada em magníficas condições.

E isso Piracicaba deve ao competente corpo de engenheiros que diariamente percorrem o trecho já construído, não descuidando dos estudos que deve merecer o trecho da entrada de Piracicaba.

E à construção cuidadosa da estrada devemos ao criterioso empreiteiro Sr. José de Moraes Herling, que, ao nosso Estado, já prestou inestimável soma de serviços.

(Do “Jornal de Piracicaba”).

Transcrito do Jornal Cidade de Santa Bárbara, 7 de abril de 1929

## **Posto de Saúde e a Tracoma**

Em conversa com o barbarenses Nelson Sartori (falecido em 21/03/2014) um assíduo frequentador do Tupi FC, nos dias de promoções, fiquei sabendo que, no Tupi, por volta de 1942 ou 43, existia um posto de saúde que dava atendimento a todos, acometidos de TRACOMA (Oftalmopatia crônica, de origem bacteriana, e que compromete córnea e conjuntiva, levando à fotofobia, dor e lacrimejamento).

Ficava na Rua 16 de Julho, provavelmente, no prédio da antiga cadeia, hoje, casa da Erondina “Ironada” da Cruz.

Foi um período de muito sofrimento, principalmente para as crianças, que choravam muito, pois o tratamento exigia alguns procedimentos de higienização, dolorido.

Nosso bairro tinha apenas 20 anos e, dava atendimento para toda região, inclusive, ao Grupo Escolar José Gabriel de Oliveira, de Santa Bárbara, (ainda não tinha o d’Oeste), vinham de “jardineira”, as crianças, para o tratamento.

O Tracoma, uma doença que ataca a vista, principalmente das crianças. E’ contagiosa e, com a falta de higiene, no uso da mesma toalha ou bacia, para lavar o rosto, ela alastrava-se.

Por estar ligado a Piracicaba, nosso Distrito, já era destaque, cresceu muito, e chegou a ter uma boa infra-estrutura, para a época, depois, ouve uma certa decadência, e Tupi, ficou “parado no tempo”.

Hoje, no caminho do Turismo e desenvolvimento, nossa região despen-ta-se como uma boa opção para os investimentos. As indústrias, que chegam ou saem, da cidade, estão instalando-se, as portas de nosso Distrito e, por aqui, chegam as primeiras, dando emprego aos nossos jovens.



O Diário, década de 1980.

## HISTÓRIA e MEMÓRIA

## História que eu não gostaria de contar

**CECÍLIO ELIAS NETTO**

Jornalista, advogado, escritor,  
professor e membro do IHGP.

### **O golpe militar de 1964 completa 50 anos. Fui testemunha, ator, autor, participante de todos os longos anos de trevas que caíram sobre o Brasil.**

O golpe militar de 1964 completa 50 anos. De minha parte, chego a 58 anos de jornalismo, vividos em Piracicaba. Fui, assim, testemunha, ator, autor, participante de todos os longos anos de trevas que caíram sobre o Brasil. E, portanto, também sobre Piracicaba. Poucas vezes, dei-me o direito de ser simples espectador. Por tal envolvimento, é-me impossível – pelo menos, sinto-o assim – escrever sobre aquele período sem fazê-lo como testemunho e depoimento pessoais. Peço, pois – a leitores – permissão para a narrativa reflexiva. Que seja, ela, tida apenas como uma versão pessoal, uma história que eu sei. E que vivi. Mas que eu não gostaria de contar.

## Uma noite anunciadora

Naquela noite de 30 de março de 1964, apressei-me em fazer o fechamento da edição da “Folha de Piracicaba” – jornal do qual eu era diretor e me tornara proprietário – para cumprir um compromisso social. No dia 31, seria o aniversário do casal Diva e Luiz Guidotti, ambos nascidos na mesma data. Tornara-se quase oficial a celebração, repetida todos os anos, prestigiada por amigos daquele casal alegre, querido, sociável. Muito próximo de Luiz Guidotti – apesar de nossa diferença de idade – eu me sentia no prazeroso dever de ir cumprimentá-los. Eles haviam antecipado a comemoração natalícia, de 31 para 30.

Eu estava casado com Mariana fazia pouco mais de um ano. Inquietei-me por deixá-la só em nosso apartamento, pois os boatos e ameaças de violência chegavam ao ponto de combustão. Mariana não podia acompanhar-me, fui sozinho. E, ao chegar próximo da residência do casal – na esquina do Clube de Campo – percebi estranha movimentação. Havia veículos oficiais, policiais militares, alguns outros à paisana. A tensão estava no ar. Apenas depois de me identificarem, permitiram-me entrar na residência de Diva e Luiz.

Lá, eu soube do que se tratava. O Governador Adhemar de Barros – amigo pessoal de Luiz Guidotti – estava para chegar, participando da recepção. Todos aqueles cuidados, pois, eram para a segurança do velho Adhemar, por quem eu tinha ojeriza política. À época, Adhemar era como que o símbolo da corrupção no país, com seu famoso e melancólico “rouba, mas faz.” Tinha, porém, uma liderança fortíssima, acentuada ainda mais pela confusa, complexa e alarmante situação política do país naqueles anos.

O Governador estava atrasado e Diva e Luiz Guidotti desculpavam-se, por ele e por si mesmos. Então, por volta das 23h., Luiz foi chamado ao telefone. Era Adhemar de Barros, o governador. Que se explicava, desculpando-se por suspender a visita e comunicando: “A situação está gravíssima. Teremos novidades nas próximas horas.” O Brasil começava a entrar em convulsão mas ninguém, ainda e então, sabia o que o ocorria e o que aconteceria. Um golpe de Estado? Mas

vindo de onde: do governo de João Goulart, das forças reacionárias que o combatiam?

Voltei a meu apartamento, que ficava no andar superior da redação da “Folha”, na rua José Pinto de Almeida, esquina da Moraes Barros. Minha mulher me esperava. E eu, na hormonal agitação dos meus 23 anos, buscava informações, através das fontes precárias de então, praticamente reduzidas às emissoras de rádio. E, no entanto, entre elas mesmas, havia-se intensificado a “guerra de informações”, como a confirmar que, “na guerra, a primeira vítima é a verdade”. A Rádio Tupi – do todo poderoso Assis Chateaubriand e seu império de comunicação – criava alarmismos, anunciando que o Presidente João Goulart fugira do país, que renunciara. Por outro lado, dos Pampas gaúchos, Leonel Brizola esbravejava, criando uma rede de reação e de enfrentamentos.

Adhemar de Barros convidara Luiz Guidotti para, na manhã do dia 31, estar em São Paulo, pois precisava de companheiros que o ajudassem a tomar atitudes. Ele fazia o jogo político: ora com Jango, ora contra, oportunisticamente estudando as possibilidades. Luiz Guidotti foi ao Palácio do Governo e, de lá, acompanhou Adhemar de Barros ao comando do II Exército, onde se reuniram com o General Amaury Krueel, um militar influente mas hesitante. Finalmente, o governador e o comandante decidiram participar do golpe militar. Luiz Guidotti foi o primeiro piracicabano a saber do trágico fim da democracia brasileira.

Naquela noite de 31 de março de 1964, Piracicaba dormia sossegada. E – se soubesse que Jango fora deposto – mais sossegada e feliz ainda ficaria. Pois Piracicaba – e é essa a grande realidade que tem sido sonogada – apoiava e queria o golpe, não avaliando conseqüências, bastando-lhe, apenas, que Jango “fosse derrubado”.

Quase ao amanhecer, fui dormir, sem saber, realmente, o que acontecia. Era 1º de abril. E, em mim, pesava outra preocupação: naquela tarde, aconteceria a primeira prova dos exames vestibulares à Faculdade de Ciências Econômicas, Contábeis e Administração de Empresas, recém criada pelo Colégio Piracicabano, a semente da futura Universidade Metodista (UNIMEP). Quando acordei, a confirmação: o golpe

militar já se iniciara, vindo das tropas de Minas Gerais, comandadas por um alucinado general, conhecido por seus rompantes, de nome Mourão Filho.

No exame vestibular – a prova era de Português – o Professor Benedito de Andrade – entre silencioso e matreiro – apresentou o tema para a dissertação: “Golpe militar e democracia”. E olhou-me nos olhos, um dos jornalistas participantes daquela seleção...

### **Uma toca de raposas**

Para se ter uma ainda que superficial compreensão de como Piracicaba recebeu o golpe militar de 1964, seria preciso ter na lembrança que, antes de mais nada, a nossa história política foi marcada pelas mais diversas formas de “coronelismo”. Desde a povoação, ainda no século 18, quando a luta pelo poder se deu entre Antônio Corrêa Barbosa, o Povoador, e o grileiro, sargento Carlos Bartolomeu de Arruda. E em seguida, entre monarquistas – os poderosos barões de Rezende e de Serra Negra, em especial – e republicanos, entre os quais a família Moraes Barros, Luiz de Queiroz e outros.

A influência dos Moraes Barros – chamemo-la, com respeito, de “coronelismo esclarecido” – encerrou-se com a revolução paulista de 1932, dando início a uma nova fase de transformações que, no entanto, se marcou, também, por essa luta pelo poder. Em 1932, entre os líderes que deflagraram a revolução paulista, estavam dois piracicabanos: Paulo de Moraes Barros, sobrinho de Prudente de Moraes, e Francisco Morato, casado com filha do Barão de Serra Negra. Com a derrota dos paulistas, Getúlio Vargas determinou uma verdadeira assepsia política em Piracicaba, impondo uma rigorosa “lei do silêncio” sobre eles e todo o passado. Chegara a vez, também entre nós, do “getulismo”. E, com ele, o “adhemarismo”. Duas novas formas, igualmente, de “coronelismo político”.

Piracicaba, desde 1932, se tornou enraigadamente avessa ao “getulismo”. E, no entanto, deixou-se seduzir por Adhemar de Barros – nomeado governador de São Paulo – que aqui nascera e onde mantivera laços. O “ademarismo” se tornou uma febre entre os piracicabanos, em

mais uma de nossas históricas contradições: contra Getúlio, mas a favor de Adhemar, como se eles não fossem grãos do mesmo saco. Dessa dualidade, surgiram duas novas vertentes na liderança política de Piracicaba: Samuel de Castro Neves – o médico dos pobres, humanitário – e Luiz Dias Gonzaga, fazendeiro poderoso com vícios e cacoetes da Velha República. Nasceram o “samuelismo” e o “gonzaguismo”, tendo, como coadjuvantes, as famílias Pacheco e Chaves e os integralistas – partidários de Plínio Salgado – a rondar o poder.

O primeiro grande exemplo dessa “toca de raposas” – sem ideologia definida a não ser a do interesse pelo poder – foi quando da redemocratização do Brasil após a queda de Getúlio Vargas. Havia novos partidos e os líderes tinham um único critério para se filiarem a eles: o adversário. Se Samuel Neves estivesse num partido, Luiz Gonzaga iria para outro. E, assim, “getulistas” ingressaram na nova UDN, nascida exatamente para combater o que restava do “getulismo” em todo o Brasil. Em Piracicaba, a UDN – como viria a acontecer com a ARENA – tornava-se oposição. Mais do que paradoxal, a política piracicabana mostrava um surrealismo singular.

O que, todavia, não se pode negar a Piracicaba é sua vocação pioneira, ainda que à sua maneira e com características aparentemente morosas. No silêncio e com esperteza, as lideranças piracicabanas sempre souberam adaptar-se e, até mesmo, antecipar-se aos novos modelos. Foi assim que – para romper com o “samuelismo” e o “gonzaguismo” – surgiu a figura atraente de Luciano Guidotti, com um carisma diferenciado. Luciano foi convocado a entrar na política por personalidades proeminentes da cidade, incluindo homens da imprensa, de clubes de serviço, de instituições locais. Ele era um empresário que, da pobreza extrema, se tornara uma das grandes fortunas da cidade. Quase analfabeto, demonstrava uma liderança especial e um instinto por assim dizer animal de progresso. Mas insistia em dizer-se “apolítico” e “apartidário”. Essa sua roupagem aumentou-lhe o carisma e o charme.

No Brasil, havia duas novas e diferenciadas lideranças: em São Paulo, Jânio Quadros; na presidência da República, Juscelino Ku-

bitschek. Em Piracicaba, em 1955, Luciano Guidotti se elegeu prefeito, apoiado por grande número de partidos políticos. Sua missão aguardada com expectativa: vencer o velho “coronelismo”. E, sem conseguir destruir por inteiro o “samuelismo” e o “gonzaguismo”, instituiu o “guidotismo”. E, em vez do apaziguamento político, passou a haver um acirramento ainda maior, com rancores e ódios acesos. Nossos políticos agiam como se Piracicaba fosse maior do que o Brasil. O poder local era obsessão, com a toca das raposas tornando-se palco de confrontos e conflitos permanentes.

Nesse palco, nascia uma raposinha aparentemente ingênua, mas que iria crescer rapidamente e tornar-se outro estopim no cenário. Era o então vereador Francisco Salgot Castillon, mais um fenômeno fabricado pela indústria de surrealismos políticos piracicabanos: populista, ligado ao operariado, Salgot Castillon pertencia à ultraconservadora UDN. Em todo o Brasil, a UDN era o partido da elite conservadora.

### **A paróquia em transe**

Para se tentar compreender o posicionamento e a reação de Piracicaba diante do golpe militar de 1964 – o que, ainda, me parece um desafio a qualquer analista – há que se buscar, primeiro, entender a colcha de retalhos político-partidária na cidade. A administração de Luciano Guidotti (1956/1959) fora extraordinária, tida como verdadeira revolução urbanística. Luciano – sem saber relacionar-se com o eleitorado – tornara-se, assim mesmo e na verdade, como que um ídolo político, quase intocável. E sua personalidade forte acirrou-se, revelando um individualismo que, ao final de seu governo, o manteve afastado das demais lideranças locais. Amado pelo povo, foi, aos poucos, sendo isolado por antigos companheiros e aliados.

O motivo principal foi a sua sucessão. Pois Luciano, sem consultar partidos ou companheiros, impôs a candidatura do então vereador Domingos José Aldrovandi, um truculento líder canavieiro, que enfrentaria outra grande dificuldade: era um atuante metodista, num tempo em que o catolicismo era predominante, sob as ordens monárquicas do

primeiro bispo católico de Piracicaba, o ultraconservador e também autoritário, D. Ernesto de Paula. E num tempo de preconceitos religiosos tidos como insuperáveis.

A indicação de Luciano provocou reações intensas. Aldrovandi, além de outras dificuldades, tinha uma personalidade forte, agressiva, também autoritária. Com o veto da Igreja, a situação ficou insustentável, especialmente porque os dois jornais da cidade – Diário e Jornal de Piracicaba – também se aliaram contra aquela candidatura. E, para piorar a situação de Luciano Guidotti, a UDN – porta voz dos conservadores – indicou o vereador Salgot Castillon como candidato. Eram, novamente, a contradição e o paradoxo. Salgot, apesar de “udenista”, mantinha a sua vocação populista e era amado pelo operariado e pelos sindicatos.

Piracicaba radicalizou-se politicamente de tal forma que, décadas depois, ódios e rancores permaneceram vivos. Salgot Castillon impôs-se, venceu as eleições, tornou-se prefeito e surgiu o “salgosismo”, o fenômeno excêntrico de uma “UDN populista” cujas conseqüências surtiriam estranhos resultados depois. E não me é possível – num rápido testemunho – narrar a confusão, para não dizer bagunça, que se criou politicamente em Piracicaba. Que piorou e aumentou quando Salgot renunciou à Prefeitura, candidatando-se a deputado estadual e vencendo. Em 1962, Luciano Guidotti ficava isolado, também por Domingos Aldrovandi ter sido eleito deputado, com votos do “ademarismo”.

A renúncia do presidente Jânio Quadros, em 1961, alimentou ainda mais as rivalidades locais. O “Jornal de Piracicaba”, através da pena brilhante de Losso Neto, fazia a apologia de Jânio Quadros, quase que endeusando-o. E sofreu violento baque com a renúncia do presidente. Foi quando o quadro político nacional se alterou. Adhemar de Barros voltaria, eleito pelo povo, ao governo de São Paulo. E Piracicaba tornou-se um barril de pólvora, sem respeitos partidários mas com verdadeiras paixões personalizadas. Havia o “guidotismo”, resquícios do “gonzagismo”, surgira o “salgosismo”, além da tradicional guerra entre “ademaristas” e “janistas”, agora chamadas de “vúvas de Jânio”. Estas, inconformadas, aguardavam o retorno do renunciante.

## Véspera do golpe militar

As lideranças políticas de Piracicaba – tanto à época, como agora, em meu entendimento – pouco tiveram, com raras exceções, a ver com ideologia política ou com visão em dimensão nacional. O palco era essencialmente municipal, com atores e autores de mentalidade paróquial. Buscava-se o comando da cidade, quase nada importando a política estadual e nacional, a não ser quando ou se influenciasse a municipal. Não me é, pois, temerário afirmar que, acima de tudo, prevalecia o interesse de grupos em conflito.

Sendo reeleito prefeito em 1963, Luciano Guidotti reassumiu a sua liderança truculenta mas obreira. Em 1961 – e, neste ano, permito-me dizer ter acontecido o meu contato mais íntimo com toda essa realidade – Luciano reuniu um grupo dos principais empresários de Piracicaba para criar um novo jornal na cidade. Ele guardava mágoas do Diário e do Jornal, que lhe haviam negado apoio anteriormente. Com exceção dos grupos Dedini e Morganti – que eram proprietários do Diário de Piracicaba – os principais industriais piracicabanos se uniram a Luciano para a nova empreitada: D’Abronzo, Romano, Vargas, Silvino Ometto, Domingos Aldrovandi e outros. Nascia, assim, a “Folha de Piracicaba”, para a qual fui convidado, deixando o Diário, por força de minhas relações familiares com a família Guidotti. O Jornal de Piracicaba era o centro difusor das idéias da UDN, do Rotary, da ESALQ e dos conservadores de Piracicaba. E, abertamente, apoiava o udenista-populista Francisco Salgot Castillon. O Diário de Piracicaba, sob a direção de Sebastião Ferraz, obedecia à orientação dos Dedini, Ometto e Morganti. E alinhava-se sutilmente ao então PSD de JK.

A bagunça aumentou. A esperteza política de Luciano Guidotti se revelou ainda mais acentuadamente. Ele continuou dizendo-se “apolítico” e “apartidário”, mas manobrava com grande habilidade. Sua simpatia pelo ex-governador Carvalho Pinto era declarada, um ex-egresso da UDN e novo líder do PDC (Partido Democrata Cristão). Mas articulou para que seus dois irmãos, Luiz e João Guidotti – com Luiz, Luciano criava atritos sem fim – se aliassem a lideranças estaduais: Luiz Guidotti

tornou-se, juntamente com Domingos Aldrovandi, líder incontestado do “ademarismo” em Piracicaba, assumindo todos os defeitos do estilo do velho Adhemar. E João Guidotti, outro irmão, unia-se quase que umbilicalmente ao vice-governador Laudo Natel, também pela amizade que tinham através do esporte. Salgot Castillon mantinha vivo o seu “ude-nismo-populista”, namorando, ao mesmo tempo, os conservadores e o operariado. E João Pacheco Chaves, com Lino Morganti, eram generais sem exército na defesa de Juscelino.

Está confuso para o eventual leitor? Não haja novidade nisso, pois estive e permaneci confuso para toda uma cidade. Criaram-se trincheiras como se fosse realmente uma guerra cruenta. E, 50 anos depois, espanto-me ao me recordar que, em meio a essa balbúrdia, eu, um jornalista de apenas 22 anos, me tornara diretor e, logo em seguida, proprietário da “Folha de Piracicaba”. Essa é outra história confusa, mas não interessa aos objetivos desta narrativa, a não ser como participação nos acontecimentos. Recém-saído do Partido Comunista Brasileiro, eu me vira no jornal dos maiores capitalistas de Piracicaba. Essa é a razão por, logo ao início deste depoimento, ter citado minha primeira mulher e mãe de meus filhos, Mariana. A irmã dela, Odila, era casada com Wilson, filho de Luciano Guidotti. E eu me via em palpos de aranha – como se dizia antes – para equilibrar convicções ideológicas e familiares.

Peço autorização para abrir um parêntese para tentar explicar minhas dificuldades, no auge da juventude. Mesmo tendo me afastado do PCB – militância na juventude comunista – eu mantinha algumas convicções socialistas. E precisara – por circunstâncias dramáticas – assumir a direção de redação da “Folha de Piracicaba”, com o afastamento de seu primeiro diretor, Waldemar Arruda. Para aumentar-me a perplexidade, um dos padrinhos de casamento da Mariana era o próprio Luciano Guidotti. Àquelas alturas, ele e Domingos Aldrovandi – que era presidente da “Folha” – estavam rompidos. E, ao saber que Luciano seria um dos nossos padrinhos no casamento, Aldrovandi se magoou e praticamente se ofereceu para também ser o meu. Ele se tornara meu amigo, muito mais velho do que eu e confesso ter gostado muito dele.

Mas ser meu padrinho de casamento, ao lado de Luciano Guidotti? E aconteceu. E criar-me-ia outras dificuldades mais além, quando aconteceu o golpe militar. Fecho parêntese.

Em 1962 e 1963, Piracicaba era uma cidade em perigosa ebulição política. A exemplo do que ocorria em todo o país, greves e mais greves aconteciam. E eram, na verdade, articulações políticas, inspiradas pela antiga CGT (Comando Geral dos Trabalhadores), um dos braços mais fortes da confusa presidência de João Goulart. E as contradições piracicabanas continuavam: os sindicatos locais não se entusiasmavam com os apelos do presidente, faziam greves de seus próprios interesses e – eis o grande absurdo! – eram dóceis ao comando político do líder da UDN, Francisco Salgot Castillon. Na greve contra as indústrias Dedini e na dos ferroviários, Salgot teve liderança plena, chegando a deitar-se nos trilhos da Sorocabana para impedir a passagem do trem. Também na “Folha de Piracicaba” não concordávamos com a baderna das greves e do governo de João Goulart, apesar de já se saber que os Estados Unidos mantinham a oposição para derrubá-lo. Nossa grande expectativa – naquele jornal e de grande número de brasileiros – era o retorno de Juscelino Kubitschek à presidência da República, o “JK-65”.

A aversão a Getúlio Vargas continuou, em Piracicaba, na figura do seu pupilo predileto, presidente João Goulart. Havia excelentes propostas governamentais de Jango, condensadas nas fascinantes “Reformas de Base”. Mas não se sabia se eram verdadeiras ou apenas demagógicas. Faltavam-lhe liderança, comando e carisma. A esperança da “esquerda” de então estava no retorno de JK. Mas Piracicaba, por sua maioria, entusiasmava-se com as possíveis candidaturas de Adhemar de Barros, de Carvalho Pinto e de Carlos Lacerda. À distância, esses nomes serviam de bandeira para a política municipal. O conservadorismo era óbvio, até mesmo das esquerdas que eram muito mais de poucos intelectuais do que operárias. Nelas, despontavam o intelectual João Chiarini, o professor Soubihe Sobrinho, da ESALQ, Antônio Farah que, também paradoxalmente, era presidente da Cipatel, empresa telefônica mantida pelos grandes empresários.

Agora, 50 anos depois, vejo-me entre perplexo e ensimesmado ao constatar que o grande sonho daqueles anos não passou de uma colcha de retalhos onde ideologias e disputas apenas municipais se misturavam em paradoxos quase cômicos. O maior e mais competente ideólogo do socialismo, Antônio Farah, se tornara presidente da poderosa companhia telefônica dos capitalistas de Piracicaba, um empreendimento, aliás, pioneiro. João Chiarini – o mais famoso e convicto de todos os comunistas – era homem de confiança, chefe de cerimonial e secretário particular de um dos maiores industriais do país, Mário Dedini. E o jovem jornalista egresso do comunismo estava dirigindo um jornal criado pelos mais poderosos empresários da cidade...

Ficamos, então, às vésperas do golpe militar, com o seguinte quadro: “janistas”, “carvalhistas”, “adhemaristas”, “lacerdistas”, “juscelinistas”. E as lideranças locais se posicionavam passionadamente: Luiz Guidotti e Domingos Aldrovandi, com Adhemar de Barros; João Guidotti, na expectativa da decisão de Laudo Natel; Salgot Castillon, com Carlos Lacerda (inimigo mortal dos sindicatos operários); Luciano Guidotti simpático a Carvalho Pinto. Juscelino Kubitschek não tinha grandes lideranças locais a seu favor. Os mais influentes aliados eram o deputado João Pacheco e Chaves e o empresário Lino Morganti, a quem JK convidara, se eleito, para ser seu Ministro da Agricultura. Era – como se dizia antes – um verdadeiro “Samba do crioulo doido”, canção do jornalista Sérgio Porto, o insuperável “Stanislaw Ponte Preta”.

O jornalismo impresso, por sua vez, já se posicionava diante daquela confusão: o Diário e o Jornal permaneceram conservadores, apoiando movimentos de oposição a João Goulart. E a Folha de Piracicaba – com o meu comando quase juvenil – acolheu toda uma juventude entusiasmada com mudanças, com reformas, com novos sonhos. A Folha se tornou, de repente, um centro de encontros estudantis, operários e de intelectuais. Na realidade, não sabíamos o que buscávamos. Mas sabíamos o que não queríamos: a esclerosada situação política, nacional e municipal. Um grupo de sonhadores, nada mais do que isso. E, hoje, admito com clareza, termos sido jovens que ignoravam a

verdadeira realidade oculta naquela confusão: o golpe militar, o apoio dos Estados Unidos, inicialmente configurado na criação do IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática), que financiava políticos, e na agência informativa USIS, fornecedora de matérias especiais gratuitas aos jornais.

## **Movimentação da Igreja**

O Bispo Ernesto de Paula renunciou ao comando da Igreja Católica, atitude até hoje mal esclarecida. Em Roma, acontecia a surpreendente abertura do Concílio Vaticano II, pelo Papa João XVIII. Começava o que se chamou “Primavera da Igreja”, com ventos novos soprando. Em Piracicaba, para o posto de D. Ernesto de Paula, foi indicado um antigo padre coadjutor da velha Matriz de Santo Antônio, de nome Aníger Francisco Maria Melilo. Em sua anterior passagem por Piracicaba, o padre Melilo se revelara um conservador, de moralismos férreos. No entanto, mal assumiu a condição de Bispo Diocesano, o agora D. Aníger Melilo causou impacto na sociedade piracicabana ao revelar uma outra faceta: era um progressista alinhado ao espírito do Vaticano II, com visão social diferenciada.

D. Aníger renovou o clero piracicabano trazendo, para a Diocese, jovens padres, recém saídos dos seminários, que estavam inflamados por uma evangelização não apenas de pessoas, mas da ordem social. Eles vinham com ideias novas, com visões mais arejadas. Eram, alguns deles: os padres José Maria de Almeida, José Maria Teixeira, Otto Dana, Antônio Rosa, Jamil Abib, Quirino. Era tal a surpresa que as esquerdas acreditaram – especialmente com as linhas traçadas pelo Vaticano II – que se tornaria possível o desejo do “compromisso histórico” – a união da democracia cristã com o partido comunista – que ocorrera na Itália e fora preconizado por Norberto Bobbio.

Na Folha de Piracicaba, eu mesmo – ainda com ideias materialistas – me perguntava: por que não? Na realidade, D. Aníger e seus jovens padres eram mais lúcidos e ousados do que os partidos políticos, que não tinham definições ideológicas. Foi com D. Aníger que o PDC (Partido

Democrata Cristão) tomou vulto em Piracicaba, com a presença constante de suas maiores lideranças e então jovens deputados: Franco Montoro, Paulo de Tarso, Chopin Tavares de Lima, Plínio de Arruda Sampaio. E, como líder de todos, o Governador Carlos Alberto de Carvalho Pinto.

A democracia cristã tinha sido preconizada por Santo Tomás de Aquino e, nos tempos modernos, tornara-se experiência difícil nos países que tentaram criá-la. Era como se propusesse uma nova forma de socialismo, o socialismo cristão e, portanto, em oposição ao socialismo materialista. Seria quase impossível ocorrer o “compromisso histórico”, como se tentara na Itália. Mas o ardor dos jovens piracicabanos – que se uniam na “Folha de Piracicaba” – fez com que acreditássemos na utopia. E havia, para nós, uma liderança especial: o comunista João Chiarini. Ora, se ele se unia aos democratas cristão, por que não deveríamos fazê-lo também? O fato foi que a “Folha de Piracicaba” passou a ser o abrigo e o centro difusor também dessa linha ideológica. Franco Montoro visitava-nos com frequência e tive a honra de hospedá-lo em minha casa, ainda quando recém casado e, ele, apenas deputado estadual, mas combativo, confiável, idealista.

Com D. Aníger Melilo e seus jovens padres, a Igreja Católica se transformou em Piracicaba, atraindo a juventude, operários, intelectuais. O jovem Padre Otto Dana viveu a experiência de “padre-operário”, antes de se tornar o admirado doutor em Sociologia. E a marca dessa “nova Igreja” aconteceu de maneira polêmica quando o padre Benedito Gil – jovem culto e ousado – passou a escrever artigos contra as indústrias Dedini, denunciando o que, para ele, pareciam maus tratos aos trabalhadores, especialmente na falta de refeitórios adequados. A polêmica criou animosidades, com os Dedini respondendo, pela imprensa, com artigos de um de seus líderes, Lázaro Pinto Sampaio. A cidade ficou surpresa e magnetizada. Onde já se viu um padre desafiar os poderosos? D. Aníger foi pressionado para silenciar o Padre Gil, mas repudiou qualquer insinuação a respeito.

Se, por um lado, houve entusiasmo e aplausos à linha pastoral do novo bispo, atritos e oposições – dos conservadores e das elites – acirra-

ram-se. E iriam piorar quando do golpe militar. Com D. Aníger, a igreja doméstica de Piracicaba recusava-se a apoiar a ditadura, afirmando-se firmemente em defesa especialmente dos direitos das pessoas. E, logo ao início do golpe, sua presença foi marcante em defesa dos estudantes, acolhendo-os na cripta da Catedral e – juntamente com o pastor metodista Angelo Brianesi, numa comunhão ecumênica inédita – colocando-se à frente da tropa militar, com seus tanques de guerra e cães.

### **Euforia com o golpe**

É possível um jovem jornalista, então já com 23 anos, fazer ácidas críticas aos proprietários de um jornal e permanecer no cargo? Agora, certamente não. Mas foi possível. Logo na primeira semana da nova administração de Luciano Guidotti, voltei-me contra a furiosa perseguição que ele começou a fazer a funcionários que se não tinham alinhado à sua candidatura. Ele os transferia para localidades distantes, distritos longínquos. Como jornalista, rebelei-me, mesmo sabendo do risco de ser demitido. Escrevi um primeiro artigo, “Pingue-pongue infeliz”. E foi um escândalo na cidade. Como era possível – discutia-se – o jornal criado pelo próprio Luciano Guidotti vir a criticá-lo? Os acionistas dividiram-se a favor e contra meu posicionamento. E Luciano enlouqueceu, pedindo a minha cabeça, convocando assembléia dos proprietários para a minha demissão.

Acontecera, porém, que um outro acionista do jornal, dr. Antônio Cera Sobrinho, o Doutor Cera, me dera – como presente de casamento – as suas 100 ações da “Folha de Piracicaba”. Era um número ínfimo, que me fazia, porém, pequeno acionista da empresa. Isso impedia Luciano Guidotti de demitir-me pura e simplesmente, apesar de nossas relações familiares. Domingos Aldrovandi – outro grande acionista – ficara a meu lado, por razões de interesse político, já que ele se tornara, como deputado, opositor de Luciano Guidotti. Era, ainda, a bagunça política: Aldrovandi e Luiz Guidotti unidos ao lado de Adhemar de Barros; Luciano e João Guidotti apoiando a ala de Laudo Natel. E eu, como diretor da “Folha”, em meio a toda essa confusão e entusiasmando-me com a Democracia Cristã de Franco Montoro e Carvalho Pinto.

No dia 1º de abril, efetivava-se o golpe militar. Na véspera, um sindicalista de segundo escalão, Newton da Silva, desencadeou uma greve contra um dos comendadores e poderosos industriais, Antônio Romano, dono da então poderosa Retífica Romano. Era uma greve injusta, pois Antônio Romano era, reconhecidamente, um empresário de sólidos sentimentos cristãos, generoso e simples. Essa greve atiçou ainda mais o ambiente social de Piracicaba, como se confirmasse que havia mais desordem do que pleitos significativos. Houve outras duas ou três pequenas greves, incluindo as das tecelãs da Fábrica Boyes.

Salgot Castillon – a cada greve ou confusão trabalhista – era convocado tanto por empresários como por empregados para fazer a mediação. Ele conseguia, com habilidade notável, transitar entre os dois extremos, em mais outro paradoxo de um político ser homem de confiança do capital e do trabalho. Essa dança de equilibrista, no entanto, foi minando a sua credibilidade, atacada incessantemente pelos “guidotistas”. Beirava à saturação a rancorosa bipolaridade entre “salgosistas” e “guidotistas”. Cada movimento popular radicalizava ainda mais as posições. A eclosão do golpe militar foi como que uma resposta – favorável a empresários e conservadores – aos que não aceitavam aqueles poucos mas confusos anos do governo de Jango Goulart.

A euforia foi quase geral em Piracicaba. E tornou-se orgulhosa alegria coletiva quando o Marechal Castello Branco, herdeiro do golpe, assumiu o governo e nomeou o piracicabano dr. Hugo de Almeida Leme – tímido professor da ESALQ – Ministro da Agricultura. As lideranças sindicais calaram-se e o próprio Salgot Castillon – daquela UDN populista – saudou a queda de Jango, mesmo porque ele mesmo, pessoalmente e quando prefeito, tivera desavenças com o então presidente da República. Houve algumas poucas e tímidas reações, especialmente vindas de grupos estudantis, em especial os do Centro Acadêmico Luiz de Queiroz. No rastro deles, nós – os primeiros alunos da ECA, faculdade-mãe da futura UNIMEP – aderimos ao movimento estudantil através do C.A.Herrmann Júnior, do qual fui primeiro presidente, em véspera de concluir o meu bacharelado em Direito. Tive que fazê-lo na

faculdade de Bauru, pois meu grupo – na PUC, de Campinas – foi “convidado” a pedir transferência, por força da movimentação política que fazíamos e que contrariava o então reitor, Monsenhor Salim.

Na “Folha de Piracicaba”, destoei do posicionamento dos outros dois jornais, Diário e Jornal de Piracicaba. Ambos haviam aplaudido o golpe militar. Até agora não sei explicar mas, no segundo dia do golpe, um rasgo de lucidez analítica levou-me a escrever um artigo que se tornaria profético: “Caminhos da frustração”. (O título saiu com um erro gráfico: “frustação”.) Nele, comentei que a ditadura seria longa e que cortaria a cabeça de seus principais líderes civis, como Adhemar de Barros e Carlos Lacerda. E foi o que aconteceu. Na Câmara Municipal, apenas dois vereadores e sindicalistas reagiram, ainda que timidamente, ao golpe: Celso de Camargo Sampaio e Jaime Cunha Caldeira.

A euforia pelo golpe foi comandada exatamente por lideranças que, em 1932, haviam lutado contra Getúlio Vargas e detestavam João Goulart. Odila Diehl – mulher do ilustre advogado e presidente da OAB, Jacob Diehl Neto – promoveu a “Marcha da Família, com Deus, pela Liberdade”, que já tinha acontecido em diversas cidades brasileiras. Em Piracicaba, as manifestações mais claras deram-se “a posteriori”. E, logo depois, quando Edmundo Monteiro, diretor dos “Diários Associados”, criou a campanha “Dê ouro para o bem do Brasil”, o tal movimento cívico contra o comunismo entrou em festa. Lideradas por outra saudosa da revolução de 1932 – a também anti-getulista Célia dos Santos Rodrigues – mobilizou as mulheres do MAF (Movimento de Arregimentação Feminina) que ela mesma presidia. Piracicaba ficou excitada, “dando ouro para o bem do Brasil”. Era quase a repetição da apaixonada movimentação cívica de 1932, contra Getúlio Vargas. Agora, revivida contra Jango. E a festa das senhoras do MAF ampliou-se: resolveram homenagear – e o fizeram, com grande garbo – o comandante do II Exército, General Amaury Kruel, com uma bandeira bordada a ouro. O General Kruel – que traíra João Goulart – tornara-se um dos pais da ditadura. E foi quase endeusado pelas senhoras piracicabanas do MAF.

Naquela oportunidade, vivi uma lamentável crise conjugal, com

Mariana grávida de nossa primeira filha. Na “Folha”, a minha luta era solitária, apenas com poucos companheiros e já sendo boicotado por empresários. Os acionistas tinham-se afastado e quase todos – com exceção de Domingos Aldrovandi – doaram-me ou venderam-me, a preços simbólicos, as suas cotas na sociedade. Na realidade, eles – diante de toda a celeuma política na cidade e no país – queriam manter-se afastados de empresas de comunicação. Os perigos e ameaças não eram, ainda, declarados, mas claramente insinuantes. O jurista e ex-vice-presidente haveria de dizer que, numa ditadura, “o perigo está no guarda da esquina”. E isso começou a acontecer em Piracicaba. Políticos, empresários, sindicalistas, vereadores, cada qual parecia ter, ele próprio, o poder nas mãos. Eram os pequenos ditadores de uma realidade paroquial. E, por serem pequenos, revelavam-se ainda mais cruéis. Os conflitos na paróquia são mais rancorosos do que em dimensão nacional.

Minha mulher – com a percepção antecipada das mulheres – aconselhava-me a serenar, a aguardar os acontecimentos. Luciano e João Guidotti – por força de uma das críticas que eu fizera à administração – foram à redação da “Folha” tentando empastelá-la. E, quanto mais a truculência se revelava, mais me aumentava a indignação e a vontade de lutar. Mariana estava pressionada pela família e via-se dividida entre eles e o marido. E eu, dividido entre ela – grávida de minha primeira filha – e toda aquela luta jornalística. Ela chegou a implorar para que eu, nem que fosse simbolicamente, aparecesse nas tendas colocadas na praça central, onde se recolhia “o ouro para o bem do Brasil”.

A sua insistência tinha lógica: eu teria que fingir para sobreviver. Se não o fizesse – como dono e diretor de jornal – seria ainda mais fortemente tachado de comunista e subversivo. Acabei, a contragosto, aceitando a pequenina correntinha de ouro que ela tirou do pescoço e me deu. Concordei em ir mas, antes, queria assistir ao jornal da Televisão Tupi, com Maurício Loureiro Gama e Tico Tico, um repórter sempre submisso ao poder. Era a noite de 14 de junho de 1964, dez dias antes de eu completar 24 anos. Na chamada do jornal – então, ao vivo – um Tico Tico eufórico anunciou: “Juscelino ...” – e, rindo, fez o gesto de quem

corta o pescoço, degola. JK tinha sido cassado por Castelo Branco, que o traía em sua promessa de manter as eleições de 1965. Não suportei e atirei um cinzeiro na tela do televisor. Poucos meses antes, eu entrevistara Juscelino num churrasco que lhe foi oferecido pela Refinadora Paulista, de Lino Morganti. E ele passou a enviar telegramas à Folha, solicitando-nos apoio. Amargurado com a cassação, recolhi-me a meu escritório e comecei, compulsivamente, a escrever o livro “Bagaços de Cana”. Não dei “ouro para o bem do Brasil” e radicalizei, ainda mais, a minha oposição.

A “Folha”, minha equipe e eu tornamo-nos como que proscritos na cidade. A fama de comunistas e de subversivos se espalhou. As primeiras convocações para ir ao DOPS e ao G-Can, de Campinas, começaram. Os “guardas da esquina”, ditadores paroquiais, queriam trucidar inimigos e adversários políticos. E, quando o Marechal Presidente Castello Branco assinou outro Ato Institucional, escrevi o artigo que, enfim, deu motivos para perseguições ainda maiores: “O Marechal da Banda de Lá”. Na verdade, o título era “Marechal da Banda”, paródia à música carnavalesca, “General da Banda”. Um dos meus grandes – e, ainda agora, inesquecível – amigos, Antônio Percin, horrorizou-se ao lê-lo, antes de ser publicado. Discutimos por longo tempo e, finalmente, cedi à sugestão dele: “Coloque, então, o Marechal da Banda de Lá”. Concordei, coloquei o “de lá” e foi o que me salvou, pois, por denúncia do Delegado Adir da Costa Romano – também agente do DOPS – fui enquadrado na Lei de Segurança Nacional, por “crime de subversão”. Foi, à época, minha medalha de honra esse ser visto, perigosamente, como um perigo à nação, a partir de um jornalzinho do interior. Outros inquéritos e muitos processos haveriam de surgir.

### **A ridícula caça às bruxas**

Mentirá quem disser ter havido excesso de violências do governo federal em Piracicaba, no ano de 1964 e nos subsequentes. Houve casos isolados e a violência aconteceu em nível nacional, no surgimento da ditadura e na supressão de direitos. Em Piracicaba, violências cometi-

das foram de ordem política local, desencadeadas pelos políticos que se desentendiam entre si e aproveitavam a oportunidade de se mostrarem servis aos declarados “chefes revolucionários” que, na verdade, eram apenas golpistas.

Quando o primeiro inquérito policial-militar tentou enquadrar-me na “Lei de Segurança Nacional”, a imprensa de Piracicaba, os meus confrades do Jornal e do Diário de Piracicaba calaram-se. No entanto, para minha surpresa, recebi inesperadas cartas de apoio, de pessoas que até mesmo estavam ligadas ao governo militar. Uma delas, a do Coronel Pedro Corlatti – que havia sido meu professor de ginástica no Colégio Dom Bosco – e representante do Exército, pelo Tiro de Guerra. Outra, a do poderoso industrial Leopoldo Dedini, que elogiava meu comportamento como jornalista, especialmente quanto à minha discordância em relação a greves políticas. E, finalmente, a carta de um homem a quem – com meus resquícios marxistas – eu enfrentava: D. Aníger Melilo, Bispo de Piracicaba. Na carta, endereçada “às autoridades militares”, ele me designava como “um bom cristão”. E eu não o era.

O mais ridículo e, também trágico – episódio de “caça às bruxas” se deu a partir do Diário de Piracicaba, então dirigido por Sebastião Ferraz. Em nome da verdade, deve-se dizer que Ferraz – um especialista em artes gráficas – evitava polêmicas jornalísticas. Enquanto Losso Neto, no Jornal, cercava-se de companheiros do Rotary e da Esalq, Ferraz apoiava-se no Lions Clube e na Maçonaria. Mais do que conservador, era um espectador. Mas um de seus repórteres – e genro, Maurício Cardoso, também político ligado a João Guidotti e Laudo Natel – entusiasmou-se com o golpe, passou a apoiá-lo e a ver fantasmas. Foi o lamentável episódio do “túnel subversivo”, que aquele jornal estampou com estardalhaço.

Ocorria que, no Bairro Nhô Quim – então um dos mais precários da cidade – as carências eram enormes. O local era quase um pântano, sem rede de esgotos, barrocas. Os prefeitos anteriores à segunda gestão de Luciano Guidotti tentaram urbanizá-lo, mas foi Salgot Castillon que iniciou as principais obras. E, no entanto, não as concluiu. O vice-presi-

dente do Sindicato dos Metalúrgicos, Octávio Arthur, protestava pelos melhoramentos, já que a sua residência era uma das mais atingidas por inundações e alagamentos. Numa assembléia dos metalúrgicos – que decidiu pela greve na Metalúrgica Dedini – Salgot estava presente e, diante das queixas, fez um “croquis” das tubulações e das bocas de lobo no bairro, explicando que com uma simples tubulação seria resolvido, pelo menos, o problema da casa de Octávio Arthur.

O material foi entregue ao sindicalista Nilton da Silva (Niltinho), que se elegeu vereador. A cidade estava em pânico com a movimentação grevista e convicta de estar em marcha a subversão operária. O Delegado Adir da Costa Romano – íntimo da família Guidotti e de políticos poderosos – prendeu Nilton da Silva quando ele saía da Câmara Municipal, apossando-se do “croquis” feito por Salgot para as tubulações no bairro. Foram presos, também, os sindicalistas Octávio Arthur e Luiz Silveira Nunes, vice-presidente e tesoureiro do mesmo sindicato. O Delegado Adir da Romano deu exclusividade da informação a Maurício Cardoso e ele a divulgou conforme lhe fora explicado: “Metalúrgicos fazem túnel para boicotar a Metalúrgica Dedini”. E era apenas o “croquis” de um esgoto... A farsa se transformou em tragédia, pois Leonilda, mulher de Newton da Silva, estava grávida e, diante de tal tensão, perdeu o filho.

Outros que foram injustamente presos, com notícias espetaculosas nos já citados dois jornais, homens que apenas defendiam o interesses de classe ou dos bairros em que viviam: Arlindo de Oliveira Carvalho, Eugênio Belotti, Pedro Massaruto e também o sindicalista e vereador Celso de Camargo Sampaio. Os “subversivos” – vítimas das lutas apenas paroquiais – eram tão somente homens preocupados com problemas municipais e específicos.

Na Câmara Municipal, os debates intensificaram como se aquela casa legislativa se tivesse tornado um caldeirão em vias de explodir. O grande tema, no entanto, não eram o golpe militar, a perda da liberdade, a ditadura imposta, mas as denúncias de uns contra outros, uma excepcional oportunidade para vinganças pessoais ou grupais. O

principal alvo era Salgot Castillon, o ambíguo udenista-populista. Um jovem advogado, Francisco Antônio Coelho – que se elegera vereador – passara, também, a fustigá-lo, apoiado pelo “guidotismo” em peso. Luciano queria a punição a Salgot, mesmo sendo, este, alinhado com líderes golpistas como Carlos Lacerda e Abreu Sodré. E outra figura que se destacava, furiosa e apaixonadamente: Romeu Ítalo Rípoli, com ideias assumidamente fascistas, defensor do golpe e da ditadura. Adversário feroz do “guidotismo”, Rípoli passou a fazer denúncias e campanhas pedindo a punição, pelos militares, de elementos ligados a seus adversários e companheiros de Luciano Guidotti. E, em especial, denunciou o vereador Francisco Antônio Coelho por, na Câmara Municipal, ter contratado “funcionários fantasmas”. Rípoli contava – por ser golpista de primeira hora – com que os militares o prestigiariam e que os “subversivos e corruptos” seriam punidos. Mas o feitiço, como se verá adiante, virou contra o feiticeiro.

Na imprensa, a “Folha de Piracicaba” – com grandes dificuldades materiais e com aqueles jovens inexperientes mas sonhadores – passou a ser monitorada e pressionada por um verdadeiro colegiado de desafetos instalados na Prefeitura, na Câmara Municipal, no Ministério Público, no Judiciário, na Polícia. O Delegado Adir da Costa Romano era implacável. E, para substituir o Coronel Pedro Corlatti, chegara um novo “guarda da esquina”, o Tenente Coronel Alfredo Mansur que, rapidamente, se integrou à ala “guidotista”.

Tornaram-se constantes minhas idas ao DOPS e ao G-Can, de Campinas. E pude ver, numa dessas idas ao G-Can, a aliança que o Exército fizera com Luciano Guidotti, prefeito de Piracicaba. Foi numa longa e dramática argüição, em que um dos militares – o Coronel Argus Lima, que seria um dos matadores de Carlos Lamarca – tentava embaraçar-me com perguntas capciosas e ameaças claras. Luciano enviara máquinas da Prefeitura para pavimentar toda a área do G-Can, em Campinas, o que, num regime democrático, seria crime de responsabilidade. Mas, na sala do Coronel Cerqueira Lima – máximo chefe militar da região – estava, na parede por trás de sua imponente cadeira, a fotografia, em

tamanho grande, do prefeito de Piracicaba Luciano Guidotti... Era a ditadura homenageando, oficialmente, um dos seus benfeitores.

Naquele 1964 – como a mostrar repulsa diante da tolice piracicabana de brigas paroquiais diante de uma tragédia nacional – pareceu que os deuses nos enviaram um castigo: a queda do Edifício Luiz de Queiroz (Comurba), no dia 6 de novembro. Até diante de tamanha tragédia, nossos políticos se revelaram medíocres e provincianos. O Governador Adhemar de Barros veio à cidade para solidarizar-se com a população e com familiares das vítimas, oferecendo os préstimos governamentais à Prefeitura. Diante dos escombros, a cena foi patética e dolorosa: o Governador ao lado do deputado Domingos Aldrovandi e de Luiz Guidotti e, a poucos passos deles – dando-lhes ostensivamente as costas – o Prefeito Luciano Guidotti nem sequer os cumprimentara... Nem mesmo a tragédia conteve os ódios e rancores.

### **Jornais irritados**

Luciano Guidotti e seus companheiros não conseguiram que a “Folha de Piracicaba” se tornasse porta-voz deles, apesar de o termos apoiado decisivamente em seu retorno à Prefeitura. Para que ele não se deixasse acometer de algumas de suas muitas explosões temperamentais, sugeriram-lhe que, durante a campanha, passeasse pela Europa. Foi o que ocorreu. E a “Folha” tornou-se o suporte de enfrentamento a Bento Dias Gonzaga, filho de Luiz Dias Gonzaga, que, candidato à Prefeitura, pretendia reinstalar o “gonzaguismo”. Foi uma árdua luta, pois o Jornal de Piracicaba passou a apoiar o deputado Bentão, que teve, também, o suporte de Salgot Castillon. O Diário de Piracicaba manteve-se, como era do estilo de Sebastião Ferraz, na expectativa. Enfim, Luciano venceu. Mas com promessa de vingança contra os jornais.

Ele contava com a “Folha” mas, como já foi dito, fizemos-lhe oposição. Foi quando Luciano inventou de criar o “Diário Oficial do Município”, com o objetivo de não mais enviar – especialmente ao Jornal de Piracicaba – comunicados oficiais, decretos, publicações e, também,

impressos, que eram quase que um privilégio da empresa dos Irmãos Losso. Foi a gota d'água. Ambos os jornais não conseguiram esconder a irritação, a perda de uma fonte importante de rendimentos. Em 1966 e, no ano seguinte – do bicentenário de fundação de Piracicaba – o “Diário Oficial” circulava todo poderoso, com financiamento público.

### **Predomínio do “guidotismo”**

Naquele ano de 1965 – com a perda de esperança no retorno de Juscelino Kubitschek – a principal e mais honrosa alternativa que sobrava ao que restava da centro-esquerda era o prof. Carvalho Pinto, já eleito senador. Ele se tornara o “grande varão da República”. Os conservadores, porém, começaram a repudiá-lo por – no auge da crise do governo de João Goulart – Carvalho Pinto ter aceitado, até para acalmar o empresariado, ser Ministro da Fazenda. Foram-lhe, ao mesmo tempo, um ganho popular e um desgaste junto às elites. Como Ministro, ele pouco conseguiu fazer, pois se tornou evidente que a central sindical trabalhava para “o quanto pior melhor”

Através de Franco Montoro, João Chiarini, Líbero Rípoli (irmão de Romeu), Chopin Tavares de Lima conheci pessoalmente Carvalho Pinto e me aproximei ainda mais da Democracia Cristã. Convenci-me de que – mesmo não me considerando cristão – era o mais promissor espaço político. Aceitei filiar-me ao PDC, realmente empolgado com a seriedade e transparentes princípios daqueles homens. Assim, no dia 27 de outubro de 1965, fui levado ao escritório político do senador, na Avenida Ipiranga, em São Paulo, onde eu assinaria a minha inscrição partidária. Ao chegar, encontrei um ambiente agitado, nervoso, de expectativa angustiante. Havia um rádio-transmissor particular – não saberia dizer como funcionava – que fornecia informações diretamente àquele escritório. E, de repente, foi anunciado: o Marechal Castello Branco assinara o Ato Institucional n.2, o AI 2, que, entre outras violências, extinguiu todos os partidos políticos instituindo o sistema bipartidário, nascedouro oficial de ARENA e MDB. O governo militar havia-se surpreendido – apesar de todo o autoritarismo revelado – por ter perdido

eleições de governadores em diversos estados da federação. Decretava-se, assim, outro assassinio de sonhos. Lívido, o prof. Carvalho Pinto pediu, aos presentes, tempo para refletir, para tentar desvendar os novos caminhos. E – num gesto para mim muito especial – me falou que compareceria, em São Paulo, ao e seria patrono do lançamento de meu primeiro romance, “Um Eunuco para Ester”, em dezembro daquele ano. Fiquei perplexo. Em meio a toda aquela agitação, o notável homem público tivera tempo para exprimir o seu cavalheirismo.

Em Piracicaba, a bagunça política aumentou. Como aquele baiaio de gatos haveria de se organizar em apenas dois partidos? O que seria oposição, o que seria situação? A favor e contra quem? Aos políticos, era mais importante a situação municipal ou a federal? As lideranças ligadas a Adhemar de Barros e Laudo Natel – governador e vice – iriam acompanhá-los. Logo, Domingos Aldrovandi, Luiz Guidotti, João Guidotti, Bento Dias Gonzaga, Pacheco e Chaves poderiam estar num mesmo partido? E Salgot Castillon, pupilo de Carlos Lacerda, onde haveria de se situar? E os carvalhistas, qual caminho seguiriam?

Em junho de 1966, Adhemar de Barros – um dos mais poderosos golpistas – teve o mandato cassado por corrupção e Laudo Natel assumia o governo paulista. Foi o mais precioso presente para os “guidotistas”. Pois o comando passaria a João Guidotti e, por consequência, a Luciano Guidotti, na Prefeitura. Aldrovandi e Luiz Guidotti ficavam em plano secundário e Salgot Castillon, na corda bamba. Acabavam-se os “ademaristas” e surgiam os “laudistas”. A política piracicabana virou de ponta-cabeça e, na “Folha”, vimo-nos também desnorreados, à espera da decisão de Carvalho Pinto, mas firmes na oposição à tirania militar. Mais do que antes, a “Folha” passou a ser perseguida e monitorada, agora também pelo novo Delegado, Joseph Cella.

O MDB parecia não ter qualquer futuro em Piracicaba. E o que poucos sabem é que foi um piracicabano – o deputado Athié Jorge Coury, da ARENA – quem ajudou a criar o MDB paulista, a pedido do próprio Castelo Branco. Athié era presidente do Santos F.C., no auge da popularidade pelo esplendor de Pelé. Em Piracicaba, João Pacheco

e Chaves resolvera acompanhar o seu amigo pessoal e íntimo, Ulisses Guimarães, para ingressar no partido. E Francisco Antônio Coelho, também um “guidotista”, percebeu que teria mais oportunidades no MDB. Carvalho Pinto finalmente resolveu e se definiu pela ARENA e, pessoalmente, me explicou que era o melhor caminho para, dentro do governo, evitar uma ditadura ainda pior. Os antigos companheiros, Montoro e Chopin, não o acompanharam.

Carlos Lacerda – o maior líder civil do golpe militar – despertou do pesadelo que ajudara a criar e, tentando redimir-se, criou a “Frente Ampla”, com o apoio dos exilados Juscelino Kubitschek e João Goulart. Procurou apoio em Piracicaba, onde Leopoldo Dedini o acolheu, convidando-me também a participar daquele movimento anti-golpista. Entusiasmei-me, na certeza de que Carvalho Pinto também iria participar. (Tenho, até hoje, guardada, como lembrança histórica, a foto em que estamos nós três, Carlos Lacerda, Leopoldo Dedini e eu.) Mas a “Frente Ampla” morreu e, em 1968, a ditadura cassava os direitos políticos de seu maior porta-voz, Carlos Lacerda.

Já não mais havia, pois, expressivas lideranças civis em nível nacional. A ditadura ceifara o poder político. As lutas municipais acirram-se, na confirmação do perigo dos “guardas da esquina”. Houve, então, em Piracicaba, uma aliança considerada impossível: Domingos Aldrovandi e Salgot Castillon – ambos deputados estaduais – uniram-se para enfrentar o “guidotismo” dentro da ARENA. Era outra guerra paroquial. Conseguiram a maioria do partido, mas João Guidotti continuava dando as cartas e, por trás dos panos, socorria-se de sua amizade com Laudo Natel. O absurdo continuava a acontecer: na Câmara Municipal, Francisco Antônio Coelho, do MDB, passou a denunciar Romeu Ítalo Rípoli e Salgot Castillon, ambos da ARENA. Eles eram considerados “adversários da revolução”. E Luciano Guidotti – ainda evitando definir-se por partidos – usava de suas relações pessoais com militares e o governo estadual para desencadear uma séria de vinganças pessoais. Foi assim que a Polícia Federal invadiu diversas casas de empresários – todos eles tidos por Luciano Guidotti como corruptos ou subversi-

vos – e acabou enquadrando Romeu Italo Rípoli e o também poderoso Humberto D’Abronzo por sonegação de impostos. Luciano não perdoara D’Abronzo por este ter desistido de ser seu sucessor como candidato a prefeito, em favor de Salgot Castillon.

O Diário de Piracicaba e o Jornal de Piracicaba mantiveram as suas posições de apoio ou de silêncio diante da ditadura, mas de um divisionismo impossível de se entender: eram ora a favor de Salgot Castillon, ora de Luciano Guidotti, conforme cada situação e o andar da caravana. João Guidotti dava as cartas, influenciando especialmente no boicote publicitário à imprensa, sendo, obviamente, a Folha de Piracicaba o seu alvo preferido.

Era como se o golpe militar não existisse em esfera nacional, sendo, apenas, uma guerra partidária em Piracicaba. Como entender que líderes sindicais – como Jaime Cunha Caldeira, Celso de Camargo Sampaio, Newton da Silva e outros – estivessem na ARENA, ainda liderados por Salgot Castillon, o populista que se fizera presidente do novo partido? Eu mesmo me inscrevi. E a situação se tornou tragicômica: a ARENA era oposição em Piracicaba e o MDB, a situação. Era o MDB – através de João Guidotti, homem da ARENA – a ponte com o governo de São Paulo, fazendo nomeações, transferindo pessoas, privilegiando outras. E, sem qualquer preocupação ideológica, os ódios acirravam-se e as vinganças prosperaram. A “Folha de Piracicaba” sentiu-o na carne. E, se era um jornal quase sem recursos e de instalações precárias, viveu o impacto do boicote comercial e econômico.

Em 1967, a “Folha de Piracicaba” não resistiu. A última máquina das oficinas quebrou e não tinha mais conserto. Nós, os jovens jornalistas e intelectuais, ficamos ao desabrigo. Recordo-me que, vendo-a ruir e estando só, sentei na sarjeta e chorei.

### **O novo “O Diário”**

Gustavo Jacques Dias Alvim já narrou a história de O Diário – anteriormente, Diário de Piracicaba – em seu livro “Um jornal de causas”. Há sempre, porém, mais a contar. O fechamento da Folha deixou

um vazio completo em relação ao que se pudesse imaginar de oposição: aos governos municipal, estadual, federal, à ditadura, ao judiciário, ao legislativo, uma experiência jornalística inédita em Piracicaba. Éramos, desde o início, apenas jovens que – vivendo o final dos “anos dourados” –queríamos “transformar o mundo”. E toda uma nova geração se reunia naquele precário jornal: Antônio Messias Galdino, Luiz Antônio Rolim, João Maffeis Neto, Osvaldo Soback, Og Pessotti, William Zerbetto, Luizinho Pizza, Garcia Neto, Padre José Maria de Almeida, Roberto Antônio Cêra, Ermelindo Nardin, José Maria Ferreira e outros que, ao dedilhar do telhado, não me recordo. Além deles, tínhamos o apoio de intelectuais mais maduros, como Antônio Farah, prof. Joaquim do Canto, Clarice de Aguiar Jorge, João Chiarini, prof. Joaquim do Canto.

Minha postura ideológica mudara, numa transformação radical. Confesso, ainda agora, ter, eu, entrado num vazio profundo, sem enxergar horizontes existenciais. Foi quando – e seria uma outra história, esta, sim, que eu gostaria de contar – me converti ao Cristianismo. D. Aniger Melilo havia criado, em Piracicaba, os até então desconhecidos Cursinhos de Cristandade. O objetivo e a idealística pretensão dele eram “evangelizar os ambientes”. E iniciara visando os meios de comunicação e a classe política, além de lideranças operárias. Sem saber, realmente, do que se tratava, aceitei “fazer um curso de humanismo”, como me disseram. Mas era algo completamente diferente, lições de amor e de fraternidade, homens que se davam sem nada receber. Converti-me na madrugada de 7 de julho de 1967. E encontrei um novo e apaixonante sentido vida, tanto pessoal como profissional.

Após minha conversão, o jornalismo se tornou, para mim, uma missão da qual não mais poderia me afastar, com uma visão ainda mais ampla e generosa da dignidade e dos direitos humanos. O golpe militar, portanto, não era tão somente uma violação e violentação à ordem democrática, mas um atentado à dignidade humana. E Piracicaba era o local onde eu deveria atuar com uma visão cristã de mundo e de vida. Com mais coragem ainda. E com mais convicção. Havia uma causa maior pela qual lutar. E renovei-me.

Fechada a Folha, fui convidado, por Sebastião Ferraz, para retornar ao Diário de Piracicaba, onde eu iniciara a minha carreira. Mas eu não poderia fazê-lo sem levar comigo os meus companheiros e, em especial, com um sonho editorial ainda mais amplo. Foi quando ele, Ferraz, me revelou as dificuldades que enfrentava com os acionistas do Diário, os maiores empresários de Piracicaba, Dedini, Ometto e Morganti. Alguns dos acionistas queriam derrubá-lo da direção. Na Rua do Porto, numa tarde de bebedeira na velha “Arapuca”, veio-me a ideia, sei lá se por inspiração ou pela embriaguez, e a propus a Ferraz: “E por que não compramos o jornal dos Dedini, dos Ometto, dos Morganti?” Ora, não poderia ser divagação senão de bêbado ou de maluco. Comprar com que dinheiro? O fato é que, imediatamente, aquilo se transformou num sonho. E fui atrás dele.

Mário Dedini era muito próximo de minha família e tinha, por mim, um carinho especial. Sua mulher, Ignês Seghesi, era irmã de Nida, casada com meu tio Antoninho Elias. E era sabido que ele queria proteger Ferraz, apesar das objeções de Leopoldo Dedini, também acionista do jornal. Mas eu tinha, também, bons vínculos e fácil trânsito com Leopoldo. No ardor de meus jovens anos, fui até eles e propus a compra do “Diário de Piracicaba”. Eles se riram de minha ousadia e perguntaram-me como eu iria pagar: “Com trabalho, se os senhores me derem crédito.” Mal sabia eu que era uma solução para os problemas de consciência de Mário Dedini. Pois ele me disse que o negócio estaria fechado se eu conservasse Sebastião Ferraz na sociedade. Não acreditei, mas socorri-me de Domingos Aldrovandi e de Lázaro Pinto Sampaio, que me deram o aval para a aquisição.

E, então, nasceu O Diário, no lugar do Diário de Piracicaba. Éramos quatro os proprietários, em cotas iguais: Domingos Aldrovandi, Lázaro Pinto Sampaio, Sebastião Ferraz e eu. O plano parecia perfeito: Ferraz administraria o jornal; eu cuidaria da redação; Lázaro Sampaio, das finanças; Domingos Aldrovandi, deputado, seria relações públicas da empresa. Levei meus companheiros da Folha para O Diário e conseguimos fazer um outro jornal, totalmente modificado em sua aparência

gráfica, com textos diferenciados, campanhas sociais e uma vigorosa posição diante dos dias amargos que vivíamos.

Muitos não acreditaram na minha conversão. Mas meu apoio espiritual e moral vinha de D. Aníger Melilo, que se me tornou verdadeiro pai da alma. Quando o mundo parecia desabar sobre mim pela atuação jornalística ousada, muitas vezes colérica, ele me dizia: “Ai do cão de guarda que não ladra.” Mas enfatizava: “Uma gota de mel colhe mais moscas do que um barril de vinagre.” Como, porém, usar gotas de mel em plena ditadura, com tantas perseguições e violências?

Toda a luta recomeçou. E – 50 anos depois do golpe – não seria honesto eu deixar de render homenagem a Domingos Aldrovandi, a Lázaro Pinto Sampaio, a Sebastião Ferraz que – mesmo discordando de minha linha editorial – jamais me contestaram, jamais a discutiram. O Jornal de Piracicaba – diante daquela explosão de modernidade de O Diário – tornou-se ainda mais conservador. Foi como se, de repente, as redações dos dois jornais entrassem em oposição: a juventude, a busca da modernidade, a oposição, a irreverência, n’O Diário; o conservadorismo, ainda mais catalisado no Jornal de Piracicaba. Hoje, a imagem me parece clara: n’O Diário, havia espaço para a esperança; no Jornal, o apego a um mundo que se findara, apesar de os princípios serem dignos.

Mas a roda da História gira e ninguém a controla. No dia 7 de julho de 1968 – exatamente um ano após minha conversão – Luciano Guidotti faleceu. De repente e inesperadamente. Almoçara no Lar dos Velhinhos, estava bem mas, ao retornar para a casa, foi vítima de um colapso cardíaco. Eu tinha acabado de retornar, no sábado, de trabalhos no Cursilho – ao qual passei a me dedicar com o mais belo de minha espiritualidade – e, exausto, fui para a redação, para a qual todos os redatores e funcionários foram chamados em condições de emergência. Iríamos fazer uma “edição extra”, mas ninguém tinha capacidade de analisar as conseqüências daquela tragédia. Ninguém pensava na ou se preocupava com a ditadura militar, agora nas mãos perturbadas do General Costa e Silva. Era Piracicaba o centro de tudo. Continuava sendo, para a imprensa, para os políticos, para a população.

O que seria de Piracicaba após a repentina morte de Luciano Guidotti, se era ele, na realidade, o grande novo coronel? Se o “guidotismo” imperava?

## O MDB dos Guidotti

Naquele ano de 1968, haveria eleição municipal em Piracicaba. Luciano Guidotti tentara fazer, de Humberto D’Abronzo, seu candidato e não o conseguira. D’Abronzo desistira e passara a apoiar a candidatura de Salgot Castillon, o maior dos inimigos e adversários dos Guidotti. E vice-versa. O líder populista Salgot Castillon mantinha o apoio da maioria do diretório da ARENA local, outro saco de gatos do qual João Guidotti também fazia parte. E Salgot estava em plena campanha política em busca de seu retorno à Prefeitura.

A morte de Luciano causara um impacto emocional coletivo. E, num clima de luto e de perplexidade, os adversários de Salgot Castillon encontraram a alternativa para enfrentá-lo: o cadáver de Luciano, na figura de seu irmão João Guidotti. Era uma guerra de revanches e de ódios. Como seria, se ambos estavam no mesmo partido? (Foi antes de os militares criarem as sublegendas, para abrigar as diferenças entre candidatos.) Ora, elementar, meu caro Watson: João Guidotti deixou a ARENA e passou para o MDB. Com as bênçãos de Laudo Natel.

Foi-me, ainda outra vez, um tempo agonizante. Salgot Castillon e eu fomos adversários políticos ferozes. Ele, um udenista, ainda que populista; eu, um ex-marxista. Mas tinham acontecido os Cursilhos de Cristandade. E, num deles, fui eu o reitor – o coordenador – do Cursilho para o qual Salgot fora convidado. Ele – sobrinho do Monsenhor Martinho Salgot e com formação fortemente católica – retornou às suas origens espirituais. E o seu ardor populista transformara-se, para ele, em verdadeira doação para os mais humildes. Por outro lado, o próprio João Guidotti fizera o Cursilho. E – mais agonizantemente ainda – fui eu o reitor dele. Houve uma confraternização. Mas as ambições e os ranços políticos foram maiores. Nada os reconciliou. Com Salgot, porém, criei uma verdadeira fraternidade.

O Jornal de Piracicaba – do qual tanto Salgot como João Guidotti eram próximos – manteve a sua neutralidade. Precisei, então, determinar a linha editorial de O Diário: iríamos apoiar Salgot Castillon, um homem amado pelo povo. O “guidotismo” – agora personificado em João Guidotti – não tinha qualquer sensibilidade social, ainda que Luciano fosse um generoso assistencialista social. A candidatura dele se baseava no “cadáver de Luciano”, como se ele tivesse direito natural à sucessão do irmão.

O MDB de João Guidotti e de Francisco Antônio Coelho (Coelho) tornou-se “o grande inquisidor”, denunciando, exigindo cassações, forçando militares amigos a dificultar a vida dos adversários. O Tenente Alfredo Mansur soube fazê-lo com maestria. E o delegado de Polícia, Joseph Cella, submeteu-se docilmente. Em Piracicaba, acontecia o absurdo, como se fosse, esse, o destino de nossa terra: o MDB – nascido para fingir ser oposição – perseguia a ARENA, tida como partido oficial do governo federal. Mas quem, em Piracicaba, estava pensando além do umbigo?

Salgot Castillon venceu e estava pronto a retornar à Prefeitura, literalmente nos braços do povo mais humildade. Mas foi “vitória de Pirro” pois, tão logo se encerraram as apurações, começaram, também, as tentativas de impedir-lhe a posse. Com Coelho e João Guidotti no comando e ainda mais ressentidos, lá se foi o MDB bater às portas dos quartéis e – na tragicomédia caipiracicabana – denunciar a ARENA pelo binômio que se tornara chavão dos ditos “revolucionários”: a vitória de Salgot Castillon – não nos esqueçamos: presidente da ARENA – era a vitória dos “corruptos e subversivos”.

Salgot estava com uma visão progressista de administração municipal, tomado de uma consciência sólida de que deveria governar especialmente para os mais necessitados. Propôs-se a criar secretarias municipais, desconhecidas em Piracicaba. E me convidou para, juntamente com o professor Guilherme Vitti, elaborar um projeto de educação para o município. Seu vice-prefeito eleito era Cássio Padovani, um antigo getulista apaixonado, que fôra líder do PTB de Jango. Lá estava

a outra união paradoxal: Salgot, ex-UDN, e Padovani, ex-PTB janguista, no mesmo barco. E eu, um ex-comunista, tentando planejar, com o prof. Vitti, a educação municipal. E, concluído o trabalho, Salgot Castillon me fez a proposta inesperada: ser, eu, o Secretário da Educação de seu governo.

Mas os boatos fervilhavam: Salgot não tomaria posse, Salgot seria cassado. Certa tarde, em meu escritório de advocacia – pois eu, para sobreviver, também advogava e lecionava – Cássio Padovani foi ao meu encontro e – com a liberdade que uma velha amizade com minha família lhe dava – fechou a porta e explicou-me. O MDB de João Guidotti juntara provas, junto ao DOPS, denunciando que Salgot Castillon levaria um “comunista e subversivo para o seu governo”. Ou seja: eu próprio. E isso poderia ser motivo para ser-lhe impedida a posse. Era preciso, pois, contornar a situação. Combinamos a estratégia e levei-a à frente, fazendo uma declaração por escrito de aquele convite jamais ter existido. Era preciso, sim, mentir, dissimular, tentar enganar militares e acusadores.

Salgot Castillon tomou posse e, então, o Jornal de Piracicaba também lhe ofereceu apoio. O MDB, no entanto, não se conformava. Em Campinas, Orestes Quércia havia sido eleito prefeito pelo MDB. Perguntado se aquele seria um problema pra os militares, o truculento Coronel Argus Lima respondeu: “O problema não está no MDB, mas na ARENA de Piracicaba”. Com o AI-5 já em vigor, começava a via crucis de alguns e a bem-aventurança de outros.

## **Imprensa e AI-5**

Arrogo-me, com o orgulho e coração lavado, o direito de O Diário ter sido – com meus bravos companheiros de jornalismo – o primeiro jornal brasileiro, ainda que numa cidade média interiorana, a reagir contra a censura imposta pela decretação do AI-5, naquele malfadado dia 13 de dezembro de 1968. Determinei – e meu companheiros concordaram – que todas as colunas do jornal saíam com espaços em branco, como sinal de protesto. Isso aconteceu imediatamente no dia seguinte,

um sábado, muitos meses, portanto, antes do “Estado de São Paulo” e do “Jornal da Tarde” que passaram a publicar poemas e receitas nas colunas censuradas. No domingo, escrevi um artigo virulento, “No país do Chacrinha”. E, na segunda feira, o G-Can de Campinas mandou buscar-me, ordem emitida ao Delegado Joseph Cella que a cumpriu.

No G-Can, o cínico Coronel Cerqueira Lima – amigo dos Guidotti e do MDB de Piracicaba, que se tornaria General na Amazônia – exigiu, de mim, que eu mesmo fizera a censura n’O Diário e autocensura nos meus artigos. Recusei-me a fazê-lo, sabendo, hoje, que aquela valentia era mais ingenuidade do que coragem. Pois ignorávamos o que já acontecia nos porões militares do Brasil. Sugeri, então, que o Delegado Joseph Cella fosse o nosso censor. Mas este, assustado, recusou-se a fazê-lo e o coronel lançou toda a responsabilidade sobre os meus ombros. O Diário continuou manifestando-se e, com jornalistas jovens mas inteligentes, conseguimos criar um código que nos permitia escrever nas entrelinhas. De quando em quando, porém, a indignação se manifestava claramente. E lá ia, eu, novamente para o quartel do G-Can, vezes tantas que não me recordo de quantas. E, sobre mim, uma enxurrada de processos, na clara tentativa de amedrontar O Diário. Enquanto isso, o Jornal de Piracicaba não se manifestava. Passara, sim, a ser contra a ditadura. Mas em silêncio.

Defender Salgot Castillon era, para nós todos, uma questão primordial. Mas perdemos. O MDB venceu. E Salgot Castillon foi cassado. Na manhã de 16 de outubro de 1969, já se sabia que a Junta Militar determinara a cassação dos direitos políticos do ex-udenista, do presidente da ARENA e prefeito de Piracicaba, Francisco Salgot Castillon. Durante o dia, com a certeza de sua punição, ele limpou as gavetas e, à noite, a notícia foi divulgada, oficialmente, pela “A Voz do Brasil”.

Naquela mesma noite, D.Aníger Melilo apareceu, inesperadamente, em minha casa. E, com preocupação evidente – e solidariedade comovedora – insistiu para que eu me recolhesse ao Seminário Diocesano, no Bairro da Nova Suíça, onde estava sendo realizado outro Cur-silho. Recusei-me, preparando-me para retornar à redação, a cidade

explodindo, a euforia dos “guidotistas” e a tristeza dos demais. Mas Mariana, minha mulher, insistiu para eu atender ao apelo de D.Aníger, que alegava saber do perigo que me espreitava. Fui, mantendo-me, porém, informado e retornando na tarde de sábado. Havia mais notícias perturbadoras: o vice-prefeito Cássio Padovani recusara-se a tomar posse. Outros diziam que o Exército o impedira de fazê-lo. Por três dias, Piracicaba ficou sem prefeito. E, apenas na segunda-feira – e por pressão dos militares – Cássio Paschoal Padovani assumiu à Prefeitura, com sua hormonalidade calabresa que o levava a sinceridades brutais. Inclusive em relação aos militares.

Poucos dias depois, Salgot Castillon foi levado para o G-Can de Campinas onde ficou detido em uma cela presa. Numa segunda cela, estava o prefeito de Limeira, Jurandir Paixão. E, na terceira, eu, o “jornalista subversivo de Piracicaba”, tido como perigoso – a partir daquela cidade pequena – à segurança nacional. Fomos liberados – ou libertados – na manhã seguinte, por influência de Cássio Padovani, que convenceu o novo comandante do G-Can, Coronel Rubens Restell, a nos liberar. Este, Coronel Restell, foi, certamente, o único militar cavalheiro com que se podia relacionar na região de Piracicaba.

## **Um MDB governista**

Os mais supersticiosos – ou os mais sábios? – diriam que uma “caveira de burro” foi enterrada, naqueles anos, em Piracicaba. Em prazo curtíssimo, a cidade perdeu todas as suas mais expressivas lideranças: a cassação de Salgot Castillon, as mortes também repentinas de Cássio Padovani (ainda no cargo), de João Guidotti, de Guerino Trevisan, de Jorge Henrique Angeli, vereadores com carreiras promissoras. Aldovandi e Luiz Guidotti foram esvaziados no poder que tiveram. Ficou um vazio de lideranças a tal ponto que, de repente, fui transformado em “herdeiro político” deles. Mesmo a contragosto – especialmente por um pedido quase patético de D.Aníger Melilo – eu aceitara ser candidato a deputado federal em 1970. E, para minha surpresa, a votação obtida foi realmente significativa, faltando

pouquíssimos votos para ser eleito. Amedrontei-me: eu fora candidato apenas para colaborar, pois não poderia deixar O Diário – para o qual eu adquirira caríssimas e pioneiras máquinas offset – e minha família, já com quatro filhos.

Com a morte e enfraquecimento daquelas lideranças, houve uma onda a favor de que O Diário e eu liderássemos a movimentação política de Piracicaba. João Guidotti ainda estava vivo e, nas eleições de 1972, retornou à ARENA, querendo ressuscitar o “guidotismo”. Já havia sublegendas nos partidos, mas ele pretendia o controle absoluto. Um quase garoto, Adilson Benedicto Maluf, me procurou, insistindo em ser candidato por uma das sublegendas da ARENA. Era uma aventura. Mas lhe sugeri se candidatasse pelo MDB, onde poderia adquirir experiência. As urnas determinaram a grande surpresa: a ARENA de João Guidotti, com apenas dois candidatos, foi derrotada pelo MDB – do qual ele fizera parte anteriormente – em votos por legenda. E Adilson Maluf fora o candidato medebista mais votado.

Passo ao largo destes anos, confusos, escandalosos, quando Adilson Maluf se revelou um pequeno ditador, aliando-se ao Jornal de Piracicaba e obsecado por silenciar O Diário. A criatura voltava-se contra o criador. O jovem líder do esfarrapado MDB assumira postura ditatoriais e, em relação a O Diário, determinava o boicote publicitário, a pressão sobre bancos para negarem descontos de duplicatas. E uma das marcas significativas de seu governo foi o nome que ele deu a uma de suas obras públicas: “Avenida 31 de Março”, homenagem do novo e jovem líder do MDB ao dia do golpe militar...

Os processos contra mim multiplicaram-se e cheguei a ser condenado até mesmo por um “ponto de exclamação” numa das notícias em que se relatava o enriquecimento rápido do jovem prefeito. O pior: não fora eu que fizera a exclamação, mas um dos redatores. O Jornal de Piracicaba fortaleceu-se, a perseguição a O Diário aumentou. E, nesse período – em 1972 – começaram as notícias de torturas e até mesmo de mortes nos porões da Delegacia de Polícia. Um verdadeiro inferno baixara sobre Piracicaba, com a chegada de um cruel investigador de

Polícia – mas competente – de nome Lazinho, conhecido por sua brutalidade. Ele desencadeou uma feroz campanha contra as drogas, que nada mais foi do que uma cortina de fumaça. Lazinho estava entre os principais traficantes e soube como controlar delegados, investigadores, influenciando até mesmo o Judiciário e o Ministério Público, em aliança com alguns advogados.

As primeiras vítimas buscaram guarida n’O Diário, que se tornava – sem qualquer pretensão do narrador – na única voz opositora da cidade. E eram drogados e prostitutas, vítimas das brutais torturas daquele investigador que “plantava” drogas para extorquir as vítimas, incluindo pessoas da classe média. Acolhemos as queixas, passamos a ouvir as vítimas, recolhemos algumas em nossas dependências, a Igreja veio em nosso auxílio e, de maneira especial, o advogado Marcos de Toledo Piza, um idealista corajoso. Os depoimentos eram estarrecedores e, ainda hoje, guardo-os em meus arquivos, como lembrança de uma história que eu não gostaria de contar. Diz-me, porém, a consciência de que eu devo voltar a publicar as dezenas de depoimentos de pessoas torturadas e de familiares dos que morreram. Haverá de fazê-lo – nestas minhas cerimônias de adeus – no meu jornal eletrônico A Província. Para que Piracicaba – pelas novas gerações – possa, também, gritar: “Tortura, nunca mais!”

As ameaças recrudesceram. Lazinho passava diante de O Diário com metralhadora em punho. Meus filhos e minha família eram ameaçados. Nossos redatores também. Ficamos sozinhos, mas divulgando todas as crueldades, as torturas inacreditáveis que ocorriam entre as paredes da Polícia. Frei Augusto, capuchinho, dava apoio moral e material às prostitutas e conseguiu-se – com o apoio da OAB e do Judiciário – fechar a zona do meretrício, então dominada pela cafetina Ruth Mansur. Ela era protegida por políticos. E não mais se tratava de um lugar de prostituição, mas um centro de drogas e de disseminação delas.

No poder, o MDB descontrolou-se por inexperiência e vaidades. Mas permitiu o surgimento – como secretário de obras – de um outro jovem que – este, sim – era movido por convicções ideológicas bem de-

finidas: João Herrmann Neto. Ele fora candidato a deputado federal em 1970, mas tivera pouquíssimos votos. Soube, porém, como captá-los e angariar simpatias. Surgia um líder carismático.

## **O Diário, Herrmann, Boaventura**

João Herrmann Neto e Elias Boaventura estão mortos. Mas, quando vivos – e o país já redemocratizado – chegamos a conversar diversas vezes sobre equívocos e erros cometidos à época. Na realidade, O Diário, João Herrmann – que era meu primo-irmão – e Elias Boaventura, na Unimep, tínhamos praticamente o mesmo discurso oposicionista. Mas atuamos em conflito permanente, sem conseguir um diálogo que nos levasse a uma ação comum.

João Herrmann Neto foi eleito prefeito em 1976. Foi uma campanha medíocre de ambos os partidos. João Guidotti, retornando à ARENA, lutava, dentro do partido, para evitar a vitória de Romeu Rípoli, candidato a prefeito, juntamente com Jairo de Mattos. O MDB – ao qual não se dava nenhum crédito – trabalhou devagarinho e obteve maior número de votos, escassos 86 votos. Jairo Matos foi o mais votado, mas perdeu na soma das legendas. João Herrmann – o primeiro mais votado entre os três do MDB – foi eleito prefeito. E ele próprio se surpreendeu.

Ora, O Diário tinha todas as condições para apoiar João Herrmann Neto na Prefeitura e até, inicialmente, lhe abrimos espaço. A voz do sangue também me ordenava ajudá-lo. No entanto, seu temperamento era de uma instabilidade por assim dizer doentia. Eu o conhecia intimamente e, por isso, sabia do que ele, de repente, poderia fazer. Acho que, hoje, ele seria visto como um “bipolar”, na linguagem que parece ter-se tornado moda. Pretendendo ser informal e também populista, João se perdeu em exageros e extremos de infantilidade e de irresponsabilidade em relação ao cargo. Homem de elite, não foi aceito por ela. Mas cativou o povo e poderia ter sido o grande líder político de Piracicaba, repetindo a popularidade e o magnetismo carismático de Salgot Castillon.

Posso, nesse depoimento, afirmar que, naquele período, Piraci-

caba se universalizou politicamente. E o que era apenas paroquial, se tornou nacional. Boaventura, na Unimep, abria as portas ao diálogo, ao confronto, à pluralidade de ideias. Na Prefeitura, João Herrmann criou centros populares, abrigou líderes de todos os matizes da esquerda, cercou-se de jovens. E O Diário manteve a sua tradição de luta, sendo, porém, crítico a muitas das ações de Boaventura e de Herrmann. Pode-se dizer que tínhamos, no atacado, os mesmos objetivos, a busca da liberdade. Mas, no varejo, as discordâncias eram muitas.

Piracicaba ferveu em ideias, em confrontos, em desafios, em espalhafatosas demonstrações de esquerdismo político. Mas havia um erro histórico que, infelizmente, percebemos tarde demais: a desunião entre aquelas três forças, mais do que democrática, era deletérea, um equivocado instrumento de libertação. Muito, neste livro, haverá de falar-se sobre isso, razão pela qual me permito saltar detalhes. A verdade, porém, é que audácia política e escândalos se misturaram e o que parecia – e poderia – ser um contragolpe aos golpistas não passou de lutas desgastantes. No fundo de tudo, permaneciam vivas, ainda, as lutas paroquiais que não conseguiram absorver o universalismo daquele período.

No livro de Gustavo Jacques Dias Alvim – “O Diário – Um jornal de causas” – ele diz não entender como foi possível um jornal tão polêmico e respeitado – apesar de amado e detestado – ter fechado as portas. Segundo o livro de Alvim, fui alvo de 46 processos, alguns deles pela Lei de Segurança Nacional. O Diário foi submetido a boicotes insuperáveis, chegando a ter créditos, descontos de duplicadas negados pelos bancos, sob pressão dos políticos do próprio MDB, até mesmo quando se tornou PMDB. Além das detenções rápidas, acabei sendo condenado a quase dois anos de prisão domiciliar. E apenas agora – quando meu tempo se esvai – consigo admitir o desgaste espiritual que aquilo me causou. Perdi bens e permiti ruíse, devagarinho, um casamento maravilhosamente feliz. Solicitei um empréstimo ao então Banespa, oferecendo o prédio de O Diário – belíssima construção, no centro da cidade, orgulhosa obra de meu pai – como garantia. A dívida, em dólares, para pagar o maquinário offset se tornava quase impossível de ser resgatada,

tais as mudanças na economia nacional. No entanto – em documento que a jornalista Beatriz Vicentini, então Beatriz Elias – encontrou em suas pesquisas nos artigos do DEOPS, lá estava todo o meu dossiê, na pasta de Luiz Carlos Prestes. E num deles – o que mais me machucou – foi uma denúncia do Delegado Joseph Cella quase exigindo que o banco não nos cedesse o empréstimo. E, segundo Cella, as informações que ele tinha vinham de “fonte idônea”. E citou o nome de um jornalista respeitável, dono de jornal, cujo nome omito pelo fato de ter falecido já há muitos anos. O venerando jornalista era um dos informantes do Delegado, que remetia os relatórios à Secretaria de Educação. O documento – em meu poder – data de 1º. de março de 1977.

Em 1982 – quando os primeiros sinais de abertura democrática se revelavam – entendi estar, a missão, cumprida. Mais do que injustiças, boicotes e agressões a mim e a meus familiares – foi o cansaço que me exauriu. A censura aos jornais fora afrouxada, anunciava-se a anistia “lenta, gradual e segura”. Pediam-se eleições diretas para a Presidência da República. A Arena esfarelava-se e o PMDB se fazia poderoso, ainda que transformado – agora ele – num saco de gatos, onde um Orestes Quércia convivia com Franco Montoro.

O Brasil retornaria à democracia. Tantos anos e tantas lutas depois, é possível – pelo menos, para alguns – repetir o que Saldanha Maranhão dissera da novel república: “Não é a República dos meus sonhos.” As nossas, em meu entender, não são, também, a República e a democracia dos nossos sonhos. São as possíveis, exigindo, das novas gerações, a responsabilidade de aprimorá-las.

### **Ao cerrar das cortinas**

No dia 21 de março deste ano de 2013 – e, portanto, 49 anos depois do golpe militar – recebi, da Comissão de Anistia do Ministério da Justiça, um documento cuja síntese, “ipsis literis”, reproduzo:

“Indubitavelmente, o Anistiando sofreu monitoramento ostensivo por parte do Estado, na medida em que a maioria das suas publicações eram encaminhadas ao DOPS para averiguação, e o mesmo,

concomitantemente, tinha que se dirigir ao órgão para prestar esclarecimentos.

Assim, por decorrência lógica, não fica difícil supor que um cidadão que sempre está sendo obrigado a se dirigir a um reconhecido órgão de repressão para prestar esclarecimentos, sofra constrangimentos e retaliações de várias espécies, restando assim comprovado a perseguição de cunho político.(...)

Assim, diante dos documentos que instruem o presente Requerimento de Anistia, e em decorrência da comprovação da imprescindível motivação exclusivamente política (...) opino pela “Declaração de anistiado político, oficializando em nome do Estado Brasileiro o pedido de desculpas ao sr. Cecílio Elias Neto.”

Pergunto-me: anistiado de quê, anistiado por quê? Ninguém que luta contra ditaduras e tiranias há que ser anistiado, mas tem o direito de aguardar que o tempo abra o caminho da justiça. Creio não haver justiça quando se anistiam, ao mesmo tempo, inocentes e culpados, torturadores e torturados. Nunca esperei recompensas pelas lutas que fiz obrigado pela minha consciência. Nem reclamei jamais de prejuízos e perseguições, de perdas e danos.

No entanto – quando estou em fase de minhas cerimônias de adeus e 50 anos depois – recebo o maior de todos os presentes, o mais belo dos prêmios, a mais emocionante e gratificante das recompensas. Não foi o “pedido de desculpas do Estado Brasileiro”. Mas uma carta eletrônica de meu filho Marcelo – hoje, com 45 anos – que emoldurei em minha parede, como bênção para minha vida. Recebi-a no dia 26 de março de 2013, logo após a decisão da Comissão de Anistia. Comovido, peço permissão para divulgá-la:

**“Pai, o que mais um homem pode querer da vida?**

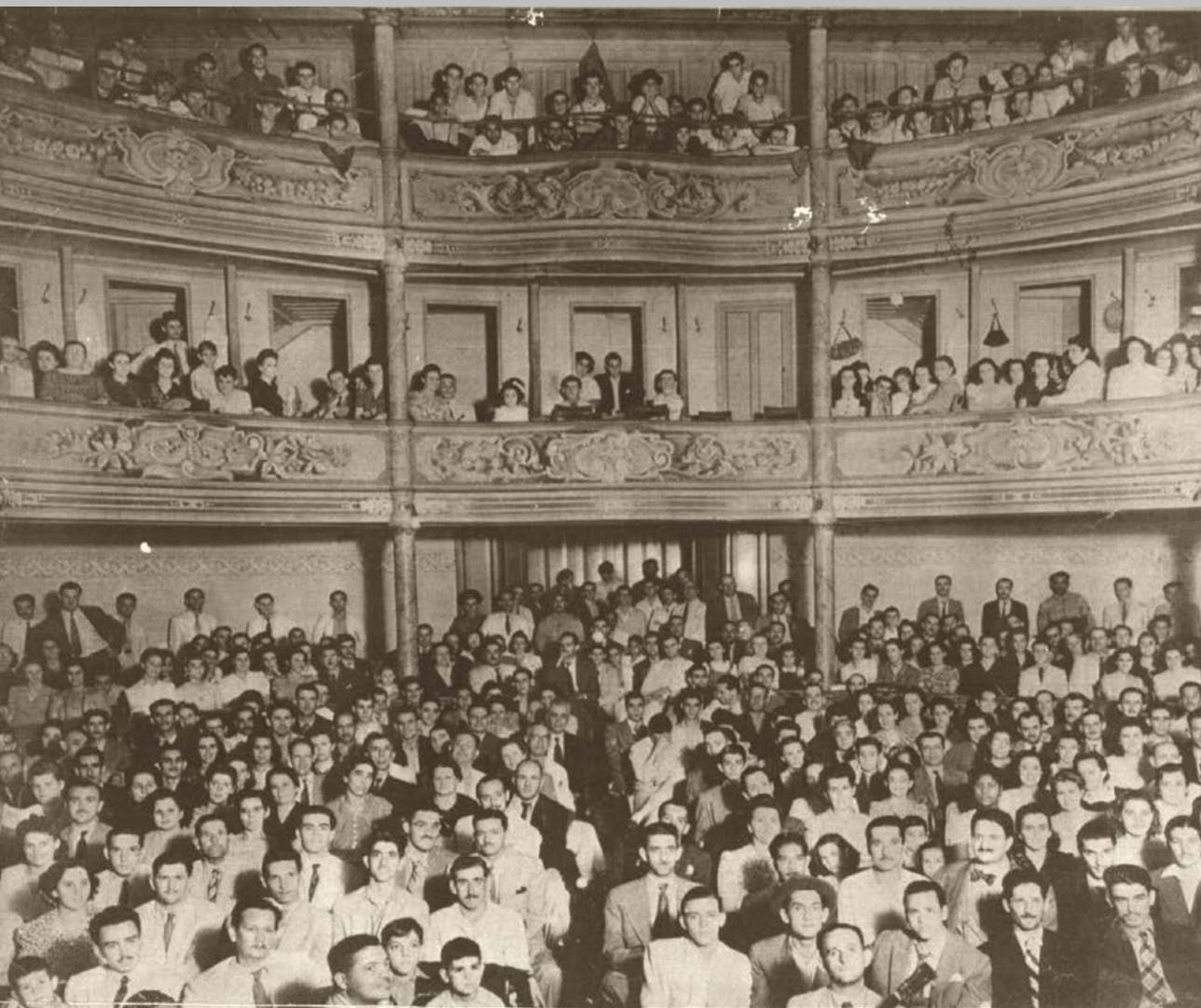
**Você construiu uma família maravilhosa! Olhando de perto, poucas são assim.**

**Você viveu tudo o que viveu e teve tempo para tudo. Para as suas convicções, para nós, para as pessoas e também teve o melhor dos tempos: o tempo de colher tudo isso.**

**Você viu seus filhos se tornarem boas pessoas, você viu a mudança que o país passou com a contribuição do seu suor; você resistiu a todas as dores e sofrimentos dos tempos mais duros (que para nós, filhos, eram só diversão. Olha que mágico!) Mas o melhor de tudo é que você também teve tempo de ver o reconhecimento por tudo isso.**

**Parabéns por toda a nossa vida. Muito, muito, muito obrigado por ser meu pai! Beijo enorme.”**

Esta é a história que eu não gostaria de ter contado. Mas valeu a pena por, em especial, ter recebido – dos céus e através dos filhos – essa bênção como pai, como pessoa humana. Para mim, descerram-se, enfim, as cortinas.



Teatro Santo Estevan. Fundado em 1871 pelo Barão de Rezende e demolido em 1954.

## 3

## ARTE e CULTURA

## Uma história musical de Piracicaba

**SHEILA CHRISTINE FREIRE  
DE MATOS HUSSAR**

Professora de Educação Musical,  
mestre em Educação, graduada em Letras e  
pedagogia pela UNIMEP.

### Considerações Iniciais

O interesse pela História da Música de Piracicaba<sup>1</sup> remonta à minha própria experiência, desde 1980, em diversos corais da cidade, inicialmente como cantora, e, em dado momento, como regente. Foi esta experiência que possibilitou o inevitável (e feliz) contato com parte do repertório musical de Piracicaba, remetendo-me à sua expressiva história no contexto da História da Música no Brasil.

Minha formação musical teve início no âmbito da Igreja Metodista, quando ainda criança participava dos cultos cujas liturgias contem-

---

<sup>1</sup> Município do estado de São Paulo, fundado a 1º de agosto de 1767, localizado a 22º43'31" de latitude sul e a 47º38'57" de longitude oeste, a uma altitude de 547 metros. Com aproximadamente 365.440 habitantes, é um importante polo regional de desenvolvimento industrial e agrícola, situado em uma das regiões mais industrializadas e produtivas de todo o estado de São Paulo. Além da indústria e agropecuária, tem no turismo importante atividade. (Informações do site [www.piracicaba.sp.gov.br](http://www.piracicaba.sp.gov.br), acessado em 2 de agosto de 2012).

plam, em grande parte (e para mim sempre foram e continuam sendo a melhor parte), cânticos e execuções instrumentais. Os sons do órgão, do violão e da guitarra; das vozes dos solistas, dos grupos de crianças, adolescentes, jovens e adultos; os movimentos – tão misteriosos! – dos regentes me chamavam a atenção, envolvendo-me num misto de paixão, temor e interesse por aquela música.

Na condição de filha de pastor, após sucessivas mudanças vim com a família para Piracicaba, onde firmei raízes. Em 1979, como membro da Igreja Metodista Central, atual Catedral Metodista, minha primeira iniciativa foi ingressar no tradicional Coral Rev. James Willian Koger, do qual participei durante treze anos ininterruptos. Pertencer a este grupo foi uma experiência inigualável. Além do contato com um repertório litúrgico erudito, dentre muitos outros ganhos o mais importante foi descobrir que eu também podia cantar, pois quando criança minha voz se intimidara e se calara em meio a incontáveis crises de laringite; de tanto ouvir que jamais conseguiria cantar, cheguei a acreditar (e queria tanto!). Instrumento maravilhoso é a voz! Com frequentes exercícios de relaxamento, aquecimento e técnica vocal, aprendi a tocá-la, ampliando significativamente a minha formação musical.

Quando aluna do Colégio Piracicabano, em 1980 ingressei no Coral da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep), do qual participei por dez anos consecutivos, período em que também cursei Pedagogia na própria universidade. Sob a batuta do Maestro Umberto Cantoni – grande mestre! – me vi em meio a um universo musical importantíssimo, que contemplava, para além da música litúrgica erudita, a música brasileira, com seus temas, ritmos e histórias imprescindíveis à formação musical, principalmente do professor de música. Além de conhecimentos de regência, dinâmica de trabalho com corais, técnica vocal e interpretação, com o Maestro Cantoni aprendia a valorizar a música brasileira e o povo brasileiro, bem como a música de outros povos; aprendia que música é coisa de gente, de toda a gente. Esse conteúdo, que transcende a leitura de notas e figuras rítmicas, foi de suma relevância na compreensão do papel da música na formação sociocultural humana.

Minhas atividades docentes também tiveram início no contexto da Catedral Metodista de Piracicaba, como professora de crianças na Escola Dominical e como regente de um pequeno (grande!) grupo coral infanto-juvenil.

Em 1991 iniciei como professora de música na Educação Infantil do Colégio Piracicabano, instituição na qual ainda me encontro, e, em 2002 assumi a regência do Coral Infanto-Juvenil Engenho do Canto, do Colégio Liceu Terras do Engenho, onde também me encontro. Atuei ainda como regente do Coral Infanto-Juvenil da comunidade tirolesa de Santa Olímpia e regente dos corais da Universidade da Terceira Idade da Unimep, como professora de música da Escola Cooperativa de Piracicaba, professora de Educação Artística e Língua Portuguesa em escolas públicas de Piracicaba, e professora de diversas disciplinas, inclusive música, do Curso de Magistério da Escola Estadual Sud Mennuccie da Escola Estadual Mello Moraes. Por dois anos consecutivos fui coordenadora pedagógica do Ciclo Básico de Alfabetização da Escola Estadual de Primeiro Grau Prof. Mário Chorilli e da Creche Marshlea Dawsey.

Em sala de aula, com as crianças venho reencontrando os poemas-canção, as canções de ninar, as cantigas de roda e outras cantigas que outrora fizeram parte da minha vida. Também lhes tenho dado a conhecer outras músicas e suas histórias de outras épocas: só cantadas, só tocadas, cantadas com acompanhamento de um, dois ou mais instrumentos, cantadas com o acompanhamento de uma orquestra! Foi uma caminhada marcada, no Colégio Piracicabano, pela produção dos CDs Cantando Brincando Sonhando, Festa da Vida e Sons da Nossa História. Este último CD veio de encontro ao interesse pela História Musical do Colégio no contexto da História Musical de Piracicaba. Início alunos e alunas na leitura e escrita musical bem como em práticas de conjunto como bandinha rítmica, canto coral, flauta doce, além de ensaiá-los para formaturas e participações em celebrações e eventos culturais, em momentos regados a dúvidas (e, por vezes, culpa) quanto aos encaminhamentos.

Para quê ler e escrever música? Que músicas ouvir, cantar ou tocar em cada evento? Que mensagens comunicar? O que fazer para não

cansá-las nos ensaios e para que compreendam o que e os porquês do que estou fazendo?

Será que eu mesma tenho clareza do que representam esses porquês? Num movimento de reflexão estas questões se resumiriam em uma: Qual o sentido e papel da música na formação dos alunos e alunas? Questão que remete à historicidade da linguagem musical.

Posto que as práticas musicais refletem e refratam diferentes posicionamentos filosófico-epistemológicos acerca do humano, influenciando e sendo influenciadas pelas transformações socioculturais que vêm marcando diferentes épocas e contextos, em que pesam diferentes referenciais teóricos e padrões estéticos, descartada a possibilidade de haver um único sentido para a música afirma-se a diversidade de sentidos elaborados ao longo do desenvolvimento da linguagem musical. Diversidade histórica e culturalmente constituída, traduzida em gêneros, formas e estilos musicais também diversos, cujo conhecimento remete às histórias que estão por detrás das muitas músicas da música.

Berço de nomes nacional e internacionalmente reconhecidos na área de Música, Piracicaba conta atualmente com a presença da música na grade curricular da quase totalidade das escolas privadas de educação básica, contrastando com a (ainda) ausência de um trabalho regular nas escolas públicas. Além de periódicos encontros de corais, concertos, oficinas e workshops, conta também com o oferecimento de cursos voltados para a prática de modalidades específicas da música – como canto coral, flauta doce e outros instrumentos – por universidades, escolas públicas e privadas de educação básica, escolas de música, setores públicos e organizações sociais como clubes, igrejas, centros comunitários, e, ainda, com a atuação de grupos voltados para a preservação dos gêneros musicais de tradição popular.

Este contexto tem sido marcado pela presença do Colégio Piracicabano, da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ), da escola Normal “Sud Mennucci”, da Escola de Música de Piracicaba Maestro Ernst Mahle e da Universidade Metodista de Piracicaba (UNI-MEP), esteios da produção cultural musical de Piracicaba, tendo as três

primeiras instituições atuado efetivamente desde o final do século XIX e início do século XX para que Piracicaba alcançasse a referida expressividade na história da música no Brasil.

Piracicaba, lócus desta pesquisa, vem acolhendo ao longo da sua constituição cultural, além dos diversos gêneros musicais de tradição erudita, uma rica diversidade de gêneros musicais de tradição popular, representativos, por sua vez, de realidades socioculturais distintas, numa convivência, “à moda da história”, marcada por conflitos de interesses e desafios. Embora ciente do imprescindível papel dos gêneros afro-brasileiros, como o batuque de umbigada, na constituição da música brasileira, enquanto professora de música há vinte e cinco anos permaneci praticamente alheia à atuação dos grupos representativos destes gêneros na cidade. O próprio Engenho Central de Piracicaba, por mim frequentado, atesta a presença de grupos de negros escravizados. Onde estariam os seus batuques?

Conhecer a história musical de Piracicaba – fundamental à reflexão sobre o papel da música na educação, tanto em Piracicaba como em outras localidades – é conhecer a gênese da diversidade de gêneros que a compõem, conhecer a história dos seus gêneros. É compreender os sentidos das diversas práticas musicais no contexto concreto da sua produção, sob pena de serem alguns gêneros avaliados a partir de juízos valorativos alheios à sua natureza, originalidade e importância.

## Um Começo no Meio do Caminho

Em 2006, quando o Colégio Piracicabano completou 125 anos, tive a oportunidade de acompanhar um depoimento do Maestro Egildo Rizzi<sup>2</sup>, concedido à Jornalista Beatriz Vicentini Elias, sobre a sua vivên-

---

<sup>2</sup> Egildo Pereira Rizzi foi aluno do Curso de Música do Colégio Piracicabano em 1951 e aluno da Escola Normal Miss Martha Watts de 1952 a 1954, tendo, nesse período, e ainda durante alguns anos após a conclusão do Curso Normal, como pianista do Orfeão da Escola Normal Miss Martha Watts. Também atuou, em meados de 1966, como professor de música na referida escola.

cia musical quando aluno do Colégio, cujo conteúdo integraria o livro intitulado *Memória, Encantamento e Beleza: Colégio Piracicabano, 125 Anos*<sup>3</sup>. Na singularidade da sua história, Rizzi possibilitou um conhecimento especialmente significativo de parte da história da música em Piracicaba, narrada numa riqueza de detalhes dificilmente possível de ser percebida por meio de textos escritos, e, ainda mais dificilmente, por meio da história oficialmente veiculada.

No decorrer da narrativa, as constantes referências a fatos históricos, pessoas e grupos que marcaram a trajetória musical do narrador atestavam a tese de Halbwachs (1990) sobre a natureza social da memória, da percepção e da consciência; conforme expresso por Jean Duvignaud no prefácio à segunda edição (1990) da obra *A Memória Coletiva*: “Maurice Halbwachs evoca o depoimento, que não tem sentido senão em relação a um grupo do qual faz parte, pois supõe um acontecimento real outrora vivido em comum e, por isso, depende do quadro de referência no qual evoluem presentemente o grupo e o indivíduo que o atestam” (p.13).

Para Halbwachs as memórias transcendem o âmbito individual, constituindo-se produto(s) das relações interpessoais estabelecidas nos e entre diferentes grupos/instituições sociais ao longo da história, ao passo que as representam. À pressuposição de que os indivíduos carregam na sua constituição cultural as influências do meio social, pelo qual são condicionados, corresponde a admissão de que suas memórias possibilitam o reconhecimento de aspectos sociais que transcendem o âmbito individual, na interpretação e reconstrução dos acontecimentos.

Ao longo da narrativa de Rizzi, reconhecidos conteúdos escolares sobressaíam dotados de especial significado; estava diante de uma história viva, cujos fatos, datas e nomes representavam muito mais do que simples dados históricos: “é nesse sentido que a história vivida se distingue da história escrita: ela tem tudo o que é preciso para constituir um quadro vivo e natural em que um pensamento pode se apoiar, para conservar e reencontrar a imagem de seu passado” (HALBWACHS, 1990, p. 71).

---

<sup>3</sup> ELIAS, Beatriz Vicentini. *Memória, Encantamento e Beleza: Colégio Piracicabano, 125 Anos*. Piracicaba: Editora Unimep, 2006.

Nessa mesma época eu experimentava um crescente interesse pela psicologia vigotskiana e, conseqüentemente, pela História– no reconhecimento da sua importância na compreensão da realidade; importância constatada e melhor compreendida no âmbito das disciplinas do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unimep. Ainda que de lugares distintos e de modos também distintos, as ideias de Halbwachs e de Vygotski apontam para a constituição social dos sujeitos, no favorecimento de um diálogo fértil entre Desenvolvimento Humano, Memória e História, o que busco viabilizar na constituição da base teórica deste trabalho.

Assim como Rizzi, outros atores dos gêneros musicais das tradições popular e erudita de Piracicaba talvez pudessem nos ajudar a compreender as histórias que compõem a história musical de Piracicaba, pensamos. A intenção inicial de investigar a aula de música dava lugar a um novo e preponderante interesse, intimamente relacionado ao anterior.

A localização e possibilidade de contato com alguns dos atores ou personagens representativos dos gêneros musicais de Piracicaba impeliram-me ao encontro da História Oral como forma possível de investigá-los; compreendida como “procedimento destinado à constituição de novas fontes para a pesquisa histórica, com base nos depoimentos orais colhidos sistematicamente em pesquisas específicas, sob métodos, problemas e pressupostos teóricos explícitos” (LOZANO, 2006, p. 17).

A ideia de construir um olhar particularmente novo sobre a História Musical de Piracicaba a partir de alguns de seus atores, sugestão da Prof<sup>a</sup>. Anna Maria Lunardi Padilha, sobejando incentivo e apoio dos docentes e colegas integrantes do Núcleo de Práticas Educativas e Processos de Interação do referido programa, e, em especial, da docente orientadora da pesquisa, impôs-se irresistivelmente, definindo-se como objeto de estudo. Na reelaboração do projeto inicialmente pretendido, assumi, então, o desafio de contar uma história a partir de memórias.

Motivação pessoal e interesse profissional se fundem, assim, no empreendimento da pesquisa ora apresentada, quando busco conhecer o processo de formação da Cultura Musical de Piracicaba na sua diver-

sidade de gêneros e tradições, através de relatos orais de atores envolvidos na sua construção.

Uma vez definidos o objeto da pesquisa e a forma de abordagem, passamos à difícil seleção dos gêneros musicais a serem investigados, bem como dos respectivos depoentes narradores. Frente à totalidade dos gêneros musicais praticados em Piracicaba e à necessária delimitação da pesquisa elegemos, em princípio, na perspectiva de contemplar a referida e importante diversidade, a congada, o samba de lenço, o batuque de umbigada, o canto coral, a música orquestral, a seresta, e gêneros eruditos em novas perspectivas, buscando conhecer seus significados, suas especificidades e seu importante papel na constituição da História da Música em Piracicaba. Outras manifestações igualmente importantes na cidade, como o Cururu e a Música Litúrgica Cristã, não contemplados diretamente neste trabalho, inserem-se nas práticas musicais dos grupos aqui representados.

Feitos os contatos e encaminhamentos, firmaram-se as participações do Sr. Pedro Chiarini representando a congada; Sra. Ana Luiza Ferraz de Arruda, Sr. Benedicto Luiz do Prado e Sra. Ediana Maria de Arruda Raetano representando o samba de lenço; Sra. Benedicta Pereira Ribeiro, acompanhada por Sra. Esmeralda Helena Ribeiro de Toledo e Sra. Ediana Maria de Arruda Raetano, representando o batuque de umbigada; Sra. Ercília Guerrini representando o canto coral; Maestro Egildo Pereira Rizzi representando a música orquestral; Sr. Antônio Carlos Fioravante (Bolão) e Sr. Sérgio Napoleão Belluco representando a seresta; Sra. Maria Aparecida Romera Pinto Mahle representando os gêneros eruditos em novas perspectivas— todos contemporâneos da primeira metade do século XX. O critério de seleção dos escolhidos foi sua efetiva atuação e representatividade na prática dos gêneros musicais selecionados.

Todavia, a amplitude do trabalho em relação ao (curto) período do mestrado levou-nos, forçosamente e a contragosto, a delimitá-lo à análise do batuque de umbigada, do canto coral, da música orquestral, da seresta e dos gêneros eruditos em novas perspectivas, permanecendo

as narrativas da congada e do samba de lenço, pela riqueza e importância da tradição que representam e pelo fato de se inscreverem na história do batuque de umbigada, nos anexos.

A fim de possibilitar a livre expressão de suas memórias, iniciei a conversa com os depoentes/narradores solicitando que falassem sobre o seu envolvimento com a música e sobre a sua atuação. Procurei deixá-los à vontade para se expressarem, incentivando-os à lembrança de suas experiências ao longo da História. Os depoimentos, bem como as minhas intervenções, foram vídeo-gravados e transcritos. Uma vez concluído esse processo, os textos foram encaminhados aos respectivos depoentes para que pudessem apreciá-los, avaliá-los e, possivelmente, reconsiderá-los; por concessão dos próprios depoentes, seus nomes foram originalmente mantidos na pesquisa.

Conservando integralmente o conteúdo das narrativas, acrescentei às mesmas subtítulos retirados da própria fala dos depoentes, os quais sintetizam a ideia central do discurso nos diversos momentos. Procurei preservar, ainda, dentro do possível, as especificidades de cada narrativa ou a (rica) diversidade de formas que assumiram no transcorrer dos encontros – relato, diálogo, cantoria – por razões também diversas como dúvidas suscitadas, esquecimentos, emoções, problemas de audição. Maiores esclarecimentos ou detalhes sobre os encontros, bem como informações relativas a cada depoente/narrador serão oportunamente explicitados, a título de introdução das narrativas.

Como forma de apresentação do processo de investigação, optei por dividi-lo em três partes. Na primeira, concentram-se textos de fundamentação teórica produzidos a partir de estudos sobre as ideias, principalmente de Vigotski (Psicologia); Pierre Bourdieu, Maurice Halbwachs (Sociologia); Karl Marx, Walter Benjamin, Henri Bergson (Filosofia); Mikhail Bakhtin (Literatura e Linguagem); contando, ainda, com a interlocução de estudiosos dos referidos autores, como Ana Luiza Smolka, Olga von Simson, Maria Isaura Queiroz e Silvia Schroeder.

Na segunda parte busco rever as bases filosófico-musicais e históricas sobre as quais se ergue a história aqui apresentada, com base nos

estudos de Holand de Candé, José Ramos Tinhorão, Vasco Mariz (História da Música); Murray Schafer, Marisa Fonterrada (Educação Musical); João Vicente G. de Oliveira (Estética), e na interlocução de Sílvia Schroeder (Educação Musical) e Claudete Nogueira (Educação e Manifestações Culturais Afro-Brasileiras).

Adentrando em Piracicaba e sua história musical, sintetizo, ainda nesta segunda parte, a caminhada da cidade rumo à condição de Atenas Paulista – da fundação a meados do século XX –, na qual se inscrevem as histórias dos depoentes-narradores, os quais assumem, na terceira parte do trabalho, a narração da história, num diálogo envolvendo História, Memória e Gêneros Musicais. É quando as vozes e ideias dos autores das diversas áreas contempladas ganham vida nas vozes e histórias dos narradores, na composição desta História Musical de Piracicaba.

Finalmente, contextualizo este trabalho no âmbito da Educação Musical, no novo contexto de regresso da música às escolas por intermédio da Lei Nº 11.769. Momento de olhar para história e aprender com ela; aprender com os acertos e erros, do passado e do presente; viver a alegria da cultura, da música. Alegria de ser gente.

## ARTE e CULTURA

## O camafeu e a esmeralda: um ensaio sobre a ópera *A Moreninha* de Mahle

**MARCELO BATUÍRA LOSSO PEDROSO**

É graduado em Direito pela USP e em Administração de Empresas pela FGV, pós graduado em Direito e Economia pela FGV e em Administração de Empresas pela The Anderson School of Management, da UCLA. É doutor em Direito pela USP e autor dos livros "Direito do Trabalho e Liberdade"; "De Piracicaba a Nichteroy: a pintura de Eugênio Luiz Losso e Fortunato Losso Netto". É crítico de música e arte e, atualmente, exerce o cargo de Presidente da Associação Amigos Mahle. É diretor do Jornal de Piracicaba e da Revista Arraso.

Quando José Maria Ferreira (1941-1991) resolveu escrever o libreto para o que viria a ser a melhor ópera de Ernst Mahle (1929), talvez não imaginasse que estaria criando um libreto ágil, romântico e cômico ao mesmo tempo. A obra em que se baseia a história (aliás, bastante fiel a ela) se passa em duas locações: numa casa de estudantes de uma rua qualquer do Rio de Janeiro e numa ilha próxima, idílica, que muito bem poderia ser a Ilha de Paquetá.

José Maria Ferreira aproveita quase todos os personagens do romance de J. M. de Macedo (1820-1882), mas por alguma razão, a qual não sabemos explicar, resolve colocá-los na ópera com um ano a mais. Augusto no romance tem 20 anos, na ópera, 21. Carolina tem 14, na ópera, 15 e assim todos os personagens jovens. Mantendo apenas o trio de sexagenários: D. Ana, D. Violante e Sr. Keblerc. Quanto à data em que se passa a história é definitivamente o século dezenove, auge do romantismo. Mais precisamente, como no romance de Macedo, entre o dia 20 de julho e o dia 20 de agosto.

O romance transcorre no exato período de um mês, mas a ação é focada apenas nos seus quatro fins de semana. Entretanto, para melhorar agilidade teatral, o tempo da história na ópera se reduz a dois fins de semana e um dia. Mas de que ano? Joaquim Manuel de Macedo não temporiza seu romance num ano específico; porém, ele é ambientado no momento em que foi escrito, isso nos leva ao ano de 1844, ano da publicação do romance. José Maria Ferreira, por outro lado, resolveu situar a história da ópera 21 anos depois: em 1865, tal como fez constar no libreto da ópera escrito em 1979.

A ópera se inicia numa provável quinta ou sexta-feira de uma dada semana no final de julho, em que quatro estudantes de medicina que habitam uma “república” resolvem fazer uma aposta. Um deles, Filipe, convida seus colegas para passar o fim de semana na casa de sua avó, numa ilha próxima ao Rio de Janeiro por ocasião da Festa de Sant’Ana. É por conta dessa aposta improvável (e imprudente) que temos ciência do tempo em que os fatos se desenrolam. Filipe aposta com seus outros colegas de quarto: Leopoldo e Fabrício que se Augusto, um incorrigível e inconstante don juan, não se apaixonar de verdade no período de 20 de julho a 20 de agosto (de um ano qualquer do século XIX), ele, Filipe, irá escrever um romance sobre a inconstância amorosa de Augusto; mas se Augusto se apaixonar, ele é quem deverá escrever essa história de amor. Augusto aceita o desafio.



Podemos dizer, com alto grau de convicção, que o personagem Augusto, nesse romance que tornou Joaquim Manuel de Macedo um escritor tão famoso e popular em seu tempo (principalmente junto às suas jovens e românticas leitoras) é, em certa medida, um alterego do próprio escritor. Macedo, assim como Augusto, era médico e *A Moreninha* foi publicada justamente no ano em que ele se formou em medicina (1844). A coincidência da cronologia temporal com a história do personagem Augusto e de seu Autor é perfeita. Só temos conhecimento dessa aposta e do amor que uniu Augusto e Carolina, na verdade, porque Augusto perde a aposta e tem que escrever sua história de amor.

Boa parte da ação se passa numa ilha próxima ao Rio de Janeiro. Mas que ilha seria essa? De propósito, J. M. Macedo optou por não dizer (e com isso criar uma atmosfera mais romântica ainda), mas também fica claro, para quem lia o romance na época, que se tratava da ilha de Paquetá. E assim é na ópera. Apenas 2 cenas (uma no primeiro Ato, outra no segundo) se passam num quarto de estudantes de uma casa numa rua do Rio de Janeiro, todas as demais cenas se passam na Ilha

de Paquetá. Nove cenas da ópera (6 no primeiro ato e 3 no segundo) se passam no interior (majestoso, diga-se de passagem) da casa de D. Ana e 3 cenas, bem ao gosto romântico, passam-se no interior de uma gruta à beira de um rochedo, também na ilha.

A ópera foi composta em Piracicaba, um ano depois do libreto de José Maria Ferreira, ou seja, em 1980, mas teve sua estréia na cidade de Bonn, na Alemanha. Seja pelo momento inspirado do compositor em sua carreira, seja pela leveza e galhardia de estilo das melodias, a ópera caiu no gosto popular. Pena que não é encenada com a merecida frequência. Mas outro elemento importante deve ser destacado: a escolha do libretista. José Maria Ferreira, biólogo piracicabano, era um hábil dramaturgo, intelectual muito além de seu tempo, estudou na Escócia e na Flórida, o que lhe deu uma fina e sutil capacidade de acertar a ação dos personagens em cena. Graças à habilidade teatral de J. M. Ferreira devemos, talvez, a melhor cena da ópera: a cena 3, do Ato I.

A cena 3 (Ato I) é feita por Augusto, estudante de medicina do quinto ano e D. Violante, uma senhora sexagenária para lá de inoportuna e abusada. Mas a comicidade da cena está no conjunto. É um diálogo cômico entre tenor e soprano. Ela começa por uma exclamação: “Senhor Augusto, um momentinho por favor!”. O acento musical da frase traduz o que há por vir. D. Violante, em verdade, uma histérica (algo muito em voga naquele século), quer a atenção e o galanteio de Augusto e para isso cria sintomas de doença dos mais variados e lhe pede um diagnóstico médico. Ele declina, mas ela insiste. Após muito ouvir, ele sussura em seu ouvido um diagnóstico “deselegante” com o intuito proposital de provocar a indignação dela. J. M. Ferreira, no texto do libreto, deixa o diagnóstico no ar, mas J. M. Macedo dá nome aos bois: hemorróidas.



Há outros momentos marcantes da ópera, em especial pela beleza da música de coro: “Bela esta manhã, belo o céu, o mar” (que se inicia com uma ária de D. Ana na cena 2, do primeiro Ato, e é repetido na cena final do Ato II) e “Vencedor... vencido” (coro da cena 3, do Ato II). No interlúdio orquestral do Ato I há um inspirado solo do violino *spalla*, com o qual Mahle cria habilmente um lirismo tocante e intimista. Essa melodiavaí nos introduz ao ambiente (quase mágico) da cena 7 (Ato I), onde o solo de violino, como uma suave bruma, nos leva ao interior de uma gruta na ilha, onde Augusto revela à D. Ana seu segredo: um juramento de amor feito a uma menina que conheceu no passado. Aqui há uma ária notável para tenor: “Eu tinha treze anos e ela apenas sete”.

Mas o ápice da ópera fica por conta da famosa cena 8, que encerra o primeiro Ato: é a balada no rochedo. Ponto alto da obra de J. M. de Macedo (capítulo 10 do romance), ponto alto do lirismo da ópera de Mahle. É uma balada de 23 cantos, de 6 versos cada, do qual o libretista, José Maria Ferreira, aproveita apenas os cinco primeiros cantos, os quais são suficientes para descrever a personagem. Essa balada, tanto no romance, quanto na ópera é cantada pela heroína, Carolina (soprano), “em pé, à beira de um rochedo, voltada para o mar, com seus cabelos

negros divididos em duas tranças que caíam pelas espáduas”. Na ópera de Mahle, a balada no rochedo virou a conhecida “balada de Carolina”.

A ópera também explora um inteligente jogo de palavras, que com a música, torna-se quase um duelo, ao gosto da ópera bufa do século XVIII. Veja-se, por exemplo, nas cenas 4 e 5, do Ato I, em que três verbos conjugados pelos homens (“rir, fingir, fugir”) são contrastados com três verbos conjugados pelas mulheres (“iscar, pescar, casar”). Aqui predomina a tradição da ópera bufa, de Rossini, em que o canto cadenciado das palavras opõem conjunto de verbos ao outro para descrever o que seria, ironicamente, o resumo do ideal dos jovens namoradinhos do século dezenove. Essas passagens nos remetem, guardadas as devidas proporções, ao grande Falstaff, de Verdi, na ária “*alle due, alle tre*”. Em que a repetição rítmica e cadenciada da ária dá o tom cômico à cena.

Nessa linha cômica, não poderíamos deixar de mencionar a cena 6, do Ato I, em que o beerrão Keblerc (baixo) induz a criada Paula (contralto) a beber algumas taças de vinho. Keblerc nos traz à mente outro personagem fanfarrão da ópera: o charlatão Dulcamara, da ópera *L’Elixir d’amore*, de Gaetano Donizetti.

Outra similaridade notável é com o segundo ato da ópera *La Traviata*, de Verdi. O pequeno e importante papel desempenhado pelo Dr. Pedro, pai de Augusto, que vem em seu auxílio para aplacar sua “febre de amor” e pedir para D. Ana, a mãe de Carolina. A similaridade aqui é às avessas, pois Giorgio Germont, na ópera *La Traviata* pede à Violetta que se separe de seu filho (Alfredo Germont) e o Dr. Pedro, nesta ópera, pede que a mãe de Carolina seja concedida a seu filho. Mas ambos estão embuídos de um mesmo propósito: ajudar o filho no mesmo momento de vida, em relação às suas escolhas amorosas.

A ópera, assim como o romance, é cheia de símbolos e de arroubos românticos. Histórias inverossíveis sim, mas deliciosamente cômicas. Ernst Mahle bebeu, intencionalmente ou não (não o saberemos), na fonte das grandes óperas bufas. Joaquim Manuel de Macedo, ao escrever seu romance *A Moreninha*, de certa medida, fundou o romantismo literário brasileiro. Bem ao gosto da época, cheia de leitoras ávidas pe-

los folhetins romanescos publicados em jornal. O romantismo brasileiro é fonte fértil para libretos de ópera brasileira. Como exemplo, a mais conhecida delas, *Il Guarany*, de Carlos Gomes, vem do texto de outro grande escritor romântico, José de Alencar.

Mas é justamente nesses símbolos e juras de amor eterno que a ópera se desenrola, o centro de sua história é, ao mesmo tempo, seu pano de fundo: a inconstância amorosa de Augusto e sua (suposta) friolidade no amor é fruto de um juramento feito no passado, quando criança. Aos 13 anos, Augusto conhece na praia uma linda menina de 7 anos e por ela se apaixona. Não se lembra (!) sequer de perguntar seu nome (outro ponto alto do romantismo: devotar um amor independente do sobrenome que carrega). Contudo, como prova desse (improvável e pouco crível) amor de infância, eles trocam o que possuem de mais precioso naquele momento: ele lhe dá um camafeu que tinha em sua camisa e ela lhe retribui com o botão de esmeralda da gola de seu vestido.

Esse amor platônico de infância explica a personalidade inconstante de Augusto e sua incapacidade de amar alguém de forma perene. Carolina, por sua vez, é a menina mais nova e cheia de vivacidade: “mas ela não pára: o movimento é sua vida”, como descreveu Macedo, ou nas palavras do próprio Augusto: “menina capaz de fazer seu coração de peteca”. Acrescente a isso o cenário romântico de uma ilha: a ilha de Paquetá, com direito até a uma fonte mágica que quem dela beber, se apaixonará por alguém da ilha.

A personalidade de Augusto é outro ponto interessante da ópera. Ele é (e não nega) “o mais incostante dos homens em negócio de amor”. Para ele, sua inconstância amorosa é “justa e estimável”. Ele vê uma beleza diferente em cada mulher e por cada uma delas (como partes de um todo imaginário) ele se apaixona. Ele é, em verdade, fiel à uma imagem platônica de beleza que ele criou na infância e depositou nela sua fidelidade amorosa. Ao contrário do que possa parecer, Augusto é extremamente ético para com seus sentimentos: ele jamais declara amor eterno e é sincero ao dizer a cada uma que “no fim do baile, o amor cessa”. O que evidentemente seduz as moças da época, mas não atende ao desejo delas de posse.

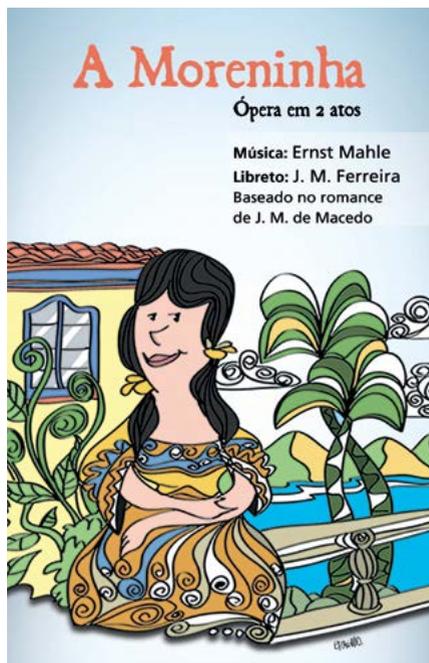
Carolina, cuja esperteza e vivacidade supera sua idade (e a de suas primas sonsas) cobra de Augusto a fidelidade dele à promessa feita na infância, mesmo sabendo que ele está perdidamente apaixonado por ela. Ela então tira o camafeu do bolso e lhe devolve como prova de que aquele amor idílico e platônico (e até mesmo surreal) da infância poderia agora amadurecer. A esmeralda guardada por Augusto, no fim, é o símbolo da fidelidade aos nossos desejos mais antigos e primários, do qual não podemos abrir mão.

A ópera de Mahle vai mostrar ao final o que todo mundo esperava: “nada mais só o amor a todos faz feliz”. Mas ao som do belo coro final “*Bela esta manhã, belo o céu, o mar*” não podemos deixar de evocar a pequena grande ária cantada por Fenton e Nannetta, em Falstaff, de Verdi: “*bocca baciata non perde ventura. Anzi rinnova come fa la luna.*”

**Nota:** A ópera *A Moreninha*, de Ernst Mahle, composta em 1980 e estreada na Alemanha, somente veio a ser encenada em Piracicaba em abril em 1992, um anos após o falecimento do libretista, José Maria Ferreira (1941-1991). No ano de 2013 teve apenas uma récita em Piracicaba (no dia 19 de outubro, às 19h30, no Teatro do Engenho), produzida e realizada pelo casal Ernst e Cidinha Mahle, pela Associação de Amigos Mahle, com apoio da Ação Cultural e patrocínio cultural do Jornal de Piracicaba e da Revista Arraso.

A montagem desse ano (2013) teve a direção musical a cargo de Ernste Cidinha Mahle; direção de cena de Paulo Barros eo elogiado cenário a cargo de Norberto Vieira.

Orquestra e sopros da Camerata Mahle, sob a regência do compositor. Personagens: Carolina, a Moreninha (soprano): Raíssa Amaral; Augusto (tenor): Caio Duran; Filipe (barítono): Jorge Trabanco Filho; Leopoldo (baixo): Rafael Leoni; Fabrício (tenor): Antonio Pessotti; Clementina (mezzo soprano): Luciana Vieira; Joaquina (soprano): Andréia Vieira; Joana (contralto): Rita de Souza; Dona Ana (mezzo soprano): Mônica Morais; Dona Violante (soprano): Solange Siqueirolli; Sr. Keblerc (baixo): Paulo M. de Paula; Paula (contralto): Nelma Nunes; Dr. Pedro (barítono): Norberto Vieira.



## 4

## MEIO AMBIENTE

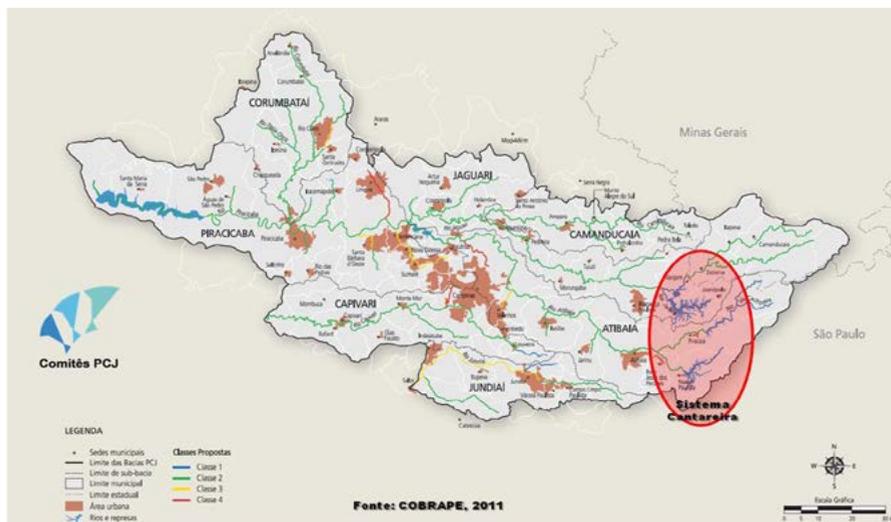
## Os Comitês PCJ e a segurança hídrica nas Bacias PCJ

**LUIZ ROBERTO MORETTI**

Engenheiro Civil (Politécnica, USP),  
mestre em irrigação e drenagem (USP),  
doutor em hidráulica (Politécnica, USP),  
professor, membro do IHGP.

As Bacias PCJ possuem pouco mais de 15.000 km<sup>2</sup>, com uma população de aproximadamente 5,5 milhões de habitantes e responde por cerca de 5% do PIB brasileiro e 14% do PIB de São Paulo, possuindo um expressivo parque industrial e uma agricultura diversificada com cana-de-açúcar, pastagens e culturas irrigadas como flores e morangos. A vazão global de captação de água nas Bacias PCJ ultrapassa a casa dos 35 m<sup>3</sup>/s, enquanto a disponibilidade natural na estiagem ( $Q_{7,10}$ ) não ultrapassa 38 m<sup>3</sup>/s. Acrescenta-se, ainda, a existência das barragens do Sistema Cantareira, nas cabeceiras do rio Piracicaba, o qual fornece até 31 m<sup>3</sup>/s para o abastecimento de cerca de 9 milhões de pessoas na região Metropolitana de São Paulo.

FIGURA 01 – Ocupação urbana e o Sistema Cantareira nas Bacias PCJ



A região compreendida pelas bacias hidrográficas dos rios Piracicaba, Capivari e Jundiá (Bacias PCJ) enfrenta, neste ano de 2014, uma das mais críticas situações de escassez de água dos últimos 84 anos. Não bastasse o problema da falta de chuvas, ocasionando a queda significativa nas vazões de água nos rios principais e seus afluentes, tem-se ainda o elevado uso da água nessa região.

Há que se destacar, entretanto, que essa situação não é tão inesperada assim. Desde há muito tempo, sinais de alerta vêm sendo dados, por inúmeras pessoas, instituições e, principalmente, pela natureza. Situações de baixas vazões, com problemas nas captações de água, e de mortandades de peixes e mau odor das águas dos cursos d'água da região não são novidades nas Bacias PCJ. Aliás, vêm de várias décadas. Contudo, “aparentemente”, os avisos não foram ouvidos, vistos, cheirados, degustados, sentidos na pele...

No âmbito dos Comitês PCJ (comitês de bacias – paulista, mineiro e federal - que atuam de forma integrada na área das Bacias PCJ), as situações de estresse hídrico são debatidas e são propostas soluções desde sua instalação, em 18/11/1993 (instalação do comitê paulista:

CBH-PCJ). O primeiro plano de bacias, período 94/95, dessa região já apontava ações necessárias para se enfrentar o problema em questão. Tratamento de esgotos, construção de barragens, recomposição de matas ciliares, manejo adequado do solo agrícola, controle de perdas em redes de distribuição de água, uso racional da água, dentre outras, sempre estiveram em destaque nas indicações contidas nos planos feitos pelos Comitês PCJ, para as Bacias PCJ.

Na verdade, o que sempre se buscou nas Bacias PCJ, por meio dos Comitês PCJ, foi a segurança hídrica para o desenvolvimento sustentável. O atendimento das demandas de quantidade e qualidade das águas, atuais e futuras, bem como a garantia das condições ambientais necessárias para a sobrevivência das espécies existentes nos cursos d'água da região são objetivos constantes nos planos das Bacias PCJ.

Contudo, as condições atuais de disponibilidade hídrica de vários cursos d'água na região são bastante preocupantes, gerando uma situação de quase conflito generalizado, na qual as ações de restrição de uso e o poder de polícia das águas, pelos órgãos gestores, estão prestes a serem exigidos, de maneira intensa, para a manutenção da organização dos usos da água. Em meados de fevereiro deste ano foi possível vivenciar tal situação. Foi por muito pouco. Só não piorou porque choveu. Mas... e até o final do ano? E no ano que vem?

Então, pergunta-se: o que está errado? Por que se chegou a essa situação se o Sistema de Gestão de Recursos Hídricos está implantado e com seus órgãos em pleno funcionamento?

Muitas podem ser as respostas. Talvez a mais abrangente seja: não se alcançou a segurança hídrica na região. Evidentemente, uma discussão sobre as razões que levaram a essa situação promete ser bastante extensa. Muitas são as perguntas a serem respondidas. Pode-se, rapidamente, relacionar algumas:

- Faltam recursos financeiros para os investimentos necessários?
- Inexistem de planos setoriais municipais, principalmente de saneamento, atrelados a um plano de recursos hídricos da bacia?

- Falta uma responsabilidade maior dos municípios na gestão de recursos hídricos, os quais, hoje, limitam-se a participar como membros de colegiados, quase sempre voltados à busca de recursos financeiros para ações isoladas?
- Há a acomodação ou o imobilismo dos órgãos estaduais, por absoluta incapacidade de avançar devido à fragilidade da infraestrutura hoje disponível?
- Falta a integração dos órgãos estaduais à Política de Recursos Hídricos, por considerem-na como a tarefa de uma determinada secretaria?
- Há excesso de preocupação dos usuários de recursos hídricos em apenas garantir os seus direitos, voltados na maioria dos casos a questões exclusivamente econômicas, em detrimento do conceito de solidariedade hídrica?
- Está ocorrendo o desânimo das organizações civis, causado por descrédito no sistema implantado, gerando falta de articulação na reivindicação de ações em prol da segurança hídrica na bacia?

Avanços e retrocessos andam juntos nesse processo de negociação instalado nas Bacias PCJ. Considera-se que os avanços levam franca vantagem. Assim, foram e estão sendo desenvolvidas ações significativas na busca pela segurança hídrica nas Bacias PCJ, das quais podemos citar em destaque:

- Elaboração de plano de bacias com um horizonte de planejamento de 10 anos e com proposta de atualização do enquadramento dos corpos hídricos em classes de uso até 2035;
- A consolidação da Fundação Agência das Bacias PCJ como o braço executivo dos Comitês PCJ, profissionalizando as tarefas de secretaria-executiva e de agente técnico e administrativo para suporte às tomadas de decisões e execução de ações de gestão, pelos Comitês PCJ;

- A consideração de que os recursos das cobranças pelo uso das águas devem privilegiar as ações de planejamento, fomento, suporte, monitoramento e administração de recursos hídricos;
- As estratégias estabelecidas e em pleno desenvolvimento para: a análise de novos empreendimentos; a renovação da outorga do Sistema Cantareira; a construção de novos reservatórios visando ao aumento da disponibilidade hídrica; a implantação de sistemas de tratamento de efluentes urbanos; revisão do Plano Diretor de Recomposição de Florestas visando ao abastecimento público; o monitoramento de cursos d'água e de usuários de recursos hídricos; para o suporte ao DAEE na realização de fiscalizações e análises de outorgas; a elaboração de planos municipais de saneamento, de controle de perdas e de macrodrenagem, dentre outras;
- A proposição e ativação do programa Gestão Municipal de Recursos Hídricos, cujo objetivo é inserir as administrações municipais de forma efetiva no sistema de recursos hídricos por meio de lei municipal e a realização de ações como os conselhos municipais de recursos hídricos, os planos municipais de recursos hídricos e até um fundo municipal com esse objetivo;
- A instituição da Operação Estiagem PCJ – 2014, com a criação de grupo de trabalho específico sobre o assunto, o GT-Estiagem, com a qual foram propostas e estabelecidas ações de mobilização dos usuários e da sociedade em geral para o enfrentamento do atual período crítico de estiagem nas Bacias PCJ;

As discussões sobre a renovação da outorga do sistema Cantareira talvez sejam o exemplo mais significativo, para as Bacias PCJ, da busca por segurança hídrica. O envolvimento de pessoas e entidades nas discussões e na apresentação de propostas demonstra a grande preocupação com o tema, que envolve, na verdade, garantir que se tenha água em qualidade e quantidade para o desenvolvimento sustentável da região, dentro de limites de segurança considerados aceitáveis pelos

diversos segmentos envolvidos: saneamento, usuários privados, ambientalistas etc. O resultado desse debate pode ser verificado nos termos da Deliberação dos Comitês PCJ nº 190/13, de 07/11/2013, que aprovou manifestação sobre a renovação da outorga do Sistema Cantareira (Comitê PCJ, 2014).

Enfim, as questões apresentadas procuraram expor e exemplificar o papel fundamental e preponderante que os comitês de bacias têm na busca pela segurança hídrica em uma bacia hidrográfica, constituindo-se no único fórum hoje instituído, com legitimidade, capaz de conduzir debates e obter encaminhamentos de soluções para essa primordial preocupação, com planejamento regional, em consonância com o estadual e nacional, dentro de limites de segurança estabelecidos e acordados com a sociedade local.

## Referências bibliográficas

COMITÊ PCJ. **Renovação da outorga do Sistema Cantareira**. Disponível em: <<http://www.comitespcj.org.br/images/Download/DelibComitesPCJ190-13.pdf>>. Acesso em: 16 out, 2014.

## 5

ECONOMIA e GEOGRAFIA

## Uma Geografia Histórica de Piracicaba. O setor sucroenergético e a formação da cidade

**BRUNO REZENDE SPADOTTO**

Mestrando em Geografia – IG – UNICAMP

A história pode ser considerada como a sucessão de diferentes meios geográficos, sobrepostos em diferentes tempos, sobre a superfície terrestre (SANTOS, 2009). Com base neste pressuposto, descreveremos, neste artigo, uma periodização dos meios geográficos implantados sobre o que hoje é conhecido como o município de Piracicaba<sup>1</sup>. Em outras palavras, podemos afirmar que realizaremos uma geografia histórica (MORAES, 2011) da formação cidade de Piracicaba, com ênfase em sua especialização no setor sucroenergético<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Este artigo corresponde aos resultados parciais da pesquisa de mestrado em geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP),

<sup>2</sup> O termo “sucroenergético” vem sido utilizado ultimamente, pelos agentes do setor, em substituição ao antigo termo “sucroalcooleiro”. A mudança corresponde à ênfase atribuída ao processo de geração de energia obtida a partir do bagaço da cana-de-açúcar na produção de açúcar e Etanol.

A noção de sucessão dos meios geográficos é compreendida aqui como um método analítico para compreender as transformações técnicas e político-organizacionais de determinada sociedade no tempo. Este recorte tem o intuito de auxiliar na análise da atual divisão territorial do trabalho inserida sobre determinada porção do espaço geográfico (SILVEIRA, 2007; SANTOS, 2009).

É interessante salientar que quando determinado autor – um geógrafo, neste caso – depara-se com a elaboração de uma periodização, defronta-se também com o risco de se apaixonar pela história do lugar que escolheu para analisar. Tomando este devido cuidado, não realizaremos uma descrição minuciosa dos fatos históricos que ocorreram em tempos passados. Deveras, esta tarefa já foi, brilhantemente, realizada pelos historiadores Mário Neme (2009 [1943; 1974]), Maria Celestina Teixeira Mendes Torres (2009), Leandro Guerrini (2009 [1970]), assim como pela geógrafa Silvia Selingardi Sampaio (1976), entre outros.

A singularidade desta nossa periodização, baseada no desenvolvimento dos meios geográficos, é a de compreender as variáveis-chave de cada período, as quais possibilitaram a formação das indústrias de bens de capital na cidade de Piracicaba. Desta maneira, nosso objetivo é demonstrar os principais eventos, de cada período histórico, nas escalas global, nacional e local, que influenciaram para a atual formação sócio-espacial desta cidade como fornecedora de bens de capital para o setor sucroenergético.

Esta cidade média paulista (SPOSITO, 2007) foi historicamente dependente da produção de máquinas e equipamentos e da prestação de serviços para o setor sucroenergético. Entretanto, a economia urbana de Piracicaba se diversificou em um movimento econômico que se iniciou na década de 1970, se aprofundou na década seguinte e adquiriu contornos notáveis na atualidade, sobretudo, com a implantação de indústrias multinacionais de diferentes ramos da economia. Ainda assim, a produção de bens de capital e serviços para o setor sucroenergético se manteve como uma importante fonte de divisas do município.

Com os propósitos assim delineados, iniciaremos nossa análise

pelos primórdios da formação sócio-espacial da cidade de Piracicaba e sua especialização na produção de cana-de-açúcar a partir de sua gênese colonial.

## Um município canavieiro colonial e a natureza de seu desenvolvimento: final do século XVIII e metade do século XIX (1760-1860)

A fundação do município de Piracicaba é contemporânea ao final do primeiro ciclo da cana-de-açúcar no Brasil. As plantações de cana e os engenhos de açúcar na porção territorial, que hoje corresponde ao município de Piracicaba, iniciaram-se no final do século XVIII. Esta data marca o surgimento de propriedades privadas que propiciaram uma acumulação primitiva de capital historicamente associado à agricultura da cana-de-açúcar (PRADO JR, 2011; NEME, 2009).

A formação sócio-espacial de Piracicaba (SP) iniciou-se com o movimento externo da colonização portuguesa que se interiorizou pelo continente sul-americano buscando a extração de riquezas naturais, principalmente, o ouro (PRADO JR, 2011; MORAES, 2002). A oficialização do povoado deu-se por duas razões: primeiro, pela necessidade de um posto de fiscalização do tráfico do ouro originado nas minas dos *Goyases* e de *Cuiabá* e, também, pela a necessidade de um *núcleo agrícola colonial* que fosse capaz de abastecer o Forte de Iguatemi, localizado no extremo oeste da colônia brasileira, na divisa com o Paraguai, fronteira que delimitava os territórios portugueses e espanhóis da época<sup>3</sup> (NEME, 2009; TORRES, 2009).

A decadência do ouro nos finais do século XVIII e a queda do Forte de Iguatemi em poder dos espanhóis favoreceram as primeiras

---

<sup>3</sup> A fundação de Piracicaba é de fato curiosa e envolve muitas outras histórias. A principal curiosidade está relacionada ao fato de que o capitão responsável pela fundação oficial da freguesia, deveria ter fundado-a, sob as ordens de seus superiores, na confluência do rio Piracicaba com o rio Tietê (ou Anhembi), próximo à região de ocorrência das *Monções Bandeirantes*, que partiam da Vila de Porto Feliz (Araraitaguaba) (NEME, 2009).

plantações de cana-de-açúcar na região. Naquele momento ocorreu a substituição das pequenas economias atreladas à extração do ouro para a produção de produtos agrícolas na colônia brasileira, principalmente na capitania de São Paulo. No início do século XIX, o açúcar foi o produto hegemônico escolhido pelos portugueses - proprietários de sesmarias na capitania hereditária de São Paulo, sob comando de Luís António de Sousa Botelho Mourão (o 4º Morgado de Matheus) – pois, o açúcar, possuía alto valor nos mercados mercantilistas (SAMPAIO, 1976; PRADO JR, 2011).

É neste contexto que se enquadra uma importante fase de acumulação primitiva do capital no território paulista. A acumulação original esteve vinculada ao comércio do açúcar e deu origem às primeiras formações econômicas no interior da capitania de São Paulo. A região de maior ocupação territorial foi denominada de “O Quadrilátero do Açúcar”, correspondentes, em seus vértices, aos municípios de Jundiaí (à Leste), Sorocaba (ao Sul), Piracicaba (à Oeste) e Mogi Guaçu (ao Norte) (PETRONE, 1968).

Esse foi o primeiro movimento de territorialização das terras paulistas, uma urbanização pretérita que serviu de base territorial para a posterior expansão cafeeira paulista (PETRONE, 1968). Em Piracicaba, o ciclo açucareiro colonial se manifestou concretamente com o desenvolvimento de engenhos de produção de açúcar e por um incipiente centro urbano<sup>4</sup>. Entretanto, este primeiro ciclo canavieiro regional entrou em crise já na segunda metade do século XIX.

Segundo Torres (2009) e Sampaio (1976), com a crise açucareira, a estrutura fundiária do município passou a ser menos concentrada do que nas regiões vizinhas, devido aos parcelamentos agrários realizados após a década de 1860. Nesta segunda metade do século XIX, a renda da terra do município foi continuamente desvalorizada pelo crescente interesse em terras de maior altitude, propícias ao latifúndio cafeeiro. É

---

<sup>4</sup> Em relação à quantidade de engenhos dos municípios paulistas na metade do século XIX, o número em Piracicaba só era inferior à Itu (mais de 90 engenhos) e Campinas (mais de 80 engenhos) (NEME, 2009).

nesta linha de raciocínio que é possível explicar a desconcentração fundiária naquele período e a leve prosperidade de imigrantes europeus menos capitalizados.

A primeira chegada expressiva de imigrantes no município é datada da década de 1860. Os citados imigrantes eram originários de regiões europeias do leste europeu<sup>5</sup>. A maioria dos trabalhadores livres chegou a Piracicaba após a “Revolta dos Parceiros” que escancarou as péssimas condições de trabalho da Fazenda Ibicaba, localizada em Limeira e de propriedade do Senador Nicolau de Campos Vergueiro. As famílias originárias destes pioneiros tornaram-se importantes no período de crescimento das indústrias de bens de capital no município, tanto como fornecedoras de mão de obra, como proprietárias de indústrias e comércios (SAMPAIO, 1976; TORRES, 2009; NEME, 2009).

### **A técnica hegemônica dos engenhos-centrais e o entrave das ferrovias em Piracicaba: final do século XIX e as transformações do período entre as guerras mundiais (1870-1930)**

Este segundo período é correspondente ao final do século XIX e se alonga até as transformações políticas da década de 1930, referentes à institucionalização do Estado Novo brasileiro. É também o período de uma lenta transição da economia piracicabana atrelada somente à produção agrícola, sob o domínio das oligarquias agrárias da República Velha, para a transformação industrial que ocorreu no período após a Segunda Guerra Mundial (SAMPAIO, 1976).

Em relação às transformações técnicas do período, a principal foi a introdução de maquinismos a vapor nos engenhos de açúcar. Por outro

---

<sup>5</sup> Como neste período a Alemanha e outros países germânicos não haviam se unificado planamente (nos traços como conhecemos hoje), é difícil delimitar as nacionalidades exatas destes imigrantes pioneiros. Em Piracicaba, por exemplo, acabaram por possuir o adjetivo comum de “Alemães” e de mesma forma, a porção de terra que a maior parte destes trabalhadores ocupou é conhecida atualmente como “Bairro dos Alemães”.

lado, as técnicas rudimentares e anacrônicas, associadas aos pequenos engenhos impulsionados pela força motriz das águas e pelo trabalho negro escravizado, foram aprimoradas lentamente. Os melhoramentos eram esporádicos e associados às particularidades de cada propriedade, não havendo uma política institucional de aumento da produtividade (SAMPAIO, 1976).

Esta situação começou a se alterar quando um programa de modernização da produção de açúcar, ainda durante o Império brasileiro, iniciou a construção dos denominados “Engenhos Centrais”. Este programa foi realizado devido à perda de monopólio brasileiro no mercado internacional de açúcar. Em Piracicaba, o incentivo do Estado favoreceu a fusão de capitais no final do século XIX. Primeiramente, de maneira mais significativa, favoreceu a fusão de capitais nacionais (representados pelos Barões de Rezende e de Serra Negra) e capitais franceses, conformando a *Société Sucrerie Brésilienne*, controladora da produção do Engenho Central de Piracicaba. Além deste, outro grande favorecido por este financiamento foi o Engenho do Monte Alegre, o qual realizou uma grande ampliação de sua estrutura produtiva no município (SAMPAIO, 1976; MEIRA, 2007).

É importante destacar que a política de modernização não buscou dar condições para que os pequenos engenhos se modernizassem. O desenvolvimento dos Engenhos Centrais regionais foi contemporâneo à fase de crise do açúcar brasileiro no mercado internacional. Assim, os pequenos engenhos que não faliram foram incorporados aos maiores, engendrando a primeira grande centralização do capital na produção açucareira regional<sup>6</sup>.

Esta centralização também aprofundou a especialização produtiva de Piracicaba como produtora de açúcar. Os dados quantitativos do período demonstram que a produção do Engenho Central de Piracicaba alcançou, em seu auge, mais de 250 mil arrobas de açúcar anuais. Este

---

<sup>6</sup> Dada a grande inatividade dos antigos engenhos, aquele período é denominado de “fase dos engenhos de fogo morto” (TORRES, 2009).

número era superior em dez vezes à produção dos pequenos engenhos, cinco vezes à do Engenho Monte Alegre e acrescida em 20 mil arrobas ao total da produção cafeeira do município (GAZETA DE PIRACICABA, 1905. apud TERCI & BILAC, 2001, p. 34). Assim, o açúcar, ao lado do café (principal atividade econômica do estado de São Paulo) continuou a ser o produto agrícola regional hegemônico daquele período (MEIRA, 2007; TORRES, 2009).

Foi essencialmente a partir da existência dos engenhos de açúcar regionais que um imigrante italiano ampliou sua oficina mecânica durante a década de 1920. Este imigrante, Mário Dedini, foi realizando reparos cada vez maiores nos engenhos regionais e iniciando, aos poucos, a fabricação de peças de reposição, as quais eram muito onerosas, quando importadas da Europa. Isto garantiu ao mesmo uma preliminar especialização na produção de peças para engenhos de açúcar. Esta etapa foi fundamental para a construção de usinas completas no período posterior, correspondente a grande ampliação e modernização do setor no estado de São Paulo (NEGRI, 2010).

Cerca de três décadas antes da ampliação da oficina de Dedini (que é datada a partir da década de 1920), o território paulista se equipou com sistemas de objetos (ferrovias, armazéns, etc) atrelados à produção cafeeira. Em Piracicaba, o café se inseriu nas propriedades essencialmente devido ao baixo preço do açúcar no mercado internacional, a partir da segunda metade do século XIX. Segundo Torres (2009), o café instalou-se em Piracicaba apenas em sua passagem para o Oeste Paulista. É evidente que, dada a sua grande rentabilidade no mercado internacional, o café chega a concorrer pelas terras no município. Entretanto, o que ocorreu com mais significância, foi a plantação canavieira e cafeeira concomitantemente em muitas fazendas (TORRES, 2009; SAMPAIO, 1976).

A expansão cafeeira pelo estado de São Paulo favoreceu a entrada das ferrovias no interior, o que estendeu a urbanização no estado. Todavia, no município de Piracicaba, a contribuição para a urbanização, das ferrovias e da cafeicultura, foi distinta de outros lugares. A razão para esta distinção é que o município não pertencia às regiões de maior

altitude (com condições edafoclimáticas mais propícias à cafeicultura), correspondentes aos espigões, onde se desenvolveram as maiores plantações cafeeiras e por onde a maior parte das ferrovias paulistas tomou caminho (MOMBEIG, 1984).

Outro fato importante relacionado à desvinculação da cafeicultura como principal vetor de urbanização do município, é que o primeiro ramal ferroviário instalado em 1879 no município, da Companhia Ytuana de Estradas de Ferro, tinha como objetivo principal o escoamento do açúcar, produzido pelos engenhos das oligarquias regionais, para o porto de Santos. Além deste primeiro ramal ferroviário, o outro ramal instalado no município, da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, foi construído apenas em 1922, cerca de 40 anos após as cidades próximas.

Além disso, os trilhos que ali chegaram apenas ligavam Piracicaba ao Porto de Santos. Eles não se estendiam no sentido oeste, pelos vales dos rios Piracicaba e Tietê, o que dificultou o intercâmbio e as trocas econômicas entre Piracicaba e as demais cidades do interior paulista<sup>7</sup>. As indústrias de bens de capital que surgiram na cidade, por exemplo, viram-se, muitas vezes, impedidas de transportar seus equipamentos pelos trilhos. Dessa forma, as ferrovias não foram, como ocorreu em outras cidades do interior paulista, o principal vetor de desenvolvimento de Piracicaba.

Outro dado importante é que as principais rodovias do estado de São Paulo foram construídas, primeiramente, no mesmo traçado das ferrovias. Desta forma, durante a principal fase de crescimento das indústrias de bens de capital na cidade, nas décadas de 1940 e 1950, este entrave viário acabou retardando muitos planos de expansão de empreendimentos instalados na cidade (SAMPAIO, 1976).

Sobre a estrutura fundiária do município, no período de 1900 a 1930, Muller (1966, p. 91) demonstrou que houve uma grande desconcentração fundiária neste intervalo de tempo. Isto ocorreu, sobretudo,

---

<sup>7</sup> Piracicaba era conhecida pelo adjetivo de “fim de linha”. Segundo Sampaio (1976, p. 69) “a linha da Cia. Paulista permaneceu como simples ramal que ligava Santa Bárbara D’oeste e Piracicaba (*Fim de linha*) à Jundiá, enquanto a Sorocabana (que em 1892 absorveu a Ytuana, sendo durante algum tempo denominada Sorocabytuana) avançou apenas até o município vizinho de São Pedro, em 1893”.

devido ao desinteresse, por parte da elite cafeicultora paulista, nas terras de baixa altitude do município, desfavoráveis ao latifúndio cafeeiro. Desta maneira, como consequência, a renda da terra no município tornou-se menos valorizada do que nas outras localidades vizinhas, fato que favoreceu parcelamentos fundiários e a comercialização de lotes para pessoas menos capitalizadas.

O baixo valor da terra no município, decorrente de sua inadequação para a produção cafeeira, beneficiou, mais uma vez, a atração de uma imigração europeia. Desta vez, composta, em sua maioria, por italianos. Dentre estes, os que possuíam pequeno capital transferiram-se de moradias em colônias, das grandes fazendas regionais, para propriedades de menores dimensões no município. Esta caracterização é importante dado que estes imigrantes (ao lado dos alemães, já citados) foram os principais responsáveis, tanto como mão de obra, quanto como proprietários, pelo desenvolvimento das indústrias de bens de capital piracicabanas, correspondente à fase de reestruturação da produção de açúcar paulista nas décadas de 1940 e 1950.

A etapa de encerramento deste período se deu durante a Primeira Guerra Mundial, já que nos anos referentes a este conflito, as nações não envolvidas no front (entre elas o Brasil), aumentaram as produções de suas mercadorias, as quais não poderiam, obviamente, ser produzidas pelos países em guerra. O problema surgiu quando o conflito teve fim e as produções dos países no pós-guerra se restabeleceram, causando uma crescente superprodução de mercadorias que atingiu todos os circuitos produtivos globais<sup>8</sup>. O choque realmente se deu com o debacle da bolsa de valores de Nova York em 1929, quando todo o consumo mundial foi deprimido, levando os preços das mercadorias/*commodities* a níveis baixíssimos.

Neste intervalo de tempo, a produção de açúcar brasileiro não ficou imune. Esta, por sua vez, após as constantes crises, passou a ter uma regulação mais incisiva do Estado brasileiro, visando o combate às

---

<sup>8</sup> No caso do açúcar, a crise de superprodução esteve relacionada ao reestabelecimento da produção de açúcar provindo de beterraba, que é produzido pelos países europeus.

especulações e novas superproduções. Com base nestes pressupostos foi criado, em 1933, o Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA) para gerir e fiscalizar a produção da agroindústria canavieira brasileira.

A década de 1930 assim marcou o início da transição para um novo paradigma produtivo, ou, em outras palavras, um novo período histórico-geográfico. A partir desta década, devido à depressão mundial, os Estados-nações passaram a adotar medidas anticíclicas, de inspiração keynesiana, para o controle financeiro das economias nacionais (GALBRAITH, 1972). Esta fase, correspondente aos anos do denominado Estado de Bem-Estar Social e prolonga-se até os meados da década de 1970<sup>9</sup>.

No caso brasileiro, a criação do “Estado Novo” na década de 1930 – surgido de um período conturbado de crise institucional – seguiu o alinhamento dessas mudanças. Foi naquele contexto que se criou, como já citado, o “Instituto do Açúcar e do Alcool” e os diversos outros órgãos para o controle da produção agrícola (BELLUZZO & COUTINHO, 1983). Também foram a partir destes pressupostos que o Estado brasileiro passou a favorecer a exponencial industrialização e urbanização do território, assunto que, reservados ao nosso objeto de estudo, abordaremos no item seguinte.

## **A reestruturação da agroindústria canavieira no Brasil e as indústrias de Piracicaba: a modernização conservadora, os Planos Nacionais do Açúcar e do Alcool e a crise fiscal do Estado brasileiro (1940-1990)**

A agroindústria canavieira no Brasil iniciou uma grande reestruturação produtiva ainda antes e nos percursos da Segunda Guerra Mundial. Esta foi uma importante fase de “modernização” do setor e durou

---

<sup>9</sup> É importante enfatizar que cada formação sócio-espacial absorve de maneira diferente as transições dos paradigmas produtivos. No caso brasileiro, por exemplo, podemos considerar que nunca houve um “Estado de Bem-Estar Social”. Assim salientamos que nosso objetivo aqui é delimitar os períodos (políticos e técnicos) com vias de melhor compreender transformações nas formas de regulação do sistema produtivo em diferentes escalas (global, nacional e regional).

até meados da década de 1950. Nesta reestruturação, grande parte da produção de açúcar, que era localizada no Nordeste e Norte do Rio de Janeiro (Campos dos Goytacazes), foi transferida para o estado de São Paulo. A razão para esta reestruturação esteve ligada às dificuldades de transporte marítimo por cabotagem (devido à guerra submarina) e à necessidade de realocar a produção, realizada nas regiões tradicionais (litoral nordestino e norte fluminense), em outras regiões, visando atender ao aumento do consumo doméstico pela crescente urbanização na *região concentrada*<sup>10</sup> do Brasil (Sudeste e Sul) (SANTOS & RIBEIRO, 1979; SZMRECSÁNYI & MOREIRA, 1991).

Devido a crescente urbanização na *região concentrada*, o Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA), iniciou uma política de aceitar mais permissões de implantação de novas unidades e cotas de produção para as usinas em São Paulo do que nas antigas regiões. Desta maneira, a quantidade de usinas no estado de São Paulo, que não era superior a trinta, começou a aumentar, assim como também aumentou a produtividade por unidade. De tal modo que durante a Segunda Guerra Mundial foram implantadas 7 novas usinas no estado de São Paulo. Nos anos após o conflito, de 1946 até 1951, foram implantadas 42 usinas, e durante a década de 1950 foram instaladas mais 21 usinas. Esta foi a fase de maior implantação de usinas de açúcar em território paulista, totalizando 70 usinas (de médio e pequeno porte) entre 1940 e 1960 (SEC/IAA apud FERREIRA & ALVES, 2009; NEGRI, 2010).

É importante salientar que uma grande parte destas usinas instaladas representou uma ampliação de engenhos médios que passaram a utilizar técnicas mais atualizadas. Uma das principais consequências desta reestruturação produtiva foi a substituição completa dos antigos engenhos de açúcar mascavo por usinas. Outra característica é que as novas usinas construídas, tanto se instalaram em antigas regiões canavieiras (como Piracicaba), quanto se consolidaram em novas regiões,

---

<sup>10</sup> Por *região concentrada* compreendemos a porção territorial brasileira correspondente às macrorregiões Sul e Sudeste. O termo *concentrada* deve-se à concentração de sistemas técnicos presentes nestas regiões (SANTOS & RIBEIRO, 1979; SANTOS & SILVEIRA, 2001).

como: Jaú, Vale do Paranapanema, Araraquara e Ribeirão Preto (SAMPAIO, 1976; SEC/IAA apud NEGRI, 2010) <sup>11</sup>.

Foi durante essa fase, de grande construção de usinas pelo estado de São Paulo, que se deu a grande transformação da pequena oficina de Mário Dedini em uma grande indústria nacional. A M. Dedini Metalúrgica cresceu na mesma intensidade que a agroindústria canavieira paulista devido a maior parte das 70 usinas instaladas entre 1946 e 1952 ter sido construída (em suas partes produtivas) pela mesma, em parceria com suas empresas filiais (Codistil e Mausá).

Os fatores que transformaram a M. Dedini Metalúrgica em uma grande empresa nacional iniciam-se na instalação da firma em uma área favorável para seu crescimento. A mesma situava-se em uma região privilegiada para este tipo de empreendimento, encontrando-se no centro geográfico açucareiro do estado de São Paulo. Outra prerrogativa é que não existia nenhuma outra oficina, nas regiões próximas, que poderia criar concorrência. Outra razão importante é que o imigrante italiano, proprietário da oficina em questão, já possuía conhecimentos sobre o sistema técnico das usinas de produção de açúcar, visto que a região de onde vinha (norte da Itália) já havia passado por uma intensa fase de industrialização ligada à produção de açúcar de beterraba (NEGRI, 2010; SAMPAIO, 1976; CANO, 1998).

Na década de 1950, a empresa (transformada em M. Dedini S.A – Metalúrgica), já havia criado seu monopólio na produção de bens de capital para usinas brasileiras. As poucas firmas que lhe possibilitaram fazer concorrência foram incorporadas à Dedini, mudaram de ramo ou faliram. Esta centralização do capital na indústria de bens de capital foi propiciada pela forte e veloz especialização das regiões próximas à Piracicaba na produção de açúcar e álcool. É desta maneira que a cidade de Piracicaba

---

<sup>11</sup> No município de Piracicaba, as usinas construídas foram: 1) Usina Costa Pinto (atualmente umas das maiores usinas do Brasil); 2) Usina Modelo de Açúcar e Álcool (desativada na década de 1990) e 3) Usina Santo Antonio (desativada também na década de 1990). Além destas, foram modernizados o Engenho Central de Piracicaba (desativado em 71), o Engenho Monte Alegre (desativado em 1982) e o Engenho Capuava (ainda sobrevivente, produzindo álcool anidro e gás carbônico).

tornou-se referência latino-americana na produção de equipamentos para usinas e destilarias de álcool (SAMPAIO, 1976; NEGRI, 2010).

Outra grande indústria construída pelo Grupo Dedini foi a Siderúrgica Dedini, fundada em 1955. Inicialmente, ela fornecia os metais necessários para as metalúrgicas da Dedini e, posteriormente, tornou-se a primeira indústria brasileira na exportação de lingotes e vergalhões de aço para concreto armado. Esta fábrica participou ativamente do crescimento econômico impulsionado pelo Plano de Metas do governo de Juscelino Kubstichek no final da década de 1950 (SZMRECSÁNYI & MOREIRA, 1991; NEGRI, 2010). Nesta siderúrgica, o grupo ambicionava produzir aço diretamente do minério de ferro. Entretanto, a situação precária das ferrovias que chegavam à Piracicaba tornou-se um grande entrave viário. A única solução viável foi produzir vergalhões de aço para a construção civil, obtidos através de sucata de ferro, produto que até hoje é elaborado pela planta industrial em atividade<sup>12</sup>.

Outras empresas fundadas pelo Grupo Dedini foram: 1) a Cerâmica Dedini Ltda (especializada na produção de material refratário para a siderurgia em geral; 2) a Dedini-Capellari S.A. em 1957, com o objetivo de fabricar transformadores de tensão e de corrente elétrica e que posteriormente teve seu nome modificado para Superkaveá S.A. e 3) a Motocana S.A. Máquinas e Implementos Agrícolas, fundada em 1959, objetivando a mecanização do preparo e colheita canavieira<sup>13</sup>.

Da mesma forma que a M. Dedini Metalúrgica especializou-se no fornecimento de bens de capital para a agroindústria canavieira, outras fábricas também foram fundadas com objetivos similares. Os principais exemplos destas firmas, em Piracicaba, são: 1) Caldeiraria Morlet, fundada em 1935 (comprada pela Dedini em 1960); 2) Metalúrgica Santa Cruz Ltda (Mescli), fundada em 1938 (falida em 1966 e reaberta em 1967 por ex-funcionários com o nome “Equipe”); 3) Santin S.A, fundada em

---

<sup>12</sup> Esta siderúrgica aumentou o seu volume de produção recentemente, quando foi comprada pela Arcelor Mittal, maior conglomerado mundial na produção de aço

<sup>13</sup> A única empresa destas três que ainda permanece no Grupo Dedini é a Cerâmica Dedini Ltda. A Motocana S.A. foi vendida durante a década de 1990 e a Superkaveá S.A. foi fechada na década de 1990.

1948<sup>14</sup>; 4) Mário Mantoni Metalúrgica Ltda, fundada em 1952; 5) Metalúrgica Piracicabana (Mepir), fundada em 1952 (anexada à Mause em 1968); 6) Metalúrgica Conger S.A., fundada em 1962; 7) Metalúrgica & Fundação Santo Antonio Ltda (Mefsa), fundada em 1967; 8) Metalúrgica São Carlos, fundada em 1968; 9) Fundação Bom Jesus, fundada em 1969; 10) Hima S.A. Indústria & Comércio, fundada em 1969; e 11) Indústria & Comércio Fazanaro Ltda, fundada em 1970 (SAMPAIO, 1976).

Assim, como afirma Sampaio (1976), a cadeia produtiva em torno da agroindústria canavieira em Piracicaba, antes da década de 1970, desenvolveu uma série de indústrias, como: 1) indústria têxtil – sacaria para o açúcar; 2) indústria alimentícia – as próprias usinas, fábricas de balas e doces; 3) indústria de celulose e papel – utilizando a celulose da cana para a produção de papel, na fábrica pioneira da Refinadora Paulista S.A.; 4) a indústria de bebidas – aguardente; 5) indústria química – fornecendo adubos e insumos químicos; e 6) indústria mecânica e metalúrgica – fornecendo equipamentos para usinas, implementos agrícolas e peças para máquinas e tratores, utilizados no corte e no transporte de cana.

Tal circuito produtivo manteve um crescimento progressivo durante toda a década de 1950, mas, como demonstrou Negri (2010), a partir da década de 1960 começaram a aparecer os indícios do principal problema do setor industrial da cidade, isto é: sua característica cíclica, dependente dos altos e baixos da agroindústria canavieira. É assim que os anos entre 1964 e 1968 foram anos de falências de muitas indústrias do setor, primeiramente por terem sido anos de recessão na agroindústria canavieira e também em toda economia brasileira.

Dadas as crescentes crises de superprodução já no início da década de 1960, as oligarquias canavieiras iniciaram uma crescente pressão sobre o Estado para ver suas cotas de produção aumentadas. É desta maneira que quando, em 1962, o “Mercado Preferencial dos Estados Unidos” é aberto (devido ao embargo econômico delimitado à Cuba,

---

<sup>14</sup> A SANTIN S.A. foi criada em 1948 por um ex-funcionário da Dedini. Atualmente, depois da abertura de um processo de falência, possui o nome de Cooperativa São José (CSJ), onde é gerida por seus funcionários-cooperados.

que era, até então, o principal fornecedor de açúcar aos EUA) o I.A.A. seguindo a pressão das oligarquias da época, decidiu colocar em prática o Plano de Expansão da Indústria Açucareira.

Sobre as circunstâncias políticas em que foram tomadas essas decisões, é interessante acompanhar a citação de Szmrecsányi & Moreira (1991, p. 66):

(...) as lideranças empresariais da agroindústria canavieira elaboraram em 1962 um documento endereçado à presidência do IAA, no qual projetavam uma demanda (interna e externa) de 80 a 90 milhões de sacos de açúcar para 1970, e solicitavam ao Governo a autorização e os meios financeiros necessários para expandirem em mais de 50% a capacidade produtiva então instalada. Tais reivindicações foram integralmente acolhidas pelas autoridades governamentais, e se transformaram em componentes fundamentais da orientação do próprio Instituto. (...).

Todos estes projetos foram, porém, abruptamente interrompidos pela eclosão de uma nova e intensa crise de superprodução, cujo impacto atingiu a agroindústria canavieira do Brasil na segunda metade dos anos 60. Os primeiros sintomas dessa crise já haviam surgido em 1964 (...).

No que tange o plano em questão (Plano de Expansão da Indústria Açucareira) o mesmo acabou gerando constantes crises de superprodução de açúcar nos anos posteriores (em 1964, 1967 e 1974) as quais só foram possíveis “amenizar” em 1975 e 1979 com o programa governamental de apoio a produção de álcool, o Proálcool (SZMRECSÁNYI & MOREIRA, 1991).

Os prejuízos surgidos pela superprodução só foram superados pela elite do setor graças ao excedente de capital acumulado nos anos anteriores. Mesmo assim, como ocorre em todas as crises, o lado mais vulnerável da cadeia produtiva acabou sofrendo mais intensamente seus impactos. Isto é, neste caso, muitos dos fornecedores de cana foram obrigados a vender suas terras para saldar as dívidas acumuladas. É assim que se dá uma grande centralização fundiária neste subperíodo,

entre 1960 e 1970 (SZMRECSÁNYI & MOREIRA, 1991; RAMOS, 1999; BORGES & COSTA, 2013).

Tratando-se das indústrias de equipamentos de Piracicaba, houve, por exemplo, o caso de duas indústrias, de dimensões médias, que fecharam suas portas devido ao acúmulo de dívidas no final desta década. Estas foram a Mescli (falida em 1966 e reaberta em 1967 por ex-funcionários com o nome “Equipe”) e da Mepir (fábrica falida em 1967 e vendida à Mausea em 1968). Além destas duas empresas menores, o Grupo Dedini também sentiu os efeitos da crise e teve o primeiro ano de prejuízo em 1967 e um ano de baixa produção em 1968 (NEGRI, 2010).

Já no ano de 1969, quando os mercados internos e externos do açúcar começaram a se recuperar e novos mercados foram abertos, o regime autocrático brasileiro da época financiou (dentro do projeto do primeiro Plano Nacional do Desenvolvimento), o Programa Nacional de Melhoramento da Cana-de-Açúcar (Planalsucar) de 1971 e o Programa de Apoio à Indústria Açucareira de 1973.

O Planalsucar realizou, ao longo de uma década, seu principal objetivo: desenvolver novas variedades de cana adaptadas aos diferentes solos e climas das diversas regiões do país. Quanto ao segundo, tratou-se, na realidade, de um programa de apoio financeiro aos usineiros que substituiu, em 1973, o Programa de Racionalização da Indústria Açucareira, de 1971. Este último, por sua vez, havia objetivado a modernização de usinas, mas foi interrompido pela conjuntura da Primeira Crise do Petróleo de 1973, a mesma que provocou uma abrupta diminuição de demanda açucareira mundial (SZMRECSÁNYI & MOREIRA, 1991).

As indústrias de bens de capital de Piracicaba voltaram a crescer nesta fase (entre 1969 a 1973), usufruindo da modernização do setor e impulsionadas pelos programas de “racionalização e apoio” da indústria açucareira. Entretanto, com a Primeira Crise do Petróleo de 1973, muitas indústrias de bens de capital registraram prejuízos e outras apenas conseguiram recuperar-se devido a um novo programa de ajuda Estatal, o já citado Programa Nacional do Álcool (Proálcool).

O Proálcool, como já citado, foi criado, primeiramente, para

conter as constantes crises de superprodução recorrentes no setor canavieiro que se aprofundaram drasticamente com a Primeira Crise do Petróleo de 1973. O mesmo garantiu certa expansão da indústria de bens de capital do interior paulista (Piracicaba e Sertãozinho) e um relativo desenvolvimento tecnológico para combustíveis não fósseis. Mesmo assim, ainda hoje restam debates pertinentes quanto às suas virtudes. Tamás Szmrecsányi (1991, p. 71), por exemplo, deixou clara sua visão crítica sobre o assunto, quando dissertou que:

(...) o Programa do Álcool fora formulado e estabelecido menos como uma solução para a “crise energética” do Brasil, do que como uma alternativa para a previsível capacidade ociosa da sua agroindústria canavieira.

Neste artigo, cabe-nos descrever quais foram os principais resultados de tais políticas econômicas, circundantes ao Proálcool, e como as mesmas influenciaram na atual configuração das indústrias de bens de capital da cidade de Piracicaba.

O Proálcool pode ser dividido em três fases: a primeira foi a de implantação de destilarias de álcool anexas às usinas de açúcar, aumentando a produção de álcool do tipo anidro (para a mistura com a gasolina), medida tomada a partir de 1975. A segunda fase refere-se à implantação de destilarias autônomas em novas áreas de produção de álcool a partir de 1979, iniciando a produção do álcool hidratado destinado ao uso direto nos automóveis. Já o terceiro momento, corresponde à diminuição progressiva da efetividade do programa devido à redução do preço do petróleo internacional a partir de 1985 e pela descoberta de novas reservas petrolíferas no Brasil (RAMOS, 1999).

A maior parte das destilarias anexas construídas no Proálcool foi produzida com os equipamentos das fábricas de destilarias de Piracicaba, essencialmente da Codistil (do Grupo Dedini) e da Conger, que produziram 471 novas destilarias entre 1977 e 1981. Novamente, o Grupo Dedini demonstrou sua monopolização do setor chegando a participar em 75% dos projetos de destilarias negociadas no país. (MALUF, 1984;

PIRES, 1996). Desta maneira, o Proálcool auxiliou na expansão da taxa de empregos relacionada às indústrias de bens de capital do município de Piracicaba. Entretanto, com a diminuição de sua efetividade no final da década de 1980, as indústrias piracicabanas, que produziam equipamentos para o programa, entraram em depressão, assim como toda a cadeia produtiva. A redução da demanda por equipamentos e serviços no setor sucroalcooleiro se aprofundou na década de 1990, causando desemprego e aumento dos contratos informais (MALUF, 1984; PIRES, 1996).

Tratando-se da relação entre o Grupo Dedini e o Proálcool na década de 1980, uma pesquisa da prefeitura do município de Piracicaba, na época, revelou que o Grupo Dedini (isto é, todas as empresas componentes) reunia aproximadamente dez mil trabalhadores na época do *boom* do Proálcool. Entretanto, com a conseqüente crise do programa no final da década de 1980, o Grupo Dedini acabou acumulando dívidas impagáveis e entrou na década de 1990 com inúmeros prejuízos, abrindo processos de falência e de reestruturação (LEÃO, 2005).

As razões pelas quais o Proálcool perdeu sua efetividade foram: 1) a diminuição dos preços do petróleo no mercado internacional a partir de 1985; 2) a descoberta de novas reservas petrolíferas brasileiras na Bacia de Campos, no Rio de Janeiro; e 3) a reduzida capacidade de investimento do Estado na época, que enfrentava o início da grande problemática em torno do aumento da dívida externa brasileira<sup>15</sup>. Desta maneira, o Proálcool perdeu sua razão motora e foi interrompido.

Szmrecsányi & Moreira (1991), em relação aos graves e inúmeros problemas que o Proálcool enfrentou no final da década de 1980, afirmam que:

De um ponto de vista social e macroeconômico, essa tentativa vem sendo um completo malogro; em nossa

---

<sup>15</sup> O início da explosão da dívida externa brasileira tem sua raiz nos contratos de empréstimos firmados entre os governos militares brasileiros e os bancos privados globais, durante a ocorrência dos PND I, II e III na década de 1970 (MONCAU, 2013). Esta dívida e suas consecutivas renegociações provocaram a ocorrência de importantes eventos da macroeconomia brasileira – Crise Fiscal de 1982, Moratória de 1987, Consenso de Washington, Políticas Neoliberais e Privatizações da década de 1990.

opinião, se o álcool tivesse permanecido, como antes e alhures (nos Estados Unidos, por exemplo), um mero aditivo à gasolina, os atuais problemas energéticos do país seriam mais facilmente solucionáveis.

Além do Proálcool, a década de 1970 marcou também o início da diversificação das atividades industriais da cidade de Piracicaba, desenvolvido pelas *políticas de desconcentração industrial*<sup>16</sup>, realizadas pelo segundo “Plano Nacional do Desenvolvimento”. No caso do município de Piracicaba, as políticas econômicas de desconcentração industrial tiveram como resultado a instalação de algumas indústrias transnacionais, que favoreceram a diversificação industrial do município, tornando-o (em sua estrutura produtiva) menos dependente da agroindústria canavieira. Entre as infraestruturas instaladas, a principal foi o “Distrito Industrial Municipal (denominado Unileste)”, que autorizou a instalação das indústrias próximas aos grandes eixos rodoviários da cidade. Além disso, outra grande infraestrutura construída foi o primeiro Anel Viário de contorno da cidade.

Em função destes atrativos logísticos, das facilidades fiscais criadas pela prefeitura e da disponibilidade de mão de obra especializada, instalou-se a primeira grande corporação multinacional no município, a Caterpillar Tractor Company, inaugurada em 1976. A indústria, especializada em máquinas para a construção civil, mineração e agricultura, recebeu da prefeitura uma área de quatro milhões de metros quadrados, fixada no principal acesso da cidade, no distrito industrial Unileste, posicionado estrategicamente ao lado da Rodovia Luiz de Queiroz, interligando Piracicaba às rodovias Anhanguera e Bandeirantes (SAMPAIO, 1976).

Para Cano (2008), a desconcentração industrial ocorrida até o início da década de 1980 pode ser considerada *positiva* ou *virtuosa*. Neste subperíodo houve um crescimento da indústria de transformação na metrópole de São Paulo que, embora considerado alto (120% entre 1970 e 1980), foi superado pelo interior paulista e pelo restante do território brasileiro (que cresceu 164%). Outro fato positivo é que houve um

---

<sup>16</sup> Segundo Wilson Cano (2008), a desconcentração industrial possui dois sentidos: o primeiro, tendo como destino o próprio interior do estado de São Paulo, e o segundo, em direção ao restante do país.

fortalecimento dos laços interregionais e a estrutura industrial do país se diversificou, tendo os bens de capital, intermediários e duráveis de consumo crescido mais do que os bens não duráveis de consumo. Já descontração industrial ocorrida a partir do fim da década de 1980 pode ser considerada *negativa ou espúria*, pois depreciou a geração de empregos na regiões metropolitanas (como São Paulo e Rio de Janeiro) e foi impulsionada apenas pela busca de menores custos fixos e de produção por parte das grandes indústrias. A política de Guerra Fiscal passou a criar novas formas de atração de indústrias para o interior. Houve, assim, um aprofundamento da desconcentração industrial, só que dessa vez, ao contrário da década de 1970, a indústria não cresceu concretamente, fato que se aprofundou na década de 1990 e ainda permanece na atualidade. (CANO, 2008; LENCIONI, 1994).

Nos finais dos anos de 1980, o Estado brasileiro se encontrou profundamente endividado e com novos projetos de desenvolvimento comprometidos. Neste contexto, pode-se dizer que a opção política por uma *Modernização Conservadora* ocorrida, principalmente, nas décadas de 1960 e 1970 não permitiu um desenvolvimento econômico contrabalançado às principais demandas que a formação sócio-espacial brasileira exigia, como as reformas de base (agrária, tributária, política etc). A ausência de uma política preocupada com a questão agrária, por exemplo, causou a explosão do êxodo rural e a multiplicação dos habitantes nas cidades, também atingindo o município de Piracicaba (GRAZIANO DA SILVA, 1982; ELIAS; 2003; DELGADO, 2012).

O longo período que tratamos neste item (de 1940 a 1990) é encerrado com a extinção do Instituto do Açúcar e do Alcool, quando suas atribuições foram transferidas para a “Secretaria do Desenvolvimento Regional da Presidência da República”, no primeiro semestre de 1990. Para Piracicaba, a mudança de período é sentida, primeiramente, pela retração da empregabilidade, devido à crise do setor sucroalcooleiro e com a precarização das atividades industriais, fatos que permanecem como problemáticas para a economia urbana deste município até a atualidade.

## Considerações finais: os últimos contornos do setor sucroenergético brasileiro e algumas questões pertinentes quanto à economia urbana de Piracicaba (década de 1990 e início do século XXI)

Em nossa atual pesquisa corrente no segundo semestre de 2014, estamos investigando e delimitando quais foram as principais ocorrências que marcaram o setor sucroenergético nos últimos 20 anos, bem como suas consequências para a economia urbana de Piracicaba. Assim, pretendemos, nestas considerações finais, descrever alguns dos resultados parciais que a pesquisa vem apontando, bem como as principais questões que a norteiam, no momento.

Primeiramente, na década de 1990 o setor sucroenergético passou por um longo período de crise econômica que se iniciou com o fim do Proálcool (na segunda parte da década de 1980) e que se aprofundou com a extinção do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA) em 1990. Esta crise, ampliada pelas políticas neoliberais (HARVEY, 2008; PECK & TICKEL, 2002) custou a falência de muitas indústrias de bens de capital – entre elas, obviamente, a Dedini Indústrias de Base S/A – e abriu o caminho para um amplo processo de falência e reestruturação. O Grupo Dedini, por exemplo, teve suas proporções drasticamente reduzidas (LEÃO, 2005).

Em relação à economia industrial da cidade de Piracicaba, a partir da década de 1990, o fenômeno de *desconcentração industrial*, como já mencionado, aprofunda-se no interior paulista, impulsionado pelas políticas econômicas dos municípios, denominada de “Guerra Fiscal” – conceito atribuído à concorrência entre os municípios visando oferecer isenção fiscal para a instalação e operação de grandes indústrias em seus domínios<sup>17</sup>.

Quanto ao setor sucroenergético, já no início do século XXI, mais precisamente a partir de 2004, o financiamento estatal participou ativa-

---

<sup>17</sup> Essa política, característica na geografia industrial global atual, tem contornos notáveis no Brasil. A particularidade do processo encontra-se na transformação das cidades médias brasileiras em dependentes e concorrentes (entre si) para a provisão de incentivos fiscais de atração de indústrias multinacionais no município (CANO, 2008; EMERIQUE, 2013).

mente na concessão de crédito para a ampliação do setor, disponibilizado principalmente devido à demanda criada para o etanol referente aos motores *flexfuel* (RAMOS, 2011). Foi a partir disto que surgiram as primeiras possibilidades do etanol brasileiro se tornar uma alternativa, denominada “sustentável”, aos combustíveis fósseis (PIRES DO RIO, 2011; PORTO-GONÇAVES, 2012).

Essa nova situação do mercado sucroenergético brasileiro, levou a uma reorganização territorial para a produção de etanol e açúcar, com novas usinas construídas e outras ampliadas. Os maiores investimentos permaneceram até 2008, com a forte participação do financiamento público, por parte do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), e também por investimentos estrangeiros, como inúmeros Fundos de Investimento e Petroleiras que adquiriram ações, usinas e terras no setor (XAVIER, 2011; BORGES & COSTA, 2013).

Essas movimentações financeiras favoreçam uma ampla *centralização do capital*<sup>18</sup> no setor - isto é: quando uma empresa adquire o controle dos negócios de outras empresas (SMITH, 1988). Como resultado das movimentações financeiras e dos investimentos em novos fixos (novas usinas e plantações), houve também uma reorganização do circuito espacial produtivo (produção, distribuição, troca e consumo) do açúcar e do etanol no Brasil, fatos que favoreceram o uso corporativo do território pelas agroindústrias canavieiras nacionais e transnacionais (CASTILLO & FREDERICO, 2010; CASTILLO & CAMELINI, 2012).

O caso mais característico do processo de centralização do capital ocorreu no ano de 2008, quando foi criada a *joint-venture* Raízen, uma associação da petroleira “Royal Dutch Shell” com a empresa sucroenergética “Cosan”, de capital originário de Piracicaba (SP)<sup>19</sup>. A mudança no

---

<sup>18</sup> Por centralização do capital compreendemos quando dois ou mais capitalistas, anteriormente independentes, se combinam em um, através de incorporações, fusões e aquisições (SMITH, 1988).

<sup>19</sup> No caso da Raízen, a centralização caracteriza-se devido ao contrato assinado prever que a Shell poderá comprar 100% das ações sucroenergéticas da Cosan até 2025. Além disso, o controlador da Cosan, Rubens Ometto, já declarou, em entrevista publicada pela revista Exame no início de 2012, sua clara intenção de investir em negócios mais estáveis e definitivamente sair da agroindústria de açúcar e etanol.

modo de gestão das principais usinas da região de Piracicaba – fruto do desenvolvimento da *joint-venture* – também modificou antigos e importantes laços empresariais locais. Como exemplo destas transformações, estamos observando (preliminarmente) que importantes indústrias de bens de capital locais passaram a ter maiores dificuldades em estabelecer contratos de fornecimento de equipamentos para as usinas<sup>20</sup>.

De acordo com toda a exposição, na atual fase de pesquisa estamos procurando responder as seguintes questões: 1) Quais foram (e são) os principais impactos das políticas macroeconômicas neoliberais para as indústrias de bens de capital e os serviços atrelados à agroindústria canavieira em Piracicaba?; 2) Como ocorreu e quais foram as principais particularidades do processo de centralização do capital no setor sucroenergético brasileiro na década de 2000?; e 3) Quais são e como se organizam os principais agentes do circuito espacial produtivo das indústrias de bens de capital da cidade de Piracicaba?

Com este objetivo, estamos coletando os dados relativos aos principais nexos produtivos, visando elucidar a produção, distribuição, troca e consumo das indústrias de bens de capital, do setor de serviços e, conseqüentemente, da agroindústria canavieira. A partir destas informações, investigaremos quais são as firmas que se servem melhor das infraestruturas espaciais - técnico-estruturais e normativo-fiscais – e hegemonomizam o sistema produtivo, seguido da análise sobre as firmas hegemonomizadas e de suas técnicas para permanecerem rentáveis na atualidade.

Finalmente, esperamos concluir nosso trabalho de pesquisa e redação em agosto de 2015 e, assim, poder publicar mais capítulos sobre esta significativa história piracicabana.

---

<sup>20</sup> Um exemplo preliminar, que estamos investigando, é o caso da Cooperativa São José (CSJ e antiga Santin S.A.) que em entrevista realizada com o seu gerente comercial apontou as dificuldades que a empresa vem passando, desde 2006, com as transformações no setor sucroenergético.

## Referências bibliográficas

- BELLUZZO, L. G. M.; COUTINHO, R. (orgs.). **Desenvolvimento Capitalista no Brasil: Ensaio sobre a crise**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- BILAC; M. B. B; TERCI, E. T. **Piracicaba: de centro policultor a centro canavieiro (1930-1950)**. Piracicaba: UNIMEP, Núcleo de Pesquisa e Documentação Regional, MB Editora, 2001.
- BORGES, A. C. G; COSTA, V. M. H. M. **O processo de concentração e de centralização do capital e o financiamento da produção sucroalcooleira no Brasil**. Anais do VI Simpósio Internacional de Geografia Agrária, 2013.
- CANO, W. **Desconcentração produtiva regional do Brasil 1970-2005**. 3. ed. ver. e ampl. São Paulo: UNESP, 2008.
- CASTILLO, R.; FREDERICO, S. **Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo**. Sociedade & Natureza, Uberlândia: 461-474 dez. 2010.
- CASTILLO, R; CAMELINI, J. H. **Etanol e uso corporativo do território**. Mercator, Fortaleza, v. 11, n. 25, p.7-18, mai./ago. 2012.
- DELGADO, G. C. **Do capital financeiro na agricultura à economia do agronegócio: mudanças cíclicas em meio século (1965-2012)**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.
- ELIAS, D. **Globalização e agricultura: A região de Ribeirão Preto – SP**, São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- EMERIQUE, L. P. **Considerações sobre a crise da indústria de máquinas e equipamentos e seus impactos na Geografia Industrial do município de Piracicaba**. Anais do EGAL, Peru, 2013.
- FERREIRA, E. R; ALVES, F. D. **Organização espacial da cana-de-açúcar no estado de São Paulo: Uma análise evolutiva**. V Encontro de Grupos de Pesquisa, UFSM, GPET, 2009.
- GALBRAITH, J. K. **O Colapso da Bolsa, 1929: Anatomia de uma Crise**. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 1972.
- GRAZIANO DA SILVA, J. **A modernização dolorosa: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil**. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- GUERRINI, L. **História de Piracicaba em Quadrinhos**. Piracicaba, SP: Equilíbrio: Instituto Histórico e Geográfico, IHGP, 2009.
- HARVEY, D. **O neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: Loyola 2008.
- LEÃO, R. M. **Dedini: a força de um ideal**. Piracicaba. 2005

LENCIONI, S. **Reestruturação urbano-industrial no Estado de São Paulo**: a região da metrópole desconcentrada. Espaço & Debates. São Paulo: NERU, n.38, p.54-61, 1994.

MALUF, R. S. (Coord) **Aspectos da constituição e desenvolvimento do mercado de trabalho em Piracicaba**. Piracicaba. UNIMEP-NPDR, 1984.

MEIRA, R. B. **O desenvolvimento da economia açucareira em São Paulo e a sua correlação com as políticas estatais (1875-1941)**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH, USP, 2007.

MOMBEIG, P. **Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo**, Tradução Ary França e Raul de Andrade e Silva, Editora Hucitec, Polis, São Paulo, 1984.

MONCAU, G. **Dívida pública consome metade do orçamento**: Entrevista com Maria Lucia Fattorelli, Publicado na Revista Caros Amigos, São Paulo: Janeiro de 2013. Disponível em: <<http://www.auditoriacidada.org.br/wpcontent/uploads/2013/03/Entrevista-Maria-L%C3%BAcia-Caros-Amigos-de-janeiro-2013-1.pdf>> Acesso em: 06 de Junho de 2014.

MORAES, A. C. R. **Território e História no Brasil**. 1ª. ed. São Paulo: Annablume / Hucitec, 2002. v. 1. 200p.

\_\_\_\_\_. **Geografia Histórica do Brasil**: Capitalismo, Território e Periferia. São Paulo: Annablume, 2011, 156p.

MULLER, N. L. **Bairros rurais de Piracicaba**. Boletim Paulista de Geografia, 1966.

NEGRI, B. **Estudo de caso da Indústria Nacional de Equipamentos**: análise do Grupo Dardini (1920-1975), Piracicaba, SP: Equilíbrio: IHGP, 2010.

NEME, M. **História da Fundação de Piracicaba**. Piracicaba, SP. Equilíbrio: Instituto Histórico e Geográfico, IHGP, 2009. 224 p.

O QUADRILATERO DO AÇÚCAR, Direção: Ricardo Dias. Produção: Rodrigo Simon. São Paulo: Univesp TV, 2011. 26 minutos. Disponível em: <<http://youtu.be/EFk8s0Kk1nA>> Acesso em: Mai. 2014.

ONAGA, M. **Adeus, etanol, diz Rubens Ometto**. Energia, Revista Exame, 16 Mai. 2012. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/revistaexame/edicoes/1016/noticias/adeus-etanol-diz-rubens-ometto>>. Acesso em: 12 Nov. 2013.

PECK, J; TICKELL, A. **Neoliberalizing Space**. Antipode, p. 380-404, USA, 2002.

PETRONE, M. T. S. **A lavoura canavieira em São Paulo**: expansão e declínio (1765-1851). São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968, p.38 e 41.

PIRES DO RIO, G. A. **Escalas de política energética**: o programa nacional de biodiesel. In: BERNARDES, J. A & ARACRI, L. A. S. Novas fronteiras do biodiesel na Amazônia: Limites e desafios da incorporação da pequena produção agrícola, Rio de Janeiro: Arquimedes, 2011.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. 3<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

PRADO JR., C. **Formação do Brasil contemporâneo**: Colônia. São Paulo, Companhia das Letras, 2011.

RAMOS, P. **Agroindústria canavieira e propriedade fundiária no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1999.

\_\_\_\_\_. **Financiamentos subsidiados e dívidas de usineiros no Brasil**: uma história secular e... atual? Revista História econômica & História de empresas XIV. p. 27-32, 2011.

SAMPAIO, S. S. **Geografia industrial de Piracicaba**: um exemplo de interação indústria-agricultura. São Paulo: USP, Instituto de Geografia, 1976.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2009.

SANTOS, M; RIBEIRO, A. C. T. **O conceito de região concentrada**. UFRJ, IPPUR, Departamento de Geografia, 1979.

SILVEIRA. **Diferencias regionales en el territorio brasileño**: perspectivas diacrónica y sincrónica. Scripta Nova (Barcelona), v. XI, 2007.

SMITH, N. **Desenvolvimento desigual**: Natureza, Capital e a Produção de Espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

SPOSITO, M. E. B. (Org.). **Cidades médias**: espaços em transição. 1<sup>a</sup> Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SZMRECSÁNYI, T; MOREIRA, E. P. **O desenvolvimento da agroindústria canavieira do Brasil desde a Segunda Guerra Mundial**. Estudos Avançados, USP, 1991.

TORRES, M. C. T. M. **Piracicaba no século XIX**, Piracicaba, SP: Equilíbrio: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, 2009.

XAVIER, et al. **Monopólio da produção de Etanol no Brasil**: A Fusão Cosan-Shell. São Paulo: Rede Social de Justiça e Direitos Humanos, 2011.

## ECONOMIA e GEOGRAFIA

## O rio e a economia de Piracicaba-SP. Das origens da cidade até a década de 1930.

**FRANCISCO CONSTANTINO CROCOMO**

Professor Coordenador do Banco de Dados Socioeconômicos do Curso de Ciências Econômicas da Faculdade de Gestão e Negócios da UNIMEP

**LAIS MARTIGNAGO**

Estudante do Curso de Ciências Econômicas – bolsista de Iniciação Científica. Programa de Iniciação Científica da UNIMEP.

**THAIS DE SOUZA SOARES**

Estudante do Curso de Ciências Econômicas – Voluntária de Iniciação Científica. Programa de Iniciação Científica da UNIMEP.

### Resumo

O objetivo deste artigo é realizar um resgate da relação Rio Piracicaba e economia de Piracicaba, estado de São Paulo, desde a origem do município até a década de 1930. Para a construção desta análise foram utilizadas algumas obras encontradas em instituições, em especial no Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba – IHGP, que se constitui no principal acervo da história da cidade, e na Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, com destaque para o Núcleo de Documentação Regional e o Banco de Dados Socioeconômi-

cos do Curso de Ciências Econômicas da Faculdade de Gestão de Negócios-FGN. Piracicaba nasce e se desenvolve em função de seu principal rio, ou seja, ele contribui na origem e conformação da cidade, sua redondeza era habitada por índios devido à abundância de água, peixes, vegetação e fertilidade do solo. A região também era conhecida como caminho para as minas de ouro em Cuiabá. Próximo ao rio foi se formando a povoação, assim como a fábrica de canoas, que construía batelões e enviava para o forte de Iguatemi que fora construído para impedir a invasão dos espanhóis. Com o passar do tempo outras fábricas se estabeleceram próximas ao rio, como o Engenho Central e a Fábrica Santa Francisca, que era movida pela energia obtida da força das águas do Piracicaba. O rio e seu entorno propiciam, também cenário e oportunidades de contemplação, esportes e lazer para a população local e de turistas. Parques foram instalados e festas se realizam em suas margens. Nesse contexto o artigo procura traçar aspectos relevantes dessa relação rio-economia para o período proposto, que deverá subsidiar estudos para períodos cada vez mais recentes.

# 1 Introdução

A água é um elemento fundamental para a vida. As águas doces encontradas na superfície terrestre exibem-se na natureza como dormentes, em lagoas, represas, lagos e fluentes, em córregos, nascentes e rios. Desde as antigas civilizações foi possível observar que os povoados e cidades se instalavam próximas a rios, pois eles propiciam recursos fundamentais, através da viabilização do transporte, comunicação, fornecimento de insumos para consumo e produção, essenciais para o crescimento e desenvolvimento econômico das comunidades. No Egito, o rio Nilo era essencial para o povo. O rio transbordava em determinada época do ano e quando voltava ao seu estado normal o solo estava fertilizado, propiciando o plantio e a colheita de alimentos.

A origem de Piracicaba, estado de São Paulo, ocorre ao redor do seu principal rio. A cidade nasce em sua margem em extrema dependência de suas águas, de seus peixes, areia e outros benefícios dentre eles sua exuberância e beleza que favorecem momentos de contemplação e reflexão. O rio Piracicaba tem sido referência para muitas obras que descrevem os acontecimentos da cidade através dos tempos.

Segundo Nelson Souza Rodrigues, uma comissão da França esteve em Piracicaba no ano de 2001, com um etimólogo e psicopedagogo, para analisar a evolução social e econômica da cidade e suas relações com o Rio Piracicaba. Como conclusão, enfatizou que o rio e a cidade formam um “sistema biocultural”, o rio e a cidade são tão íntimos que não há sentido em caracterizar um sem o outro” (RODRIGUES, 2005, p.63)

Oehlmeier (2004) sustenta que a região do rio Piracicaba, integra o maior centro industrial da América Latina, característica que o coloca em posição estratégica para inserir a cidade que lhe tem o nome nesse vigoroso circuito econômico e cultural. Portanto o rio é essencial à vida e ao progresso econômico.

Nesse contexto, a proposta desse artigo é o de identificar as re-

lações existentes entre atividade econômica e o rio desde o período da origem da cidade até a década de 1930, resultado da primeira etapa de um projeto maior intitulado “O Rio e a economia de Piracicaba-SP”, que deverá ser finalizado após a elaboração de mais duas etapas; a etapa que tratará da década de 1940 até a de 1980 e outra que abordará a década de 1990 até os dias atuais.

A motivação para o desenvolvimento deste trabalho é sustentada pelas características das origens do professor orientador do projeto, um dos autores do presente artigo, potencializada pelos estudos e pesquisas referentes à economia local e regional, efetivados ao longo de sua atuação no Curso de Ciências Econômicas da FGN/UNIMEP.

Os avós maternos do professor, imigrantes italianos, constituíram família próxima ao rio Piracicaba. O avô Costabile Di Giaimo foi pescador, produtor de redes para pesca (tarrafas) e também vendedor de areia extraída do rio, atividades que permitiram o sustento de seus 16 filhos. A pesca foi importante também para consumo da família, em substituição a outros tipos de carne, que eram raras e caras. A maioria dos filhos teve oportunidade de trabalhar nas fábricas que se instalavam às margens do rio, em especial a empresa Boyes, do ramo têxtil. A avó, Carmela Sápia Di Giaimo e algumas das filhas costuravam e bordavam para famílias ligadas às empresas ribeirinhas, em especial Boyes, Engenho Central, Casarão do Barão de Resende, dentre outros. Estes fatos alimentaram a curiosidade do pesquisador em identificar as características da evolução da economia de Piracicaba relacionada ao rio ao longo dos tempos.

Entende-se ser relevante identificar e analisar o impacto do rio na economia da cidade, bem como o impacto da economia no rio, até os dias atuais, pois seus resultados podem servir de referência na elaboração de planos de desenvolvimento socioeconômico e ambiental e outras pesquisas do gênero. O intuito é a elaboração de um livro que deverá se somar aos demais que estudam as características deste importante município paulista. Dentre as obras pesquisadas para a elaboração do projeto, podem ser destacadas: (OEHLMEYER, 2004), (GUERRINI, 1970, p.14),

(CACHIONI, s.d.), (TERCI, 2001), (NETTO, 2000), todas brevemente apresentadas a seguir.

Ruy Oehlmeyer Costa (2004), em sua obra; “As Águas do Piracicaba: Século XIX”, traz importantes subsídios a respeito do Rio Piracicaba e sua íntima relação com o desenvolvimento da cidade. O autor destaca a importância das águas para as cidades, apresenta breve relato a respeito dos rios brasileiros e se aprofunda na exploração do rio Piracicaba. Destaca a fábrica de barcos que foi instalada em Piracicaba, inclusive com agressão ao meio ambiente, pois extraiu grande quantidade de árvores das margens do rio.

Neste contexto é relevante identificar a fabricação de barcos nos primórdios de Piracicaba, como uma das primeiras atividades econômicas. Essa atividade por se identificar relevante na economia, tanto do ponto de vista do transporte de pessoas, alimentos e materiais diversos, como o da necessidade de ganho para quem os fabricava e vendia. Foi o caso de Piracicaba (OEHLMEYER, 2004). O autor cita que a fábrica de barcos encerrou suas atividades em 1777, tomando por referência a obra de Leandro Guerrini, intitulada “História de Piracicaba em Quadrinhos” (GUERRINI, 1970, p.14)

Marcelo Cachioni em texto intitulado: “O papel pioneiro de Piracicaba na construção fabril na província de São Paulo”, ratifica o pioneirismo de Piracicaba na navegação fluvial em São Paulo (CACHIONI, s.d.).

Neste mesmo texto, Cachioni resgata aspectos da configuração industrial de Piracicaba, ressaltando que as primeiras indústrias da cidade foram instaladas “...geralmente próxima aos mananciais: o poluído córrego Itapeva ou o rio Piracicaba, onde se formavam fileiras industriais na Rua do Porto” (CACHIONI, s.d, p.2). Desta maneira o rio de Piracicaba foi referência para a instalação de empresas da cidade na época. Instalaram-se as margens do rio a Fábrica Santa Francisca e o Engenho Central. A atuação de Luiz de Queiroz em todo desenvolvimento industrial de Piracicaba foi de alta relevância no final do século XIX, pois sua fábrica de tecidos foi um ponto de partida para a instalação do

abastecimento de energia elétrica na cidade (CACHIONI, s.d.).

A obra: “O desenvolvimento de Piracicaba: História e Perspectivas”, organizada por Eliana Tadeu Terzi (2001), identifica aspectos fundamentais da formação econômica da cidade contextualizados com o desenvolvimento econômico regional e brasileiro.

Fonte fundamental de pesquisa o “Almanaque 2000 – Memorial de Piracicaba – Século XX”, de Cecílio Elias Netto (2000), traz informações e comentários da história da cidade com riqueza de detalhes para o período proposto.

É importante salientar que o processo de elaboração desta pesquisa revela que a história da cidade e do rio devem ser contextualizadas pelas relações econômicas da época, tanto internacionais, nacionais e locais. A intenção é que os resultados desse artigo, que tenta resgatar esses aspectos até a década de 1930, possam contribuir, de forma articulada, com acontecimentos cada vez mais recentes, para melhor entendimento dessa rica relação: rio e economia.

## **2 O rio, a cidade e formação econômica de Piracicaba**

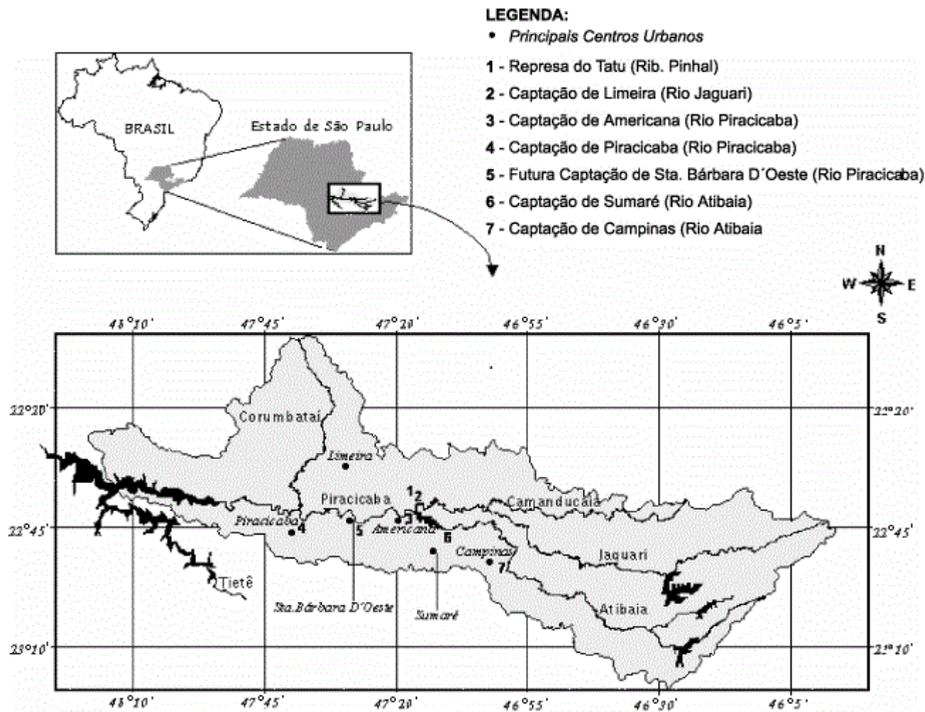
### **2.1 O rio Piracicaba: dados geográficos**

O Rio Piracicaba é formado pela junção dos rios Jaguari (MG) e Atibaia (SP) a partir de Americana, cuja extensão é de 177 Km 450 m. Desemboca no rio Tietê, no reservatório de Barra Bonita, no limite de Santa Maria da Serra, São Manoel, Botucatu e Anhembi. Possui nove afluentes na margem direita, que são os ribeirões Tatu, Coqueiros, Palmeiras e Guamium, o rio Corumbataí e os ribeirões Araquá, Samambaia, Meio e o Vermelho, e dez afluentes na margem esquerda, os ribeirões Quilombo, dos Toledos, Lambari, Tijuco Preto, Córrego da Figueira, Dois Córregos, Piracicamirim, Itapeva, Enxofre, Marins e Itaperu. No total possui 19 afluentes (RODRIGUES, 2005, p. 62).

A Figura 01 ilustra as unidades hidrográficas, os limites e as principais cidades da bacia do rio Piracicaba. O rio ocupa a parte central do Estado de São Paulo, a noroeste da capital, correndo sentido Leste-

-Oeste a 22°40' de latitude sul em quase todo o seu percurso e entre as latitudes de 47° e 48°30' oeste de Greenwich, correndo os municípios de Americana, Santa Bárbara d'Oeste, Limeira, Piracicaba, São Pedro, Anhembi e Santa Maria da Serra e deságua na margem direita do rio Tietê a cerca de 120 km de Piracicaba (RODRIGUES, 2005, p.63).

Figura 01. Unidades hidrográficas e principais cidades da bacia do rio Piracicaba



Fonte: DEL GRANDE, REZENDE, ROCHA O. (2003)

## 2.2 Demografia e ocupação espacial e força de trabalho até década de 1930

A população de Piracicaba desde as origens tem se instalado próxima ao seu principal rio, como é possível observar no mapa da evolução da mancha urbana, Figura 02. Antes da década de 1940, existia

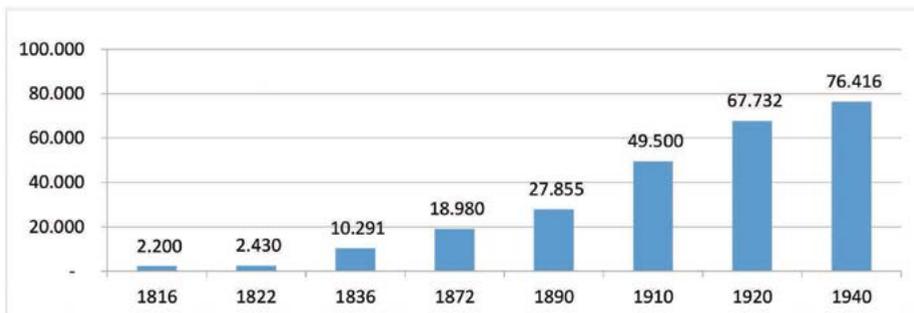
uma grande concentração urbana ao redor do rio, que pode ser estimada em torno de 70.000 habitantes, conforme Figura 03.

**Figura 02.** Evolução da mancha urbana da cidade de Piracicaba



Fonte: IPPLAP (2014)

**Figura 03.** Piracicaba – Evolução de número de habitantes-1816-1822-1836-1872-1890-1910-1920-1940



Fonte: TERCI. E. T. (2001, p. 25) para o ano de 1816. TERCI. E. T. (2001, p. 23) para o ano de 1822  
Núcleo de Estudos da População – NEPO-UNICAMP (2015) – para os anos de 1836 - 1872- 1890 -  
Fundação SEADE – dados IBGE para os anos 1910-1920-1940

É fundamental registrar a forte participação das diferentes etnias na formação econômica da cidade de Piracicaba, ou seja, na produção de alimentos, construção da infra-estrutura e demais necessidades da população. Neste contexto, Bragança (2015) identifica existência dos nativos: índios Paiaguás, que foram dizimados pelas expedições for-

madoras do povoado, e posteriormente destaca os sertanejos, negros, escravos e imigrantes como efetiva força de trabalho na formação da economia de Piracicaba.

“Desde 1693, há registros da movimentação de grupos humanos na região. Quem mora na cidade hoje não imagina que há mais de 250 anos os primeiros habitantes dessas terras eram os ferozes índios Paia-guás. Em 1730, uma expedição foi trucidada por “oitocentos índios em 80 canoas”, conforme relato de Mario Neme a partir dos registros de Paulo Setúbal, em “Ouro de Cuiabá”. De 1730 a 1800, colonizadores e expedicionários de São Paulo, após tantos massacres, praticamente dizimaram os índios. No entanto, a presença indígena nos costumes, hábitos e linguagem permaneceu.”(BRAGANÇA, 2012).

Bragança (2015) relata que na fundação de Piracicaba em 1767, já se achavam estabelecidos numerosos sertanejos com ranchos e roçados, com suas hortas e pomares. Esta comunidade foi reforçada pelo povoador Antonio Corrêa Barbosa, com a busca de os mais variados tipos de pessoas:

“... para engrossar a população de moradores da nova povoação foram arrebanhados, vadios, dispersos, vagabundos, presos e gente que por sua má conduta não eram mais úteis nos lugares de sua origem. Ficou a cargo do povoador auxiliar os homens com alguns mantimentos, ferramentas e ensinar-lhes os serviços que deviam fazer pelo bem da povoação. Com essa conduta e boa atividade era esperado que a povoação prosperasse, e prosperou. (BRAGANÇA, 2012)

A mão de obra escrava esteve presente, também, desde a origem da cidade, trabalhando arduamente nas proximidades do rio Piracicaba e, conforme as informações do Quadro 01, chegou a atingir mais de 42% do total dos habitantes da cidade nos anos de 1816 até 1822, reduzindo para 33,85% em 1822 e 28,52% em 1816, até a abolição, quando, em 13 de maio de 1888, a Lei Áurea, foi sancionada.

Dorizotto (2009, p.204 e 206), relata passagens deste período, com farta documentação, inclusive identifica a participação dos escla-

vos que trabalhavam em Piracicaba e foram destacados também para lutar na Guerra do Paraguai entre 1864 e 1868:

“Vale a pena notar o acontecido durante a Guerra do Paraguai entre 1864 e 1868. Muitos senhores libertaram seus escravos, com a condição de irem para a guerra. Os vereadores de Piracicaba faziam campanha para arrecadar fundos para premiar voluntários e munir os escravos. Por outro lado, os componentes da Guarda Nacional da cidade de Piracicaba, voluntários da pátria desapareceram. O próprio imperador Dom Pedro II foi colocado na época como modelo ao libertar 190 escravos de sua propriedade para marcharem como soldados contra o Paraguai” (DORIZOTTO, 2009, p.206)

Bragança (2015) indica que existem registros, no “Almanak Comercial de São Paulo”, de que Piracicaba chegou em 1887 a possuir 5.663 escravos, sendo considerada a terceira cidade com maior número de escravos no estado de São Paulo, apenas abaixo de Campinas, com 15.427 e Bananal com 6.903 escravos.

Esse fato, que não é diferente do ocorrido na formação de nossa nação, deve ser sempre resgatado e reconhecido. Registre-se que existe uma enorme dívida para com toda essa geração.

**Quadro 01** – Piracicaba-SP. População, livre e escrava – 1816-1822-1836 e 1872

Ano	População de Piracicaba-SP					
	livres	%	escrava	%	população total	%
<b>1816</b>	1.267	57.59	933	42.41	2.200	100.00
<b>1822</b>	1.398	57.53	956	42.47	2.354	100.00
<b>1836</b>	6.808	66.15	3.483	33.85	10.291	100.00
<b>1872</b>	13.566	71.48	5.414	28.52	18.980	100.00

Fonte: TERCI. E. T. (2001, p. 25) para o ano de 1816. TERCI. E. T. (2001, p. 23) para o ano de 1822  
Núcleo de Estudos da População – NEPO-UNICAMP (2015) – para os anos de 1836 - 1872

A participação de imigrantes na formação socioeconômica de Piracicaba é marcante em Piracicaba. Bragança (2015) tece comentários a esse respeito:

“Os italianos, espanhóis, alemães, japoneses, árabes e judeus descobrem Piracicaba. Muitos vieram para trabalhar na atividade agrícola, outros encontraram caminho no comércio e na indústria. A chegada dos imigrantes estrangeiros em Piracicaba constituiu-se um marco para o desenvolvimento econômico local e regional. Pequenas oficinas transformaram-se em grandes indústrias. E se a intenção dos imigrantes era acumular riqueza e voltar ao seu país, o amor a terra e ao trabalho fizeram com que aqui fincassem suas raízes”. (BRAGANÇA, 2012).

O Quadro 02, a seguir, apresenta estimativa de época da vinda de alguns dos principais imigrantes para Piracicaba, bem como apresenta as datas de fundação de instituições relacionadas aos seus países/região de origem. Essas informações revelam a grande participação desses povos, tanto na formação econômica, mas também cultural de Piracicaba.

**Quadro 02** – Piracicaba-SP. Período de vinda de imigrantes e suas instituições representativas.

<b>Nações de Origem</b>	<b>Período da imigração</b>	<b>Instituições relacionadas as nações de origem</b>
<b>Africanos</b>	Desde a fundação de Piracicaba	1901 – Sociedade Beneficente 13 de maio
<b>Portugueses</b>	1811	1897 – Sociedade Portuguesa de Beneficência de Piracicaba.
<b>Alemães</b>	1857	
<b>Árabes</b>	1878-1880	1905 – Sociedade Beneficente Síria de Piracicaba 1955 – Sociedade Beneficente Síria Libanesa
<b>Norte-Americanos</b>		1881 – O Colégio Piracicabano. 1885 – Catedral Metodista do Brasil
<b>Italianos</b>	1886	1887 – Societá Italiana Mutuo Soccorso 1920 – Empresa Dedini
<b>Espanhóis</b>		1898 – Sociedade Recreativa e Cultural Real Hispano-Brasileira, antigo Grêmio Espanhol de Piracicaba.
<b>Japoneses</b>	1918	1926 – Associação Japonesa de Piracicaba. A “Pau D’Alho Nihonjinka, que deu origem ao Clube Cultural e Recreativo Nipo-Brasileiro,

Fonte: Piracicaba 241 anos. Edição Especial de aniversário da cidade de Piracicaba-SP Ed. Jornal de Piracicaba Agosto de 2008.

DEZAN, M.D.S., FILHO, A., DaDAVID, F. (2011).

CACHIONI, M. (2003)

Em decorrência do desenvolvimento econômico que se aproveitou das “condições naturais do rio” (IPPLAP, 2011, p. 17) a população se desloca para o topo da colina, ou seja, a população deu as “costas” para o rio, deixando que as suas margens fossem ocupadas pelas atividades industriais. Os que continuaram a residir nessas áreas eram aqueles que pertenciam às camadas mais pobres da população. Entretanto, esse desenvolvimento econômico até a década de 1940 levou a formação da área urbana que ainda era muito próxima do chamado “Largo dos Pescadores”, ou seja, não mais do que o perímetro de 2.500 metros. A cidade nesta época contava com cerca de 77 mil habitantes.

### 2.3 O histórico da cidade de Piracicaba até a década de 1930

O nome Piracicaba surgiu a partir do rio e o que ele representava. Na linguagem tupi-guarani significa “lugar onde o peixe para”, que é uma referência às quedas do rio que impedem a piracema (migração) dos peixes.

#### 2.3.1 Povoamento

O povoamento foi estabelecido em 1767, primeiramente na margem direita do rio e posteriormente na margem esquerda. No entanto, antes de sua fundação oficial a região era ocupada por índios e conhecida como caminho para as minas de ouro em Cuiabá. Em 08 de abril de 1718 foram descobertas as minas de ouro de Cuiabá (GUERRINI, 2009, p.16)

O governador da Capitania de São Paulo, dom Rodrigo César de Menezes, procurou estabelecer um caminho por terra que ligasse São Paulo a Mato Grosso, concedendo privilégios para aqueles que se sujeitassem a missão de mineração. Luís Pedroso de Barros e Felipe Cardoso assumiram o grupo que abriria a primeira *picada*, que seria a fase inicial do *Picadão do Mato Grosso*, que se realizou provavelmente no segundo semestre de 1722 ou no primeiro semestre de 1723, atravessando os sertões do Tiete e do Capivari até o porto do Rio Piracicaba. (TERCI, 2001,

p. 20). É possível identificar o local que eles atravessaram em Piracicaba através da citação de Neme (2009, p.40) “esse primitivo caminho de Cuiabá atravessava o rio Piracicaba, e o fazia exatamente pelo ponto que ainda hoje é considerado o porto da cidade. Fica logo abaixo das corredeiras do salto”.

As primeiras pessoas que se instalaram nas margens do rio Piracicaba na época de 1723, foram posseiros e sesmeiros e se estabeleceram próximos ao caminho de Itu e o porto do rio Piracicaba, com a intenção de negociar os produtos das roças destinados ao abastecimento das regiões mineradoras. Porém, em 1726 o governador da Capitania de São Paulo interditou o caminho por terra, permitindo a passagem somente pelos rios.

A povoação de Piracicaba é oficialmente fundada em 01 de agosto de 1767, a margem direita do rio e composta por escravos, índios, mulatos, caboclos e brancos pobres. Em 1774 Piracicaba foi elevada a Freguesia e em 1777 houve o avanço da fronteira agrícola de Itu no rumo dos sertões de Piracicaba, então começaram a introduzir canaviais, engenho e escravarias para produzir o açúcar, conhecido como “ouro branco”. A partir desses acontecimentos ocorrem movimentos para a transferência da povoação para a margem esquerda do rio.

No ano de 1784, a povoação de Piracicaba foi transferida para a margem esquerda do rio, conforme registra o site do CEAPLA(2014), que publica informações extraídas do trabalho de POMPERMAYER. R. M. T. e GARCIA. L. B. R. Espaço Urbano de Piracicaba: Sua Ocupação e Evolução. Relatório Final de Trabalho de Graduação, IGCE/UNESP/ RIO CLARO/ 1998. 217p.

No ano de 1779, os moradores da Freguesia de Santo Antônio de Piracicaba fizeram um abaixo assinado pedindo a mudança da povoação da margem direita do rio para a margem esquerda. A autorização foi concedida, em 31 de julho de 1784, a freguesia de Santo Antônio de Piracicaba foi transferida para uma gleba de terra comprada por Antônio Corrêa Barbosa. O terreno para o rossio abrangia desde a barra do Itapeva, pouco acima

do salto, até a barranca do rio Piracicaba. No topo da colina, foi demarcada uma quadra com quarenta e seis braças de latitude em direção Norte-Sul, Leste-Oeste. para que fosse edificada a Igreja Matriz, local onde hoje está a Praça José Bonifácio.(CEAPLA, 2014)

### 2.3.2 Superação da fase de subsistência.

De acordo com Terci (2001, p.21) Piracicaba supera sua economia de subsistência quando a comunidade é transferida para a margem esquerda do rio. Tratou-se do início de uma “revolução” econômica provocada pela cultura da cana de açúcar. A região começa a atrair proprietários de terras e de engenhos de açúcar de Itu, já que suas terras estavam cansadas. Assim, Piracicaba entrou no ciclo açucareiro paulista, composto por Mogi Guaçu, Sorocaba e Jundiá o “quadrilátero do açúcar” e passou a ser área agrícola o que provocou crescimento populacional e desenvolvimento econômico (TERCI, 2001, p.21).

A situação de crescimento econômico de Piracicaba coincidiu com a “crise do colonialismo português” (TERCI, 2001, p.21), que ocorreu com o desenvolvimento econômico dos países europeus que estavam passando pela Revolução Industrial e Revolução Francesa. Os objetivos da colonização portuguesa no Brasil introduziram o caráter agroexportador da economia. O Brasil não passou pela Revolução Industrial. Portugal e Espanha também não seguiram essa tendência por não possuir avanços na economia interna. Sendo assim continuaram no sistema colonial, importando produtos tropicais das colônias e dependendo da produção industrial de outras nações. A crise do colonialismo culminou na independência do Brasil, apenas em 1822.

O pensamento liberal que se iniciou nas principais nações européias atingiu a Colônia, os comerciantes e produtores desejavam negociar livremente os seus produtos. Para Terci (2001, p. 22), embora não houvesse ainda uma consciência liberal em Piracicaba, a prática considerava o liberalismo da mesma maneira que era defendido em todo país, ou seja, na luta pelo fim dos interesses dos proprietários de terra,

produtores de açúcar e negociantes, buscavam a quebra do monopólio que dificultava a exportação dos produtos e transformação da Freguesia de Piracicaba em Vila, para ganhar representação. Desejavam a emancipação de Piracicaba pois ela era comandada pelo capitão mor de Itu, que submetia a Freguesia as suas ordens e desordens.

Para Terci (2001, p. 23), apesar da relação *senhor-escravo* ser a base da economia agroexportadora nesse período, ela não era a única, pois a produção e a comercialização agrícola criaram diversas atividades para homens livres. O quadro econômico social, na Freguesia de Piracicaba em 1822, foi descrito por Terci (2001), com os seguintes elementos:

Contavam-se na Freguesia 306 fogos, dos quais registram-se 132 agricultores, 32 senhores de engenho, 20 artesãos, 10 negociantes, 14 profissionais rurais, 43 que vivem de suas agências, 39 que vivem de seus jornais. 3 esmoleres e oito sem declaração de ofício. A população livre compunha-se de 1398 indivíduos, sendo 985 brancos, 40 caboclos, 367 pardos e seis negros. Contabilizando-se, ainda, 956 escravos, somando ao todo 2430 habitantes (TERCI, 2001, p. 23).

Na segunda metade do século XIX, a dimensão política e econômica da cidade de Piracicaba começava a se alterar com a nova conjuntura que surgia. Os progressos na lavoura de café e a necessidade de aumentar a produtividade impulsionaram as atividades urbanas e industriais, voltadas à comercialização e exportação. Porém a expansão cafeeira para o Oeste Paulista acarretava altos custos de transporte e altos gastos com a aquisição de escravos (em função da crise de abastecimento externo ocasionada pela proibição do tráfico em 1850). Esses fatores levaram ao estabelecimento de ferrovias e melhoria no processo de beneficiamento de café e depois a abolição de escravos.

A principal preocupação da Câmara de Piracicaba, criada em 1822 quando realizou a sua primeira reunião, era a de escoar a produção. Assim foi construída a ponte sobre o Rio Piracicaba, vital para o caminho que levava a Cuiabá. Em 1874 a cidade recebe um ramal ferroviário e em 1877 iniciou o transporte fluvial com o vapor “O Explo-

rador”. O Brasil estava passando pelo período de transição republicana e se inseria em um quadro de transformações no capitalismo mundial, com a Segunda Revolução Industrial, em que a internacionalização da economia era muito importante (TERCI, 2001, p. 39).

Esse novo momento fez com que a cidade se transformasse em um espaço para o “exercício da civilidade e aplicação de capital” (TERCI, 2001, p. 43). Então surgiram alguns empreendedores, dentre eles se destacam, em 1862, Peter ou Pedro Krahenbuhl, suíço, que instala uma oficina mecânica e comércio de ferragens, nas margens do ribeirão Itapeva. A denominada Indústria Kraembuhl. Em 1872 Luiz Vicente de Souza Queiroz chega em Piracicaba para tomar posse da herança que seu pai havia deixado. “Entre os bens herdados estava a Fazenda Engenho d’Água”, localizada as margens do Rio Piracicaba. Luiz de Queiroz tinha a intenção de criar uma fábrica. Pediu à Câmara permissão para fechar algumas ruas que davam acesso ao rio, o que foi autorizado. Em 1874 foi fundada a Fábrica de tecidos Santa Francisca (TERCI, 2001, p.43).

Em seguida foram instalados duas importantes indústrias de álcool e açúcar. O Engenho Central, que se instalou em frente à fábrica de tecidos, em 1881, por Dr. Estevão Ribeiro de Souza Rezende, no momento em que “a economia agrária estava mais ligada a industrialização e o Engenho Central de Monte Alegre, montado na propriedade do Marquês de Monte Alegre, em 1897.

A seguir apresentam-se mais detalhes dessas indústrias referenciadas acima e de outras em diferentes ramos. É importante ressaltar que todos esse empreendimentos selecionados foram instalados às margens do rio Piracicaba e do seu afluente Ribeirão Itapeva.

### **2.3.3 A economia de Piracicaba durante a primeira grande guerra e a crise de 1929**

A Primeira Guerra Mundial é considerada como marco do século XX para diversos historiadores. Foi através da Primeira Grande Guerra que novas correlações de forças se estabeleceram no mundo, marcando

o declínio da Europa e a ascensão dos EUA à condição de principal potência mundial.

O desenvolvimento da guerra foi resultado de diversos conflitos menores que envolviam disputas comerciais e militares que deram origem a todos os conflitos de expansão capitalista e imperialista das potências econômicas. O Brasil sofreu com a queda das exportações do café, levando a economia paulista a enfrentar uma crise econômica generalizada. Porém, Piracicaba não sofreu muito com a crise, já que não possuía grandes latifúndios e as pequenas propriedades produziam de tudo. O café já tinha deixado de expandir desde 1905 e a cana-de-açúcar e o algodão continuaram a crescer.

Segundo Netto (2000, p.184), o jornal Correio Paulistano chegou a exaltar a prosperidade do município em 1914 escrevendo que “Piracicaba na vanguarda dos municípios progressistas do Estado. Nesse bem fadado município não se fala em crise, nem desolador foi ali o efeito do momento que atravessamos”. Segundo o jornal, o segredo desse “bem estar” estava na policultura, na divisão das grandes propriedades e extinção dos latifúndios.

Piracicaba reagiu bem também na crise de 1929. Enquanto a atividade econômica regrediu em quase todos os países do mundo capitalista e o desemprego atingiu taxas elevadíssimas, o município conseguiu se superar. Segundo Emerique (s.d., p.7) nas décadas de 20 e 30 a iniciativa empresarial e o conhecimento do imigrante deram início ao desenvolvimento industrial em Piracicaba.

Em 1935 o predomínio da pequena propriedade agrícola em Piracicaba se torna uma realidade, onde de um total de 2.640 propriedades, 2.254 tinham menos de 25 alqueires, 307 até 100 e apenas 79 tinham mais de 100. Essas propriedades produziam uma variedade de produtos agrícolas, entre eles, mandioca, mamona, batata etc (BILAC et.all, 2001, p.33)

Com a modernização do parque industrial, a cidade acompanhava a dinâmica das outras regiões do país em termos de desenvolvimento nacional. Porém, a partir dos anos 40 o processo de industrialização brasileiro passou por uma série de problemas devido à dificuldade pa-

ra importar os equipamentos necessários para lhe dar suporte (BILAC, et.all, 2001, p.37)

Bilac e Terci (2001, p.122 e 123) e Emerique (2014), destacam que na década de 1940, o processo de industrialização acelerou-se em Piracicaba, paralelamente à boa dinâmica da agroindústria. Cabe aqui ressaltar que desempenhou papel relevante para esse processo o Grupo Dedini, fundado em 1920, originalmente como oficina de consertos e reparos de peças para usinas e engenhos de açúcar, criada por Mario Dedini, um imigrante italiano que trabalhava em uma usina da região. Essa oficina deu origem a um grande empreendimento voltado para o equipamento e manutenção das novas usinas. Emerique efetua uma análise pontual do que ocorria em Piracicaba na crise de 1929.

“Após as décadas de 1920 e 1930, Piracicaba viu seu processo de industrialização, comandado em grande parte por capitais locais, acompanhar a industrialização brasileira e especialmente da metrópole paulista. A disponibilidade de mão de obra assalariada e consumidora se tornava grande incentivo para novos investimentos industriais, que por sua vez atraíam ainda mais trabalhadores do campo para a cidade, como também de outras regiões do país e do mundo para o centro-sul brasileiro”. (EMERIQUE, 2014, p. 181)

No período de 1930 até 1936, Piracicaba passa por grandes mudanças econômicas. Mario Neme, elabora um comparativo de receitas municipais, valores de poupança popular, dentre outras movimentações na cidade para esse período, e identifica que, apesar da crise que afetava todo o mundo, Piracicaba estava se desenvolvendo (NETTO, 2000, p. 185).

## **2.4 Atividades instaladas nas margens do rio Piracicaba e afluentes.**

### **2.4.1 A Rua do Porto**

É em torno do rio Piracicaba que se instalou a primeira concentração populacional de sertanejos, posseiros e sesmeiros. Sendo assim; Piracicaba reproduz o cenário brasileiro de se formar povoações ao re-

dor dos rios. A abundância de água foi um fator relevante para a expansão das atividades cafeeira e canavieira. “era a beira rio que a vida acontecia” (PERES, 1977).

O primeiro registro que se tem do nome Rua do Porto é de 9 de abril de 1863, quando a Câmara teve que pagar a Oliveira Leme por plantar uma árvore ao redor da Matriz da Rua do Porto (NETTO, 2000, p.77), antes de ser conhecida como Rua do Porto era chamada de Rua da Praia.

O rio abrigava em suas margens casas que se comunicavam diretamente com a Rua do Porto. Essas eram de famílias pobres e dedicadas a pesca, que buscavam extrair das águas do rio o seu sustento. Em suas margens abrigava também a Cerâmica Nering fundada em 1907, olarias, que extraíam argila ou barro dos arredores do rio para o fabrico de telhas, tijolos, louças e outras peças, e o Clube de Natação e Regatas, destinado ao esporte, lazer e recreação (PERES, 1977).

A população ribeirinha e toda a população piracicabana presenciou nos anos de 1929, 1934 e 1937 grandes enchentes. A enchente não provocava transtornos somente para os moradores da Rua do Porto, mas também para a população da cidade, quando as principais vias de comunicação estavam inundadas. O principal motivo da enchente era o rompimento de represas devido ao excesso de chuvas (PERES, 1977). A autora se refere as barragens do ribeirão Claro e do rio Corumbatais ligadas a hidroelétrica de Corumbataí, no município de Rio Claro-SP, que entrou em operação em 1895. (MELLO, 2011, p.9)

Para impedir o êxodo das famílias da Rua do Porto, afetadas pela enchente, os moradores eram solidários, doavam roupas, toalhas e alimentos e muitas vezes ofereciam suas casas para os desabrigados. Essa área era habitada por imigrantes, por pobres e por negros, que apesar da discriminação social se empenhavam em ajudar toda a vizinhança.

Aparentemente, a discriminação social a tal população provocada pelo desenvolvimento da cidade fortalecia as relações entre as famílias ribeirinhas, que compartilhavam suas casas com seus vizinhos e ti-

nham a rua como um espaço de socialização. É possível, então, perceber a cidade dividida entre a região pobre e a região rica.

Essa distinção das classes foi impulsionada pelo período de transição do trabalho escravo para o trabalho livre que ocorreu nos séculos XIX e XX períodos marcados também pelo crescimento da indústria, desenvolvimento das cidades, entrada de uma massa de imigrantes, inovações tecnológicas, que davam a sensação de que o que havia sido escrito sobre o país não correspondia mais à realidade (NOVAES, 2008, p. 3).

É possível falar em uma crise de identidade, em que se tem uma nova forma de “reconhecimento de si próprio e dos outros”, ou seja, há uma nova forma de reconhecimento da identidade nacional. Aqueles que viviam na cidade procuravam destruir os aspectos considerados arcaicos, excluir ou esconder todas as características que remetiam ao passado imperial e escravocrata e buscavam a modernização da nação (NOVAES, 2008, p.3).

Em Piracicaba tentaram afastar as práticas de lazer, vistas como atrasadas, da área central da cidade, onde estariam reservadas às práticas civilizadas e refinadas. Os locais eram o Jardim Público, o Teatro Santo Estevam e o Clube Piracicabano. Em 1892, a Câmara de Piracicaba e a polícia proibiram a instalação de jogos e bebedeiras no centro da cidade, restringindo essas ações no perímetro urbano ao Largo Santa Cruz e à Rua do Porto. Sendo assim, locais como a Rua do Porto e o Largo Santa Cruz eram considerados sem higiene, lugar onde poucos se atreviam a frequentar (NOVAES, 2008, p.3).

## 2.4.2 Principais empresas

### **Canoas e barcos**

Piracicaba foi um lugar propício para a construção de canoas e barcos para a navegação fluvial. Inclusive essa atividade já existiam através dos índios que utilizavam o rio, antes mesmo da povoação (OEHLMEYER, 2004).

Piracicaba possuía uma situação natural favorável, que propiciava a fabricação de canoas, pois, nas margens do rio existia muita madeira, e o fabrico de canoas era a principal atividade econômica na origem da cidade. A madeira utilizada era da árvore *ximbaúva*, excelente para a construção de canoas e barcos por ser fácil de trabalhar, durável e resistente a umidade. As matas próximas a Porto Feliz (Araraitaguaba), já tinham sido agredidas pela retirada da peroba e tamburi, então a solução foi buscar madeiras em Piracicaba que possuía uma fábrica que deixou de funcionar em 1777, ano em que o forte de Iguatemi foi tomado pelos espanhóis

Piracicaba fornecia mantimentos e canoas para expedições que desciam pelo rio para o *forte*, no entanto, sua história e progresso estão ligados à Iguatemi, segundo Oehlmeyer (2004). Deve-se a colônia de Iguatemi a criação do primeiro estabelecimento “industrial” de Piracicaba, uma fábrica de barcos.

“As canoas eram embarcações feitas de um só tronco de peroba ou timbouva com cinquenta a sessenta pés de comprimento, cinco e meio pés de largura, até quatro pés de fundo e podiam levar uma carga de até quatrocentas arrobas”. Elas eram fabricadas nas matas do rio Piracicaba, como cita o autor Netto (2000, p.31).

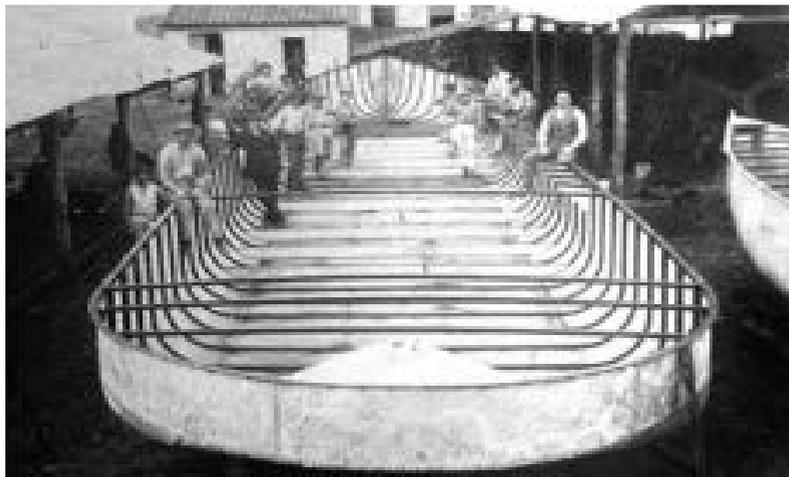
### **Estaleiro de João Botene**

A tradição da construção de barcos é mantida em Piracicaba, permanecendo nos séculos 19 e 20, conforme registros de Cecilio Elias Netto: “Essa tradição permaneceu atravessando os séculos 19 e 20, quando a navegação fluvial foi uma realidade. As famílias Bottene e Adâmoli foram grandes especialistas nessa arte”. (NETTO, 2013).

O estaleiro, segundo Netto (2013), fora construído na década de 1920, na rua Voluntários de Piracicaba, quase esquina da Armando Salles de Oliveira, sob a qual está o ribeirão Itapeva. A empresa “Bottene & Filhos” foi fundada pelo pai de João Pietro Bottene com a produção inicialmente de charretes, enxadas, parafusos e posteriormente na construção de barcos, como destaca Netto (2013):

A Figura 08, a seguir, ilustra a construção de barcos na época.

**FIGURA 08** – Piracicaba-SP. Embarcação sendo construída no estaleiro João Bottene. na década de 1920.



Fonte: (NETTO, 2013)

### **Olarias**

No século XIX, a principal atividade no Brasil era a cafeicultura e nesse mesmo período se iniciou a transição do sistema escravista para o sistema de trabalhadores livres. O pioneiro na introdução do trabalho livre na lavoura de café foi Nicolau de Campos Vergueiro, um importante político, lavrador de café e dono de terras na Província de São Paulo. Ele fixava colonos em suas fazendas sob o regime de parceira. O que resultava na formação de camponeses e pequenos proprietários (FERRÃO, 2014, p.3).

Em 1847, Vergueiro contratou 64 famílias alemãs para trabalhar em sua fazenda. A situação que os colonos europeus se encontravam no Brasil era muito insatisfatória, estavam instalados em casas térreas feitas de pau a pique. As técnicas de construção (pau a pique e taipa de pilão) não eram conhecidas pelos imigrantes alemães, eles também não sabiam manusear as ferramentas utilizadas na produção agrícola. Sendo assim, um grupo voltou para a Europa para buscar mais imigrantes e para trazer equipamentos e ferramentas (FERRÃO, 2014, p.4).

Quando voltaram ao Brasil montaram serrarias e olarias de tijolos. Quando conseguiram dinheiro suficiente se instalaram em Piracicaba. Em 1853, o alemão Phellip Diehl abre a olaria e a cerâmica de telhas francesas. Os imigrantes que estavam habitando em Piracicaba se especializaram nas atividades comerciais e industriais e em meados de 1880 os alemães começaram uma nova atividade, a construção de casas, utilizando materiais do próprio grupo (FERRÃO, 2014, p.7).

Ainda na margem esquerda do rio, no atual Parque da Rua do Porto, existiam muitas olarias, que extraíam argila para a produção de tijolos e telhas. Encontrava-se na Rua do Porto olarias, tais como a Cecílio Elias e a da família Nehring, para o fabrico de tijolos e telhas cerâmicas. A região era habitada por funcionários das olarias e pescadores que tiravam seu sustento das águas do rio. (OTERO, 2014, p.6).

### **Indústria Krahenbuhl**

Piracicaba também foi uma das pioneiras na industrialização no estado de São Paulo, depois da fábrica de canoas, a primeira indústria foi a Krahenbuhl, criada por suíços à beira do rio Itapeva, que é um afluente do rio Piracicaba. Em 1862, Peter ou Pedro Krahenbuhl, um imigrante suíço, desembarca no Brasil com sua esposa e filhos, buscando melhores condições de vida. Eles se instalaram em Piracicaba e com a ajuda dos seus filhos mais velhos, Frederico e João, constrói uma oficina mecânica para oferecer manutenção a carroças e charretes, à beira do córrego Itapeva (ROMANELLI, 2011) ao lado da oficina se instalou um comércio de ferragens.

Romanelli (2011) afirma que “pelos Krahenbuhl passa a história industrial de Piracicaba”. Tomando como referência o Almanaque de Piracicaba (1955). As oficinas dos Krahenbuhl foram a primeira oficina metalúrgica do Estado de São Paulo, em 1870, as oficinas tinham 40 operários.

Por consequência outras empresas começaram a aparecer. A segunda indústria foi A Companhia Industrial e Agrícola Boyes. Inicialmente chamada “Fábrica Santa Francisca”, foi fundada por Luiz Vicente de Souza Queiroz, filho do Barão de Limeira.

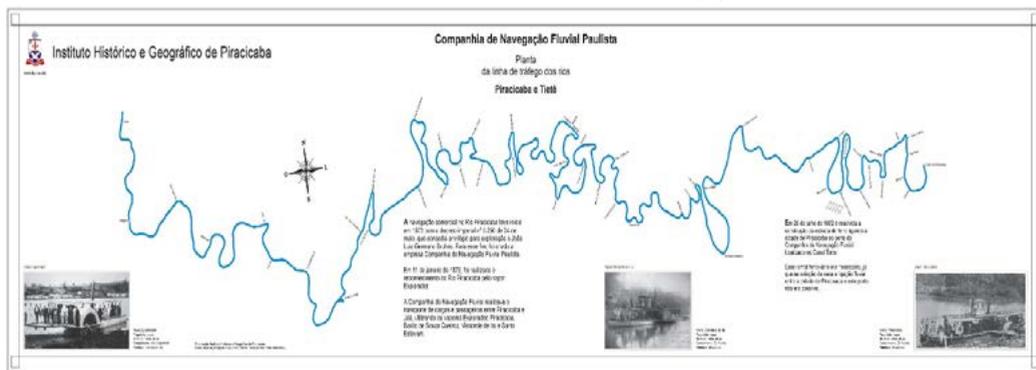
## A Companhia de Navegação Fluvial Paulista

Piracicaba foi pioneira na navegação fluvial em São Paulo. Durante o século XX, diversas vezes tentaram explorar a navegação no rio Piracicaba, mas em 24 de maio de 1873, sob orientação de Francisco Antônio de Souza Queiroz, João Luiz Germano Bruhns e Joaquim Soares Franco foi criada A Companhia de Navegação Fluvial Paulista e o primeiro navio foi o Explorador (NETTO, 2000, p.51)

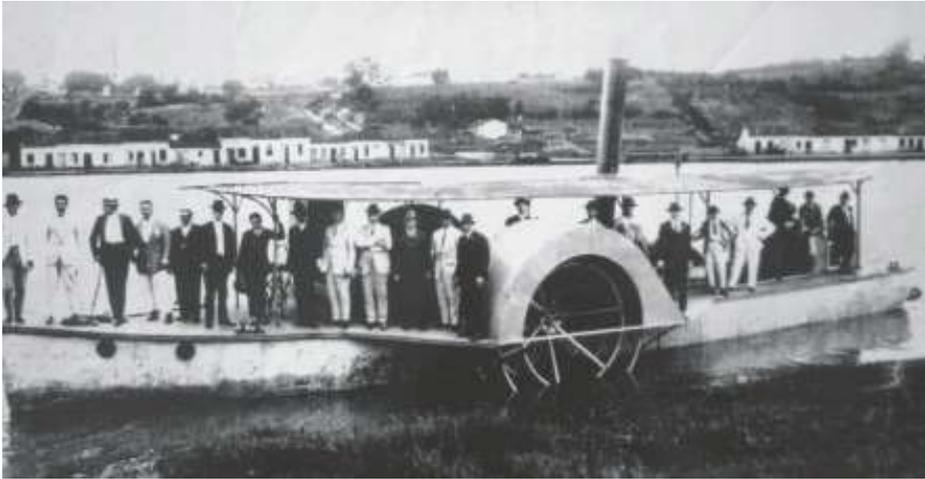
Porém, a navegação fluvial que tinha sido um orgulho para a população, entrou em crise. Havia uma conexão entre os embarques nos vapores fluviais no porto João Alfredo (Ártemis) e as saídas do trem da Ituana. As pessoas se preparavam para embarcar a negócios ou a passeio, mas o transporte não funcionava adequadamente. O povo começou a reclamar, até o comércio de carnes foi afetado. Como não existia geladeira nessa época, a carne era conservada no sal, não havendo transporte rápido, reclamavam do preço e da quantidade de carne que eram vendidas.

As figuras a seguir mostram respectivamente, as linhas de tráfego dos rios Piracicaba e Tietê. O Explorador (o primeiro navio lançado no rio Piracicaba) foi o “Vapor Piracicaba”:

FIGURA 3 – Piracicaba-SP - Companhia de Navegação Fluvial Paulista



Fonte: Acervo do IHGP

**FIGURA 4** – Piracicaba-SP – Vapor o Explorador

Fonte: Acervo do IHGP

**FIGURA 5** – Piracicaba – SP “Vapor Piracicaba”

Fonte: Acervo do IHGP

## **Fábrica Santa Francisca**

A Fábrica de Tecidos Santa Francisca foi a segunda indústria do município de Piracicaba, como citado anteriormente, fundada em 1873 por Luiz de Queiroz e movida pela força hidráulica do Rio Piracicaba.

O lugar em que a fábrica foi instalada pertencia a Manuel Rodrigues Jordão e era conhecida como Fazenda Engenho d'Água, foi adquirida pelo Barão de Limeira e após a sua morte foi passada por herança ao seu filho, Luiz de Queiroz (CACHIONI, s/d, p.7).

Para a instalação da tecelagem foi realizado um pedido de concessão para montar uma usina de força no Rio Piracicaba, como o maquinário era escasso, o empresário os importou da Inglaterra, além de trazer técnicos especializados da Bélgica, já que no Brasil não havia mão de obra especializada. “Na ausência de serrarias as esquadrias das janelas da construção foram feitas à mão” e como não havia cultura de algodão disponível, Luiz de Queiroz passou a plantar e comprar de outros pequenos produtores, os quais ele incentivou a produzir (CACHIONI, p.7).

Em 1874, no mês de julho, as obras tiveram início e o engenheiro responsável foi o inglês Arthur Drysdem Sterry (CACHIONI, s/d, p.7). Em 1876, a fábrica foi inaugurada, realizando trabalhos de fiação com cinquenta teares para setenta operários, produzindo 2400 metros de tecido por dia, o que acarretou fortuna para Luiz de Queiroz. O empresário instalou uma linha telefônica entre a tecelagem e sua Fazenda Santa Genebra e adquiriu barcos para transporte fluvial da produção da fábrica. A partir de 1877, por meio da ferrovia da Cia. Ituana de Piracicaba, passou a se comunicar com Capivari, Indaiatuba, Jundiaí, São Paulo e Santos. No entanto, era a navegação fluvial nos rios Piracicaba e Tietê que ligava São Paulo a São Pedro, Dois Córregos e Jaú, na margem direita de Botucatu e Lençóis a esquerda (CACHIONI, s/d, p.8).

De acordo com Terci (2001), a fábrica além de empregar trabalhadores nacionais, empregava operários ingleses, franceses, belgas e italianos. “A matéria prima utilizada não provinha de Piracicaba, já que no fim da década de 1870 a cultura de algodão estava em decadência em Piracicaba”. O produto era vendido em São Paulo, Paraná e Rio de Janeiro. (TERCI, 2001, p.43).

Em outubro de 1897, a Fábrica Santa Francisca foi vendida ao Banco da República do Brasil, quando Luiz de Queiroz decidiu fundar

a Escola de Agricultura na Fazenda São João da Montanha. Em 1902, a fábrica foi comprada por Rodolpho Miranda e a tecelagem passou a se chamar Fábrica de Tecidos Arethusiana. Alguns anos depois, em 1912, a Fábrica foi novamente vendida, quem a comprou foi a Sociedade Anônima Manufatora Piracicabana e em 18 de março de 1918 passou a pertencer à Boyes e Cia. Sociedade composta pelos irmãos Herbert James Singleton Boyes e Alfred Simeon Boyes (CACHIONI, s/d, p.8).

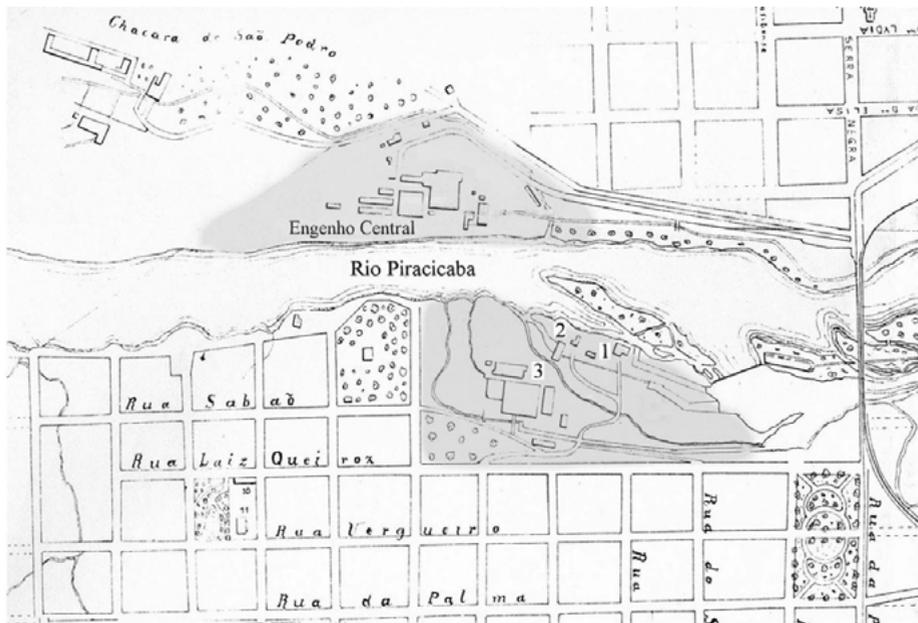
O conjunto fabril passou por uma série de vendas e várias reformas, o que o fez perder as características originais. Quando o conjunto foi comprado pela Boyes, passou por uma reforma e assumiu linhas Art déco. Após a falência da Boyes a fábrica foi fechada e assim permanece até os dias atuais. Foi tombada pelo município e adquirida por empresários.

### **Engenho Central**

A terceira indústria é o Engenho Central, que se instalou em frente a fábrica de tecidos. Foi fundada em 1881 por Dr. Estevão Ribeiro de Souza Rezende, no momento em que “a economia agrária estava mais ligada à industrialização” (CACHIONI, p.9). O fundador do Engenho foi o Dr. Estevão Ribeiro de Souza Rezende, que posteriormente se tornou o Barão de Rezende. Segundo Guerrini (1970), citado por Cachioni. Em 7 de janeiro de 1881 foi lida uma representação de vários cidadãos do município de Piracicaba, solicitando Câmara informações que se referiam ao estabelecimento de um Engenho Central. As informações foram dadas e a Câmara determinou que “fossem transcritas no respectivo livro, oferecidas pela comissão indicada”. A indústria prometia processar toneladas de cana de açúcar com mais rapidez do que os engenhos artesanais, pois era movida pela força da água e não por força de mulas. Porém, por falta de matéria prima e em função da situação do mercado Dr. Rezende decidiu vender a indústria. Em 1899 foi comprada por Durocher, Fernand Doré e Maurice Allain e passou a ser chamada de “Sucrerie de Piracicaba”.

Na Figura 06 a seguir é possível observar o Engenho Central às margens do Rio Piracicaba:

**FIGURA 6** – Engenho Central; nº 1 Empresa Hidráulica;  
nº 2 Usina Elétrica; nº 3 Fábrica de Tecidos Santa Francisca



Fonte: ROMANELLI (2013)

Em janeiro de 1881, o Barão de Rezende fundou o Engenho Central “com um capital de rs. 4000:000\$000” (CACHIONI, s.d. p.9). Os seus sócios acionistas faziam parte de famílias tradicionais do município de Piracicaba. As máquinas foram encomendadas na França, na firma Brisson e a empresa foi fundada com um prazo de vinte anos de funcionamento. Em maio, especificamente dia 3, o Barão investiu parte de suas terras na Fazenda São Pedro para a instalação do engenho. Quatro dias depois, em 7 de maio de 1881, D. Pedro II assinou o Decreto Imperial nº 8.089, concedendo ao Engenho Central de Piracicaba autorização para funcionar. Antes de terminar o ano, chegou da França no dia 18 de novembro, a primeira remessa de maquinaria tendo início a sua montagem sob a direção de Antonio Patureaux e Fernando Desmoulin e, em outubro de 1882, as máquinas do Engenho Central foram acionadas colocando em funcionamento o complexo agroindustrial. “O

edifício era composto de oito cilindros, com entradas automáticas das canas e saída do bagaço pelas fornalhas, com três geradores da força, com trinta e cinco metros de altura e três tanques de cobre para saturar a garapa". (CACHIONI, s/d, p.10).

Em função das más condições do mercado e pela insuficiência de matéria prima, o Engenho Central estagnou e em 1888 o Barão de Rezende passou a ser seu proprietário exclusivo. Em 1891, apenas dois anos depois o Engenho Central passou a se denominar Cia. Niágara Paulista, sendo sócio do Barão de Rezende, Cícero Bastos que inseriu o seu capital. Sem conseguir grande sucesso, o Barão de Rezende decidiu vender o engenho em 1899 para três franceses: Sr. Durocher, Fernand Doré e Maurice Allain com a nova denominação Sucrerie de Piracicaba. No ano de 1907 foi fundada a sociedade anônima Societé de Sucrerie Bresilliennes com a presidência de Maurice Allain, o qual a presidiu até 1932, sendo sucedido por Pietre Allain (CACHIONI, s/d, p.10).

### **Usina Monte Alegre**

O Engenho Central de Monte Alegre foi montado na propriedade do Marquês de Monte Alegre, adquirida no início do século XIX. A propriedade situada a margem esquerda do rio Piracicaba como se pode observar na figura seguinte, foi avaliada em 10:822\$160, contendo "vasta terra, 24 escravos, casa de engenho, casa de purgar, senzalas, monjolo, olaria para telhas, alambique, duas rocas, dois novilhos, dois bois" (ROMANELLI, 2014).

Terci (1991, p. 155), refere-se ao ano de 1887 como constituição do Engenho Central de Monte Alegre. A Figura 07 mostra o Mapa da localização da Usina de Monte Alegre.



### 2.4.3 Energia Elétrica, captação de água e água encanada

#### Energia elétrica

Em 6 de setembro de 1893; Piracicaba já contava com sistema de iluminação elétrica. O município foi o segundo da América do Sul a contar com este serviço. Por iniciativa de Luiz de Queiroz, foram iluminadas as ruas Prudente de Moraes, São José, Alferes José Caetano, Direita, do Comércio, da Glória, 13 de Maio e Santo Antônio.

O jornal Gazeta de Piracicaba, em 7 de setembro, publicou que a cidade de Piracicaba estava contando com um melhoramento, porém o serviço era incompleto, já que o material não foi suficiente para que toda a cidade fosse iluminada, estavam funcionando 120 lâmpadas de 32 velas, das 235 constantes do contrato. A luz permanecia intensa, consequência da grande força hidráulica e dos excelentes materiais utilizados, todos oferecidos por Luiz de Queiroz e comprados na Thompson Houston (GUERRINI, 2010, p.56).

Luiz de Queiroz também instalou fogões elétricos em algumas casas de famílias, o que era novidade na época. Em 7 de setembro, realizou-se uma grande movimentação popular para comemorar a inauguração da luz elétrica.

#### Captação de água e água encanada

A situação da água foi uma questão difícil desde os primórdios da população de Piracicaba. As pessoas utilizavam as águas do rio Itapeva e do rio Piracicaba e as nascentes que as autoridades transformavam em chafarizes ou bicas para facilitar a coleta.

Algum tempo depois, em quase todas as casas havia um poço que podia abastecer quatro ou cinco vizinhos. Em 1824, pela primeira vez, se registrou na Câmara Municipal de Vila Nova da Constituição, um feito relativo a água. Porém, apenas alguns anos depois, com o envolvimento do engenheiro João Conceição, do vereador Albano Augusto do Canto e de Fernando de Mattos, houve tentativas de se criar um serviço de água municipal.

Foi em 1885, que tal serviço surgiu, com João Frick e Gregório Gonçalves Castro. Segundo jornais da época, João Frick era engenheiro hidráulico, natural de Lisboa, 45 anos e genro do Visconde de Mauá. A empresa Frick & Cia, adotou nome fantasia de Empresa Hidráulica de Piracicaba, e em 1886 o engenheiro Carlos Zanotta inicia os trabalhos de escavação para a construção de reservatórios.

O serviço de água localizado na avenida Beira Rio foi inaugurado em 26 de maio de 1887 e havia um contrato com a Câmara que garantia o fornecimento de 250 litros de água por dia para cada casa. A água do rio Piracicaba abastecia a cidade. A água do salto era canalizada e por meio de máquinas e bombas é levada ao depósito situado a dois quilômetros da cidade (CARRADORE, 2009).

Em 4 de outubro de 1898, o serviço de esgoto teve início, sob o comando do engenheiro Bernadino Queiroga, começando na Rua do Porto e subindo até a Rua Moraes Barros (NETTO, 2000, p.50).

#### 2.4.4 Pesca, Festas, Recreação, Esporte, Lazer e Turismo

##### Pesca

Rodolfo Von Ihering, citado por Neme (2009), explica que, quando chega a época de desova, os peixes sobem os afluentes do Tietê e esperam que as condições atmosféricas se tornem propícias para que possam nadar para o meio do rio e depositar nas águas os ovos, que a corrente leva para as margens. Os três últimos meses de cada ano e os dois primeiros do ano seguinte é marcado pela piracema dos peixes, ou subida dos peixes. Os peixes ficam durante meses em uma região conhecida como “lar de desenvolvimento e engorda”, eles aguardam o período favorável para a reprodução para migrar até os lares de reprodução, localizadas nas partes altas do rio, as chamadas cabeceiras (NEME, 2009).

As margens devem ter um leve declive e ter muita erva, se as margens forem a pique, os peixes continuam subindo, seguindo a corrente. Os ovos protegidos por uma fina e delicada película são arrastados para a margem e ficam retidos pelo capim. O momento de reprodu-

ção é influenciado por fatores climatológicos. como aumento do volume das águas. fatores físicos. químicos e bioquímicos e do sistema endócrino. A temperatura e a tranquilidade das águas protegem o embrião que logo se desenvolve (RODRIGUES, 2005, p. 67)

O peixe mais popular no Rio Piracicaba foi o dourado, suas desovas eram abundantes. possuíam comprimento de 60 cm, idade de 2 anos e peso de 3.5 a 4.0 kg. desovam de 600.000 a 700.000 óvulos. Os exemplares possuíam 1 metro de comprimento. peso de 14 a 16k g. idade de 5 a 6 anos. desovam de 2.4 a 2.6 milhões de óvulos. Outro peixe muito conhecido no rio é o Curimbatá. os peixes, exemplares chamados de curimbatá-uvu, chegavam a 0.80m de comprimento com desovas de 800.000 a 1 milhão de óvulos. Em condições naturais. acredita-se que sejam fertilizados de 5% a 6% dos óvulos. Desses só 1% a 2% conseguem chegar à idade adulta. (RODRIGUES, 2005, p. 67)

O dourado era pescado no salto. com tarrafa e vara, no rio com rede, vara de espera, pindacuema e espinhel. Esse peixe se tornou um dos pratos principais da cozinha piracicabana (NETTO, 2000, p. 84).

Outros peixes pescados no rio eram piracanjuba, lambari. rabo vermelho. tambuí. mandi e jaú. Logo abaixo do salto a pesca era realizada de sondá, de espinhel, de vara, tarrafa, laço e de bater no assento do barco, nesta última era preciso preparar uma canoa do tipo caboclo. feita do fuste de uma árvore grande. na borda esquerda estendia-se um algodãozinho em todo o comprimento da canoa. preso por fueiros como uma vela de navegar". os homens conduziam em silêncio a canoa até o rio e em um determinado momento se sentavam rapidamente nos assentos. isso assustava os peixes que pulavam da água, batiam no algodãozinho e caíam no barco.

De acordo com Neme, em 1935, a produção da pesca no Rio Piracicaba. atinge cerca de 100.000 quilos de peixes diversos, deste total, um terço era vendido para São Paulo e Campinas (NEME, 2009).

## **Festa do Divino Espírito Santo**

Fundamental para o Turismo na época e até os dias atuais, a Fes-

ta do Divino Espírito Santo que é realizada desde 1826. Ela promove o encontro dos barcos dos devotos no meio do rio e é uma manifestação religiosa e folclórica que reúne centenas de fiéis, essa festividade é muito bem descrita e retratada por (CARRADORE, 2009).

Viegas Muniz, através de sua fé religiosa, em 1826, decidiu promover o encontro das bandeiras no rio Piracicaba. A Festa do Divino Espírito Santo é uma manifestação cultural, religiosa e folclórica, que ocorre todos os anos na segunda quinzena de julho. A principal característica da festa é a procissão fluvial com o encontro dos barcos dos devotos no meio do rio Piracicaba, que desembarcam na margem onde realizam ofícios religiosos no Largo dos Pescadores. Após a missa, à noite, é servido um jantar com comida típica e a tradicional roda de violeiros.

### **Esportes aquáticos**

Os Estudantes da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, criaram em 4 de agosto de 1907, o “Clube de Natação e Regatas de Piracicaba” e em 12 de outubro formaram a primeira diretoria composta por Pedro Miranda Ornellas, Oscar Werneck, Joaquim Mendes, Amaral Franco, Edgard Pimentel, Lafaiete Camargo, Modesto Lopes e Humberto Cosentino. A primeira competição foi nesse mesmo dia, 12 de outubro de 1907, com uma regata entre os associados, na disputa entre barcos, cujos tripulantes eram Martiniano Medina, Amaral Franco, José de Melo Moraes, Paulo Leitão, Gastão Machado, Plínio Pompeu Piza, Otávio de Toledo, Irineu Pedroso, Bernardo Lorena, Modesto Lopes e Otto Bohemer (NETTO, 2000).

O Clube de Regatas era um importante local de lazer e recreação, reunia família, amigos e jovens em suas competições. O marco de sua história foi “o grande raide fluvial Piracicaba-São Paulo, realizado numa distância de 800 quilômetros ao longo dos rios Piracicaba e Tietê” (NETTO, 2000).

A partir dos anos 60, o clube começou a entrar em crise pois, quando outros clubes começaram a surgir os precursores se afastaram.

O Clube foi então arrendado ao empresário Nelson Carrone Torres. No final da década de 90, o Clube de Natação e Regatas de Piracicaba tentou uma fusão com a Sociedade Palmeiras. A fusão não deu certo e os dois clubes foram extintos em 1999 (NETTO, 2000).

### **Lazer e Turismo**

O rio Piracicaba sempre foi uma importante área de lazer para a população local e para o turismo. Próximo ao salto, o Barão de Rezende, no fim do século XIX, implantou um mirante e um parque público para oferecer não só aos cidadãos locais, mas também aos cidadãos de toda região a contemplação das quedas d'água do rio e que foi remodelado entre 1906 e 1907 (CACHIONI, 2011, p.35)

As margens e o rio também eram importantes áreas de lazer e turismo, pois dentro do rio, até a metade do século XX, existiu um trampolim de mergulho em frente ao já extinto "Clube de Natação e Regatas de Piracicaba", que era o principal local de recreação e esportes (NETTO, 2000).

## **2.5 Economia de Piracicaba e contextualização regional, nacional e internacional**

Emerique (2014), elabora profunda análise das transformações da indústria em Piracicaba, em sua tese de doutorado. Essa análise é realizada no contexto regional, Brasil e mundo. O Quadro 03 sintetiza as principais características dessa formação econômica. O papel desempenhado pelo rio Piracicaba refere-se ao povoamento e produção da agrícola básica e base para todo o crescimento e desenvolvimento do município. Destaca-se que no período de 1940 até a década de 1980, a mudança do eixo econômico em desenvolvimento, estimulou o crescimento do mercado interno. (EMERIQUE, 2014, p.184)

Análise mais completa dessas relações regionais, com a inclusão da influência e impactos no rio Piracicaba, serão realizadas na finalização da outras três etapas desta pesquisa.

**QUADRO 03** – Caracterização dos períodos da história econômica de Piracicaba, comparada as diferentes escalas espaciais. Escala Regional, Brasil e a Global.

Escala	Período			
	1790-1815-1848	1848-1873-1896	1896-1921-1948	1948-1973
<b>Local</b>	Povoamento. Agricultura básica	Imigração Européia. Primeiras iniciativas industriais	Fundação das oficinas Dedini. Gênese Industrial. Atuação do Instituto do Açúcar e do Alcool.	Diversificação Setorial. Investimentos de Capitais Externos. Crise da indústria Tradicional
<b>Regional</b>	Quadrilátero do Açúcar. Início da expansão do café	Ciclo do Algodão e da Indústria Têxtil. Expansão das Ferrovias.	Urbanização. Industrialização	Desconcentração Industrial. Perda de participação relativa da indústria. “Distritos Industriais”.
<b>Brasil</b>	Bandeiras/ Interiorização. Mudança do pólo econômico para o sudeste. (mineração)	Abolição. Republica.  Predomínio do Café.	Projetos Nacionais de Desenvolvimento.  Modernização da Agricultura	A crise da dívida. Redemocratização.  Início e fim do Proálcool. Abandono do projeto nacional. Abertura Econômica
<b>Global</b>	1ª. Revolução Industrial	Industrialização na Alemanha e Japão	Segunda Guerra Mundial.  Revolução na periferia. Descolonização.  Guerra Fria	Choque do Petróleo e Neoliberalismo

Fonte: Adaptado de EMERIQUE (2014, p.185)

## 2.6 Principais datas de acontecimentos até a década de 1930. A cidade e o rio.

O Quadro 04 apresenta os principais acontecimentos na história de Piracicaba e seu rio, desde sua origem até a década de 1930. O Quadro é resultado do esforço de pesquisa realizada até o momento e

deve servir de guia para maiores aprofundamentos e continuidade da pesquisa para os períodos mais recentes.

**QUADRO 04** – Piracicaba - Principais datas de acontecimentos até a década de 1930.

<b>Ano</b>	<b>Principal acontecimento Histórico</b>	<b>Fonte</b>
1718	Descoberta das minas de ouro de Cuiabá. Período que antecede a povoação.	(GERRINI, 2009, p.16)
1767	A povoação de Piracicaba é fundada oficialmente por Antônio Correa Barbosa, na margem direita do rio.	(TERCI, 2001, p. 20)
1777	Espanhóis atacaram e arrasaram Iguatemi. com isso não havia mais necessidade de construir canoas. o que ocorreu em 1777. Portanto, os estudos históricos reconhecem que na colônia de Iguatemi foi criado o “primeiro estabelecimento industrial” de Piracicaba, uma fábrica de barcos. (antes de 1777)	(NEME, 2009, p.28) (OEHLMEYER, 2004)
1822	Foi construída a primeira ponte sobre o Rio Piracicaba	(TERCI, 2001, p.39)
1826	Cria-se a festa do Divino Espírito Santo.	(CARRADORE e BUZZELLO, 2009. p. 53)
1853	Phellip Diehl abre a olaria e a cerâmica de telhas francesas	(FERRÃO, 2014, p.7)
1870	Fundação das oficinas Krähenbühl (margens do ribeirão Itapeva)	(ROMANELLI, 2014)
1873	Piracicaba, considerada “pioneira na navegação fluvial”, funda a “Companhia de Navegação Fluvial Paulist”a e a primeira embarcação a operar era denominada: o “Explorador”	(NETTO, 2000, p. 51)
1873	Fundação da Fábrica Santa Francisca, futura Boyes.	(CACHIONI, s/d, p. 7)
1874	Construção da Ponte do Mirante (Irmãos Rebouças)	(IPPLAP, 2011, p.18)
1874	Piracicaba recebeu um ramal ferroviário, que entra em operação.somente a partir de 1922.	(TERCI, 2001, p. 39)
1877	Realiza-se o primeiro transporte fluvial com o vapor “O Explorador”.	(TERCI, 2001, p. 39)
1881	Fundação do Engenho Central.	(CACHIONI, s/d, p.9)
1887	Fundação do Engenho Central de Monte Alegre de Piracicaba	(TERCI, 1991, p.155)
1887	O serviço de água em Piracicaba foi inaugurado.	(NETTO, 2000, p. 50)

1887	Fábricas de Cerveja: Jacob Wagner. Sachs & Filhos e Manoel Barbosa Gomes. Próxima ao Salto do Rio Piracicaba	(GUERRINI, 2010)
1893	Piracicaba passa a contar com “iluminação elétrica”, o município foi o segundo da América do Sul a contar com esse serviço, por iniciativa de Luiz de Queiroz. que instalou a usina de geração de energia elétrica as margens do rio Piracicaba.	(IPPLAP, 2011, p.15)
1898	Em 04/1/1898 – É iniciado o serviço de captação de esgoto.	(NETTO, 2000, p.50)
1907	Os Estudantes da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz. fundam em 04/08/1907 o “Clube de Natação e Regatas de Piracicaba”.	(NETTO, 2000, p.129)
1907	O Barão de Rezende construiu um mirante para o Salto. remodelado com mais um pavimento. entre 1906 e 1907, denominado “Belvedere”.	(CACHIONI, 2011, p.35) Projeto Beira Rio (2014)
1922	Ano em que um trem partiu de São Paulo com destino a Piracicaba.	(CARRADORE, 2002)
1924	Três barcos navegam pelo Rio. transportando. passageiros e carga; “Visconde de Piracicaba”, “Souza Queiroz” e o “Visconde de Itu”.	CARRADORE, 2002)
1929	Fundação do estaleiro “João Bottene”, nas margens do ribeirão Itapeva	(NETTO, 2013)

Fonte: Elaborado pelos autores do artigo

### 3 Considerações Finais

O processo de elaboração desta pesquisa revela que a história da cidade e do rio devem ser contextualizados pelas relações econômicas da época, tanto internacionais, nacionais e locais. A apresentação dos resultados e discussão trazem importantes informações para o período. A intenção, como já mencionado na introdução, é que essa análise deve ser articulada com os resultados dos projetos para períodos mais recentes.

Em vista da pesquisa realizada, para o período proposto, é possível constatar que existe uma forte interação entre o rio Piracicaba e seu crescimento econômico. A origem do município ocorre em função de seu principal rio e a povoação surge ao redor dele. É interessante salientar que a exploração do rio como meio de transporte, abastecimento de água, atividade da pesca, irrigação dentre outros aspectos, existem desde a origem do próprio rio, portanto, antecedem a criação da cidade. A

fabricação de canoas, inicialmente realizada pelos índios, é um exemplo das primeiras atividades econômicas relacionadas diretamente com o rio, posteriormente, com a instalação do povoado e a cidade, surgem as fábricas que utilizavam o potencial hidráulico do salto, que incrementa o crescimento econômico.

A cidade de Piracicaba reproduz o cenário do Brasil, que se caracterizou em formar povoações ao redor dos rios. A abundância de água é o fator relevante para o suprimento humano e a expansão de atividades industriais e agroindustriais. O rio Piracicaba foi o responsável por facilitar e estimular o desenvolvimento das atividades industriais e urbanas como a energia mecânica fornecida pelo seu “salto” e aproveitada pelos engenhos, fábricas e a empresa de luz elétrica, além disso, o rio foi reconhecido como um importante local de lazer que reunia famílias e amigos em suas margens. Enfim o rio e a povoação ribeirinha eram muito íntimos. E essa intimidade é fruto da dependência da população que tirava das águas o seu sustento.

Ressalta-se que as questões referentes a necessidade de preservação e cuidados com o rio e seu entorno, raramente são observadas nos documentos da época. O rio foi, e continua, sendo utilizado de forma intensa, desde seus recursos diretos, como água, peixes, areia e demais produtos, até sua paisagem. Todo esse crescimento econômico e a crescente urbanização da cidade, sem cuidados, precipitou em problemas para o rio e toda a comunidade.

Nos períodos mais recentes, que deverão ser explorados pelos próximos projetos de pesquisa, as questões da importância do rio para a economia e o descaso para com sua preservação, infelizmente, tomarão grande parte dos estudos. Deverão ser destacados, nestes períodos, manifestações, movimentos e projetos relevantes que objetivam a preservação do rio de sua bacia, ou seja, envolvendo todas as cidades interligadas pelas águas de seus rios.

Desta forma, é fundamental considerar que, o crescimento econômico da cidade causou as chamadas externalidade negativas, ou seja, os danos do chamado crescimento econômico sem cuidados chegam até

o rio. Por um lado, o rio fornece elementos vitais para o crescimento e desenvolvimento econômico da cidade, por outro sofre com a falta de cuidado para com ele. No rio são despejados lixo, esgoto, tanto residenciais como industriais, e outros elementos poluidores, além disso a urbanização próxima as suas margens causa o chamado assoreamento, depósito de entulhos no fundo do rio, o que provoca inundações e muita perda de água.

A crise hídrica que ocorre na atualidade é consequência, tanto da falta de efetivação de projetos relevantes para a manutenção de nossos rios, como pela falta de cuidado da comunidade para com eles.

O artigo levanta também as externalidades negativas sobre os índios e escravos, que foram explorados nesse processo de colonização.

#### 4 Referências Bibliográficas

- BRAGANÇA, F. **A formação do povo piracicabano**. In: A. Província <http://www.aprovincia.com.br/memorial-piracicaba/especial/a-formacao-do-povo-piracicabano>. Acesso em: 1 mar. 2015.
- CACHIONI, M. Texto sem data. O papel pioneiro de Piracicaba na construção fabril na província de São Paulo.
- CACHIONI, M. (org.). **Catálogo da Exposição Itinerante: desenhando o patrimônio cultural de Piracicaba**. Piracicaba. SP: IPPLAP. 2011.
- CACHIONI, M. 2003, Construindo para o futuro: os primeiros tempos do Colégio Piracicabano. *Building for the future: Colégio Piracicabano's first*. **Revista de Educação do Cogeime**. Ano 12 – No. 22 2003.
- CARRADORE, H. P. e BUZELLO. E. 2009. **Memórias do Rio Piracicaba**. Piracicaba. Gráfica Editora Degaspari.
- CARRADORE, H. P. 2013. **Navegação do Rio Piracicaba: Breve Histórico**. In: A Província. <<http://www.aprovincia.com.br/memorial-piracicaba/especial/navegacao-do-rio-piracicaba-breve-historico/>> Acesso em: 15 jun. 2014.
- CEAPLA - Centro de Análise e Planejamento Ambiental - CEAPLA/IGCE/UNESP <[http://ceapla2.rc.unesp.br/atlas/hist\\_piracicaba.php/](http://ceapla2.rc.unesp.br/atlas/hist_piracicaba.php/)> Acesso em: 20 mai. 2014.  
Apoio: Fundação de Amparo à Pesquisa.
- DAWSEY, J. C. 2012. **Bonecos da Rua do Porto: performance:mimesis e memória in-**

**voluntária**1. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://200.144.182.143/napedra/wp-content/uploads/2013/02/Dawsey-Ilha-Bonecos.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2014.

DEL GRANDE. M. REZENDE. M.O.O.ROCHA. O. Distribuição de compostos organoclorados nas águas e sedimentos da Bacia do Rio Piracicaba/SP-Brasil. In: Química Nova. Print version ISSN 0100-4042. **Quím. Nova vol. 26 no.5** São Paulo Sept./Oct. 2003. <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-40422003000500011&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-40422003000500011&script=sci_arttext)>. Acesso em: 10 jul. 2014.

DEL GRANDE M.. REZENDE. M.O.O.. ROCHA. O. Distribuição de compostos organoclorados nas águas e sedimentos da Bacia do Rio Piracicaba/SP-Brasil. In: Química Nova. Print version ISSN 0100-4042. **Quím. Nova vol. 26 no.5** São Paulo Sept./Oct. 2003. <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-40422003000500011&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-40422003000500011&script=sci_arttext)>. Acesso em: 10 jul. 2014.

DEZAN, M.D.S., FILHO, A., DaDAVID, F. (2011). Imigrações como fator para o desenvolvimento econômico e diversidade cultural no espaço geográfico. piracicabano-SP. **Revista Geográfica de América Central**, Número Especial EGAL. 2011 ISSN-2115-2563

DORIZOTTO. S. 2008. **Os Primórdios de Piracicaba**. Piracicaba. Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba – IHGP

EMERIQUE. L.P. 2013. Considerações sobre a crise da indústria de máquinas e equipamentos e seus impactos na Geografia Industrial do município de Piracicaba - SP (Brasil) <[http://www.egal2013.pe/wp-content/uploads/2013/07/Tra\\_Lucas-Proprietario-Emerique.pdf](http://www.egal2013.pe/wp-content/uploads/2013/07/Tra_Lucas-Proprietario-Emerique.pdf)>. Acesso em: 12 jun. 2013.

EMERIQUE, Lucas Proprietario 2014. DOS ENGENHOS DO AÇUCAR À INDÚSTRIA AUTOMOBILÍSTICA – O desenvolvimento e as transformações da indústria no município de Piracicaba – SP. Disponível em <[http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-12062015-113424/publico/2014\\_LucasProprietarioEmerique\\_VOrig.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-12062015-113424/publico/2014_LucasProprietarioEmerique_VOrig.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2015.

FERRÃO. A. M. A. Colonos na fazenda Ibicaba. empresários em Piracicaba: A evolução socioeconômica de um grupo de imigrantes alemães (1850-1880).Unicamp. Faculdade de Engenharia Civil. Departamento de Construção Civil. Disponível em: <[http://www.argollo.org/attachments/File/abphe\\_ibicaba.pdf](http://www.argollo.org/attachments/File/abphe_ibicaba.pdf)>. Acesso em: 14 jun. 2014.

GUERRINI. L. 2009. **História de Piracicaba em Quadrinhos**. Piracicaba. Equilíbrio Editora. Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba – IHGP

GUERRINI. L. 2010. A semana na história. Piracicaba. Equilíbrio Editora. Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba – IHGP

HAAK. P. G. 1992. A trajetória do desenvolvimento da Companhia Industrial e Agrícola Boyes S/A. Piracicaba Municípios. População. Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br/>>. Acesso em: 23 fev. 2014.

IHGP-Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba – Site Oficial - <<http://www.ihgp.org.br/novo/>>. Acesso em: 6 jun. 2014.

IPEA – Instituto de Economia Aplicada – Site Oficial – <<http://ipea.gov.br/portal/>> Acesso em: 10 mai. 2013.

IPPLAP – Instituto de Pesquisa e Planejamento de Piracicaba. Evolução da mancha urbana da cidade de Piracicaba. Disponível em <<http://www.ipplap.com.br/acervoin.php?id=36>>. Acesso em: 7 mar. 2014.

IPPLAP - Instituto de Pesquisa e Planejamento de Piracicaba. 2011 Piracicaba. o rio e a cidade: ações de reaproximação. Piracicaba-SP.

MELLO, Flavio Miguez. **A história das barragens no Brasil, Séculos XIX, XX e XXI : cinquenta anos do Comitê Brasileiro de Barragens** / [coordenador, supervisor, Flavio Miguez de Mello ; editor, Corrado Piasentin]. - Rio de Janeiro : CBDB, 2011. 524 p.

<[http://www.cbdb.org.br/documentos/A\\_Historia\\_das\\_Barragens\\_no\\_Brasil.pdf](http://www.cbdb.org.br/documentos/A_Historia_das_Barragens_no_Brasil.pdf)>. Acesso em: 2 mai. 2015.

NEME. M. 2009. **A História da Fundação de Piracicaba**. Piracicaba. Equilíbrio Editora. Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba – IHGP.

NEME. M. 2010. **Um município agrícola**. Piracicaba. Equilíbrio Editora. Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba – IHGP.

NETTO. C. E. 2000. **Almanaque 2000**. Memorial de Piracicaba Século XX. Piracicaba: IHGP. Jornal de Piracicaba e UNIMEP.

NETTO. C.E.. Fábrica de Barcos. in: A Província. 2013.. <<http://www.aprovincia.com.br/memorial-piracicaba/photos/fabrica-de-barcos/>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

NOVAES. G. P. **Identidade, distinção cultural e estigma na “Belle Époque” Piracicabana**. O Papel da imprensa na construção de imaginários da cidade moderna. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza. 2009. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.1092.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

OEHLMEYER. R. C. 2004. **As Águas do Piracicaba Século XIX**. Piracicaba. Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba - IHGP e Serviço Municipal de Água e Esgoto – SEMAE.

OTERO. E. V. Piracicaba: quatro décadas de requalificação urbana e recuperação ambiental. Piracicaba. IPPLAP. Disponível em: <<file:///C:/Users/La%C3%ADs/Downloads/4078-8136-1-SM.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

PERES. M. T. 1977. **Idealizações e tensões na construção de Piracicaba moderna (1950-1960)**. Tese de doutorado em história social – FFLCH. USP (Universidade de São Paulo). São Paulo.

**Piracicaba 241 anos**. Edição Especial de aniversário da cidade de Piracicaba-SP. Ed. Jornal de Piracicaba, Agosto de 2008.

Projeto Beira Rio. PAE Plano de Ação Estruturador. Piracicaba. Disponível em: <[http://www.ipplap.com.br/docs/br\\_pae\\_parte1de3.pdf](http://www.ipplap.com.br/docs/br_pae_parte1de3.pdf)>. Acesso em: 14 jul. 2014.

RODRIGUES. N. S. Piracicaba. seu rio. seus peixes. **Revista anual histórias piracicabanas passado sem poeira**. ano XII. 2005. número 12. Piracicaba. Instituto Histórico Geográfico de Piracicaba – IHGP.

ROMANELLI. T. Breve História do Engenho Central. in: A Província. 2013. <<http://www.aprovincia.com.br/memorial-piracicaba/especial/breve-historia-do-engenho-central/>>. Acesso em: 21 jul. 2014.

ROMANELLI. T. Krähenbühl. a indústria mais antiga do Estado in: A Província. 2011. <<http://www.aprovincia.com.br/memorial-piracicaba/almanaque/krahenbuhl-a-industria-mais-antiga-do-estado/>>. Acesso em; 14 jul. 2014.

NEPO (2015) Núcleo de Estudos da População. São Paulo do Passado. Dados demográficos (1836-1920)., disponível em <<http://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/censos.html>>. Acesso em: 14 mai. 2015.

SEMAE. – Serviço Municipal de Água e Esgoto. Piracicaba-SP. História. Disponível em: <<http://www.semaepiracicaba.sp.gov.br/?p=aGlzdG9yaWE>>. Acesso em: 7 mar. 2014.

TERCI. E. T. 1991. A Agroindústria Canvieira de Piracicaba: Relações de Trabalho e Controle Social. 1880 a 1930. Dissertação de Mestrado do Programa de Estudos- Pós-Graduação em História – PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO-PUCSP. São Paulo.

TERCI. E. T. 2001. **O desenvolvimento de Piracicaba: História e Perspectivas** (Org.). Editora UNIMEP. Piracicaba-SP.

Usina Monte Alegre 2014. Piracicaba. SP Disponível em: <<http://www.estacoesferroviarias.com.br/lugaresesquecidos/montealegre.htm>>, acesso em: 15 jul. 2014.

VIGNOLI. F. H. et al 2003. Formação Econômica do Brasil. São Paulo. Editora Saraiva.



**Relatório de Atividades  
2014 e 2013  
Instituto Histórico e  
Geográfico de Piracicaba**

2014

## EVENTOS

## Setembro

Evento: **Comemoração dos 124 anos de nascimento do escritor  
Thales Castanho de Andrade**

Realização: **Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba**

Local: **Cemitério da Saudade, Piracicaba, SP**



## Agosto

Evento: **Sessão Magna 2014 comemorativa ao 247º ano de fundação da cidade de Piracicaba e 47º aniversário do IHGP**

Realização: **Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba**

Local: **Câmara de Vereadores de Piracicaba, Piracicaba, SP**

Apoio: **Câmara de Vereadores de Piracicaba**

---

## CONVITE

### SESSÃO MAGNA 2014



O **Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba** tem a honra de convidar V.S. e Exma. Família para a **Sessão Magna**, oficial e estatutária, comemorativa ao 247º Aniversário de Fundação da Cidade de Piracicaba e 47º Aniversário do IHGP, a ser realizada no dia 20 agosto de 2014, às 19h30, no Salão Nobre "Helly de Campos Melges" da Câmara dos Vereadores de Piracicaba, na Rua Alferes José Caetano, 834, Piracicaba, SP.

*Vitor Pires Vencovsky*  
Presidente - Gestão 2014-2016

## Programa

- Composição da Mesa Diretora
- Abertura da Sessão Magna pelo Presidente Dr. Vitor Pires Vencovsky
- Saudação do Orador do IHGP e protocolo oficial Dr. Gustavo Jacques Dias Alvim
- Palestra alusiva a Piracicaba pelo Historiador Fábio Bragança
- Apresentação das personalidades homenageadas com a outorga da Medalha de Mérito e Diploma "Prudente de Moraes" - Prof. Dr. Urgel de Almeida Lima e Prof. Dr. Roland Vencovsky
- Palavra dos homenageados com a Medalha de Mérito "Prudente de Moraes"
- Encerramento e coquetel

Informações:  
Fone: (19) 3434-8811 – ihgp@ihgp.org.br - Secretaria Geral  
Aos Confrades, pede-se o porte da insígnia do IHGP

Instituto Histórico e Geográfico

# Sessão Magna 2014

IHGP realiza amanhã, na Câmara de Vereadores, seu evento anual e estatutário

**MARCELO ROCHA**  
Da Gazeta de Piracicaba  
marcelo.rocha@gazetadepiracicaba.com.br

**O** Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP) promove amanhã, quarta-feira, 20, às 19h30, na Câmara de Vereadores, sua anual Sessão Magna. Em 2014, a solenidade acontece em celebração aos 247 anos de fundação de Piracicaba e aos 47 anos de atividades desenvolvidas pela instituição. O evento será realizado no Salão Nobre Helly de Campos Melges.

Vitor Pires Vencovsky, presidente do IHGP, explica que a Sessão Magna é oficial e estatutária. "É a única comemoração oficial que, anualmente, fazemos pelo IHGP", declara o mandatário da instituição – cuja gestão engloba o período 2014-2016. "Este é um evento que serve para relembrar a história de Piracicaba e repensar o futuro da cidade", comenta Vencovsky.

Como acontece a cada ano, duas pessoas da cidade serão homenageadas pelo "conjunto da obra" – a soma dos serviços prestados à comunidade e do curriculum vitae. Este ano, dois professores aposentados da Esaq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) receberam a medalha de mérito e o diploma Prudente de Moraes: Urgei de Almeida Lima, especialista em tecnologia do álcool, especialmente na área da fermentação; e Roland Vencovsky, que desenvolveu trabalhos e estudos na parte de genética, melhoramento de plantas e estatística.

Durante o evento ainda haverá uma palestra, alusiva a Piracicaba, ministrada pelo historiador Fábio Bragança, que trabalha na Câmara de Vereadores.

**APROXIMAÇÃO**

### Eventos juntos à sociedade

A Sessão Magna é quarto evento realizado pelo IHGP em 2014, lembra Vitor Vencovsky. Em maio, a nova diretoria do instituto tomou posse em cerimônia realizada na Acipi (Associação Comercial e Industrial de Piracicaba). Em junho, a 20ª edição da revista anual do instituto – que compila artigos de seus membros – foi lançada no Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes. E no final do mês passado o livro do jornalista Cécilio Elias Netto – "Bom Dia – Crônicas do Autoexílio e da Prisão" – foi lançado em evento realizado na Cúria Diocesana. "A ideia é envolver mais as instituições e a sociedade piracicabana", afirma Vencovsky.

**Presidente do IHGP, Vitor Vencovsky quer o instituto mais envolvido com a sociedade piracicabana**




## Julho

Evento: **Lançamento do livro “Bom Dia – Crônicas do Autoexílio e da Prisão”, do jornalista e escritor Cecílio Elias Netto**

Realização: **Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba**

Local: **Pastoral do Serviço da Caridade (Pasca), Av. Comendador Luciano Guidotti, 166, Higienópolis, Piracicaba, SP**

Apoio: **Pastoral do Serviço da Caridade (Pasca), Cúria Diocesana, Prefeitura Municipal de Piracicaba, Secretaria Municipal da Ação Cultural**

### CONVITE

#### *Bom dia. Crônicas do autoexílio e da prisão*

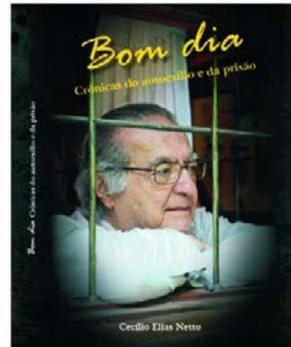
Lançamento do livro comemorativo ao 50º aniversário da Coluna Bom Dia do Jornalista **Cecílio Elias Netto**

**Data:** 30 de julho de 2014, 19h30.

**Local:** Pasca - Pastoral do Serviço da Caridade  
Auditório Frei Evaristo de Santa Úrsula  
Av. Com. Luciano Guidotti, 166 - Higienópolis - Piracicaba - SP  
(estacionamento - entrada pela Av. Independência)

**Entrega do livro:** em caráter beneficente às crianças atendidas pela Pasca.  
6 (seis) litros de leite longa vida por exemplar ou R\$20,00.

**Informações -** (19) 3434-8811 - e-mail: ihgp@ihgp.org.br



Realização:



IHGP  
Instituto Histórico e  
Geográfico de  
Piracicaba

Apoio:



Ação  
Cultural



Prefeitura do  
Município de  
Piracicaba





D 2 Piracicaba, 27 de julho de 2014

**Domíngo**

JORNAL DE PIRACICABA

**LITERATURA**

## Crônicas sobre dias amargos

Livro de Cecílio Elias Netto lembra época da ditadura militar, seu autoexílio e prisão

Naiara Lima  
naia@jornal.com.br

**E**m seu mais profundo momento de solidão, o jornalista e escritor piracicabano Cecílio Elias Netto expressa suas angústias através das páginas do livro. Durante 50 anos a coluna Bom Dia tornou-se seu canal mais direto de comunicação com os leitores da cidade, onde ele deteta o ofício de levar informa-

ção para revelar suas insustentáveis e preocupantes preocupações que estão na vida de todos. Na livro Bom Dia - Crônicas do Autoexílio e da Prisão parte do que foi publicado entre os anos de 1979 e 1983 foi reorganizado pela esposa do jornalista, Elaine de Lemos Elias. O jornalista, que trabalhou e foi colunista do Jornal de Piracicaba, faz o lançamento oficial do livro no dia 30, às 18h30, na Paqueta (Pastoral Serviço de Caridade).

Com meio século de crônicas, o segredo foi justamente durante o turbulento período que o jornalista viveu, expressos no título do livro, quando estava em prisão domiciliar por causa de ditadura militar. A publicação é do IHGP (Instituto Histórico e Pedagogico de Piracicaba) e o presidente da entidade, Vitor Pires Vencovsky, fez a introdução da publicação, denominado

de surpresa. "Não gosto de referir-me a estes textos, então não poderia selecionar as crônicas. Quem teve a ideia foi minha esposa que me entregou o livro praticamente pronto", afirmou. A ideia é que mais textos sejam publicados, pois, conforme Elias Netto relata, já em 2010, em quatro anos do site A Piracicaba Já havia publicado 1.500 "bons dias". A perspectiva dos organizadores do livro é reunir mais crônicas para novas publicações.

Sobre a coluna ele destacou que a levou por todos os jornais em que trabalhou. "Carregava no bolso", disse. O caráter intimista, na opinião do jornalista, sempre criou um elo com o leitor, o que chamou de "aderência". O rio Piracicaba, a saúde, os sonhos, a liberdade e o reencontros são tratados em seus textos. De acordo com Vencovsky, as crônicas são atemporais. "Ele escreve e escreve sobre coisas profundas, mas de maneira muito simples", afirmou. Elias Netto diz se assusta ao pensar em tanto tempo de histórias e episódios, mas não pensa nunca em parar, pois escrever é seu maior prazer. Também, o amor por Piracicaba também é uma das características que logo se percebe ao se conversar com o escritor. Tanto que ele usará mais uma vez essas suas páginas, em breve lançará mais um livro, com nome já definido: Piracicaba Que Eu Amo Tanto.

**SERVIÇO** - Bom Dia - Crônicas do Autoexílio e da Prisão de Cecílio Elias Netto. Editora: IHGP Instituto Histórico e Pedagogico de Piracicaba. Páginas: 114. Distribuição gratuita à cidade de Piracicaba. Lançamento dia 30, às 18h30, na Pastoral Serviço de Caridade (rua Inês de Castro, 166, Higienópolis). Avaliação: 8 horas de leitura onça-viá ou R\$20 (para doação à Pascc). Informações: (19) 3434-8821 ou pap@ihgp.com.br.

Elas Netto com sua publicação Bom Dia, mesmo nome de sua coluna diária

1.500 "bons dias". A perspectiva dos organizadores do livro é reunir mais crônicas para novas publicações.

## Julho

Evento: **Visita à montadora Hyundai Motor Brasil (HMB)**

Realização: **Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba**

Local: **Fábrica da Hyundai no Distrito Industrial Uninorte,  
Piracicaba, SP**



## Junho

Evento: **Lançamento da Revista anual nº 20 do IHGP**

Realização: **Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba**

Local: **Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes,  
Piracicaba, SP**

Apoio: **Prefeitura Municipal de Piracicaba, Secretaria Municipal  
da Ação Cultural, Museu Histórico e Pedagógico  
Prudente de Moraes**

*CONVITE*

Lançamento da  
**Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba**

---

**Data:** 10 de junho de 2014, 19h30.

**Local:** Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes  
Auditório Helena Rovay Benetton  
Rua Santo Antônio, 641 - Centro - Piracicaba - SP

**Informações** - (19) 3434-8811 - e-mail: ihgp@ihgp.org.br

---

Realização:  Apoio:  Prefeitura de Piracicaba 





**IHGP**

## Instituto lança 20ª edição de revista

Obra reúne, em 379 páginas, 19 artigos de 22 autores divididos em oito seções. "É a maior obra que já lançamos", ressalta o presidente do IHGP

Felipe Poletti  
felipe@tribunatp.com.br

Com distribuição gratuita, o Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP) lança hoje a vigésima edição da Revista IHGP com 19 artigos, escritos por 22 autores e divididos em oito seções. "É a maior edição da revista que já fizemos nestes últimos 20 anos. Os textos são inéditos e a obra é referente ao ano de 2013, muito rica em conteúdo", frisou Vitor Pires Venovsky, presidente recém-releito no instituto.

A solenidade de lançamento da revista acontece às 19h30 no Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes e é aberto ao público. Na oportunidade estarão disponíveis 500 exemplares da revista, com 379 páginas e impressa com apoio da Prefeitura Municipal e Ação Cultural. "Nos estamos muito felizes com esta nova publicação, pois conseguimos cultivar os escritores piracicabanos e nos enviar artigos diversos. Isso ajuda a divulgar novos escritores e também mantém a credibilidade

do instituto. Queremos que continue assim, estamos de portas abertas a todos", afirmam Toshio Ichnaia e Valdir Capuciano, vice-presidente e 1º secretário do IHGP, respectivamente.

Esta edição da Revista está dividida em seções que ajudam a contar um pouco mais da história da cidade. Os textos estão nas categorias Patrimônio Cultural, História e Memória, Educação, Meio Ambiente, Arte e Cultura, Biografias, Poesia e Prosa, além do editorial e do relatório de atividades do IHGP. "Nesta edição temos o artigo de Almir de Souza Maia, que retrata o conjunto arquitetônico da Rua do Porto e o tombamento do espaço. Ele, como presidente do Comdepac, mostra o trabalho que vem sendo feito para realinhar a importância dos locais na orla do rio Piracicaba, tombados como patrimônio público, e estudar o que deve ser mantido como tombado, o que deve perder este rótulo e o que pode ganhar o tombamento", destacou Vitor. Outro texto que tem for-

te ligação com a história da cidade foi escrito pelo jornalista Felipe Aparecido Rodrigues, que trata da importância da Società Italiana para os imigrantes em Piracicaba. Também se mostra importante o texto escrito por Jésseli Cerqueira Luzier, Anil Paula Paschoaldi e Viviani Regina Monteiro sobre o centenário do XV de Piracicaba e a vida do arquivista Rocha Netto. "O material foi aprovado por todos os membros do IHGP. Esperamos que a população se interesse e venha buscar o seu exemplar", finalizou o presidente do instituto, ao lembrar que uma cópia digital do exemplar já estará disponível, gratuitamente, no site [www.ihgp.org.br](http://www.ihgp.org.br).



Editorial do IHGP mostra a nova edição da revista o Instituto

### SERVIÇO

Lançamento da Revista nº 20 do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP). Hoje, às 19h30, no Museu Histórico e Pedagógico de Piracicaba - auditório Helena Rony Benetton (Rua Santo Antonio, 641, centro). Informações: (19) 3434-6811.

### StudioKu

9		1	6		2
7		4	2		9
	2			7	
7					5
1	2	9	8		4

### Pitav

Complete o puzzle e descubra o significado das palavras. Cada palavra vale 1 ponto. O vencedor será o jogador com o maior número de pontos. Não se esqueça de marcar o vencedor no cartão de resposta.

## Junho

Evento: **Visita ao Sistema Cantareira**

Realização: **Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba**

Local: **Bragança Paulista, SP**

Apoio: **Sabesp – Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo**



**Maio**

Evento: **Sessão Magna de Posse da Diretoria do IHGP**  
 Realização: **Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba**  
 Local: **ACIPI – Associação Comercial e Industrial de Piracicaba,  
 Rua do Rosário 700 – Centro, Piracicaba, SP**  
 Apoio: **ACIPI – Associação Comercial e Industrial de Piracicaba**

	<h1>CONVITE</h1> <h2>SESSÃO MAGNA DE POSSE DA DIRETORIA</h2>	<p style="text-align: center;"><b>DIRETORIA 2014-2016</b></p> <p><i>Presidente:</i> Vitor Pires Vencovsky  <i>Vice-Presidente:</i> Toshio Iczuca  <i>1ª Secretária:</i> Valdiza Maria Capranico  <i>2ª Secretária:</i> Pedro Caldari  <i>1º Tesoureiro:</i> José Carlos Esquierro  <i>2º Tesoureiro:</i> Moacir Nazareno Monteiro  <i>Orador:</i> Gustavo Jaques Dias Alvim  <i>Diretora de Arquivo:</i> Renata Gava</p> <p><i>Suplentes da Diretoria</i>        Almir de Souza Maia        Luiz Antonio Balamint        Alexandre Sarkis Neder</p> <p><i>Conselho Fiscal</i>        Antonio Messias Galdino        Claudinei Pollesel        Legardeth Consolmagno</p> <p><i>Suplentes do Conselho</i>        Noedir Monteiro        Antonio Carlos Neder        Geraldo Claret de Mello Ayres</p>
<p>O Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba tem a honra de convidar V.S. e Exma. Família para a <b>Sessão de Posse</b> da nova Diretoria 2014-2016.</p>		
<p><b>Dia:</b> 23 de Maio de 2014  <b>Horário:</b> 19:30hs  <b>Local:</b> ACIPI  <b>Endereço:</b> Rua do Rosário, 700 - Centro - Piracicaba, SP.</p>		
<h3>Programa</h3>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Composição da Mesa Diretora</li> <li>• Abertura da Sessão Magna pelo Presidente Dr. Vitor Pires Vencovsky</li> <li>• Posse da nova Diretoria</li> <li>• Palavra do Presidente empossado</li> <li>• Palestra do Eng. Luís Roberto Moretti (IHGP)</li> <li>• Homenagem a ser realizada pelo Orador Oficial Dr. Gustavo Jaques Dias Alvim</li> <li>• Encerramento e coquetel</li> </ul> <p>Mestre de Cerimônia: Jorn. Alexandre Sarkis Neder</p>		
<p>Visite o site <a href="http://www.ihgp.org.br">www.ihgp.org.br</a></p>	<p>Pede-se a confirmação de presença para reserva de lugares.        Fone: (19) 3434-8811 – <a href="mailto:ihgp@ihgp.org.br">ihgp@ihgp.org.br</a> - Secretaria Geral        Aos Confrades, pede-se o porte da insígnia do IHGP</p>	

GAZETA DE PIRACICABA  
PIRACICABA, SEXTA-FEIRA, 13 DE MARÇO DE 2014 **CIDADE 3**

**Guardião do acervo histórico**

# Diretoria toma posse

Nova diretoria do IHGP assume esta noite, em sessão magna que acontece na Acipi

**MARCELO ROCHA**  
Da Gazeta de Piracicaba  
marcelo.rocha@gazetadepiracicaba.com.br

**A**contece esta noite, às 19h30, na Acipi (Associação Comercial e Industrial de Piracicaba), a sessão magna de posse da diretoria do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP), que vai comandar a entidade até março de 2015. Isto será a segunda gestão do presidente Vitor Piras Vencovsky à frente da instituição, mandatário que sonha com a digitalização de 100% do acervo e, conseqüentemente, sua disponibilização integral na internet para consultas pela população.

O presidente eleito fala sobre o missão do IHGP no próximo biênio. "Nosso grande desafio é começar a desenvolver ações para celebrar os 250 anos de Piracicaba, em 2017. Temos que iniciar, desde já, o desenvolvimento de projetos para comemorar esta data, que coincidirá com os 50 anos do IHGP", explica Vencovsky. O IHGP foi criado em 1967, ano do bicentenário de Piracicaba. Os projetos ainda serão desenvolvidos, conta o presidente. "Por enquanto só temos o projeto de comemorar os 250 anos de Piracicaba", lembra que o IHGP "é uma instituição pequena" e que sobrevive com recursos oriundos de convênios com a



**NOVA GESTÃO**

### Eleições a cada dois anos

Além do presidente eleito, Vitor Vencovsky, a nova diretoria do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP) terá: Toshio Iizuka como vice-presidente; Valdiria Maria Capranico (1ª secretária); Pedro Caldart (2ª secretária); José Carlos Esquivel (1º tesoureiro); Moacir Nazareno Monteiro (2º tesoureiro); Gustavo Jaques Dias Alvim (arquivista); e Renata Gava (diretora de acervo). As eleições no IHGP são realizadas a cada dois anos, sempre no mês de março.

"A gente quer realmente fazer um Instituto de memória viva, mas precisamos de parcerias e recursos", reitera Vencovsky, que lembra que outros institutos históricos do país também passam por dificuldades por causa da escassez de verbas.

"O Instituto Histórico de São Paulo, por exemplo, está 10 anos sem publicar revista. A situação dessas instituições é terrível", lamenta.

Prefeitura, doações de empresas privadas e o pagamento de anuidade de seus associados", no valor de R\$ 100.

O futuro ideal do IHGP enquanto instituição responsável pela guarda e difusão de documentos históricos da cidade, diz o presidente, passa pela digitalização de todo o acervo, organização do mesmo, manutenção e atualização dos dados e o desenvolvimento de um software de gestão do acervo, que atenda tanto as responsáveis pelo instituto quanto a população. "Ou seja, a gente precisa implementar um sistema de consulta (via internet) que garanta acesso a todo o acervo. Mas isso só será possível com a ajuda de parceiros e da sociedade. Não conseguimos dinheiro para fazer isso até hoje", frisa Vencovsky.

Hoje, a instituição dá orientação e ajuda aos alunos, estudantes e pesquisadores, professores e estudantes que vão ao IHGP. E em seu site disponibiliza cerca de 1.800 fotos antigas e mais de 20 publicações (em pdf). Mas as consultas ao vasto acervo de jornais ("somos diários que temos mais de 300 anos de jornais, se somarmos todos", relata) estão suspensas. Uma empresa especializada em digitalizar e disponibilizar arquivos na web já foi contatada para a elaboração de um orçamento para a realização do serviço, de acordo com o presidente.

Em 2013, o IHGP recebeu uma subvenção sazieta entre R\$ 300 e R\$ 400 mil, estima Vencovsky. "Já sabemos o que fazer, mas falta dinheiro", afirma o presidente.

## Janeiro

**Evento: Exposição Fotográfica "Piracicaba, passado e presente"**

**Curadoria: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba**

**Local: Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes, Piracicaba, SP**

**Apoio: Prefeitura Municipal de Piracicaba, Secretaria Municipal da Ação Cultural, Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes, Amigos da Fotografia de Piracicaba**

## Exposição Fotográfica “Piracicaba, passado e presente”



**Período:** até 02/03 (de terça a domingo das 9h às 17h)

**Curadoria:** Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP)

**Montagem:** Equipe do Museu H. P. Prudente de Moraes

**Local:** Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes

**Rua Santo Antonio, 641 – Centro – Piracicaba/SP**

**Informações:** (19)3422-3069 / 3432-2148

**Entrada gratuita!**



**AMIGOS DA  
FOTOGRAFIA  
PIRACICABA**



JORNAL DE PIRACICABA

21-01-2014

**Fotografia** Mostra apresenta o 'antes e depois' de prédios históricos da cidade

Adalberto S. G. P.

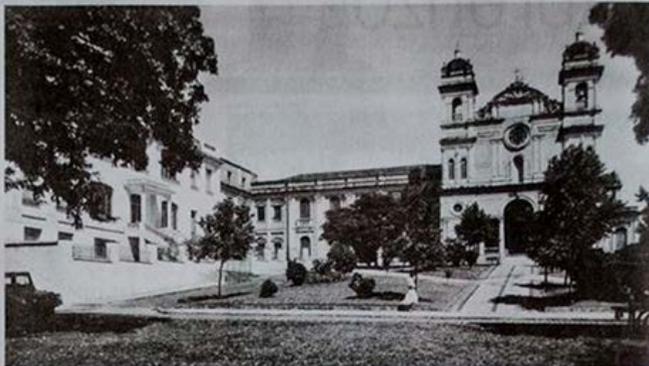


Foto antiga do acervo IHGP mostra a igreja do colégio Dom Bosco Assunção, na rua Boa Morte

## Presente e passado de Piracicaba em exposição de fotos

O Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes, em parceria com o IHGP (Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba) e o grupo AFP (Amigos da Fotografia de Piracicaba), realiza a exposição fotográfica Piracicaba: Passado e Presente. Ao todo são 100 obras que mostram as transformações urbanas que aconteceram na cidade ao longo dos anos, que inspiram o saudosismo e as lembranças de outra época. A exposição fica aberta até o dia 2 de março e tem entrada gratuita.

O projeto surgiu de uma ideia do fotógrafo profissional Aristeu Victor, participante do AFP, que pretendia reproduzir as antigas fotos da cidade em imagens que tivessem o mesmo ângulo e luz das originais. Para isso, o IHGP disponibilizou o material original, para que os

fotógrafos pudessem confrontar os locais, retratando o momento atual daquela cena, para serem expostas lado a lado, permitindo visualizar a transformação de cada ponto da cidade.

As fotografias exibidas são de autoria de 18 fotógrafos, profissionais e amadores avançados, como Haroldo Victor, Fran Camargo, Antônio Ros, Jorge Kibel, Raimundo Oliveira, João Carlos Ferreira do Nascimento, Fábio Eduardo, entre outros, que se empenharam para a realização do trabalho. "Essa exposição foi um desafio para nós. Tivemos um período bem curto para a produção, de apenas 15 dias, mas o resultado foi muito satisfatório", informou Haroldo Victor. "Nós conseguimos alcançar a meta inicial, que era chegar o mais próximo possível das fotografias originais. De uma maneira geral, foi

fantástico produzir essas obras."

Outro intuito do projeto, que também foi alcançado, era lembrar o passado da cidade e poder comparar as duas fases, celebrando o que ainda faz parte da história do município, como conta Victor. "Nós queremos registrar o que ainda existe, o que estava de pé ao longo de tantos anos, e mostrar qual a situação desses lugares. A ideia também foi apontar esse dualismo, do ontem e do hoje", ressaltou. (Aline Soriani)

**SERVIÇO** — Exposição Piracicaba: Passado e Presente, dos fotógrafos do grupo Amigos da Fotografia de Piracicaba no O Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes (rua Santo Antônio, 641, Centro). A exposição fica aberta a visitações até o dia 2 de março, de terça a domingo, das 9h às 17h, no hall de exposições. A entrada é gratuita. Informações: (19) 3422-3069.

# CONVÊNIOS

---



**Prefeitura do Município de Piracicaba**  
**Secretaria da Ação Cultural**

Av. Maurice Allain, 454 – Caixa Postal 12 – CEP 13405-123 – Piracicaba – SP - Brasil  
Tel. (0xx) 19-3403.2600 - Email: semac@piracicaba.sp.gov.br

OFÍCIO 104 / 2014 – SEMAC

Piracicaba, 12 de junho de 2014.

Excelentíssimo Senhor Prefeito,

Declaramos, para os devidos fins, que o IHGP (Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba) está realizando, há mais de 47 anos e de acordo com seus estatutos sociais, diversas atividades com o objetivo de desenvolver, promover e divulgar a história e a geografia de Piracicaba e região.

Atualmente o IHGP conta com 60 associados não remunerados que desenvolvem diversas atividades, tais como pesquisas, publicação de livros e artigos científicos, palestras, exposições, entre outras ações.

Desde 2006 a instituição tem realizado convênios com a Secretaria Municipal da Ação Cultural (SEMAC) para a realização de eventos culturais, edição de livros e revistas e organização de acervo documental.

Estando a disposição para maiores esclarecimentos, permanecemos,

Atenciosamente,



**ROSÂNGELA RIZZOLO CAMOLESE**  
Secretária Municipal da Ação Cultural

À sua Excelência o Senhor  
**GABRIEL FERRATO DOS SANTOS**  
Prefeito de Piracicaba

Subvenção: 204/2014 – Processo 106.501/2014

Objetivo: Estudo, divulgação e publicação de periódicos de História, Geografia e Ciência relacionados ao Município de Piracicaba.

Período: Julho à dezembro de 2014

Valor: R\$ 50.089,00



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE PIRACICABA  
ESTADO DE SÃO PAULO  
PROCURADORIA GERAL  
PROCURADORIA JURÍDICO-ADMINISTRATIVA



CONVÊNIO QUE ENTRE SI CELEBRAM A PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE PIRACICABA E O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA

Data: 07 de julho de 2014.  
Prazo: até 31 de dezembro de 2014.  
Valor: R\$ 50.089,00 (Cinquenta mil e oitenta e nove reais).  
Processo: 106.501/2014.  
Subvenção: 204/2014.

A PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE PIRACICABA, com sede à Rua Antonio Corrêa Barbosa, n.º 2.233, bairro Chácara Nazareth, nesta cidade e Estado, com CNPJ n.º 46.341.038/0001-29, representada pelo seu Prefeito Municipal, Sr. GABRIEL FERRATO DOS SANTOS, brasileiro, casado, economista, inscrito no CPF n.º 991.245.488-04 e portador do RG n.º 5.067.036-0, adiante, designada, simplesmente, PREFEITURA e INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA, com sede à Rua do Rosário, n.º 781, 2.º piso, bairro Centro, na cidade de Piracicaba/SP, inscrita no CNPJ sob n.º 50.853.878/0001-48, representada pelo seu Presidente, Sr. VITOR PIRES VENCOVSKY, brasileiro, casado, inscrito no CPF n.º 115.254.628-73 e portador do RG n.º 8.671.133-7 SSP/SP, residente e domiciliado nesta cidade e Estado, adiante designada simplesmente IHGP, firmam o presente CONVÊNIO, para execução de atividades constantes das cláusulas e condições seguintes, com base na Lei n.º 2.160, de 18 de dezembro de 1974:

#### CLÁUSULA 1ª - DO OBJETO

1.1. O IHGP executará, por conta própria, a promoção de estudo, divulgação e publicação de periódicos com História, Geografia e Ciência relacionado ao Município de Piracicaba, conforme justificativas constantes nos autos.



**PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE PIRACICABA**  
**ESTADO DE SÃO PAULO**  
**PROCURADORIA GERAL**  
**PROCURADORIA JURÍDICO-ADMINISTRATIVA**



**CLÁUSULA 2ª - DO VALORE RECURSOS**

2.1. Para a execução das atividades mencionadas na cláusula 1ª, retro, fica destinada uma verba no valor de **R\$ 50.089,00 (Cinquenta mil e oitenta e nove reais)**, constante do orçamento programa vigente para o exercício de 2014.

2.2. As despesas decorrentes do presente convênio serão atendidas pela dotação orçamentária nº 1 400091 12011 13392002121230000 0101011000 335043 120100, constante do orçamento vigente para 2014.

**CLÁUSULA 3ª - DAS CONDIÇÕES DE PAGAMENTO**

3.1. O pagamento será efetuado conforme cronograma de desembolso, conforme Anexo VI, constantes de fls. 48 do presente processo, a partir do mês de julho de 2014.

**CLÁUSULA 4ª - DO PRAZO**

4.1. O presente convênio terá vigência até 31 de dezembro de 2014, podendo ser renovado mediante acordo entre as partes, obedecidas as exigências da Lei nº 2.160/74.

**CLÁUSULA 5ª - DAS RESPONSABILIDADES, DIREITO E OBRIGAÇÕES**

5.1. Qualquer alteração que se faça necessária, nas condições estabelecidas no presente convênio, somente poderá ser efetivada com a anuência da Secretaria Municipal da Ação Cultural, que emitirá parecer, desde que devidamente fundamentada pela parte interessada a alteração pretendida.

5.2. Fica assegurada ao IHGP os benefícios do artigo 7º, parágrafo único, da Lei Municipal nº 2.160, de 18 de dezembro de 1974.

5.3. O IHGP deverá prestar contas da subvenção recebida até o último dia útil do mês de janeiro de 2015.

5.4. A não prestação de contas impedirá o recebimento de nova subvenção nos exercícios subsequentes.

Jh



**PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE PIRACICABA**  
**ESTADO DE SÃO PAULO**  
**PROCURADORIA GERAL**  
**PROCURADORIA JURÍDICO-ADMINISTRATIVA**



**CLÁUSULA 6ª - DA RESCISÃO**

6.1. O presente convênio será rescindido em caso de não cumprimento das disposições conveniadas, podendo, também, ser denunciado com antecedência mínima de comunicação à parte denunciada de 30 (trinta) dias.

**CLÁUSULA 7ª - DO FORO**

7.1. Fica eleito o Foro da Comarca de Piracicaba, com renúncia expressa de qualquer outro, por mais privilegiado que seja, para dirimir as questões oriundas do presente convênio, não resolvidas administrativamente.

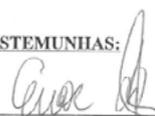
Lido e achado conforme, assinam o presente convênio, em 03 (três) vias de igual teor e forma, as partes e testemunhas.

Piracicaba, 07 de julho de 2014.

  
**GABRIEL FERRATO DOS SANTOS**  
 Prefeito Municipal

  
**VITOR PIRES VENCOVSKY**  
 Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba

**TESTEMUNHAS:**

1.   
 Nome: Enoc dos Santos Junior  
 RG: Escrivão  
 Nº Func. 20.683-7

2.   
 Nome: Raquel R. M. Gomes  
 RG: Nº Funcional 14.239-3

Convênio - Subvenção - PMP (SEMAC) X INSTITUTO HISTÓRICO - Proc. 106.501/2014.

Página 3 de 3

Convênio: 206/204 – Processo 120.376/2014

Objetivo: Restauração de livros de registro dos sepultamentos realizados no Cemitério da Saudade durante o período de 1872 e 1949.

Período: 12 (doze meses) – agosto à julho de 2014

Valor: R\$ 55.328,00

A4

A Tribuna Piracicabana  
Sábado, 27 de setembro de 2014

**REGISTRO DE SEPULTAMENTO**

## Livros do Cemitério são restaurados

Após capacitação de quatro universitários, processo teve início esta semana na sede do IHGP; prazo é de 12 meses

Felipe Poletti  
felipe@tribunatp.com.br

O trabalho de restauração dos 15 livros de registros de sepultamento do Cemitério da Saudade – com datas de 1872 a 1948 – que é feito pelo Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP), em parceria com a Secretaria Municipal de Defesa do Meio Ambiente (Sedema), terá duração de 12 meses, a partir do trabalho de quatro universitários, três da Unimep e um da Anhanguera. “Eles passaram por capacitação e estão aptos para fazer este trabalho que é pi-

oneiro na cidade. A restauração será importante para manter a riqueza da história de Piracicaba”, disse o presidente do IHGP, Vitor Pires Vencovsky.

Os universitários Julia Pontes (19 anos), Alexandre Vecchine Severino (20), Tiago Müller (18) e Willian Fernando Maria (24) são os responsáveis pelos trabalhos de restauração dos livros que acontecem na sede do IHGP, sob a supervisão do historiador Fábio Bragança. “Fizemos entrevistas e temos o apoio do Ciep para este trabalho. Além de ser importante para nossos currículos da faculdade é também para toda nossa vida”, lembrou Willian.

O trabalho é feito com muita cautela, como contou Julia. “Precisamos ter muito cuidado no manuseio dos livros e das páginas. Fazemos o trabalho de remoção de pestes, como fungos e traças, além da sujeira e umidade encontrados nos livros. Depois disso, começamos o processo de restauração para garantir sua preservação por várias décadas”, completou.

Alexandre e Tiago reforçaram que muitos dos livros podem ter informações perdidas devido à má conservação durante o período em que estiveram no Cemitério. “Muitos estão com páginas rasgadas, sem capa, e muitas

páginas podem ter se perdido devido ao manuseio errado destes arquivos ao longo dos anos”, frisaram.

**CEMITÉRIO** – Além da preservação, este trabalho deverá auxiliar os interessados na busca por registros antigos. Luis Mazzerro, chefe da administração dos Cemitérios explicou que a Administração do Cemitério “é muito procurada para a busca de informações de famílias, para conseguir o documento de cidadania, levantamento dos registros de acidentes e outras necessidades”, contou.

**DIGITALIZAÇÃO** – De acordo com Vencovsky, no final do processo, todas as páginas serão digitalizadas e estes livros serão guardados de forma adequada. Num segundo momento, estas informações deverão ser digitadas, em um banco de dados criado para consulta. “A ideia é que depois deste processo, as pessoas poderão fazer consultas e até tirar cópias de documentos, sem ter que ir até o Cemitério”, finalizou.



Universitários são os responsáveis pelo trabalho de restauração



**Prefeitura do Município de Piracicaba**  
 ESTADO DE SÃO PAULO  
 PROCURADORIA GERAL  
*Procuradoria Jurídico-Administrativa*



CONVÊNIO QUE ENTRE SI CELEBRAM O MUNICÍPIO DE PIRACICABA E O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA, VISANDO O REPASSE DE RECURSOS PARA A RESTAURAÇÃO DE LIVROS DE REGISTRO DOS SEPULTAMENTOS REALIZADOS NO CEMITÉRIO DA SAUDADE DURANTE O PERÍODO COMPREENDIDO ENTRE OS ANOS DE 1872 A 1948.

Data: 06 de agosto de 2014.

Prazo: 12 (doze) meses

Valor: R\$ 55.328,00 (Cinquenta e cinco mil e trezentos e vinte e oito reais).

Convênio nº 206/2014

Processo nº 120.376/2014.

Fundamento Legal: Lei Municipal nº 7.761, de 05 de novembro de 2013.

O MUNICÍPIO DE PIRACICABA, com sua sede administrativa inscrita no CNPJ/MF sob nº 46.341.038/0001-29, localizada à Rua Cap. Antônio Corrêa Barbosa, nº 2.233 – Centro, em Piracicaba, Estado de São Paulo, neste ato representado por seu Prefeito Municipal, **GABRIEL FERRATO DOS SANTOS**, brasileiro, casado, economista, portador do RG nº 5.067.036-0 e do CPF nº 991.245.488-04, residente e domiciliado nesta cidade, adiante designado **MUNICÍPIO** e o **INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA**, pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ/MF sob nº 50.853.878/0001-48, com sede na Rua do Rosário, nº 781, nesta cidade de Piracicaba, Estado de São Paulo, neste ato representada por seu Presidente, Sr. **VITOR PIRES VENCOSKY**, brasileiro, casado, Engenheiro Mecânico, Geógrafo, portador do RG nº 8.671.133-7 e inscrito no CPF nº 115.254.628-730, adiante designada **ENTIDADE**, firmam o presente convênio, conforme autorização contida na Lei Municipal nº 7.761, de 05 de novembro de 2013 e de acordo com as seguintes cláusulas e condições:



**Prefeitura do Município de Piracicaba**  
ESTADO DE SÃO PAULO  
PROCURADORIA GERAL  
*Procuradoria Jurídico-Administrativa*



**CLÁUSULA PRIMEIRA - DOS OBJETIVOS E FORMA DE EXECUÇÃO**

1.1. O objetivo do presente convênio consiste na restauração de livros de registro de sepultamentos ocorridos no Cemitério da Saudade durante o período compreendido entre os anos de 1872 a 1948, que se encontram em estágio de deterioração, no intuito de conservar a história deste logradouro público e para fins de estudos e pesquisas.

1.2. O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA restaurará os livros de registro de forma individualizada, de acordo com o estágio de deterioração em que cada um se encontrar, sendo que dos livros a serem restaurados, serão aplicados os seguintes procedimentos de restauro: 1) higienização dos livros mediante o uso do método de varredura com pincel; 2) realização de suaves fricções com pó de borracha; 3) as páginas serão reconstituídas com papel japonês Gampi Silk Tissue e cola Tylose 6000; 4) a brochura será costurada a uma nova capa revestida em percalux; 5) será feito um registro fotográfico de capa à capar do livro, com fotos de todas as suas páginas e documentos que o integram, com armazenamento em DVD e/ou pen drive.

**CLÁUSULA SEGUNDA - DA RESPONSABILIDADE DAS PARTES**

2.1. As responsabilidades das partes encontram-se descritas neste instrumento e serão complementadas nos Termos Aditivos, se houver necessidade.

2.2. Para execução da atividade prevista neste instrumento e em seus Termos Aditivos a ENTIDADE fornecerá recursos humanos e materiais e o MUNICÍPIO, por sua vez, repassará os recursos financeiros necessários ao custeio, de acordo com cronograma de desembolso que ficará fazendo parte integrante deste convênio.

2.3. As partes garantirão, uma à outra, o estabelecido neste instrumento e em seus termos aditivos, não assumindo quaisquer outras responsabilidades, salvo na hipótese de uma parte ocasionar à outra, por culpa, danos patrimoniais.

2.4. Caberá ao MUNICÍPIO, especificamente, repassar os recursos no montante de R\$ 55.328,00 (Cinquenta e cinco mil e trezentos e vinte e oito reais), em parcelas, conforme previsto no cronograma de desembolso.

2.5. As despesas decorrentes do cumprimento do item 2.4, retro, correrão por conta das dotações orçamentárias nº 1 400091 11012 18542002623220000 0101011000 335039 110100, da Secretaria Municipal de Defesa do Meio Ambiente, vigente para o exercício de 2014 e suas respectivas para os exercícios seguintes, suplementadas, oportunamente, se necessário;

2.6. Caberá ao MUNICÍPIO, ainda, a fiscalização da execução dos serviços na sede administrativa da ENTIDADE, visando zelar pela boa aplicação dos recursos municipais, bem como a análise das prestações de contas apresentadas.

Vk



## Prefeitura do Município de Piracicaba

ESTADO DE SÃO PAULO  
**PROCURADORIA GERAL**  
*Procuradoria Jurídico-Administrativa*



### 2.7. Caberá à ENTIDADE:

**2.7.1.** utilizar os recursos repassados exclusivamente para a restauração dos livros de registro de sepultamentos do Cemitério da Saudade, não os utilizando, em hipótese alguma, para despesas de custeio da ENTIDADE;

**2.7.2.** prestar contas dos valores despendidos provenientes do erário municipal ou caso não tenha utilizado todo o valor, informar ao MUNICÍPIO acerca do estorno dos valores não comprometidos.

**2.7.3.** permitir que o MUNICÍPIO acompanhe e fiscalize a execução dos serviços por pessoa a ser designada pela Secretaria Municipal de Defesa do Meio Ambiente.

### CLÁUSULA TERCEIRA – DA PRESTAÇÃO DE CONTAS

**3.1.** O CONVENIADO deverá prestar contas dos recursos municipais repassados sempre até 31 de janeiro do exercício financeiro subsequente ao do repasse, observadas as normas específicas do Tribunal de Contas e do Controle Interno do Município.

**3.2.** Os recursos municipais deverão ser aplicados em conta específica e enquanto não utilizados pelo CONVENIADO serão obrigatoriamente aplicados em caderneta de poupança de instituição oficial, se a previsão de seu uso for igual ou superior a um mês, ou em fundo de aplicação financeira de curto prazo ou operação de mercado aberto lastreada em títulos da dívida pública, quando a utilização dos mesmos verificar-se em prazos menores que um mês, sendo certo que os valores resultantes de tais aplicações deverão ser utilizados no objeto do presente convênio.

**3.3.** O descumprimento do disposto no item anterior obrigará a ENTIDADE a efetuar a reposição do numerário recebido, acrescido da remuneração da caderneta de poupança, a partir da sua liberação até o efetivo depósito em favor do MUNICÍPIO.

### CLÁUSULA QUARTA – DOS TERMOS ADITIVOS

**4.1.** Para cada projeto e atividade desenvolvida, dentro do presente convênio, será assinado um termo aditivo que descreverá, em detalhe, o referido trabalho.

**4.2.** A descrição de que trata o item anterior conterá, pelo menos, os seguintes itens:

- a) justificativa e objetivos do trabalho;
- b) nome do executor responsável pela supervisão e gerência do trabalho;
- c) descrição das etapas do desenvolvimento do trabalho;



**Prefeitura do Município de Piracicaba**  
 ESTADO DE SÃO PAULO  
**PROCURADORIA GERAL**  
*Procuradoria Jurídico-Administrativa*



- d) datas de início e prazos de cada uma das etapas;
- e) recursos humanos e materiais necessários para o desenvolvimento do trabalho;
- f) orçamento e fonte dos recursos e definição do índice de reajuste dos valores orçados;
- g) cronograma de desembolso dos recursos;
- h) cláusulas específicas relativas à extinção, suspensão ou interrupção do trabalho estabelecido no termo aditivo;
- i) outros pormenores que se fizerem necessários para a perfeita execução do trabalho estabelecido no termo aditivo.

4.3. O termo aditivo somente se tornará válido depois de assinado pelos representantes legais das partes.

4.4. A alteração de um termo aditivo somente se fará mediante outro termo aditivo.

4.5. A extinção, suspensão ou interrupção do trabalho previsto em um termo aditivo não prejudicará os trabalhos de outros termos aditivos.

**CLÁUSULA QUINTA – DA VIGÊNCIA, PRORROGAÇÃO E ALTERAÇÕES**

5.1. O prazo de vigência do presente convênio será de 12 (doze) meses, tendo por termo inicial a data de sua assinatura e podendo ser prorrogado ou rescindido conforme interesse das partes.

5.2. Este convênio poderá ser denunciado pelos partícipes a qualquer tempo, mediante notificação prévia com antecedência mínima de 30 (trinta) dias ou por infração legal ou descumprimento de quaisquer de suas cláusulas.

5.3. Qualquer alteração do presente convênio será objeto de Termo Aditivo, formalizado de comum acordo entre as partes, de acordo, conforme o caso, com a disponibilidade de dotações orçamentárias e financeiras próprias no orçamento da Secretaria Municipal de defesa do Meio Ambiente.

**CLÁUSULA SEXTA – DISPOSIÇÕES FINAIS**

6.1. Este convênio não impede que as partes realizem acordos semelhantes com outras entidades.



**Prefeitura do Município de Piracicaba**  
 ESTADO DE SÃO PAULO  
**PROCURADORIA GERAL**  
*Procuradoria Jurídico-Administrativa*



6.2. Fica eleito o foro da Comarca de Piracicaba, Estado de São Paulo, com renúncia expressa de qualquer outro, por mais privilegiado que seja, para resolução das pendências decorrentes do presente instrumento, não resolvidas administrativamente.

Lido e achado conforme, assinam o presente em 03 (três) vias de igual teor e forma, na presença de 02 (duas) testemunhas, para que produza os efeitos legais.

Piracicaba, 06 de agosto de 2014.

  
**GABRIEL FERRATO DOS SANTOS**  
 Prefeito Municipal

  
**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA**  
**VITOR PIRES VENCOVSKY**  
 Presidente

**TESTEMUNHAS:**

1.   
**Nome:** *Viviane Zanucci Benatto*  
**RG:** *Chefe do Setor de Contratos e Convênios*  
**CPF:** *Nº Func. 12.388-5*

2.   
**Nome:** *Enoc dos Santos Junior*  
**RG:** *Escrutário*  
**CPF:** *Nº Func. 20.685-7*

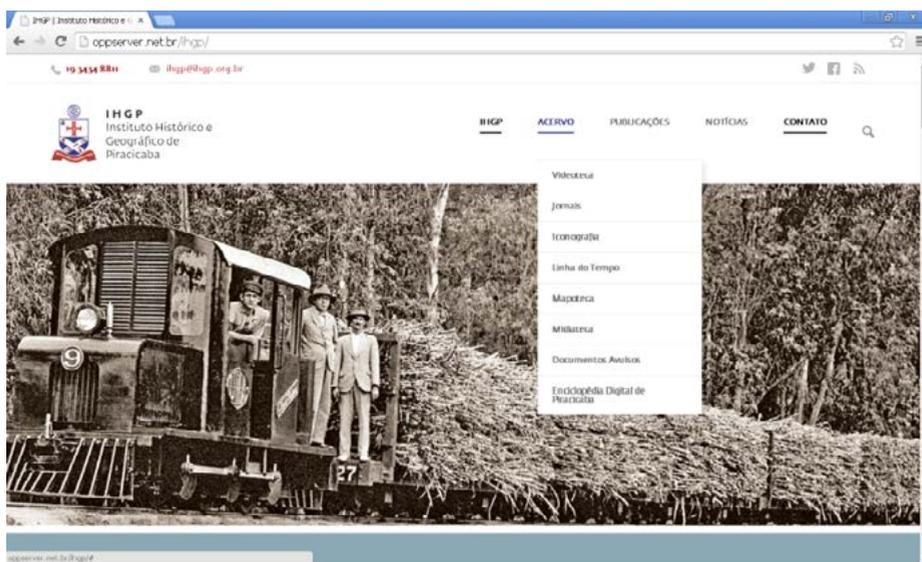
## ACERVO DIGITAL

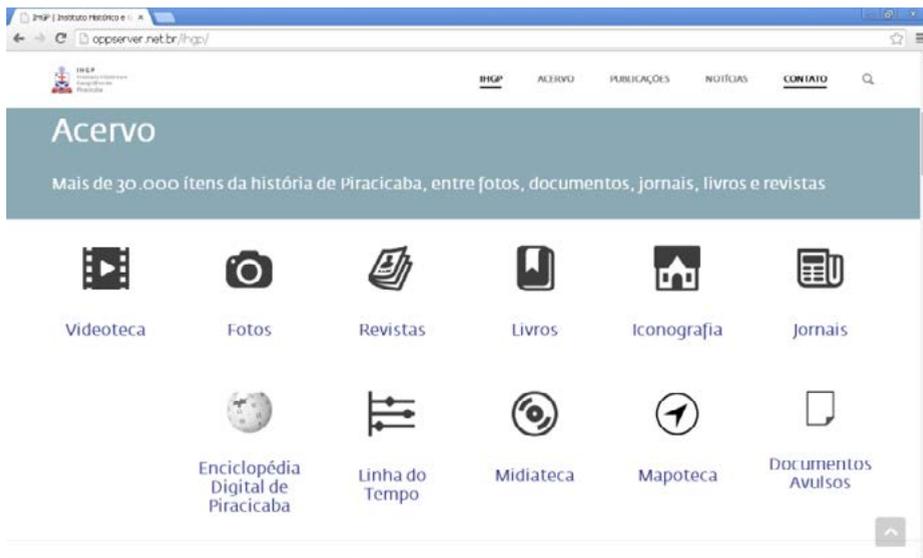
Atividade: **Digitalização de acervo e disponibilização dos arquivos digitais na rede mundial de computadores (Internet)**

Realização: **Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba**

Local: **<http://www.ihgp.org.br>**

Apoio: **Prefeitura Municipal de Piracicaba,  
Secretaria Municipal da Ação Cultural**





2013

## EVENTOS

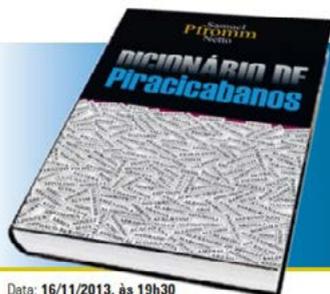
## Novembro

Evento: **Lançamento do livro Dicionário de Piracicabanos, do autor Samuel Pfromm Netto**

Realização: **Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba**

Local: **Engenho Central, Armazém 14, Av. Maurice Allain, 454, Piracicaba, SP**

Apoio: **Prefeitura Municipal de Piracicaba, Secretaria Municipal da Ação Cultural, Pira 21, Oji Papeis Especiais**

*Convite*

Lançamento do livro **Dicionário de Piracicabanos** do jornalista e historiador **Samuel Pfromm Netto**.

REALIZAÇÃO:  
*Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba*

Data: 16/11/2013, às 19h30

Local: Engenho Central – Armazém 14

Av. Maurice Allain, 454 – Piracicaba - SP

Informações: (19) 3434-8811 – [ihgp@ihgp.org.br](mailto:ihgp@ihgp.org.br)

Importante: **será entregue um exemplar por família no dia do evento mediante a apresentação deste convite**





**JORNAL DE PIRACICABA** SEXTA-FEIRA, 27 DE SETEMBRO DE 2013 **C 5**

**Literatura** Publicação Paulistenses contém dois volumes com relatos de moradores e administradores da região; a realização é da Semac, IHGP e editora Três Gatos

# João Nassif conta histórias da Paulista

**NUARA LIMA**  
nassif@jornal.com.br

Embarrasar na história da região da Paulista. Este é o convite feito pelo jornalista João Humberto Nassif, por meio de seu primeiro livro Paulistenses, publicado em dois volumes. Quase um século da história do bairro e região estão relatados nos mais de 800 páginas de ambos os livros, que ainda reunem uma coleção de relatos culturais ao longo de 13 anos de atuação do jornalista. A estação, as atividades culturais, construção das torres, imigração japonesa e diversos outros fatos que constituem a história do local estão retratadas. A edição e publicação foram realizadas pelo IHGP (Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba) com apoio da Semac (Secretaria Municipal de Ação Cultural) e com impressão de 60 exemplares feita pela editora Três Gatos. O lançamento aconteceu hoje, às 19h30, na Biblioteca Municipal Ricardo Ferraz de Arruda Prado, o local, que está fechado para reforma, abre especialmente para o evento. A estreia é gratuita.

"Antes da abertura de uma estação de trem da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, a região da Paulista era um grande desamparado. Foi uma época de grande movimentação. Os matúzeiros circulavam pela estação em busca de notícias sobre famílias, além de informações da capital e a juventude gostava e passava e pagavam", afirmou Nassif. Com o passar dos anos, a população dos lotos aumentou devido à região em diversos bairros. Segundo o escritor, a memória e o sentimento de amor permeia a partir da relação que a população construiu com o território. "O paulistense é extremamente caridoso com o bairro. Há pessoas que não deixam a região por nenhuma motivo", destacou. O jornalista é prova viva disso, afinal, nasceu no bairro em 1954.

A partir dos relatos culturais, Nassif começou a reunir material suficiente para a publicação dos livros. "Eu tenho um acervo com mais de 300 entrevistas, algumas gravadas em áudio, outras em vídeo. Além de fotos e documentos. Desde moda, e com outros materiais do IHGP, fui escrevendo os livros", disse o jornalista. Muitas coisas ainda ficaram de fora. "O recorte temporal parte de 1922 até os dias de hoje", afirmou. Histórias extraordinárias da cidade, contendo histórias sobre o bairro e também sobre o desenvolvimento do município estão presentes naquele que Nassif detinha em seus livros como a "população dos moradores do bairro da Paulista".

O maestro Ernst Mahle, José Nassif, Naoki Kawai, Monsenhor Luiz Gonzaga Giuliani, Carmela Pereira e Xilmar Ulisses Aquino Santos são alguns dos personagens que ajudaram a contar a história paulistense. A publicação tem distribuição gratuita, feita pelo IHGP.

**SERVIÇO** — Lançamento dos livros Paulistenses volume 1 e Paulistenses volume 2 de João Humberto Nassif hoje às 19h30, na Biblioteca Municipal Ricardo Ferraz de Arruda Prado (Rua Salgado Marinho, 333, Centro). Atendimento e informações: (19) 3434-9012 (têlex) ou (19) 3434-8811 (fax).



*Paulistenses aproximado pela história, Nassif fala, entre outros temas, sobre a Estação da Paulista*

**16 CIDADE** GAZETA DE PIRACICABA PIRACICABA, DOMINGO, 27 DE SETEMBRO DE 2013

# 16 Histórias da Paulista

João Nassif lança Paulistenses, sobre um dos bairros mais tradicionais da cidade

**ADRIANA PEREIRA**  
da Gazeta de Piracicaba  
adriana.perreira@gazetadepiracicaba.com.br

**Livros**

O jornalista e escritor João Humberto Nassif lança, no próximo dia 27, os dois volumes do livro Paulistenses, que fala sobre personalidades e histórias do bairro Paulista, um dos mais tradicionais de Piracicaba e importantes, principalmente por ter a estação de trem, hoje um importante local de lazer e cultura para todos os ideais.

Os livros foram elaborados com apoio do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP), Secretaria Municipal de Ação Cultural e Prefeitura. O lançamento será no auditório Professor Alcides Maynard Araújo da Biblioteca Pública Municipal de Piracicaba Ricardo Ferraz de Arruda Prado.

Segundo Nassif, a elaboração do livro começou a partir da seleção de cerca de 800 entrevistas realizadas de cerca de 60 programas da Rádio Educação, Histórias e Memórias. "Desse material que tenho todo arquivado, peguei alguns aleatoriamente. Fiz um trabalho de pesquisa dos fatos e busquei fotos e documentos".

O livro, tem, por exemplo, o desenhos do projeto da Estação da Paulista, fotos antigas e histórias para lá de curiosas. "Há uma superita que o famoso herói britânico Lawrence da Arábia (que tem sua história contada no cinema) seja neto do bairro de Serra Negra. Ele seria filho do Conde Manoel da Conceição (filho do barão), de um romance com uma indígena, quando ele morreu na França e sua filha, para negociar café das propriedades da família. Ele teria trazido a moça para ter o filho em Botucatu, e mandou de volta para a Inglaterra e teria arrumado casamento para ela, ao mesmo tempo que apagou todos os vestígios desse fato, a não ser por um recibo de promessa de casamento, que não obtive acesso".

Os livros têm apresentação de Celso Elias Neto e Pedro Caldar. Foram editados 300 exemplares de cada volume. Informações pelo e-mail ihgp@ihgp.org.br.

**RELATOS**

**Personalidades e personagens**

Nos dois volumes de Paulistenses há histórias sobre o Frei Sagrin e de diversas pessoas, que mesmo residindo em outras regiões, como Jaraguá, Paulista e até Chácara Nazareth se dizem moradores da Paulista. "Alguns locais não tinham uma boa fama na cidade, sendo afirmavam que moravam na Paulista", explicou o autor João Nassif. O livro relata com detalhes a construção da Igreja dos Frades e sobre o hotel que passa sob a rua Afonso José Castanho. Também tem relato da Vila de Ernest Mahle, que conta detalhes da infância no Alemanha, quando viu Hitler. Há pessoas da comunidade, como a Dita do P4 Grande, que dirigiu caminhão, João da Costa, Helter Pá-de-ferro e a brava dos voluntários de 32, Walter Accorsi, Nelson Moirões e Caetano Oscar Valdeiros.



**Segundo Nassif, a elaboração do livro começou a partir da seleção de cerca de 800 entrevistas realizadas**

## Agosto

Evento: **Sessão Magna 2014 comemorativa ao 246º ano de fundação da cidade de Piracicaba e 46º aniversário do IHGP**

Realização: **Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba**

Local: **Biblioteca Pública Municipal, Rua Saldanha Marinho, 333, Piracicaba, SP**

Apoio: **Prefeitura Municipal de Piracicaba e Secretaria Municipal da Ação Cultural**



### CONVITE

#### SESSÃO MAGNA 2013

O Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba tem a honra de convidar V.S. e Exma. Família para a **Sessão Magna**, oficial e estatutária, comemorativa à 246ª Aniversário de Fundação da Cidade de Piracicaba e 46º Aniversário do IHGP, a ser realizada no dia 30 agosto de 2013, às 19h30, no auditório "Prof. Alceu Maynard Araújo" da Biblioteca Pública Municipal de Piracicaba "Ricardo Ferraz de Arruda Pinto", na Rua Saldanha Marinho, 333.

*Vitor Pires Vencovsky*  
Presidente - Gestão 2012-2014

---

### Programa

- Composição da Mesa Diretora
- Abertura da Sessão Magna pelo Presidente Dr. Vitor Pires Vencovsky
- Saudação do Orador do IHGP e protocolo oficial Dr. Gustavo Jacques Dias Alvim
- Palestra alusiva a Piracicaba pelo Prof. Dr. Almir de Souza Maia
- Apresentação dos novos Associados Efetivos do IHGP e entrega dos medalhões e respectivos diplomas - Sr. César Lásaro Ferreira Costa, Profª. Laura Alves Martirani, Prof. Josué Adam Lazier e Eng. Luis Roberto Moretti
- Apresentação da personalidade homenageada com a outorga da Medalha de Mérito e Diploma "Prudente de Moraes" - Dr. Olívio Nazareno Alleoni
- Palavra do homenageado com a Medalha de Mérito "Prudente de Moraes" e dos associados empossados
- Encerramento e coquetel

Pede-se a confirmação de presença para reserva de lugares.  
Fone: (19) 3434-8811 – ihgp@ihgp.org.br - Secretaria Geral  
Aos Confrades, pede-se o porte da insígnia do IHGP

Abril

Evento: **Distribuição de revista e publicações do IHGP**Realização: **Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba**Local: **Biblioteca do Congresso Americano**

Ano 39  
nº 10.163  
R\$ 1,00

# A TRIBUNA

www.tribunatp.com.br

PIRACICABANA DOMINGO E SEÇÃO VARIEDADE

22 e 23  
de abril  
de 2013

## Revistas do IHGP são enviadas ao Congresso dos Estados Unidos

Instituição norte-americana pediu o envio  
de 21 exemplares da revista que conta a  
história do povo e da cultura piracicabana

Felipe Poletti  
felipe@tribunatp.com.br

O valor a cultura piracicabana foi reconhecida nos Estados Unidos da América na semana passada, quando a Biblioteca do Congresso Nacional encaminhou ofício ao Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP) solicitando o envio de exemplares da revista produzida pela entidade desde 1902. Recebemos com surpresa e satisfação o ofício já que esta instituição pode ser considerada a maior biblioteca, em diversidade de livros, do mundo\*, destacou Vitor Pires Venetovsky, presidente do IHGP.

Segundo ele, muitos pesquisadores estrangeiros passam por essa biblioteca atrás de informações e pesquisas locais, crescimento e desenvolvimento da cidade. É Contemporâneo. Tudo isso é a história de hoje, sendo preservada para os nossos", concluiu.

Os interessados em participar da edição número 20 da revista IHGP podem enviar material para o e-mail do instituto (ihgp@ihgp.org.br). No entanto devem seguir alguns parâmetros, como exemplar Venetovsky: "A linha editorial da revista visa priorizar a elaboração de textos versados sobre a cidade, o município e a região de Piracicaba. Os artigos e ensaios deverão ter extensão máxima de 25 páginas e as resenhas com até quatro páginas, em formato (doc), digitadas em fonte Arial 11, com espaço 1,5 e margem de 3 centímetros", disse. Para saber mais sobre o de-

bem da sociedade e agradeceremos o apoio que temos recebido dos poderes públicos municipais, mas, principalmente, da população e das empresas que a cada dia nos dão mais incentivos para dar continuidade e patrocínio de nossos trabalhos", finalizou.

As 21 revistas do IHGP, que trazem conto de 200 páginas sobre história e cultura piracicabana, integram o acervo da Biblioteca do Congresso Nacional do Estado Unidos.

Positivo. Bastou uma palavra e o coração

**Março**

Evento: **Lançamento da Revista anual nº 19 do IHGP**

Realização: **Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba**

Local: **Biblioteca Pública Municipal, Rua Saldanha Marinho,  
333, Piracicaba, SP**

Apoio: **Prefeitura Municipal de Piracicaba,  
Secretaria Municipal da Ação Cultural,  
Biblioteca Pública Municipal**



cultura

IHGP

## Revista aponta desafio de acesso a conteúdo

Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba lança hoje a edição 19 de sua revista, com nove artigos divididos em cinco temas

**Erich Vallim Vicente**  
erich@tribunasp.com.br

O Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP) lança hoje, em solenidade a partir das 20 horas, a edição de número 19 da revista do órgão, a qual, como escreve o presidente Vitor Pires Vencovsky, "cumpre o compromisso estatutário do instituto de divulgar trabalhos, pesquisas e textos que tratam de Piracicaba e região". São nove artigos divididos em cinco temas - Patrimônio Cultural, Ensaios, Geografia, Meio Ambiente e o próprio IHGP.

"A edição da revista é realizada a partir das contribuições de membros atuantes do IHGP", diz o presidente Vencovsky, defendendo que, a cada edição, "existe ganho de qualidade e de novos temas trazidos a público". Os artigos desta edição são "A Festa do Divino e o registro do patrimônio cultural e imaterial em Piracicaba" (Alex Donizete Perez,

Oviando Guimaro Júnior e Walter Claudius Rothenburg); "O Museu da Água" (Valdiza Capranico); "Memória e patrimônio cultural: possíveis diálogos" (Italo Mathes Maligere de Souza); "Por trás das máscaras: o Carnaval em Piracicaba e seus significados sociais" (Letícia Cristina Correa); "Integração e diversidade cultural" (Maris Dalva de Souza Dezan); "O Rio Piracicaba" (José Carlos Esquierra); "Ilhas de calor em Piracicaba" (Pedro Henrique Pavanello); "Arte política na revista IGH Brasileiro" (Nara Petean Mariano); e "Os presidentes do IHGP" (Vitor Pires Vencovsky).

Os principais desafios da publicação da revista, aponta Vencovsky, estão sempre voltados na melhoria do design gráfico e a ampliação do acesso da população sobre o conteúdo mantido pelo IHGP. "A gente tem consciência de que temos um bom material sobre a cidade, que

precisa chegar à sociedade", diz ele. Assim, de acordo com o presidente do IHGP, mais do que apenas publicar a revista - "o que, aliás, tem sido uma ação duradoura do instituto", aponta - o desejo dos diretores e membros é que a sociedade tenha de fato, o conhecimento. "O nosso maior desejo é contribuir para a educação", enfatiza o Vitor Vencovsky.

As publicações são, inclusive, vistas como "ações fundamentais" do IHGP. No relatório de atividades, anexo à Revista 19, entre as atividades da atual diretoria, está a discussão de inúmeras ações, como "50 anos do IHGP", "250 anos de fundação de Piracicaba", "Enciclopédia de Piracicaba", "História de Piracicaba em Quadrinhos, 1900-2000", "Postais de Piracicaba", entre outras.

Apesar de estar focado em publicações impressas, o instituto se preocupa também com a digitalização do acervo para que este possa

ser disponibilizado de melhor maneira. "Temos jornais que datam 150 anos, muitos em estado de deteriorização e a nossa maior dificuldade está na possibilidade de prover este acesso, já que hoje é difícil manuseá-los", destaca o presidente do IHGP Vitor Vencovsky detalha, ainda, que a diretoria trabalha para buscar parcerias no sentido de viabilizar, financeira e tecnicamente, a digitalização do acervo.

"Quando isso acontecer, vai facilitar bastante o acesso", disse ele. "Alguém que queira informação da cidade e tenha dificuldade de vir a Piracicaba, poderia por computador, mesmo, ter acesso a essas materiais e com um sistema de busca ainda mais facilitado", destacou o presidente.

O lançamento da Edição 19 da revista do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP) acontece no auditório "Prof. Alceu Maynard Araújo" da Biblioteca Municipal "Ricardo Feraz de Arruda Pinto".



Vitor Vencovsky, presidente do IHGP, defende a digitalização do acervo para melhorar o acesso ao conteúdo.

## NOTAS EXPLICATIVAS DA DIRETORIA ÀS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS DOS EXERCÍCIOS FINDOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 2.012 E 2.013

### 1 - OPERAÇÕES

#### **Reconhecimento de utilidade pública**

O Instituto Geográfico de Piracicaba, fundada em 01 de Agosto de 1967 é uma pessoa Jurídica de Direito privado de caráter científico e cultural, sem fins lucrativos, tendo como objetivo principal promover pesquisas, cursos e certames culturais, excursões científicas, comemoração cívicas, estimular pesquisas, bem como na defesa do patrimônio histórico, especialmente do município e região de Piracicaba. Atualmente o Instituto promove o desenvolvimento de diversos projetos, como a publicação de sua revista anual, digitalização, organização e manutenção do acervo documental e disponibilização de conteúdo na internet. Utilidade Pública Municipal, Decreto nº 748/68-Renovação – Decreto nº 513/2012.

### 2 - APRESENTAÇÃO DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS

As demonstrações contábeis foram elaboradas de acordo com as Normas Brasileiras de Contabilidade – NBC, instituídas pelo Conselho Federal de Contabilidade – CFC e do CPC – Comitê de Pronunciamentos Contábeis, bem como especificamente a ITG 2002, aprovada pela Resolução CFC 1.409, de 21 de setembro de 2012, aplicável às Entidades sem finalidade de lucros e demais disposições complementares.

A Administração da Entidade optou por não elaborar documento que quantificasse valores de recuperabilidade de seus ativos (impairment), conforme Pronunciamento do Comitê de Pronunciamentos Contábeis – CPC 01, bem como a apuração do valor atribuído dos bens do Ativo Imobilizado (Deemed Cost); conforme Pronunciamento CPC 27 e ICPC 10.

### 3 - PRINCIPAIS PRÁTICAS CONTÁBEIS

- a) **Apuração do Resultado:** As receitas e as despesas são apropriadas pelo regime de competência de exercícios. A documentação contábil é composta por todos os documentos, livros, papéis, registros e ou-

tras peças que apoiam ou compõem a escrituração contábil. A entidade mantém em boa ordem a documentação contábil.

- c) **Imobilizado:** A entidade não efetuou o cálculo da depreciação de bens do imobilizado, que deve ser calculada pelo método linear, a taxas que levam em consideração a vida útil e econômica dos bens, bem como não efetuou a contabilização.
- d) **Demais ativos e passivos:** Demonstrados por valores conhecidos ou calculáveis, acrescidos, quando aplicável, dos correspondentes encargos e variações monetárias incorridos até a data do balanço.

#### 4 – DISPONIBILIDADES

As posições das disponibilidades, em 31 de dezembro de 2012, estão assim representadas:

	<b>2.013 R\$</b>	<b>2.012 R\$</b>
Caixa	153,10	870,21
Bancos	4.333,28	2.264,15
<b>Total:</b>	<b>4.486,38</b>	<b>3.384,36</b>

#### 5 – PATRIMÔNIO LÍQUIDO

É representado em valores que compreendem o Patrimônio Social inicial, subtraído do déficit e acrescido subvenções e doações para investimento, e diminuído dos déficits ocorridos. No exercício de 2013, a Entidade apresentou Superávit de R\$ 1.352,02.

O Superávit do exercício de 2013, após aprovação do balanço em assembleia geral, será incorporado ao Patrimônio Social da Entidade.

#### 6 – SUBVENÇÕES RECEBIDAS

A entidade recebeu em 2012 subvenção da Prefeitura de Piracicaba, para fazer face à manutenção e programação de obras sociais e desenvolvimento de projetos culturais sobre sua responsabilidade.

	<b>2.013 R\$</b>	<b>2.012 R\$</b>
Subvenção Social Municipal (SEMAC)	47.442,29	44.778,00
	<b>47.442,29</b>	<b>44.778,00</b>

## 7 – DOAÇÕES RECEBIDAS

- a) **Em dinheiro:** no exercício de 2.012, a entidade recebeu em doação em dinheiro o montante de R\$ 12.400,00 (R\$ 3.970,00 em 2.011) de pessoas físicas e jurídicas.

## 8 – RECEITAS DIVERSAS

	<b>2.013 R\$</b>	<b>2.012 R\$</b>
Anuidade de Associados	3.277,00	6.400,00
Doações Diversas	6.500,00	6.000,00
Venda de Livros		
Subv. Prefeitura de Piracicaba-SEMAC	47.442,29	44.778,00
(-) Devolução de subvenções não utilizadas		
<b>Total</b>	<b>57.178,00</b>	<b>37.349,26</b>

- 9 – As receitas são reconhecidas através de doações de pessoas físicas e jurídicas e da Subvenção da Prefeitura do Município de Piracicaba. Os valores da Subvenção são mantidos em conta corrente bancária específica no Banco Santander. As despesas são apuradas através de notas fiscais e documentos, todos de conformidade com a legislação vigente.

- 10 – As atividades desenvolvidas pela Entidade são de natureza não onerosa, portanto concede gratuidade total.

- 11 – Isenção da Imunidade de Recolhimento da Cofins: O valor relativo à isenção, como se devido fosse, gozada no exercício findo em 31 de dezembro de 2013 foi de R\$ 1.716,58

## **12 – IMPOSTO DE RENDA PESSOA JURÍDICA E CONTRIBUIÇÃO SOCIAL SOBRE O LUCRO**

Em virtude de ser uma entidade sem fins lucrativos, goza do benefício de isenção dos pagamentos dos tributos federais incidentes sobre o resultado, de acordo com os artigos 167 a 174, do regulamento de imposto de renda aprovado pelo Decreto nº 3.000, de 26/03/99 e artigo 195 da Constituição Federal.

**Reconhecemos a exatidão das contas acima, representadas pelo Balanço Patrimonial, Demonstração de Resultados, Mutações do Patrimônio Líquido e Demonstrações dos Fluxos de Caixa, encerrado em 31 de Dezembro de 2013.**

---

**VITOR PIRES VENCOVSKY**

**Presidente**

---

**SÃO FRANCISCO SERVIÇOS CONTÁBEIS LTDA.**

**OSWALDO ANTONIO NOVELLO**

**Contador CRC 1SP120568/O-8**

**CPF 822.334.038-00**

### **PARECER DO CONSELHO FISCAL**

**Os abaixo assinados membros do Conselho Fiscal do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, tendo examinado os livros e documentos, bem como o Balanço Patrimonial, Demonstração de Resultado, Mutações do Patrimônio Líquido e Fluxos de Caixa do ano de 2013, declaram ter encontrado tudo em perfeita ordem e são favoráveis à sua aprovação.**

Piracicaba, 31 de Dezembro de 2013.

Antonio Messias Galdino

Moacir Nazareno Monteiro

Legardeth Consolmagno

## **Normas para publicação de artigos na Revista IHGP**

---

1. Os artigos e ensaios deverão ter extensão máxima de 20 páginas e as resenhas com até quatro páginas, em formato .doc, digitadas em fonte Arial 11, com espaço 1,5 e margens de 3 cm;
2. Os artigos devem ser acompanhados de resumo de no máximo 10 linhas e de três palavras-chave em português e inglês. Abaixo do nome do autor deverá constar sua formação e/ou a instituição à qual se vincula;
3. Caso o trabalho/pesquisa e/ou experiência didática tenha apoio financeiro de alguma instituição, esta deverá ser mencionada no rodapé da primeira página;
4. As notas devem ser colocadas no final do texto, podendo constar de referências bibliográficas e/ou comentários críticos, observando a normatização NBR 6023: SOBRENOME, Nome. Título do livro em itálico: subtítulo. Tradução, Edição, Cidade: Editora, ano, p. ou pp.  
SOBRENOME, Nome. Título do capítulo ou parte do livro. In: Título do livro em itálico. Tradução, edição, Cidade: Editora, ano, p. x-y.  
SOBRENOME, Nome. Título do artigo. Título do periódico em itálico. Cidade: Editora, vol., fascículo, p. x-y, ano.
5. Os textos poderão ser apresentados com ilustrações e gráficos com as fontes devidamente mencionadas;
6. Todos os textos serão submetidos à avaliação da Comissão de Publicação, que recomendará sua publicação ou realização de correções ou complementos;
7. Ao encaminhar trabalhos para análise o autor declara-se ciente que não fará jus a qualquer contraprestação pecuniária pela eventual publicação de seu texto, cedendo integral e gratuitamente os direitos autorais patrimoniais sobre seu trabalho e autorizando desde já o IHGP a realizar sua divulgação em meio impresso e eletrônico.



Primeira sede do jornal Piracicaba, no início do Século XX.

## Doe suas fotos de Piracicaba antiga para o IHGP

---

O principal centro de documentação e preservação da memória da cidade. Suas fotos serão digitalizadas, arquivadas e ficarão disponíveis ao público e pesquisadores por intermédio de nosso site: [www.ihgp.org.br](http://www.ihgp.org.br)



**audexia**

Agência Gráfica  
audaxia1@gmail.com